

**UNIVERSIDADE DE BRASÍLIA
INSTITUTO DE PSICOLOGIA
PROGRAMA DE PÓS-GRADUAÇÃO EM PSICOLOGIA**

**CASAMENTOS CONTEMPORÂNEOS: UM ESTUDO SOBRE OS IMPACTOS
DA INTERAÇÃO FAMÍLIA-TRABALHO NA SATISFAÇÃO CONJUGAL**

GIOVANA DAL BIANCO PERLIN

BRASÍLIA, DF

2006

UNIVERSIDADE DE BRASÍLIA
INSTITUTO DE PSICOLOGIA
PROGRAMA DE PÓS-GRADUAÇÃO EM PSICOLOGIA

**CASAMENTOS CONTEMPORÂNEOS: UM ESTUDO SOBRE OS IMPACTOS
DA INTERAÇÃO FAMÍLIA-TRABALHO NA SATISFAÇÃO CONJUGAL**

GIOVANA DAL BIANCO PERLIN

Tese apresentada ao Programa de Pós-Graduação em Psicologia do Instituto de Psicologia da Universidade de Brasília, como requisito parcial à obtenção do título de Doutor em Psicologia.

ORIENTADORA: PROF^a. GLÁUCIA RIBEIRO STARLING DINIZ, Ph.D.

BRASÍLIA, DF

2006

**TESE DE DOUTORADO APRESENTADA À COORDENAÇÃO DO
PROGRAMA DE PÓS-GRADUAÇÃO EM PSICOLOGIA DO INSTITUTO DE
PSICOLOGIA DA UNIVERSIDADE DE BRASÍLIA**

Aprovada pela seguinte banca examinadora

Prof^ª. Gláucia Ribeiro Starling Diniz, Ph.D
Presidente – Instituto de Psicologia - Universidade de Brasília

Prof^ª. Dra. Terezinha Féres-Carneiro
Membro Externo – Pontifícia Universidade Católica do Rio de Janeiro

Prof^ª. Dra Lourdes Maria Bandeira
Membro Externo – Departamento de Sociologia – Universidade de Brasília

Prof^ª. Dra. Júlia Sursis Nobre Ferro Bucher-Maluschke
Membro Interno – Instituto de Psicologia - Universidade de Brasília

Prof. Marcelo da Silva Araújo Tavares, Ph.D
Membro Interno – Instituto de Psicologia - Universidade de Brasília

Prof^ª. Vera Lúcia Decnop Coelho, Ph.D
Membro Suplente - Instituto de Psicologia - Universidade de Brasília

Brasília, 03 de fevereiro de 2006.

Às famílias de duplo-trabalho, principalmente à minha.

AGRADECIMENTOS

Neste, como em meus outros trabalhos passados e futuros, agradeço profundamente a meu pai Santo Perlin e a minha mãe Inês Perlin pelo conhecimento de vida a mim passado, pelo amor, apoio, confiança e ajuda com as crianças;

Ao Maurício, Ariella e Manuella, meus amores, que doaram paciência, carinho, tempo – enfim – que estiveram comigo mesmo quando eu não estava com eles;

À minha irmã e ao meu irmão, pelo companheirismo e momentos de alegria;

Às duas mulheres que ajudaram a cuidar de minhas filhas quando eu estava ausente trabalhando: Jamile e Rosângela;

À Daniela Patrícia, pela amizade, competência técnica, habilidade, pelo apoio e pelas bem vindas sugestões ao trabalho;

A alguns amigos e amigas especiais e colaboradores em diversos sentidos: Tereza Bitencourt, Jaqueline Espínola, Iranice Nane, Diogo Seco, Maria Josephina, Maria Fortunato, Darlane Andrade, Patrícia Laundry, Luciana Piza;

À Faculdade Ruy Barbosa – Salvador – pelo incentivo e compreensão em minhas viagens à Brasília, mostrando uma postura de apoio à formação de qualidade de seus docentes e respeito pela carreira de seus professores; em especial à Coordenadora do Curso de Psicologia Profa Dra Anamélia e Profa. Dra Mercedes - sábias mulheres de duplo-trabalho;

À Profa. Dra Vera Coelho, pelas sempre sábias e construtivas palavras – fazem sempre a diferença;

À Profa. Dra Júlia Bucher pelas suas importantes e pertinentes sugestões no exame de qualificação;

Ao Prof. Dr. Marcelo Tavares pelas contribuições imprescindíveis no delineamento e condução metodológicos;

Ao fantástico casal de duplo, triplo, quádruplo-trabalho, Marcelo e Gláucia. Muito obrigada pelo apoio, pelo carinho e pela generosidade em dividir momentos de conhecimento, em doar o pouco tempo que possuem para as pessoas com amorosidade, empenho e alegria;

Um agradecimento caro aos participantes da pesquisa que foram corajosos e generosos ao dividirem suas experiências, idéias e vidas em prol do desenvolvimento de conhecimento sobre os casamentos;

Em especial, agradeço a uma grande mulher, corajosa, amorosa, sábia, mineira,

feminista, cujas habilidades são tantas – profissionalmente e na vida privada – que são exemplo para mim e para todos que convivem com ela e que sabem olhar para ela. Gláucia Diniz, com sua generosidade e arrojo, abraçou uma estudante há 16 anos atrás e, sem preconceito, ouviu suas idéias revolucionárias. Ajudou e ainda ajuda a organizá-las. Obrigada à minha orientadora.

Finalmente agradeço a todos os outros contribuintes brasileiros – além de mim – que com o pagamento de seus tributos permitiram que eu realizasse esse doutorado em uma Universidade Pública Federal. Sinto uma profunda revolta por saber que boa parte do que o país arrecada poderia ser bem empregado em melhorias gerais na vida dos cidadãos e cidadãs – como na educação, por exemplo - mas se esvai pelos canais largos da corrupção, roubo e desvio de dinheiro público, e em salários aos parlamentares, mesmo sem que os mesmos compareçam para realizar o seu trabalho.

Como mulher trabalhadora, deixo na Biblioteca da Universidade de Brasília, para a posteridade, o registro de meu repúdio e constrangimento em relação ao comportamento do Congresso Nacional.

RESUMO

O objetivo geral dessa pesquisa foi identificar e discutir dimensões que afetam a satisfação no casamento de duplo-trabalho. Foi aplicado um questionário demográfico, a Escala de Ajuste da Díade - DAS (Spanier, 1976) e foram realizadas entrevistas episódicas em 5 casais heterossexuais de duplo-trabalho, pertencentes à classe média e com nível educacional médio ou superior. Os resultados apontaram que o consenso em torno da filosofia de vida é um fator estruturante da relação conjugal. Tempo, finanças, questões relacionadas à família de origem, questões de gênero são também elementos importantes para a compreensão da satisfação conjugal. Constatamos que homens e mulheres se baseiam em muitas informações, posturas, valores relacionados a modelos conjugais tanto novos quanto tradicionais para elaborar sua auto-avaliação do casamento. O modelo conjugal tradicional ainda exerce uma forte influência sobre as pessoas, suas escolhas relacionadas aos papéis de gênero e suas percepções sobre o relacionamento. Constatamos ainda que existem diferenças de gênero na forma como homens e mulheres avaliam os fatores e dimensões da vida conjugal e nas estratégias que adotam para manter a qualidade da relação. Dilemas da interação família- trabalho têm impacto negativo em vários aspectos e âmbitos do casamento. Repercutem na vida sexual (cansaço, falta de desejo sexual, falta de tempo para o sexo e frustração com o cônjuge que pode resultar em interesse por relações extraconjugais); no cuidado da casa e dos filhos (padrões desiguais de exigência em relação ao cuidado e divergências em relação à criação), na vida profissional (discordâncias em relação ao grau de investimento do/a cônjuge na vida profissional e na vida familiar). Repercutem também na subjetividade gerando sentimentos de agressividade, irritação, falta de controle e tristeza profunda. Os casais têm dificuldade em estabelecer uma relação clara entre os dilemas da interação família-trabalho-gênero e as dificuldades que vivenciam. Eles têm uma visão individual ou relacional das dificuldades e conflitos, subestimando o impacto de fatores sócio-econômicos e culturais sobre a vida conjugal e familiar. O estudo chama a atenção para a necessidade de pesquisadores, clínicos e clínicos-pesquisadores ampliarem o olhar sobre as dinâmicas do casamento, incluindo a interação família-trabalho-gênero como componente fundamental para compreensão da satisfação e do ajuste conjugal dos casais contemporâneos.

Palavras-chave: satisfação no casamento, ajuste da díade, casamento de duplo-trabalho,

interação família-trabalho, gênero.

ABSTRACT

The general objective of this research was to identify and discuss dimensions that affect marital satisfaction in dual-career marriages. A demographic questionnaire, the Dyadic Adjustment Scale –DAS (Spanier, 1976) and a episodic interview were used to collect data with five heterosexual, middle-class, dual-worker couples. All participants had either college or secondary level education. The results show that dyadic consensus regarding the philosophy of live play a fundamental role in structuring the relationship. Time, finances, family of origin issues, gender issues are also variables that play an important role in marriages. We found that men and women base their self-evaluation of their marriages in concepts and values that are related to both traditional and new models of relationships. The traditional model still has a strong influence on individuals' perceptions of the relationship and choices of gender roles. There are gender differences in the way men and women perceive and evaluate the various dimensions of marital life and in the strategies they develop to help ensure marital quality. Family-work dilemmas have a negative impact on many areas of the relationship. They affect sexual life: couples report tiredness; diminished or lack of sexual appetite; lack of time to have sex; and frustrations with the partner that may raise interest in extra-marital sex. They generate conflict in the domestic division of labor and in strategies devised to care for and raise children. They underline conflicts partners have regarding the amount of energy and time they should invest in work and family activities. They also affect the individual's state of humor. Some of the participants reported feelings of aggressiveness, irritation, lack of control and profound sadness. Couples have difficulties in establishing a clear relationship between their conflicts and the challenges of the gender-work-family interaction. Both men and women tend to take a self and/or relational perspective underestimating the impact of social, cultural and economical processes on marital life. This study invites researchers and clinicians to broaden their view of the marital interaction, include the interaction between gender, work and family as fundamental to the understanding of the marital satisfaction of contemporary couples.

Key words: marital satisfaction, dyadic adjustment, dual-worker marriages, gender, work-family interaction

ÍNDICE

ÍNDICE	1
LISTA DE TABELAS	3
INTRODUÇÃO	4
REVISÃO DE LITERATURA	
CAPÍTULO I - PANORAMA DO CASAMENTO ATUAL	
1. Um período de transformações.....	9
2. Casamento: diferentes momentos e diferentes funções.....	19
3. “Casaram-se e foram (in) felizes para sempre” ou “que seja eterno enquanto dure”?.....	26
4. <i>Mutatis mutandis</i>	34
5. Mudando para onde?.....	38
6. Caminhando.....	39
7. O casamento de duplo-trabalho.....	48
8. Satisfação no casamento de duplo-trabalho.....	58
CAPÍTULO II - PRINCIPAIS DIMENSÕES DA VIDA CONJUGAL	65
1. Casamento: a promessa da própria felicidade?.....	65
2. Fatores e características associados a casamentos satisfatórios.....	77
3. Avaliando a satisfação no casamento.....	81
A DAS – Escala de Ajuste Diádico.....	86
Consenso da díade.....	88
Coesão da díade.....	92
Expressão de afeto.....	95
Satisfação da díade.....	100
Outras dimensões.....	104
4. Percepção da satisfação no casamento: indivíduo e casal.....	118
5. Linguagem, texto e narrativa.....	121
6. Duas visões sobre o mesmo relacionamento.....	123
CAPÍTULO III: MÉTODO	126
1. Objetivos gerais.....	127
2. Objetivos específicos.....	127
3. O processo de coleta de dados.....	128
4. O processo de análise dos dados.....	140
5. Importância do estudo.....	141
CAPÍTULO IV: RESULTADOS E DISCUSSÃO	
1. Satisfação no casamento de duplo-trabalho: além da escala, por trás das entrevistas.....	145
1.1. As dimensões da DAS que emergem nos discursos: relações e desencontros.....	146
<i>Lugar de mulher é na cozin...onde é mesmo o lugar da mulher?</i>	147
<i>Dinheiro não traz a felicidade: mas pode mandar comprá-la...x homem que é homem</i>	157
<i>Os opostos se (a) traem, mas podem continuar caminhando?</i>	169
<i>Lua de mel...na maturidade</i>	183
<i>DVD: deita, vira e dorme</i>	195
1.2. Percepções dos casais acerca da satisfação no casamento: felizes pelo olhar de quem?.....	205
1.3. A utilização de dimensões como critério de avaliação dos casamentos.....	211

1.4. Revendo a DAS e a pertinência das dimensões	224
2. A força das construções generificadas nas relações conjugais.....	233
2.1. Inocentemente arraigados nas “melhores intenções”.....	237
3. Estratégias que emergem na entrevista para manutenção de casamentos satisfatórios.....	243
CAPÍTULO V: CONCLUSÕES	
1. Casamento e trabalho: o desafio é real.....	245
2. Reflexões finais	
Instrumentos de pesquisa como instrumentos terapêuticos?.....	252
Sugestões de reflexões para a clínica psicológica com casais.....	254
REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS	259
ANEXOS	274
Anexo A – termo de consentimento livre e esclarecido.....	275
Anexo B – roteiro de entrevista.....	277
Anexo C – DAS	278

Lista de Tabelas

Tabela 1 – Escolaridade.....	130
Tabela 2 - Media de idades.....	131
Tabela 3 – Media de tempo de relacionamento.....	131
Tabela 4 - Possui empregada domestica.....	132
Tabela 5 - Quem administra a empregada doméstica.....	132
Tabela 6 - Filhos que morem em casa.....	133
Tabela 7 - Sexo * participação nas tarefas domésticas.....	133
Tabela 8: Parâmetros: Grupo da DAS pré-seleção.....	134
Tabela 9: Escores do casal 07.....	135
Tabela 10: Escores do casal 03.....	136
Tabela 11: Escores do casal 16.....	136
Tabela 12: Escores do casal 08.....	136
Tabela 13: Escores do casal 18.....	136
Tabela 14: Grupo pré-seleção.....	148
Tabela 15: Resultado do casal 16.....	148
Tabela 16: Grupo pré-seleção.....	158
Tabela 17: Escores do casal 3.....	158
Tabela 18: Grupo pré-seleção.....	169
Tabela 19: escore do casal 8.....	170
Tabela 20: Grupo pré-seleção.....	184
Tabela 21: Escores do casal 7.....	184
Tabela 22: Grupo pré-seleção.....	195
Tabela 23: Escores do casal 18.....	196
Tabela 24: Parâmetros: Amostra da DAS (Perlin, 2001).....	219

Lista de Quadros

Quadro 1: DAS e entrevista.....	139
Quadro 2: Estratégias que contribuem para a qualidade do casamento.....	243

Introdução

O que leva estudiosos e estudiosas, pesquisadores e pesquisadoras a investirem seu tempo para estudarem os casamentos e as famílias? É fato que o casamento e a família têm sido considerados dimensões estruturantes da vida individual e social. Também não há dúvidas de que o casamento e as relações conjugais e sexuais, de uma forma geral, passam por uma grande crise. Crise essa que não implica necessariamente em falências e rupturas, como anunciam alguns estudiosos e parte da mídia, mas em uma transformação tão fundamental e profunda que provoca um reposicionamento da ciência chamada a atuar de forma interdisciplinar e complexa para compreender os fenômenos sociais relacionais e seus desdobramentos em diversos âmbitos da vida das pessoas.

Este espaço de observação e construção do conhecimento permite vislumbrar o quanto estamos implicados na sutileza e dramaticidade de um momento que se revela, inclusive, na fala dos pacientes dentro dos espaços terapêuticos, de conteúdo quase absolutamente diverso das décadas passadas. A pessoa do século XXI presencia inúmeras mudanças e transformações sociais, avanços tecnológicos, revoluções biológicas, descobertas científicas que promovem a saúde e o conhecimento mais profundo sobre o ser humano, criação de novos métodos terapêuticos para a cura das doenças do corpo e da alma, novos saberes gerados e divulgados de forma abundante e rápida: a pós-modernidade parece entrar em cena.

Por outro lado, esta mesma sociedade, ainda sofre com antigos problemas: a discriminação racial e sexual, a violação contínua dos direitos humanos, a volta de doenças já erradicadas sob a forma de epidemias, a exploração do trabalho infantil, o alto nível de desemprego, o caos do serviço público de saúde e educação, as formas

insalubres e exploratórias de trabalho, a distribuição de renda injusta e desigual. Na pós-modernidade o passado e futuro convivem lado a lado, dividindo o mesmo espaço.

Diante de um contexto social em constantes mudanças, as escolhas e padrões de comportamento afetivo-sexuais de homens e mulheres tornaram-se, igualmente, flexíveis, heterogêneos, incertos e plurais. Transitoriedade, multiplicidade, fluidez, constantes mudanças e a convivência de vários modelos de relacionamento revelaram-se uma tendência do século XXI: mais um traço da pós-modernidade que desafia a identidade dos indivíduos e das instituições deste século, em que os valores éticos, morais e culturais circulam em uma frenética substituição e transformação.

As profundas mudanças ocorridas nos relacionamentos afetivos nas últimas décadas têm preocupado profissionais de diversas áreas. Psicólogos, médicos, assistentes sociais, sociólogos, historiadores, educadores, administradores, legisladores e muitos outros têm buscado compreender a complexidade dos processos relacionais.

A superficialidade dos relacionamentos, o aumento de matrimônios desfeitos, a crise da instituição casamento apontada pelos estudiosos do comportamento humano, seguida das profundas mudanças sociais, econômicas e culturais do século XXI - com repercussão na forma de amar e viver dos indivíduos - questionam antigas crenças e certezas sobre casamento. Apresentam-se e desenvolvem-se problematizações sobre as motivações e possíveis causas da efemeridade dos casamentos realizados “por amor”, sobre as razões pelas quais esses não duram como pareciam durar em séculos passados, ou sobre a fluidez, transitoriedade e insegurança dos relacionamentos conjugais atuais.

Para Petrini (2004) nesse ambiente de profundas transformações urge “identificar categorias de análise que permitam compreender a experiência do amor

humano, indagando as implicações que podem ser reconhecidas e elucidando razões que o sustentam” (Petrini, 2005, p.26).

Torna-se fundamental, portanto, um movimento de construção que implique em uma conexão e expansão do que é vivido por uma pessoa ao que é compartilhado por outras tantas, do que é um questionamento pessoal para um problema de pesquisa, do que trata de uma construção interna para uma construção do conhecimento científico.

A situação financeira, o desenvolvimento intelectual e pessoal, o desenvolvimento físico – envelhecimento -, gênero e seus desdobramentos, a localização geográfica e o contexto cultural são todas variáveis que afetam a qualidade das relações conjugais. A complexidade não pode ser negligenciada ao falar sobre os casamentos. Admitindo a complexidade, muitas perguntas ainda ficam por ser respondidas ou com respostas apenas parciais.

Por que a idéia de um casamento bem sucedido fica tão fortemente associada à durabilidade da relação? O fato de alguém passar por vários relacionamentos retira dessa pessoa a experiência e a perspectiva para dizer o que pode ajudar ou não a manter uma relação de qualidade? Só as pessoas ou os casais felizes têm algo a dizer sobre a vida conjugal e familiar? O que é um casal feliz?

No âmbito da clínica psicológica com casais os questionamentos não são menores. Muitos casais chegam à clínica conjugal trazendo o desafio: “*não estamos felizes juntos, mas queremos muito ficar juntos e felizes!*” Os casais têm a expectativa de que, sem muito esforço – agora que procuraram um/a profissional – o casamento irá ficar perfeito... como eles sempre sonharam... Como é o sonho de casamento para essas pessoas? Trata-se do mesmo sonho para cada cônjuge?

Outra questão corriqueira é aquela na qual o casal se apresenta e um dos cônjuges dá a “largada”: *eu não tenho nenhum problema...se ele ou ela mudar nesse*

determinado aspecto nosso casamento será ótimo! E ainda: *nossa vida sexual acabou e isso é um problema...ou: ela ou ele não me dá atenção, não me ama mais...* O casamento representa um tema muito complexo com expectativas diferenciadas ou aproximadas além de múltiplas dimensões a serem consideradas. Muitas vezes os casais localizam os problemas em um único aspecto da relação que conseguem delimitar.

Quando avaliamos com maior cuidado o contexto atual, o funcionamento desses casais e a subjetividade de cada um, podemos perceber que as dimensões do relacionamento que essas pessoas conseguem identificar trazem, subjacentes, várias outras questões que envolvem dilemas de gênero, diferentes expectativas frente ao casamento e/ou, refletem ainda, o peso das transições sociais vividas na contemporaneidade. Problemas como falta de tempo para o relacionamento, exacerbação da individualidade e da efemeridade, problemas financeiros, dificuldade na vivência de múltiplas funções e papéis, entre outras, estão estreitamente relacionados aos dilemas presentes na interação entre o mundo do trabalho e o mundo da família.

Muitas vezes as pessoas que recorrem a profissionais da psicologia fazem perguntas parecidas com as dos/as alunos/as e estudiosos/as: qual o lugar, a importância do casamento na vida de uma pessoa? Como ter um casamento bem sucedido? Como lidar com as pessoas que procuram ajuda para seus relacionamentos?

Fragmentos do cotidiano, da trajetória de vida pessoal, da clínica conjugal e familiar; das discussões com alunos e alunas da graduação e da pós-graduação; do estudo e pesquisa sobre os casamentos constituem várias fontes de experiências e informação. Tudo isso faz parte de um percurso pessoal que possibilitou o desenvolvimento de conhecimentos e de problematizações sobre vários aspectos dos casamentos.

Mais do que respostas, este processo proporcionou a consolidação de nosso

interesse e curiosidade em explorar esse tema tão antigo e ainda tão novo já que, apesar da quantidade de material científico, artístico, jornalístico e leigo produzido sobre o casamento, a vivência satisfatória e saudável de relacionamentos conjugais e familiares permanece um desafio. “E os dois foram felizes para sempre...” não é algo de todo impossível, mas certamente se tornou um desafio num mundo em descontrole (Giddens, 1991), em constante transformação das múltiplas identidades pessoais e sociais. O casamento é um processo complexo, dinâmico, construído com elementos de natureza diversa e que inclui desde a subjetividade de parceiros, a história familiar de cada um, o aparato biológico, a fatores históricos, econômicos, culturais e sociais.

Este trabalho pretende contribuir para a ampliação do entendimento da satisfação no casamento, em especial nos casamentos de duplo-trabalho, colocando-o como uma construção além da dimensão intrapsíquica - extrapolando as fronteiras do que é entendido como psicologia “clínica”. O trabalho enseja ainda um convite para um debate político que abra espaço para a discussão das demandas velhas e novas com as quais as pessoas que se relacionam se deparam na contemporaneidade. Propõe, portanto, uma ampliação do olhar clínico, para incluir dimensões sociais que afetam e redimensionam a experiência das pessoas, os casamentos e a construção do conhecimento em Psicologia.

Revisão da Literatura

Capítulo I

Panorama do Casamento Atual

1. Um período de transformações

Pessoas com problemas em seus relacionamentos conjugais são presenças comuns na clínica psicológica. O desafio de vivenciar e entender o casamento, somado à crescente mudança de função e sentido do mesmo na sociedade e na vida das pessoas, tem implicado em aumento do número de pessoas que buscam ajuda. Bucher-Maluschke (2003) observou, em seu trabalho voltado à terapia familiar e conjugal, um crescimento tanto do atendimento psicológico a casais e famílias como de serviços de apoio e aconselhamento. Apesar desse crescimento da demanda por serviços, esforços no sentido de estudar o fenômeno e desenvolver estratégias de atuação condizentes com os novos modelos conjugais e familiares não ocorrem na mesma velocidade. Bucher-Maluschke (2003) denuncia que, apesar dos dados estatísticos de que dispomos sobre o divórcio indicarem uma situação que merece atenção, o número reduzido de pesquisas sobre famílias e casais no Brasil é um fato que merece atenção.

Para além da clínica, em diversos contextos sociais, ouvimos com frequência pessoas falando sobre relacionamentos: ora reclamando de seus companheiros ou companheiras; ora apontando as dificuldades em conseguir estabelecer um vínculo estável. Mulheres que são profissionais bem sucedidas falam da dificuldade em conseguir um parceiro. Homens denunciam a dificuldade em encontrar uma companheira que atenda às suas expectativas. Homens e mulheres, paradoxalmente, desejam uma parceria estável e monogâmica, mas, ao mesmo tempo, temem o comprometimento da liberdade e da individualidade. Almejam um projeto de vida

comum, mas avaliam a possibilidade de estarem perdendo oportunidades que surgiriam caso estivessem sozinhos. Desejam o sentimento de amor, mas temem o fim desse sentimento.

As uniões formais diminuíram progressivamente na década de 1990 dando espaço para diferentes arranjos, que não o casamento tradicional, até apresentarem um pequeno aumento em 2004. O número de divórcios e separações, por outro lado, aumentou durante muito tempo para só agora em 2004 apresentar uma discreta diminuição. Entender e lidar com esses números relativos a fenômenos relacionais contemporâneos tem configurado desafio para a sociedade e para pesquisadores e clínicos interessados nos relacionamentos interpessoais.

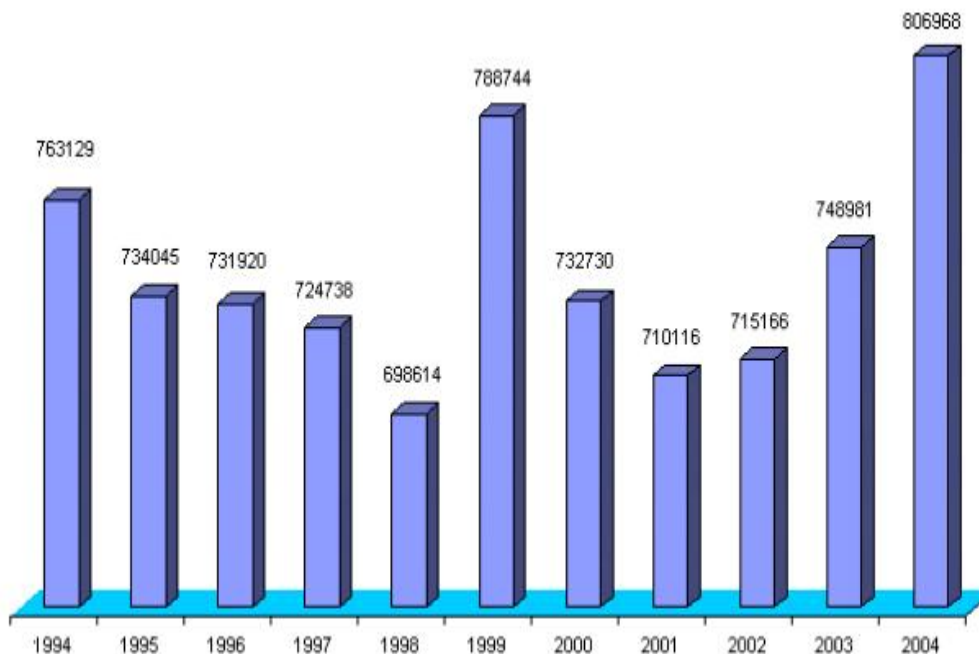
As pessoas adultas, em sua maioria, ainda querem se casar. Seja utilizando modelos tradicionais ou não de relacionamentos conjugais, o casamento ainda está dentre os principais objetivos das pessoas e é visto como uma dimensão fundamental da vida adulta. O fato das estruturas e arranjos conjugais passarem por plena mudança e, muitas vezes, serem questionados, parece não estar afetando o desejo das pessoas de se envolverem em relacionamentos conjugais estáveis. Estudiosos têm encontrado, em suas pesquisas, que homens e mulheres procuram e desejam, em algum momento da vida, estabelecer um relacionamento conjugal estável e formar uma família com filhos (Perlin, 2001; Jablonski, 2003; Féres-Carneiro, 2001, Rocha-Coutinho, 2000; entre outros). E mais – as pessoas estão motivadas para construir uma relação de qualidade (Perlin, 2001). Como explicar, então, o aumento significativo das separações, a diminuição dos casamentos formais e as queixas acerca da falência do casamento e da família divulgadas pela mídia, ouvidas nos consultórios e observadas na cultura popular da última década?

Os dados de registro civil do Censo de 2000 (IBGE, 2003) mostraram

importante diminuição do número de casamentos e aumento significativo do número de divórcios. Para Jablonski (2001) o aumento significativo no número de divórcios pode denunciar uma insatisfação com o casamento ou, ao menos, que o mesmo vem passando por momentos desafiadores. O autor atenta para o fato intrigante de que, mesmo diante desse quadro, a maioria das pessoas pretende ou deseja se casar ao menos uma vez. Rocha-Coutinho (2000) encontrou resultados similares em sua pesquisa acerca das identidades masculinas e femininas na contemporaneidade. A maioria dos homens e mulheres de seu estudo afirmou o desejo de encontrar, em algum momento da vida, uma parceria para constituir uma família.

Os dados do Registro Civil de 2004 (IBGE, 2005) mostraram que, depois de 2001, houve um discreto, mas crescente, aumento do número de casamentos formais. Representando o maior número de casamentos desde 1994, o aumento em 2004 foi de 7,7%.

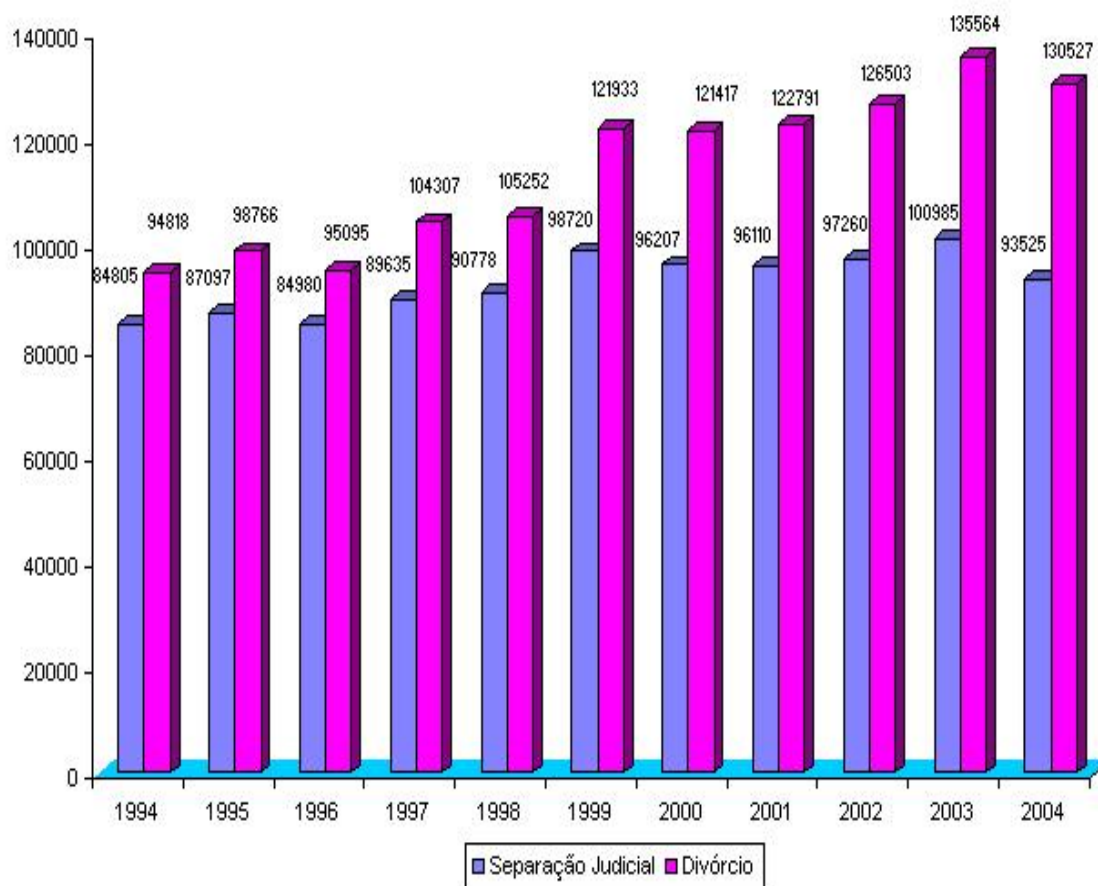
Gráfico 10 - Evolução no Número de Casamentos - Brasil 1994 - 2004



Fonte: IBGE/DPE/COPIS. Estatísticas do Registro Civil 2004

De acordo com o IBGE, esse aumento possui como principal justificativa as parcerias jurídicas para realização de casamentos coletivos, o que facilita a formalização para pessoas que não querem ou não podem pagar uma cerimônia individual. Outro dado nos leva a relativizar essa interpretação é uma diminuição no número de divórcios e separações. Depois de um longo período de crescimento – desde 1994 até 2003 – em 2004 o número de separações caiu 7,4%, seguido pela queda do número de divórcios em 3,2%.

Gráfico 14 - Número de Separações Judiciais e Divórcios - Brasil 1994 - 2004



Fonte: IBGE/DPE/COPIS. Estatísticas do Registro Civil 2004

Estaríamos diante de uma resignificação do casamento? A década de 90 parece, de acordo com os dados, ter sido marcada por um descrédito no casamento formal até 1999 e 2000, onde vemos um crescimento importante e intrigante desse tipo de união.

Uma explicação possível é a atribuição do ano 2000 como o ano apocalíptico, onde o mundo teria fim. Isso pode ter implicado em aumento tão significativo do número de casamentos formais nesse período. Depois de ver que o mundo não acabou os números voltam a cair em 2001, e a partir daí, processualmente esse número vem aumentando.

Os dados e as pesquisas nos levam a hipotetizar um quadro paradoxal: as pessoas querem construir relacionamentos duradouros ao mesmo tempo em que não conseguem. O aumento durante 4 anos consecutivos do número de casamentos acompanhado da manutenção do aumento do número de divórcios – já que o aumento de 3.2% ainda não nos aponta uma mudança significativa em relação a essa variável – pode denunciar esse dilema. O velho dito popular “casamento: quem está dentro quer sair e quem está fora quer entrar”, parece encontrar na atualidade sua realização empírica. Talvez o que estejamos vivenciando agora seja uma época em que as pessoas desejam construir relacionamentos estáveis, mas encontram dificuldades e/ou não conseguem dar continuidade ao seu projeto. Fica então o desafio de entendermos esse contexto de transição entre o casamento de antes e o de agora.

A questão do que é velho e do que é novo entra em nossa discussão em tempo apropriado. Isso por que, ao longo do presente trabalho, discutiremos que um dos pontos problemáticos do casamento atual é a incorporação da idéia do “transicional” que aparece como uma característica fundamental da sociedade contemporânea. O casamento ou o relacionamento conjugal estável talvez não esteja em processo de extinção, mas sim vem passando por mudanças profundas em sua forma, significado e função na sociedade. Isso explicaria a variação dos números e uma tendência a uma espécie de retorno do casamento formal e estabilização do divórcio. Isso não implica em acreditar em uma retorno aos modelos passados e tradicionais de casamento, mas uma reformulação do casamento. As pessoas viveram uma crise com o casamento nos

moldes como ele se colocava. Agora têm a possibilidade de reconstruí-lo e resignificá-lo

Nesse contexto, homens e mulheres, com diferentes configurações sexuais e identitárias, estão procurando aprender e desenvolver estratégias para se engajar ou manter um relacionamento conjugal estável e de qualidade. Os modelos que eram vigentes até algumas décadas passadas apresentam-se problemáticos hoje. Isso não significa que sejam totalmente descartados: as pessoas e a sociedade estão diante de uma grande quantidade de possibilidades de combinações e sobreposições de vários modelos gerando um vasto conjunto de arranjos entre o que é velho e o que é novo.

A idéia de velho e novo procura, nesse trabalho, ser entendida de acordo com a concepção de Anthony Giddens (1991). Apesar de o autor não utilizar esses termos, aqui eles podem servir como facilitadores da comunicação na medida em que permitem que identifiquemos algumas características específicas de mudança as quais nos interessam analisar de forma simples. Zordan, Falcke e Wagner (2003) também utilizaram esses termos para se referirem a esse processo de passagem tão complexo (Zordan, Falcke e Wagner, 2003, p. 63). Para Giddens (1991) ainda não chegamos na pós-modernidade, mas sim em um possível movimento de desfecho da modernidade, ou radicalização e universalização dela, onde componentes tradicionais vinculados à modernidade convivem com o que Giddens chama de “contornos de uma ordem nova e diferente, que é pós-moderna” mas que não chega a ser a pós-modernidade (Giddens, 1991, p.13.). Assim a modernidade é, de forma geral, o movimento social amplo que se originou na Europa a partir do século XVII e espalhou-se pelo mundo influenciando-o.

Para Vaitsman (1994) a família moderna vincula-se à industrialização e é marcada pela divisão sexual do trabalho, um núcleo familiar composto por pai-mãe-filhos/as e a dicotomia entre papéis instrumentais e expressivos de acordo com o gênero. A autora avalia que novas formas de família e de relações vêm crescendo no Brasil há

aproximadamente três décadas, principalmente na classe média, implicando na inexistência de um modelo dominante.

Fenômenos ou comportamentos sociais considerados desviantes ou até impossíveis há algumas dezenas de décadas estão hoje desafiando as relações sociais e os mecanismos/estruturas de acompanhamento das mesmas. É o caso, por exemplo, das mulheres maduras climatéricas que hoje estão em busca de relacionamentos afetivo-sexuais satisfatórios, a existência de um passado sexual das mulheres pré-casamento, o estilo relacional *ficar*, os recasamentos e os casamentos homossexuais.

Mulheres climatéricas, há algumas décadas, ou estavam casadas, ou eram viúvas ou então estavam solteiras sem parceiros e cuidavam de algum membro da família – as conhecidas “tias solteironas”.

A figura da mulher que ‘ficou para titia’ é ridicularizada pela sociedade, já que sua condição de solteirona não é vista como uma escolha, mas sim como uma rejeição. Ela não conseguiu ser selecionada para aquilo que foi determinado como seu principal papel: o casamento (Vasconcelos, 2002, p. 207).

A permissão legal e social para o divórcio; a possibilidade de escolha por viver sozinha que a entrada no mercado de trabalho traz; e a liberdade para viver relacionamentos afetivo-sexuais independente de preocupações com a maternidade ou com estabilidade relacional são alguns dos fatores que estão levando as mulheres em período climatérico a procurarem satisfação sexual e afetiva em novos relacionamentos, rompendo com mitos e tabus que cercavam - e infelizmente ainda cercam - a mulher dessa idade (Diniz e Coelho, 2003; Coelho e Diniz, 2003).

Outra questão nova, discutida profundamente por Giddens (1993), é o fato de que nas últimas décadas os homens têm se deparado com informações sobre as mulheres que durante séculos não existiram: o passado sexual da mulher. Quando a sociedade

passou a exigir a virgindade feminina e vinculou rigidamente a sexualidade feminina ao casamento, as mulheres só podiam vivenciar sua sexualidade a partir do casamento com seus maridos. As que fugiam dessa norma pagavam um preço muitas vezes alto.

Atualmente as mulheres, em sua maioria, quando se envolvem em um relacionamento amoroso já possuem alguma experiência sexual prévia. As repercussões dessa informação são vivenciadas de formas conflitantes por muitos homens. Dependendo da classe, do nível educacional, da raça, da etnia, da cultura e do momento sócio-histórico, a experiência sexual prévia de uma mulher pode desencadear comportamentos distintos - seja uma menor motivação para estabelecer um relacionamento estável, seja a desvalorização da mulher – podendo chegar até a uma situação de violência. Vários fatores podem explicar esses comportamentos masculinos. Um deles é o receio de ter o seu desempenho sexual comparado com o de outros homens. Outro é a adesão rígida por parte do homem a modelos e papéis de gênero estereotipados.

A verdade é que, mesmo que de forma processual e ainda em curso, as mulheres conquistaram a possibilidade de igualdade da prática sexual e isso implica em ajustes para os homens com quem se relacionam. Diehl (2002) também examina essa problemática e considera que o homem de hoje se sente inseguro ante o posicionamento feminino de independência emocional e financeira que reflete na imagem de segurança que a mulher tem passado. Essa imagem, somada à exigência do bom desempenho sexual e a divisão de poder, “frequentemente, estão fazendo com que ele perca o interesse sexual e em muitos casos, a ereção” (p. 147). Para o autor, as dificuldades sexuais masculinas aumentaram consideravelmente diante da pressão sofrida para que tenham um desempenho sexual satisfatório e diante do medo de falhar. Fica uma dúvida provocadora: as dificuldades podem ter começado agora, mas podem também refletir o

fato de que antes elas não podiam ser detectadas pela falta de experiência sexual feminina e pelo tabu em discutir esse assunto, seja no contexto da relação ou no contexto social.

Outro fenômeno relacional contemporâneo que merece atenção é o que tem sido denominado pela cultura popular de “ficar” – ou seja, os relacionamentos sexuais-afetivos temporários. Este estilo relacional, devido à sua estrutura e organização, era algo inadmissível há algum tempo atrás, seja pela dupla-moral relacionada à virgindade nas mulheres, seja pela instabilidade e indefinição relacional envolvidas. A literatura aponta que para os adolescentes, que estão em fase de construção de identidade e para tal passam por diversas experiências buscando se conhecer e conhecer o outro, o *ficar* se apresenta como uma forma de preparação para um compromisso maior que é o namoro, que pode chegar a um casamento (Bonamigo e cols., 1995). De acordo com uma pesquisa sobre o tema *ficar* realizada por Bonamigo e cols. (1995) com adolescentes, os relacionamentos sexuais passageiros estão ligados principalmente à influência que o grupo de iguais exerce na escolha dos parceiros, que envolve a superficialidade dos sentimentos, o contato puramente corporal, sem muita conversa, dentre outras características. O chamado grupo de iguais, no qual o adolescente se insere, vai incentivar o número de relacionamentos passageiros e os próprios adolescentes participantes desta pesquisa dizem que não estão prontos para um relacionamento mais duradouro, que demanda maior responsabilidade, compromisso com o outro e crescimento mútuo. Mas para o adulto, o *ficar* pode estar relacionado à falta de compromisso numa relação amorosa ou também ao período transitório entre relacionamento efêmero e estável.

Em pesquisa sobre o fenômeno do ficar, Perlin e Andrade (2003) constataram que os participantes de ambos os sexos se reportam à possibilidade das pessoas

adotarem um relacionamento que satisfaça, mesmo que momentaneamente, suas necessidades sexuais e afetivas. O estudo levantou indicadores de que tal estilo relacional configura alternativa contemporânea ao tradicional namoro, em uma relação aproximada à que se verifica entre o “morar junto” – concubinato - e o casamento tradicional – união formal. O estudo sinaliza e problematiza dimensões como a baixa tolerância à frustração, instrumentalização do sexo e comportamento afetivo-consumista como fatores relevantes nos relacionamentos atuais. A ausência da obrigatoriedade do compromisso e do envolvimento afetivo foi apontada tanto como aspecto positivo quanto negativo no estilo relacional “ficar”, reafirmando a perspectiva paradoxal do que as pessoas desejam em seus relacionamentos.

Com a possibilidade de dissolução do vínculo conjugal, com a maior facilidade em terminar relacionamentos amorosos e começar outros, aumento importante da expectativa de vida, maior liberdade sexual (desvinculada do casamento), entre outros, os recasamentos crescem e deixam de ser exceções. Com eles vêm as famílias reconstituídas, onde filhos de diferentes casamentos vivem juntos (Jablonski, 2003), onde novas conjugalidades são construídas a partir de experiências anteriores, onde as pessoas dão a si mesmas uma nova chance de experimentar um casamento feliz.

Para Bernstein (2002) quem já foi casado traz mais experiências sobre relacionamentos, sobre coabitação, sobre conviver com as diferenças. Por outro lado, provavelmente irão comparar o parceiro atual com o anterior. Não podemos avaliar a medida em que uma experiência anterior de casamento é positiva para o casamento conseqüente, mas ela pode ser um modelo ou parâmetro de onde se pode tirar ricas lições.

Tantas mudanças e comportamentos diferentes impactam na vida das pessoas que se vêem ante a necessidade de constantes revisões de seus modelos e significados

do mundo. Esse processo de transição implica em vivências contraditórias de modelos passados e emergentes, o que pode gerar conflitos e desafios para as pessoas, principalmente no âmbito dos relacionamentos.

2. Casamento: diferentes momentos e diferentes funções

Para a continuidade da discussão é importante entendermos que o casamento passou por um processo de desenvolvimento durante a história da humanidade. Nos primórdios das organizações comunitárias humanas – nos embriões das sociedades – as estruturas relacionais eram bem diferentes. Tratava-se de arranjos sociais onde as pessoas viviam de acordo com uma divisão sexual dos papéis e funções que não implicava em divisão desigual de poder e nem em diferente valorização do trabalho. Pinsky (1988) coloca que na primeira organização social (considerando organização social humana aquela que existiu a partir do desenvolvimento da linguagem) a estrutura era baseada na atividade de caça e coleta. Assim, devido às determinações sexuais biológicas – principalmente relacionadas à reprodução – as mulheres cuidavam do ambiente “doméstico” primitivo, incluindo os filhos e a coleta de frutos e verduras, e os homens cuidavam da caça e conquista de outros espaços e comunidades.

Ainda não se sabia da ligação do sexo com a reprodução, o que transformava o sexo em uma experiência livre e prazerosa. As crianças eram criadas para dar continuidade à comunidade, o que implicava em que construções como paternidade e maternidade não existissem ou fossem tão diferentes a ponto de merecerem outro nome. Não havia a obrigatoriedade ou necessidade de formação de pares conjugais, sendo que esses existiam como pares com afinidades, baseados em união na força de trabalho ou afinidades sexuais. Não havia a noção de exclusividade sexual entre os pares. Durante o processo de evolução dessas comunidades para a atividade de criação e agricultura,

situa-se a construção da noção embrionária de propriedade privada, sendo apontada como uma espécie de marco da apropriação da mulher e das crianças pelos homens (Engels, 2000).

Percorrendo os caminhos históricos do casamento ocidental, Munhóz (1996) identificou suas raízes nos princípios morais da doutrina judaico-cristã. Segundo a autora, a Bíblia apresenta claramente o movimento da formalização do vínculo entre homem e mulher e as regras que foram se somando de acordo com a conveniência das transformações sociais. Num primeiro momento, o casamento não era visto como um sacramento, passando a sê-lo com a integração do costume das bodas que eram então assumidas pela família do noivo. A seguir foram-se incorporando regras e deveres para os cônjuges e familiares: entre elas estava a indissolubilidade do casamento e a proibição de adultério.

À medida que a igreja católica tornou-se forte o casamento foi adaptado para cumprir as exigências da mesma. As regras são claramente identificáveis com os interesses políticos e econômicos vigentes. O caso da indissolubilidade e do adultério – numa análise rápida, mas consistente – é um claro exemplo da tentativa política de concentrar terras, poder e bens nas mãos de famílias seletas. Dividir terras era dividir poder; e dividir poder era enfraquecer politicamente a classe dominante. De acordo com Munhóz (1996) o processo de secularização do casamento – que desvincula a cerimônia religiosa do ato civil - atendeu a necessidades políticas como propulsoras de mudanças normativas. A necessidade de desvinculação do casamento civil da Igreja Cristã começou a partir da chegada de imigrantes com outras religiões, imigrantes estes que queriam casar-se legalmente. Para manter estes imigrantes no País – já que eram mão de obra mais barata para as colheitas e o trabalho na agricultura – a lei teve que ser ajustada.

Giddens (1993) também aponta que o casamento teve sua finalidade modificada no decorrer dos tempos. Na Europa pré-moderna, a maior parte dos casamentos era contraída sobre o alicerce da situação econômica. Entre os pobres, o casamento era um meio de organizar o trabalho agrário. Entre os ricos, era uma forma de preservar a pureza do sangue e as riquezas da família. Em meados do século XVIII a idéia de um “amor romântico” começou a ganhar espaço no contexto social.

Uma das características típicas do amor deste século é a crença no mito da *alma gêmea*, o amor esférico e totalizante falado por Platão, que relacionava o vínculo amoroso à fábula poética da divisão do ser humano – um ser andrógino - em duas metades, homem e mulher, que tendem, no amor, a se unirem novamente. Este mito encontrou nos ideais românticos o seu espaço primordial. Saiu das páginas do livro *O Banquete*, para se tornar um dos mais fortes clichês e a característica primordial do amor romântico que sobreviveu até os dias atuais. No texto, o filósofo grego relata a rebelião dos seres primordiais, os andróginos – seres redondos metade homem, metade mulher – que queriam usurpar o poder de Zeus. Ao se ver ameaçada, a divindade partiu os andróginos ao meio como castigo e, desta forma, eles foram condenados a vagar eternamente pelo mundo em busca da sua outra metade, a única que poderia refazer o encaixe. Embora não seja precisa a informação sobre as origens dessa perspectiva sobre o texto platônico para cunhar a expressão “alma gêmea”, a verdade é que a crença de que para cada pessoa existe uma cara-metade predestinada, a expectativa de uma união “escrita nas estrelas”, permeia o imaginário amoroso ocidental.

A idéia de um lado que foi separado também está relacionada à função complementar vinculada aos sexos e aos gêneros. O côncavo e o convexo, o frágil e o forte, o “yin e yang”, o emocional e o racional, são exemplos da dicotomia utilizada

para definir homens e mulheres. O que normalmente é veiculado é a idéia de que a junção dessas partes seria o caminho para o equilíbrio.

Vinculada ao desejo de fusão com o parceiro está a idéia de renúncia à autonomia pessoal, pois o amor romântico é marcado por idéias ou mitos de junção, exigência de exclusividade, tão acentuadas, que excluem todo e qualquer vínculo, mesmo passageiro, de qualquer dos apaixonados por uma terceira pessoa (Costa, 1998). O “eu” e o “eles” são substituídos pelo “nós” e no mundo da simbiose romântica o casal é o centro. Essa perspectiva muitas vezes leva os cônjuges a construírem mundos irreais, ou interpretações equivocadas do outro e da relação, já que pode ocorrer uma exigência de que a vida pré-casal seja esquecida ou tenha sua importância minimizada.

Os casais tendem a esquecer que possuem histórias de vida e experiências anteriores importantes e necessárias e que, além disso, possuem uma identidade além do casal. Assim, são negligenciados e ou vistos como ameaças à simbiose os outros desejos pessoais, os interesses por demais pessoas, o convívio com terceiros, entre outras experiências sociais ou individuais que são percebidas como ameaça ao amor do casal (Barros, 2004).

A partir da disseminação dos ideais românticos as condições econômicas deixaram de ser as únicas razões para determinar o vínculo conjugal e a afetividade ganhou lugar importante, fazendo do lar um espaço de apoio emocional. O casal foi aos poucos “libertando-se” das relações sociais e familiares mais amplas e centrando-se em si mesmo. Especulações acerca do papel decisivo da incorporação dos ideais românticos nos casamentos apontam para motivações político-econômicas. A fim de organizar a sociedade, sexo, interesses e/ou necessidades econômicas, reprodução e amor foram alocados em uma mesma instituição: o casamento. Para manter essa estrutura, vários mecanismos de controle social foram criados.

De acordo com Giddens (1993) a concepção do amor como algo eterno, dirigido a um indivíduo único e insubstituível, fez do casamento uma espécie de promessa de infinitude. Para isso, a sexualidade feminina ficou ainda mais confinada ao casamento e, conseqüentemente, a distinção entre as mulheres “respeitáveis” e “imaculadas” e as “impuras” foi mantida como um aspecto central da sexualidade oitocentista. “A mulher apreciada era virginal e acanhada”, aponta Ricotta (2002, p. 121). A divisão do trabalho, na qual ao marido cabia a manutenção financeira da família e à mulher o trabalho doméstico também foi preservada.

Foucault (1988) argumenta que a sociedade burguesa iniciou uma época de repressão sexual, não como uma proibição direta, mas através da instauração de discursos sobre o sexo que traduziam uma “verdade” reguladora sobre a sexualidade. Qualquer conduta sexual fora dos sagrados laços do matrimônio – sexualidade das crianças, homossexuais, perversões, devaneios, obsessões, etc. - eram consideradas contra a natureza. Os libertinos carregavam o estigma da loucura moral, neurose genital, desequilíbrio psicológico. O sexo lícito era restrito ao casamento e romper com esta regra significava a condenação moral e jurídica.

É claro que a condenação – dupla-moral – recaía principalmente sobre as mulheres. O amor romântico na concepção de Giddens (1993) era tipicamente feminino. A mulher era responsável por amansar e suavizar a “masculinidade supostamente intratável do seu objeto amado, possibilitando que a afeição mútua transforme-se na principal diretriz de suas vidas juntos” (p57.). O homem se mantinha indiferente até que a mulher conquistasse o seu coração e substituísse o seu antagonismo por devoção. Para os homens, o apaixonar-se significava o acesso à mulher cuja virtude era resguardada até o casamento. O amor romântico era desvinculado da intimidade, por isso, os homens eram mestres das artes da sedução e conquista, mas não das questões de intimidade.

Cabia à mulher, objeto de seus interesses afetivos, ensiná-los sobre a intimidade das almas porque segundo Dias (2002), o amor romântico pressupõe uma sensação de completude, onde o outro é conhecido por uma espécie de sentido intuitivo, que pressupõe uma certa fusão.

Na cultura burguesa europeia dos séculos XVIII e XIX, o período do romantismo, a posição da mulher era de total conformismo ao discurso social que definia as funções, atitudes e restrições adequadas ao sexo feminino. A feminilidade foi construída principalmente pelos discursos de homens, os únicos aos quais as convenções da época permitiam a liberdade de expressão e criação. Afinal, não era conveniente e nem permitido às mulheres escreverem livros e, as que o fizeram, foram obrigadas a assiná-los sob pseudônimo masculino. Pode-se dizer, de acordo com Kehl (1998) que a mulher deste século foi inventada pelos homens. A feminilidade era vista como uma série de prescrições pertinentes a todas as mulheres de acordo com as características do seu sexo, sua possibilidade de procriação, sua aparente fragilidade física. A partir destas premissas, o único lugar social e vocacional creditado como o destino de toda mulher era a família, o espaço doméstico e a maternidade. Como obrigações e virtudes inerentes ao sexo feminino incluíam-se: acolhimento passivo aos desejos sexuais e necessidades do seu cônjuge; cuidados com os filhos, recato e docilidade (Kehl, 1998).

O historiador Gay (1990) relata que o casamento era um empreendimento econômico-financeiro bem-sucedido. Os casamentos por amor e, por outro lado, a busca do amor e da felicidade através do casamento, eram exigências comuns na segunda metade do século XIX. Para explicar porque o casamento por amor foi alvo de tantas críticas por parte dos conservadores que passaram a se insurgir contra ele, Gay (1990) comenta que, para os moralistas conservadores e críticos da época, o amor

era uma arma revolucionária e subversiva que apoiava o movimento pela emancipação da mulher.

A “reivindicação” da década de 1860 por um casamento pautado somente pela liberdade da escolha amorosa, ao contrário dos casamentos arranjados pelos interesses familiares, significava para estes um “esteio da plataforma feminista” (Gay, 1990, p.105). Por outro lado, ao associar casamento-amor-sexo, a sociedade conseguia fazer valer sua vontade, incorporando um desejo ou ideal feminino, antes que a instituição casamento fosse ameaçada por tal construção.

A associação entre o casamento e o amor não é algo tão estranho assim ao se considerar que, para a mulher oitocentista, se o amor não ocupava toda a sua existência, o casamento sim. Para ela, ser feliz no casamento era a única forma de ser feliz na vida. Não era apenas uma das formas, como para o homem, mas a única. Nessa época, de acordo com Hans (1991) o casamento era a melhor – se não a única – forma de a mulher melhorar de vida e classe social.

Convivendo com resquícios oriundos do modelo de casamento do amor romântico e afetado pelos arranjos econômicos e políticos, o casamento continua passando por transformações segundo as necessidades das sociedades. De acordo com Jablonski (2003) e com nossa revisão de literatura, o amor como é conhecido pelo ideário ocidental é uma herança da Europa burguesa dos séculos XVII e XVIII – o período romântico. Mas a efemeridade do amor e dos casamentos do século XXI, os papéis e funções atribuídos a homens e mulheres, a possibilidade de realização pessoal e profissional da mulher, formas de exercício da sexualidade, os vários modelos de conjugalidade, entre eles os casamentos de duplo-trabalho, entre outras, são características incompatíveis com a idéia de que as pessoas, um dia, encontrarão um príncipe ou princesa encantados que as completará totalmente e para sempre, e às quais

eles e elas deverão dedicar toda sua vida.

3. “Casaram-se e foram (in) felizes para sempre” ou “que seja eterno enquanto dure”?

Dentre as diversas possibilidades de modelos conjugais e diante das polêmicas e discussões na área dos relacionamentos estáveis está a problematização acerca de sua durabilidade. Tal discussão é relativamente recente, já que até algumas décadas atrás, os casamentos dificilmente eram desfeitos, e as referências para avaliar a satisfação no casamento eram muito diferentes. O fato é que a durabilidade de um casamento, mais do que nunca, configura uma discussão contemporânea e interessante. Casais de toda a parte vivem o desafio de desejar um relacionamento duradouro e, paradoxalmente, receberem mensagens contraditórias da sociedade e de si próprios acerca da efemeridade das relações.

Alguns estudiosos brasileiros como Bernardo Jablonski, Júlia Bucher-Maluschke, Gláucia Diniz, Terezinha Féres-Carneiro, entre outros, e internacionais como Anthony Giddens, Peggy Papp, Maurizio Andolfi, têm sinalizado e discutido sobre as retroinfluências estabelecidas entre a dinâmica social contemporânea e a dinâmica relacional conjugal. Para esses autores algumas características presentes na cultura ocidental entrem em choque com valores que até pouco tempo regiam os costumes familiares e relacionais.

A ordem social atual – já aclamada por alguns como *pós-moderna* (Schnitman, 1996; Vaitsman, 1994) ou com menor entusiasmo como a *modernidade tardia* (Matos, 2000) - tem apresentado uma grande contradição ao lidar com o tema. Isto porque o estilo de vida contemporâneo apresenta um conjunto de características paradoxais quando confrontadas com os ideais dos relacionamentos estáveis e da instituição

casamento tradicional.

Bucher-Maluschke (2003) observa que atualmente os casais lidam com a concomitância de três dimensões socioculturais de modelos conjugais/familiares: a tradicional, a moderna e a pós-moderna. São dimensões ligadas a três momentos históricos, com suas normas inerentes e seus contextos, experienciados em um mesmo período, o que muitas vezes leva a vivências contraditórias.

Por um lado, as pessoas sofrem pressão para manterem valores e padrões morais tradicionais, como a pressão para casarem e terem filhos, assim como para valorizarem o meio familiar como o locus realizador de todas as expectativas emocionais e pessoais. Sofrem ainda pressão para adoção de modelos rígidos de sexualidade e de divisão rígida de papéis e funções na família de acordo com o sexo. Por outro lado, encontram-se pressionados a adequarem-se às transformações nas tendências sociais, como: multiplicidade dos papéis exigidos no mercado de trabalho, valorização do crescimento individual, da independência financeira e da flexibilidade no exercício dos papéis de gênero, além do incentivo à vivência plena da sexualidade (Perlin, 2001).

Apesar de na modernidade o casamento ter sido locus da vida comum e o ponto de partida para a formação da família, hoje, por exemplo, se encontra num estágio onde as relações são marcadas por um aprofundamento do individualismo. A ética inerente ao individualismo estimula a instabilidade do relacionamento íntimo e leva a constantes reformulações dos projetos conjugais. A possibilidade de um relacionamento estável fica assim marcada por uma necessidade de aceitação da heterogeneidade, da descontinuidade e da efemeridade das relações (Munhóz, 1996).

Em perspectiva similar Terezinha Féres-Carneiro (1998) chama atenção para as tensões e paradoxos que afetam a qualidade e a durabilidade dos casamentos contemporâneos. Uma dessas zonas de tensões revela-se no embate entre ideais do amor

romântico e as expectativas de que o relacionamento seja satisfatório para ambos. Um dos paradoxos reside no fato de vivermos numa sociedade extremamente individualista, que valoriza e promove o “eu”, mas que ao mesmo tempo tem no sucesso conjugal uma das fontes de realização pessoal e social (Féres-Carneiro, 1998). Essa última questão é especialmente significativa para os casais de duplo trabalho. Esses casais vivem dilemas ao lidarem com dois contextos que valorizam dimensões opostas. Enquanto o mundo do trabalho valoriza a individualidade e a competitividade, o mundo da família e do relacionamento se baseia em ideais de solidariedade e compartilhamento (Diniz, 1999).

Segundo Vaitsman (1995) os modelos antigos de casamento formados pelo pai provedor financeiro e a mãe dona de casa, unidos até que a “morte os separe”¹ em uma cerimônia legal e religiosa, ficou esquecido em “algum lugar do passado”². Se no período romântico esta era a única forma aceitável de oficializar um vínculo amoroso, hoje o casamento tornou-se apenas mais uma etapa que pode ocorrer ou não em qualquer momento da relação e não é mais considerada a única forma de evidenciar a estabilidade de uma união conjugal.

Se há algumas décadas atrás o casamento trazia alguma garantia de segurança e estabilidade, atualmente essas características são provisórias ou até mesmo falsas. Singly (1993) enfatiza que o casamento deixou de ser uma proteção institucional para o vínculo amoroso, pois o período contemporâneo traz, como um dos seus traços predominantes, uma grande ênfase no individualismo e na autonomia que coíbe qualquer tendência à dependência simbólica ou material dos valores e exigências das famílias de origem ou de instituições religiosas. Desta forma criou-se uma cisão entre vida conjugal e casamento. Duas pessoas podem viver juntas sem se casarem porque a

¹ Grifo nosso

² Grifo nosso

relação não segue uma lógica institucional, mas sim, afetiva. Tanto o amor quanto a satisfação individual na relação tornaram-se parâmetros da vivência a dois.

Para Kaufmann (1995 *apud* DIAS, 2000) o que define o que é um casal atualmente passa por várias modalidades possíveis. O casamento apenas não define mais o casal e a vida em comum, já que partilhar de uma mesma moradia também não é a única forma de defini-lo. Afinal, alguns casais se consideram casados mesmo morando em casas separadas ou morando na mesma casa, mas dormindo em cômodos diferentes. Pode-se dizer que um casal se define por, principalmente, o laço afetivo, a partilha de vivências, a qualidade e a intensidade da relação, a felicidade e satisfação de seus membros. De acordo com Singly,

A mudança mais importante reside na desvalorização da idéia de casamento como uma relação indissolúvel. Na contemporaneidade, a duração do casal não tem valor, se um dos cônjuges não continua a dar ao outro as satisfações esperadas(...). A vida conjugal deve seguir os movimentos individuais. Isso torna as relações mais frágeis, na medida em que, o que as regula é a satisfação pessoal de seus membros. (...). O compromisso nessas relações é o de sustentar o crescimento e o desenvolvimento individual. O compromisso nessas relações é condicional, a relação se mantém enquanto for prazerosa e útil aos indivíduos” (Singly *apud* Dias, 2000, p.22).

O laço conjugal recebe a definição de seus membros com base em seu percurso histórico, sua bagagem emocional compartilhada. Por ser tão privativo, individual e dependente dos contratos simbólicos, explícitos ou não, de cada um dos parceiros, é mais frágil e propenso a rupturas, divórcios, remanejamentos e redefinições. O casamento deixou de ser visto como o representante institucional e simbólico do que é um casal ou uma família na medida em que questões como as opções de casar ou coabitar, divorciar ou não, se tornaram questões puramente individuais. Segundo Dias (2000) é a possibilidade de decidir individualmente quanto ao tempo do vínculo

conjugal que representa a novidade no casamento contemporâneo e não o aumento da ênfase no sentimento e na afetividade. “O ‘descasamento’ e o recasamento introduzem novos desafios para os indivíduos e para a formação dos seus laços familiares” (Dias, 2000, p.24).

Tais condições contemporâneas, ao favorecerem a inexistência de um modelo único de relacionamento, possibilitam vários arranjos conjugais e familiares, tais como famílias compostas por recasados, divorciados, coabitantes, famílias monoparentais e homossexuais - arranjos considerados impróprios há algum tempo atrás.

Em contextos em que o individualismo se expandiu e as hierarquias de gênero foram abaladas, homens e mulheres, diante de situações de vida instáveis, fragmentadas e que mudam a um ritmo acelerado, flexibilizam seus comportamentos. Os discursos pretendendo normatizar de forma universalizante os comportamentos afetivo-sexuais e as práticas de família e casamento não desapareceram. Agora, porém, convivem com outros tipos de discursos, muito mais voltados para o presente e que reconhecem o sentido de efemeridade e contextualidade das situações individuais como um fato, pragmaticamente” (Vaitsman, 1995, p. 349).

Desde os anos 60 a instituição casamento e a distribuição rígida e hierarquizada de divisão de papéis segundo o sexo dos parceiros foram questionadas, criticadas e, diante das insatisfações resultantes, foram acompanhadas de várias mudanças sociais. Para Jablonski (1996) pode-se ressaltar um contexto histórico-social marcado por eventos importantes que impactaram no casamento atual. Como a instituição do divórcio, o movimento feminista e suas conseqüências, tais como, a entrada da mulher no mercado de trabalho, casamentos mais tardios, diminuição do número de filhos e um crescente aumento no conflito gerado pela busca de igualdade de direitos. Ainda destaca a desvalorização da religião como responsável pela manutenção do vínculo matrimonial, na medida em que esta perdeu o seu poder como instituição reguladora. O avanço

tecnológico evidenciado pela criação e difusão da pílula anticoncepcional, a Internet, inovações eletrodomésticas que diminuíram o tempo gasto em atividades dentro do lar e disponibilizaram mais tempo para tarefas fora do lar, o celular, TV a cabo, DVDs e demais aparelhos eletrônicos que melhoraram ou dificultaram a comunicação e interação dentro do lar. Por último, Jablonski (1996) cita o aumento do individualismo e da longevidade – que tornou sem sentido a frase do juramento matrimonial das últimas décadas – “até que a morte os separe” - afinal, não só os casamentos não têm durado tanto tempo assim como a expectativa de vida dos idosos é atualmente muito maior do que no passado. A possibilidade de boa qualidade de vida na velhice coopera para a problematização dos relacionamentos vividos e a busca por outros que tragam mais realização.

Em pesquisa realizada com 152 respondentes de um questionário aplicado em indivíduos da classe média carioca, sendo 60 homens (37 casados e 23 separados) e 92 mulheres (sendo 60 casadas e 32 separadas), Jablonski (2003) chegou a algumas conclusões importantes. Quando os homens foram perguntados sobre as questões adversas resultantes da contemporaneidade e responsáveis pelas causas da piora no casamento foram levantadas respostas como: falta de tempo de ambos os cônjuges para o lar, os filhos e a vida a dois devido à dupla jornada de trabalho, estresse e descompromisso nas relações afetivas. As mulheres ressaltaram menor tolerância às frustrações, queixas e maior possibilidade de divorciarem-se. Todos os argumentos construídos em torno de problemáticas já apontadas na literatura como relacionadas ao estilo de vida contemporâneo.

Outro desafio encontrado pelos casais é a possibilidade e facilidade em romper o vínculo relacional. Essa possibilidade real é relativamente atual. O posicionamento conservador da sociedade do início do século passado, sujeito a forte influencia da

Igreja, fez do casamento uma instituição indissolúvel até por preceito constitucional. A possibilidade do desquite admitida pelo Código Civil, em 1916, representa uma tentativa de contornar a perpetuação de situações praticamente insustentáveis frente à ordem jurídica. Como somente a morte de um dos cônjuges era considerada possibilidade de *dissolver* o casamento, foi criada a possibilidade da sociedade conjugal *terminar* pelo desquite, para evitar rotulações como bigamia, infidelidade e adultério a quem buscava outros vínculos afetivos e/ou sexuais. Os cônjuges precisavam, no caso de uma separação consensual, esperar dois anos para efetivá-la perante a lei, não configurando o fim do casamento, mas sim o desquite. No caso de um dos cônjuges discordar sobre a separação, a dissolução não poderia ser efetivada a não ser que um deles apresentasse alguns dos motivos expostos abaixo e conseguisse apresentar as respectivas provas. No caso da mulher ser julgada culpada, lhe era suprimido o direito a receber pensão. Assim, conforme o Código Civil de 1916 (Código Civil, 2005)

Art. 317. A ação de desquite só se pode fundar em algum dos seguintes motivos:

I. Adultério.

II. Tentativa de morte.

III. Sevícia, ou injúria grave.

IV. Abandono voluntário do lar conjugal, durante dois anos contínuos.

Art.318. Dar-se-á também o desquite por mútuo consentimento dos cônjuges, se forem casados por mais de dois anos, manifestado perante o juiz e devidamente homologado.

No Código Civil de 1977 (Código Civil, 2005), na chamada Lei do Divórcio, essa situação se modifica: mesmo sem o mútuo consentimento a dissolução pode ser efetivada após prévia separação judicial por mais de três anos ou, se decorrido o prazo de cinco anos, da separação de fato. No caso do litígio – com ou sem culpa – o ex-marido deve dar a pensão alimentícia quando a ex-esposa necessitar de ajuda financeira

para sobreviver.

Para viabilizar a aprovação da lei regulamentadora do divórcio (Código Civil, Lei nº 6.515, de 26/12/1977), alguns abrandamentos se fizeram necessários. Restrições, limitações e concessões foram feitas para obter a chancela legislativa. Assim, a Lei em sua versão primeira autorizava o pedido de divórcio uma única vez. Somente em uma hipótese era possível o chamado *divórcio direto*, e isso em caráter emergencial. A concessão do divórcio, portanto, estava condicionada ao atendimento cumulativo de três pressupostos: 1) estarem as partes separadas de fato há cinco anos; 2) que esse prazo estivesse implementado antes da data da alteração constitucional; e 3) ser comprovada a causa da separação.

Várias mudanças foram feitas e a própria justiça, a depender da situação, flexibilizou a interpretação da lei. A revisão do Código Civil de 2003 (H. Diniz, 2004) diminuiu o prazo do divórcio para dois anos após a separação de fato ou um ano depois da separação judicial. Outra norma nova é o fim da proibição do divórcio antes do término da partilha dos bens. Quem pede o divórcio sem comprovar a culpa do outro não perde o direito à pensão alimentícia. As outras mudanças importantes relacionam-se a um novo entendimento legal de família e casamento. Atualmente o casamento é considerado apenas uma das formas de constituir uma família e é admitida a união conjugal estável. Essas entre outras mudanças colocam constantemente os casais na posição de reavaliarem o quão satisfatório está o relacionamento, já que existe a possibilidade real de dissolução muito fácil do ponto de vista prático e legal.

Além da possibilidade legal da separação, a viabilidade econômica deve ser levada em conta como fator viabilizador de uma nova postura em relação à dissolubilidade do casamento. Há algumas décadas atrás boa parte das mulheres era dependente financeiramente do marido. A entrada da mulher no mercado de trabalho e

sua crescente possibilidade de sobreviver financeiramente sem a ajuda do marido, também pode ser apontada como variável determinante no processo de decisão entre continuar ou não em um casamento.

Assim concluímos que a possibilidade de ruptura do vínculo conjugal está associada a uma complexa e interligada rede de variáveis que envolvem a ênfase no casamento motivado por questões afetivas - funcionalidade do casamento; a ênfase na decisão individual sobre a durabilidade do relacionamento – tempo do casamento; a ênfase na possibilidade legal e moral da separação – fragilidade do vínculo e força institucional; ênfase na independência econômica da mulher e, por último, a própria mudança na percepção e representação do que seja um relacionamento satisfatório e/ou bem sucedido – percepção de satisfação no casamento. Em fim, tantas mudanças e transformações, refletem diretamente nos relacionamentos interpessoais de forma geral, principalmente nos casamentos.

4. Mutatis mutandis³

Há consenso entre pesquisadores e estudiosos da área sobre um dos principais deflagradores das mudanças que ocorrem no casamento – a entrada maciça de mulheres casadas no mercado de trabalho a partir do pós-guerra em especial. Tal fato gerou transformações nas relações de gênero, no casamento, na família, na saúde física e mental e na sociedade em geral (Diniz, 1993; Perlin, 2001; Jablonski, 1996; Féres-Carneiro, 1998; Rocha Coutinho, 2000; Wagner, 2002). Esse processo, que teve início há aproximadamente 50 anos, continua hoje mexendo profundamente com as relações sociais. Seus desdobramentos são vistos em diversos setores da vida: trabalho, relacionamentos conjugais, poder, sexualidade, família, cidadania, mercado consumidor,

³ Em latim, “com as devidas alterações”

saúde, educação, política, dentre outros. Ao ganhar relevância social, tal fenômeno ganhou espaço também na academia e, hoje, várias áreas do conhecimento investem em sua compreensão.

A discussão sobre a implicação do estilo de vida contemporâneo na vida dos casais, passa novamente pela questão novo-velho. O modelo de casamento tido como hegemônico nos últimos tempos – o chamado casamento tradicional - devido às suas características marcantes, uma delas a rigidez em relação às funções e papéis de homens e mulheres, era facilmente identificado e também descrito. Nesses casamentos o homem era responsável pelo sustento financeiro da família e a mulher era responsável pela organização doméstica e o suporte afetivo. A idéia da indissolubilidade do vínculo conjugal e o controle sobre a sexualidade feminina – implicando em uma dupla-moral sexual (Giddens, 1993) também estavam presentes. Esse modelo retrata uma época na qual, de forma geral, a mulher estava satisfeita com o casamento quando possuía um bom marido, que era responsável e provedor da família. O homem por sua vez sentia-se satisfeito quando sua mulher cuidava da casa e dos filhos com amor e dedicação. Cabe ressaltar, ainda, que este modelo de casamento era baseado na heterossexualidade como norma e tinha como pilares de sustentação os valores patriarcais.

Hoje vivemos numa sociedade que, embora ainda marcada pelo modelo tradicional, admite a existência de uma pluralidade de formas de ser casal e família. Dentre os muitos modelos de casamento contemporâneo, os mais comuns são os chamados casamentos de duplo-trabalho, onde ambos os cônjuges trabalham em tempo integral. Alguns pesquisadores da área defendem a posição de que esse estilo de vida levaria a uma maior satisfação, já que os cônjuges têm compreensão dos desafios que cada um enfrenta para lidar com a interação entre o mundo do trabalho e da família. Assim, podem ser fonte de apoio um para o outro. Outros pesquisadores alegam o

contrário, principalmente porque tendem a ver o trabalho feminino como elemento negativo para a vida familiar. Existem ainda aqueles que dizem que tanto o aumento quanto a diminuição da satisfação são possíveis e que a variação desse fator está associada a uma série de outros elementos que compõem a vida conjugal (Diniz, 1993). Esse panorama de divergências e similaridades nos leva a afirmar que definir o que é um casamento satisfatório atualmente não é tarefa fácil nem para os pesquisadores e nem para as pessoas que vivenciam as relações.

Um estudo amplo envolvendo homens e mulheres casados e que trabalhavam em tempo integral realizado por um grupo de pesquisa da UnB (Diniz, 1996, 1998) serviu de subsidio para a dissertação de mestrado intitulada “Casais que Trabalham e São Felizes: Mito ou Realidade?”. Essa pesquisa avaliou a satisfação no casamento em casais onde ambos os cônjuges trabalhavam fora (Perlin, 2001). Participaram do estudo 222 homens e 222 mulheres, casados/as, classe média, adultos, funcionários/as em diversas instituições públicas de Brasília, DF. Os critérios de inclusão na amostra foram ter mais de dois anos de relacionamento marital e viver um casamento de duplo trabalho.

Os dados da pesquisa apresentaram um panorama do casamento contemporâneo que merece ser analisado. A maioria dos participantes percebeu-se feliz com seus casamentos. Quando questionados a respeito do futuro do relacionamento, vimos uma grande concentração de respostas no item onde as pessoas afirmam que querem investir para que os casamentos sejam bem-sucedidos. Assim, ficou evidente o comprometimento dos cônjuges em se empenhar na manutenção do casamento. Mas, o que significa essa postura em termos práticos? De que formas as pessoas investem em seus relacionamentos?

Tanto a mídia quanto o meio científico têm discutido e feito alarde sobre a crise

do casamento ou a falência da instituição familiar. Esse estudo, entretanto, encontrou indicadores que apontaram para uma transformação, e não para a extinção do modelo relacional conjugal. Em primeiro lugar, os resultados indicaram que o casamento de duplo-trabalho pode ser um modelo bem sucedido de relacionamento. Em segundo lugar, mostraram que tanto homens quanto mulheres estão dispostos a investir para que a relação se mantenha estável. Uma das hipóteses levantadas foi que o fato de ambos os cônjuges trabalharem fora pode resultar numa vivência mais equilibrada e funcional da individualidade e da conjugalidade, duas dimensões muito significativas na vida contemporânea.

Os resultados da pesquisa de mestrado sugeriram ainda que os casais de duplo-trabalho podem estar conscientes das limitações e dificuldades desse modelo de casamento. Tal conscientização, entretanto, não os impede de perceber os aspectos positivos e negativos da relação. A família e o casamento parecem representar um lado reconfortante, um contraponto para enfrentar as demandas e exigências do mundo do trabalho. Ao serem percebidos como locais de apoio, e como lugares para aliviar o estresse e as pressões cotidianas, casamento e família podem contribuir para a satisfação em nível pessoal e relacional.

Por outro lado, há uma diferença importante entre a percepção masculina e feminina acerca do significado do espaço do lar nesses casamentos de duplo-trabalho. Pesquisas mostram que, enquanto para o homem a casa tem sido percebida como local de descanso e tranquilidade afetiva, para as mulheres que trabalham em tempo integral o espaço do lar tem sido vivenciado como mais um local de trabalho, pressão e estresse, haja vista que a mulher ainda é a principal responsável pela organização e manutenção da vida doméstica e pela estabilidade funcional e afetiva da casa. Em nosso estudo anterior (Perlin, 2001), encontramos indicadores de que a mulher ainda arca com a

maior parte das tarefas domésticas, indireta e diretamente.

O questionamento que originou a pesquisa descrita foi: “Casais que trabalham e são felizes: mito ou realidade?” Podemos dizer que a satisfação conjugal em casais que têm que conciliar os mundos do trabalho e da família pode ser uma realidade – uma realidade que está sendo ansiada e buscada por estes casais. Devemos rever a idéia de falência da relação conjugal, muito discutida na atualidade, e substituí-la por uma idéia de processo de transformação da função e do significado do casamento. Resta agora identificar que dimensões/fatores são importantes para a satisfação conjugal na atualidade. Essa informação é fundamental para a construção de estratégias de intervenção e prevenção que auxiliem os cônjuges nesse processo, já que o desejo dos casais em estabelecer e manter um relacionamento satisfatório e de qualidade parece não ser suficiente ante os desafios e paradoxos que são vividos por eles.

Cabe ainda mencionar uma problematização à qual retornaremos mais tarde: apesar do trabalho e da família constituírem bases da sociedade, os casais se vêm sozinhos na tarefa de lidar com a interação família-trabalho. A responsabilidade por esse movimento fica geralmente atrelada ao desejo das pessoas, às dimensões subjetivas. As outras esferas sociais como o Estado, as instituições sociais e as corporações, lavam as mãos frente às transformações que as famílias vêm enfrentando – a adaptação é problema do casal.

5. Mudando para onde?

Há algumas décadas atrás, não havia dúvidas de que como parte do ciclo de desenvolvimento da pessoa ela deveria casar-se e ter filhos com alguém do sexo oposto. O casamento e seus problemas eram pouco discutidos, seja pela organização hierárquica envolvida dentro dele, seja pela impossibilidade – primeiro legal, posteriormente social

– da pessoa se separar ou envolver-se em arranjos alternativos. As queixas, quando trazidas ao consultório, normalmente giravam em torno de dificuldades com os filhos ou psicopatologias envolvendo algum membro da família.

Hoje as queixas acompanham a complexidade dos processos relacionais e das variações possíveis nas estruturas conjugais, familiares e nos comportamentos sociais. Gomes e Paiva (2003) observam que, na clínica contemporânea, seja ela individual ou dedicada ao atendimento de casais, grande parte das queixas apresentadas pelas pessoas dizem respeito a problemas de relacionamento, tais como: a discrepância existente entre a idealização e a realidade da vida a dois; os tipos de escolhas amorosas; as separações e divórcios; a guarda dos filhos e a convivência com o/a antigo/a parceiro/a. Para as pesquisadoras todas essas situações têm um denominador comum: a impossibilidade de perceber o outro como ele é, ou seja, como alguém diferente, de maneira que se construa um relacionamento “livre de tantas projeções e fantasias, promovendo uma vivência de respeito à coexistência dessas subjetividades” (Gomes e Paiva, 2003, p. 4)

Escolhas de parcerias homossexuais, dúvidas entre a carreira e o cônjuge, casamento onde os cônjuges moram em casas separadas, união estável, tríades conjugais, recasamentos, dentre outras, são demandas que chegam à clínica psicológica, ao âmbito jurídico e fazem parte das discussões sociológicas. Cada uma dessas situações gera desafios diferentes, e suas repercussões psicológicas e sociais colocam a necessidade de um entendimento maior do que está acontecendo nos relacionamentos conjugais contemporâneos.

6. Caminhando...

Os dados estatísticos, como foi mencionado anteriormente, não apresentam indicadores muito positivos acerca da situação do casamento formal. Por outro lado, de

acordo com os dados do último censo divulgados pelo IBGE (2003), na última década, o número de famílias - de qualquer espécie - cresceu duas vezes mais que a população como um todo, embora o número de divórcios tenha triplicado e o de casamentos de papel passado diminuído em 12%. Somados a esse panorama estatístico tanto a mídia quanto os dados dos consultórios psicológicos e as queixas gerais de pessoas jovens, adultas e maduras, nos apresentam um quadro paradoxal onde as pessoas mostram-se motivadas a ingressar em um relacionamento conjugal mesmo que esse apresente dificuldades. Essa aparente contradição sugere que há cada vez mais gente formando famílias a partir de novas bases. Há uma transformação do que era o modelo hegemônico de família e também mais pessoas optando por formatos menos tradicionais. Como coloca Vaitsman (1994) a inexistência de um modelo dominante é o que caracteriza atualmente os casamentos e famílias. Isso nos leva a pensar que, quando havia clareza e consenso sobre o que era uma família e um casamento, era mais fácil para as pessoas darem conta da tarefa. Ainda hoje, quando ouvimos a história de alguém que formou uma família, logo nos vem a imagem de um casal heterossexual com seus filhos. Dificilmente imaginamos uma situação como essa: um casal homoafetivo que mora com um amigo heterossexual e sua filha que é cuidada e criada pelos três⁴.

Até algumas décadas atrás, seja pelo ritmo mais lento de discussão crítica das estruturas sociais, seja pelo contexto político-econômico vigente - ou mesmo pelo próprio paradigma de ciência e saúde em evidência - algumas estruturas e subsistemas sociais eram vistos sob uma perspectiva predominantemente naturalista e tradicional. Entre eles estava a família e o casamento. As ciências humanas e sociais – principalmente a antropologia, a sociologia e a psicologia – durante muito tempo mostraram dificuldade em romper com a associação da idéia de família com unidade

⁴ Configuração familiar atendida em consultório na clinica de famílias, cuja queixa relacionava-se à dificuldade da mãe da criança em aceitar a família alternativa como lar para a criança..

biológica composta por progenitores e prole. Lévi-Strauss – mesmo com uma visão estruturalista – foi quem, na opinião de Meler (1997), deu um passo decisivo para a desnaturalização da família. Ao voltar sua atenção para o sistema de parentesco como um todo, Strauss desfocou a família biológica da lente principal. Assim, a família passou a não incluir apenas os laços de consangüinidade, mas também os de aliança.

Bruschini e Ridenti (1994) apontam que o modelo de família com o qual estamos acostumados a trabalhar ou pesquisar – modelo nuclear de família – necessita de uma desconstrução para que as outras formas - igualmente válidas - não sejam consideradas incompletas, irregulares ou desorganizadas. As autoras entendem as famílias como grupos sociais de pessoas ligadas por laços afetivos e psicológicos dinâmicos, que estão em constante transformação em consequência de processos demográficos – nascimento, casamento e morte – e de processos sócio-econômicos. Isso nos leva a considerar que atualmente as variáveis contextuais, espaciais, culturais e circunstanciais ganham importância crescente para a compreensão dos vínculos relacionais.

Observar a família como estrutura dinâmica e em constante transformação nos possibilita questionar prognósticos de término da família e também visões da família como único local responsável pelo bem estar e desenvolvimento de seus membros (Wagner, 2002). Convida, ainda, a uma postura mais flexível em relação às diversas formas que ela vem apresentando na contemporaneidade. Algumas vezes a família nuclear não configura o local mais seguro para mulheres, homens e crianças, como é o caso de famílias onde ocorre violência (Diniz, 1999, 2004). Por outro lado, um lar adotivo pode ser um recurso muito saudável.

Jablonski (2003) analisa que no século XX tivemos a oportunidade de presenciar três tipos de modelos familiares distintos: a família tradicional, a família moderna e a família pluralística. Na família tradicional as principais características são o

modelo patriarcal, com predominância da autoridade paterna, produção econômica conjunta, papéis e funções delimitados e proximidade com parentes e comunidade externa. Já na família moderna – ou psicológica - a divisão de poder e a participação econômica tendem à igualdade. Há uma ênfase na individualidade, a família é nuclear e apresenta-se menos ligada à comunidade. São ainda características desse modelo a mobilidade e a ênfase na afeição e sentimentos. Por último, emerge um novo tipo de organização, chamado pluralístico – ou pós-moderno – cujas principais características são “a aceitação e a convivência de várias formas de arranjos não tradicionais” (...) e, ainda, a maior flexibilidade, a postura mais igualitária e a menor permanência (Jablonski, 2003, p.142). Tal análise nos permite avançar na idéia de superar e ultrapassar o discurso vigente de um modelo ideal de casamento ou família, ou ainda, de uma suposta falência dessas estruturas sociais e avançar no estudo das mudanças importantes que estão ocorrendo ns estruturas conjugais e familiares.

Apesar da grande variedade de arranjos familiares existentes na sociedade contemporânea, a preponderância – tanto nas camadas mais pobres quanto nas mais abastadas – é ainda de famílias compostas por, no mínimo, o casal heterossexual e os/as filhos/as. Em 1987 este tipo de composição constituía 71% dos arranjos domésticos no Brasil (Romanelli, 1995). Em 2000, esse número baixa para 53%, sendo que 47% dos domicílios organizam-se de formas nas quais, no mínimo, um dos pais está ausente. Há pessoas morando sozinhas, avós ou tios criando netos ou sobrinhos, casais sem filhos, 'produções independentes' e outras tantas alternativas. Algumas são tipicamente modernas, como os grupos de amigos que decidem morar juntos para dividir um apartamento maior (IBGE, 2004). A família nuclear tradicional divide atualmente o espaço social com outras formas de famílias, essas ainda em espera por estudos.

Jay Haley (1991) aponta que o estudo da família é relativamente recente.

Iniciado na década de 1950, coincidiu com os estudos sobre os sistemas sociais de outros animais. Os seres humanos possuem algumas características comuns aos animais em seu ciclo vital. O processo do namoro, o acasalamento, a construção do ninho, o cuidado com a prole e a subsequente preparação para que a mesma seja independente são etapas comuns. Por outro lado, a complexidade da organização social de cada espécie e os problemas inerentes e específicos que surgem no ciclo de vida da família de cada uma das espécies são únicos. De uma forma muito simples Haley (1991) sinaliza que uma das diferenças mais cruciais – em termos relacionais – entre a espécie humana e as outras, é o fato do ser humano ser o único a ter parentes. As relações de parentesco estão ativamente presentes em todos os estágios da vida familiar das pessoas enquanto que, em outras espécies, há descontinuidade entre as gerações.

“O casamento, então, não é meramente a junção de duas pessoas, mas a reunião de duas famílias que exercem suas influências e criam uma rede complexa de subsistemas” (Haley, 1991, p. 43). Quando o casal constrói uma família – demarcada principalmente pelo aparecimento de filhos – novos desafios são adicionados. Um deles é o fato de que a chegada de uma criança provoca uma reorganização, construção e/ou redistribuição de papéis, funções, hierarquias, responsabilidades e status: cria automaticamente mães, pais, avós e avôs, tios e tias, primos, etc. (Haley, 1991). Surge uma teia complexa de interações.

Nessa nova configuração, a adoção de modelos ou padrões de funcionamento para as vivências conjugais constitui certamente um desafio. Ao formar uma família a maioria dos cônjuges tende a utilizar como parâmetro um modelo preexistente de família – o modelo tradicional de família – que lhes garante uma “receita” de bom relacionamento e convivência social. Esta tendência advém da ênfase social colocada no modelo tradicional, que acaba sendo, na maioria das vezes a base, a referência para as

ações que permitem a construção do casamento. Essa adoção acrítica e muitas vezes inconsciente do modelo tradicional aumenta significativamente a dificuldade de se manter o relacionamento, pois a qualidade do mesmo passa a depender de um modelo padronizado, estereotipado, que reflete ser mais uma quimera social do que um objetivo alcançável. Cabe ressaltar que a dinâmica que permitia o funcionamento de modelos anteriores estava relacionada a fatores sociais muito diferentes dos atuais. A utilização de parâmetros passados para situações presentes, marcadas pelos questionamentos dos papéis de homens e mulheres tanto nas relações interpessoais quanto sociais constitui, ao contrário do que se pensa, uma fonte potencial de estresse. A falta de parâmetros atualizados leva, portanto, à adoção de modelos antigos, o que obviamente constitui um fator gerador de dificuldades e dilemas para os casais que correm o risco de experienciar a relação de formas contraditórias.

Modelos, como construções sociais padronizadas, servem de exemplo ou norma, baseados nos contextos específicos de uma determinada época da história. Organizam a sociedade de diversas formas e ditam condutas, além de traduzirem valores, moral e ética. Como atendem a necessidades sociais sofrem transformações e adequações a medida em que essas necessidades mudam. Assim, em diferentes períodos da história da humanidade, preponderaram diferentes modelos e estruturas relacionais. É importante atentar para o fato de que as informações sobre a história humana - advindas principalmente da arqueologia – podem, perante novas descobertas arqueológicas, desconstruir afirmações sobre os primórdios da humanidade que até então eram tidas como incontestáveis. Pinsky (1988) adverte que é preciso avançar com cautela nessa área e coloca a necessidade de “apresentar as *verdades*⁵ como históricas, isto é, “como fruto do desenvolvimento do conhecimento e da forma de analisar os fatos neste

⁵ Grifo do autor.

momento” (Pinsky, 1988, p. 9). Bruno Latour (2000), quando nos convida a acompanhar engenheiros na produção de tecnologia e conhecimento, também chama atenção para o fato de que a ciência é construída em determinado local e contexto, e que muitas vezes o conhecimento é dado por acabado e então lacrado em uma caixa preta. A caixa preta não é aberta a fim de que possamos analisar se aquele construto é indicado realmente para o que se quer utilizar no momento. A partir dessa constatação o autor sugere que estudemos a ciência em ação, numa verdadeira garimpagem antropológica de como se deu o processo de construção do conhecimento.

É nosso entendimento que a compreensão do casamento exige postura semelhante. Nesse sentido examinaremos brevemente as mudanças que ocorreram na função social e pessoal do casamento. Não é intenção, nesse trabalho, realizar uma exposição mais extensa ou aprofundada sobre a história do casamento e da família. Nossa intenção é ressaltar que o casamento e a família mudam em função dos processos sociais mais amplos. Assim, as transformações que estão ocorrendo nos relacionamentos são reflexos do processo intenso de mudanças no contexto econômico e social.

Vivemos, portanto, um momento de aceitação e/ou incorporação da idéia de existência de uma pluralidade de modelos existindo concomitantemente. Jablonski (1991) argumenta que durante a história da sociedade sempre existiram momentos transitórios, onde o ser humano convive concomitantemente com o novo e o velho, a transformação e a continuidade, procurando formas de solucionar estas aparentes contradições. Mas em alguns momentos históricos, estas contradições ficam mais evidentes e possuem características mais desafiadoras pois existem fatores mais complexos para enfrentar. É o caso do momento contemporâneo. Este autor coloca que nossa cultura, ao mesmo tempo em que elogia uma atitude individualista, continua impondo um modelo tradicional de vida familiar e de casamento como parâmetro para

medir o sucesso pessoal e relacional. Este modelo corresponde a expectativas impossíveis de serem alcançadas, instaurando conflitos, frustrações e insatisfações em diferentes instâncias da vida.

Soma-se a isso, o fato indiscutível de que, na atualidade, as mudanças ocorrem de maneira muito mais rápida do que há décadas atrás. Os avanços tecnológicos – como a internet e a reprodução assistida –, as transformações políticas e espaciais – como a criação de novos países e estados, além das mudanças governamentais, das mudanças sociais e comportamentais – como a entrada maciça de mulheres no mercado de trabalho – entre outras, têm provocado e demandado profundos questionamentos e transformações nas condutas e valores individuais e coletivos. Por outro lado os processos de assimilação e incorporação dessas mudanças são lentos. Muitas vezes, o tempo de adaptação é insuficiente e coloca o desafio da convivência paradoxal e interativa entre o tradicional e o novo. O mesmo acontece no âmbito dos relacionamentos.

Sucedem-se questionamentos sobre por que os casamentos realizados “por amor” não duram como “pareciam” durar em tempos passados. Fala-se muito sobre a fluidez, transitoriedade e insegurança do amor atual. Segundo Bauman (2004), numa cultura ferozmente individualista e consumista “a promessa de aprender a amar é a oferta falsa, enganosa, mas que se deseja ardentemente que seja verdadeira” (p.8). Para este autor na “era da modernidade líquida” (p.8) - leia-se o século XXI - os laços amorosos padecem de uma estranha fragilidade – um amor líquido –que, ao mesmo tempo estimula desejos de estreitar esses laços e, concomitantemente, mantê-los frouxos.

Séculos se passam e grande parte das pessoas vive sua vida à procura de formar – ou manter – um casamento e/ou família bem sucedida. Diniz (1996; 1999), em seus

estudos sobre o casamento de duplo-trabalho, coloca o casamento como uma das mais importantes dimensões da vida das pessoas. Féres-Carneiro (2002) avalia que o casamento e relações similares são tão importantes e representativas na vida da maior parte das pessoas que, mesmo diante de frustrações nos relacionamentos ou separações, as pessoas procuram novamente estabelecer esse tipo de vínculo. A pesquisa dessa autora situa o casamento como uma das relações mais significativas validadas pelos adultos na atualidade, constituindo um instrumento de construção nômica, ou seja, possibilita que o indivíduo desenvolva, no diálogo e na relação, uma determinada ordem para que ele possa viver a vida com sentido.

Terezinha Féres-Carneiro (2001) considera o casamento contemporâneo representante de uma relação de intensa significação na vida das pessoas, envolvendo um alto grau de intimidade e um grande investimento afetivo. Encontrar alguém para compartilhar a vida (e ter filhos) parece ser uma busca incansável, e o casamento ainda configura um rito de passagem muito significativo em várias sociedades. Segundo Haley (1991) “os rituais que muitas vezes parecem supérfluos aos jovens podem ser demarcações importantes dos estágios, que ajudam as pessoas envolvidas a fazer a alteração para novas maneiras de se relacionarem” (p.50). O fato é que apesar do casamento fazer parte do ciclo vital, este estilo relacional sofreu profundas transformações no último século.

Casamentos informais, homossexuais, monoparentais, de duplo-trabalho, esse último o objeto de nosso estudo, configuram estruturas e arranjos relacionais bem diferentes do que se estudava há 50 anos atrás. A organização social contemporânea tem apresentado às pessoas o desafio de integrar ou equilibrar, de forma saudável e prazerosa, a “necessidade de criar laços significativos e alcançar a autonomia” (Féres-Carneiro, 2001, p.70). Um dos desdobramentos dessa tentativa apresenta-se na

diversidade de formas relacionais experienciadas na atualidade e nos desafios que elas colocam para os casais.

O objetivo desse breve panorama foi apontar que a união de duas pessoas possuía uma função naturalística nos primórdios da humanidade, que era a reprodução e perpetuação da espécie. Passou por mudanças significativas, ganhando novos significados e funções ao longo da história. Possuiu como função garantir interesses político-econômicos, garantir filhos consangüíneos, garantir o controle da sexualidade feminina, organizar a sociedade de forma geral. Hoje, essas funções estão diluídas, mas não se justificam como funções reais na sociedade. Isso porque o casamento – atualmente e teoricamente - está vinculado à vontade de duas pessoas de seguirem juntas em um relacionamento conjugal. Essa vontade é muito mais plástica e flexível, o que torna o casamento um terreno arenoso e incerto. E a pergunta se torna: se não temos mais a *obrigação* e/ou *necessidade* de nos unirmos em relacionamentos conjugais, por que o fazemos e ansiamos? Esses, entre outros questionamentos, serão discutidos no tópico seguinte.

Em resumo, ainda nascemos, nos reproduzimos, morremos e, mesmo que de formas diferentes e com funções e motivações em transformação e reconstrução, procuramos nos casar quando atingimos a adultez. Ouve mudanças: o casamento não é mais obrigatório embora ainda seja visto como importante no contexto do ciclo vital, e paradoxalmente, diante do que nos mostra ou indica a sociedade, é extremamente desejado e esperado.

7. O Casamento de Duplo-Trabalho

Questão contemporânea que tem gerado muita discussão, a relação entre duas grandes instituições sociais – o trabalho e a família – aparece hoje como tema

controverso e de difícil manejo. Talvez a dificuldade esteja relacionada aos papéis e funções extremamente fundamentais tanto do trabalho quanto da família na vida das pessoas. Mudanças numa e na outra área repercutem de forma significativa em praticamente todas as estruturas sociais.

O engajamento da mulher no mercado de trabalho, como já discutimos, gerou um impacto profundo sobre a interação matrimonial e familiar (Rapoport e Rapoport, 1980; Diniz, 1993; Romanelli, 1995). Isto porque esta participação estremeceu a divisão de trabalho socialmente estabelecida entre homens e mulheres na então vigente família tradicional. Ocorre que no arranjo familiar tradicional, o homem era o encarregado de garantir a sobrevivência da família através da realização profissional, ou seja, era visto como o único provedor material da família, incumbido de lidar com o mundo externo ao lar (Romanelli, 1995). À mulher cabia administrar o mundo interno, cuidando da administração da casa, da educação dos filhos, e da vida emocional da família, caracterizando-se assim como a provedora afetiva da família (Romanelli, 1995; Manzini-Covre, 1995; Diniz, 1993). O modelo tradicional de família possui ainda como atributos básicos, uma estrutura hierarquizada onde o pai/esposo exerce autoridade e poder sobre filhos/as e esposa; uma rígida divisão sexual do trabalho; estabelece diferenças sexuais quanto ao tipo de vínculo afetivo existente entre os cônjuges e a prole, com a mãe mais próxima emocionalmente dos filhos do que o pai; promove controle da sexualidade feminina e a liberdade para o homem, gerando uma dupla moral sexual (Romanelli, 1995).

Wilhelm Reich (1936), em suas críticas ao capitalismo e à reforma sexual, já apontava a família como autoritária e com a função social de proteger a mulher e os filhos, os quais são privados dos direitos econômicos e sexuais. Os ângulos do triângulo formado por pai-mãe-filho/a/s apresentavam limites visíveis, garantindo seu equilíbrio

funcional não importando o ônus pago pelos seus membros.

Quando os espaços de domínio de cada um – homem e mulher – passam a ser questionados, o arranjo funcional e emocional previamente estabelecido no estilo de família tradicional entra em crise. Esta crise provoca um questionamento dos estereótipos de gênero que justificaram os papéis anteriores, mobilizando novos arranjos conjugais e reformulações nas funções conjugais, familiares e sociais de homens e mulheres.

A família contemporânea adentra o cenário social com várias possibilidades de arranjos e estruturas. Quando composta por um casal heterossexual, mostra com frequência uma mulher engajada no meio profissional, tendo necessidade de administrar melhor sua participação na família. Por outro ângulo, encontramos um homem buscando maior envolvimento nas questões familiares e dividindo seu costumeiro papel de provedor material com a mulher (Duxbury e Higgins, 1991).

Rapoport e Rapoport (apud Diniz, 1996) chamaram os arranjos familiares contemporâneos onde ambos os esposos trabalham fora em tempo integral de dupla-carreira. O termo dupla-carreira surgiu para identificar um grupo considerado especial:

famílias nas quais tanto o marido quanto a mulher possuem carreiras (trabalhos que envolvem um alto grau de saliência pessoal, um plano de carreira e requerem um alto grau de comprometimento) e que ao mesmo tempo estabelecem uma vida familiar com pelo menos uma criança (Rapoport e Rapoport apud Diniz, 1996, p. 3).

Para Gilbert e Rachlin (1987) há uma clara distinção entre o estilo de dupla-carreira e o que elas chamam duplo-trabalho/emprego. Para estas autoras, família de duplo-trabalho caracteriza-se por ambos os cônjuges trabalharem em empregos, ou seja, ofícios que não exigem dedicação após a jornada de trabalho, de maneira que a estrutura tradicional na divisão de papéis familiares não sofre grandes transformações. Família de

dupla-carreira difere da anterior, pois a carreira exige grande dedicação, empenho pessoal e aperfeiçoamento; portanto, interferirá de forma mais drástica nos padrões tradicionais, o que torna necessário uma maior reorganização dos papéis tradicionais de gênero no contexto familiar.

Thomas, Albrecht e White (1984) também distinguem os dois termos. Colocam famílias de dupla-carreira como aquelas onde as esposas possuem preparação acadêmica, motivação para o trabalho e nível de compromisso com a carreira, além disso, são mais intrinsecamente motivadas e investem mais da sua identidade pessoal no trabalho. Enfatiza que esposas de famílias de duplo-trabalho entram na força de trabalho basicamente por necessidade financeira, ou seja, para colaborar com o cônjuge na renda familiar.

Os termos adotados para classificar os casais quanto ao aspecto laboral negligenciam muitas possibilidades encontradas na estrutura familiar. Grande atenção deve ser dada para este ponto em estudos acerca de casais de dupla-carreira, duplo-trabalho e/ou dupla-renda. A tendência contemporânea aponta para uma reformulação acerca dessas definições. Em primeiro lugar por dividirem o contingente feminino inserido no mercado de trabalho em duas categorias estanques: 1) mulheres motivadas e em situação financeira satisfatória; e 2) desmotivadas e em dificuldades financeiras. Esta divisão não faz justiça à multiplicidade de fatores que levam uma mulher a entrar no mercado de trabalho e a relação entre motivação e situação financeira não é direta. Além disso, desvaloriza a complexidade da motivação e da identidade da mulher no contexto atual. Em segundo lugar, por classificarem as famílias tomando como base as ocupações das mulheres, como se já estivesse implícito que os homens têm uma carreira/profissão, a despeito da forma de inserção desses últimos no mercado de trabalho ou da existência ou não de qualquer outro tipo de renda. Sabemos que –

principalmente nas camadas mais pobres – muitos homens são sustentados por mulheres, seja por não possuírem empregos fixos, seja por incapacidade física e/ou psicológica ou qualquer outro fator que mantenha a mulher como a principal geradora de renda na casa.

Bucher-Maluschke (2003), baseada em dados obtidos em pesquisas e estudos clínicos realizados no Nordeste brasileiro – Ceará – aponta para o fato de as mulheres estarem, nessa população de baixa renda, ganhando mais que seus maridos. Apesar desse dado ser importante, para as famílias ele deve ser mantido em segredo, a fim de não “desmoralizar o marido diante dos colegas e dos filhos” (Bucher-Maluschke, 2003, p. 304). O destino do dinheiro ganho por essas mulheres divide-se entre as necessidades da casa e o lazer do marido. Quando questionadas acerca das motivações que as levam a manter esse padrão relacional, de forma geral apontam a manutenção da relação conjugal, a diminuição de conflitos familiares e, inclusive, um legado advindo de histórias passadas vinculadas à situação de pobreza do nordeste. Muitas histórias são contadas, de mães para filhas, sobre os maridos que deixaram o nordeste em busca de melhores condições para a família e, ou demoraram muito para retornar, ou nunca mais voltaram. Vale lembrar que, apesar de nesse estudo delimitarmos nossa discussão em termos da classe média, as mulheres do nordeste principalmente, já trabalham duramente há muito tempo.

O fato é que cada vez mais e em maior número as pessoas precisam gerar renda. E para a maioria da população apenas um membro da família trabalhando não é suficiente para a manutenção econômica da família. O trabalho oferece acesso a status social, a bens, ao consumo e é hoje um dos elementos mais importantes na determinação da identidade (Diniz, 1999). Cooper e Lewis (2003) também se referem ao trabalho como uma das principais fontes de satisfação na vida contemporânea. As autoras

ponderam que, ao mesmo tempo, tem se apresentado também como uma grande fonte de estresse. Assim, as famílias aderem ao estilo de duplo-trabalho, dupla carreira, dupla-renda ou a diversas formas de combinação possíveis de envolvimento com o trabalho, e vivenciam os dilemas inerentes a esse estilo de vida.

Na literatura encontramos referências a respeito do ônus desigual pago pelas mulheres neste estilo relacional (Diniz, 1993; Oliveira, 1995; Ammann, 1997). Além de enfrentar “múltiplas e penosas discriminações de gênero” (Ammann, 1997, p.92), as mulheres ainda enfrentam duplas jornadas de trabalho: o remunerado e as tarefas domésticas de sua casa e cuidado dos filhos. Ammann complementa sua argumentação colocando que, não liberada das funções anteriores, a mulher transforma-se em dupla mercadoria: na esfera doméstica pertencendo ao marido; no âmbito do emprego, pertencendo ao capitalista. Um dos dilemas gerados por esse descompasso é o da alta insatisfação feminina com relação ao padrão de cuidado com a casa, pois independente de trabalharem o mesmo número ou mais de horas que seu cônjuge, as mulheres, ainda, são responsáveis pela maior parte das atividades domésticas (Ray, 1988).

Houve um modesto aumento da participação dos maridos nas tarefas de casa e no cuidado com as crianças quando a esposa trabalha fora de casa. Contudo, esta participação ainda é ínfima e desproporcional à demanda de trabalho doméstico que a mulher assume (Almeida et al., 1993). Segundo Vanden-Heuvel e Wooden (1995), isso ocorre devido à pressão social e cultural – tanto do ponto de vista interno e subjetivo quanto externo – que não permite que as mulheres e os homens rompam completamente com os papéis tradicionais a eles atribuídos.

Podemos observar uma certa incoerência entre a prática e o discurso tanto masculino quanto feminino. Ao mesmo tempo em que concordam com a necessidade de uma atitude igualitária, no dia-a-dia adotam uma postura tradicional. Jablonski (1996)

usa o depoimento de uma mulher que participou de sua pesquisa para exemplificar tal contradição. A participante coloca que seu marido podia lavar a louça suja sem reclamar, mas quando o fazia, sempre achava que estava fazendo um favor. Esta realidade é confirmada por Barnes (1994) quando este autor argumenta que o discurso igualitário masculino tende a não se refletir em atitudes concretas no cotidiano da vida do casal. Por outro lado, as mulheres tendem a colocar empecilhos na atuação doméstica dos homens, talvez motivadas pela manutenção do mito social de “rainha do lar”, ou mesmo pelo receio de perder o domínio de uma área sobre a qual, durante muito tempo, foi a principal especialista.

Outra característica que mostra o maior compromisso feminino com as demandas familiares é a maior abstenção ao trabalho por parte das mulheres. Segundo Cristina Bruschini (1994) isso ocorre porque “atividades formalizadas, com horários regulares de trabalho, o maior distanciamento entre a casa e o trabalho, são fatores que dificultam a conciliação de responsabilidades” (p.67). Portanto, aspectos como turno de trabalho e distância do trabalho até a casa são avaliados pelas mulheres na escolha de um emprego, mas não são preocupações muito relevantes para os homens (Vanden-Heuvel e Wooden, 1995).

Fatores como a falta de igualdade na divisão de tarefas e administração doméstica, educação e cuidado dos filhos, realização e investimento profissionais, percepções diferentes entre os sexos acerca de seus papéis no casamento e na família transformam-se em dilemas quando um dos cônjuges, geralmente a mulher, arca com um ônus maior do que o outro ou tem que abdicar de seus interesses pessoais em favor dos planos do outro ou das necessidades do grupo familiar.

Vaitsman (1994) ilustra alguns desses dilemas ao mesmo tempo em que discute o desequilíbrio gerado pelas circunstâncias modernas e a ruptura sobre o consenso da

divisão de papéis. A autora relata o caso de um ex-marido denunciando a “negligência” da esposa em relação ao filho do casal. Sua esposa, uma advogada, após um mês de parida, resolveu retornar ao trabalho. Para o marido isso foi sentido como uma não incorporação da maternidade, que para ele, ficou delegada à avó, que assumiu o cuidado da criança. Enquanto a advogada aumentava sua carga de trabalho e ainda pretendia fazer concurso para juíza, o homem entendia que aquele não era o momento dela assumir aquelas atividades que a afastariam do exercício do cuidado do filho. O ex-marido atribui a esse problema a separação do casal.

Vaitsman (1994) avalia que o sentimento de fragmentação da identidade vinculado ao nascimento de filhos era uma exclusividade feminina a até bem pouco tempo. As mulheres tendem a colocar em questão sua profissão ou uma redução de seu investimento no trabalho com a chegada dos filhos. Elas experienciam uma ruptura entre ser mãe e ser profissional. Já os homens, geralmente, não vivenciam esse dilema, já que nunca foram colocados ante a escolha de ser pai e ser engenheiro, ser pai e ser juiz, coisa que a maior parte das mulheres que possuem uma profissão e filhos vivencia. Como esse movimento é essencialmente feminino, há o que a autora chama de uma ruptura do consenso, onde existe a necessidade de uma constante negociação dos papéis baseada em demandas pessoais. Coloca mais um exemplo, onde um casal de professores realizando pós-graduação teve muitas dificuldades em conciliar investimento na carreira e o nascimento do filho. Ambos estavam trabalhando em suas teses de doutorado, mas quando nasceu o bebê, quem se sentia mais obrigada a abrir mão do trabalho de tese era a mulher – o que era compartilhado pelo marido, que se irritava mais constantemente com o choro do filho, atrapalhando sua produção intelectual. À esposa era então delegado o cuidado, mesmo que ela também tivesse que trabalhar em sua tese.

Araújo e Scalon (2005), uma década depois, encontraram resultados similares

em sua pesquisa sobre a interação família-trabalho. Homens e mulheres – com discreta prevalência dos homens – consideram que a ausência feminina de casa por causa do trabalho pode impactar negativamente nos filhos devido à ausência ou diminuição do afeto dedicado a eles. Diretamente relacionado a isso, está a manutenção da maternidade como o principal componente identitário da mulher – principalmente no período onde se está com os filhos pequenos, o que provoca nelas, a necessidade de constantemente vivenciar uma fragmentação identitária ao alternar a identidade profissional e a identidade maternal - claramente associada à identidade feminina. Para os homens o papel da mulher ainda se mostra baseado em valores tradicionais.

As respostas masculinas indicam que os homens permanecem valorizando mais uma identidade feminina marcada pelos papéis de esposa e de mãe e que suas expectativas acerca da relação conjugal tendem a ser mediadas por tais valores (Araújo e Scalon, 2005, p. 32).

Esses casais, portanto, vão ter que enfrentar simultaneamente dilemas de carreira e dilemas de papéis de gênero. O primeiro refere-se a questões como: escolha da carreira, apoio do cônjuge à carreira, promoção, mudança de emprego, demissão, transferência, sucesso rápido, competição etc., e os dilemas de papéis de gênero estão associados aos conflitos nas definições de poder, divisão das tarefas domésticas, igualdade etc. (Gilbert et al., 1991). Soma-se a isso a dificuldade em organizar e ter tempo para a família, o casamento, a individualidade, os filhos e a profissão.

Por que, então, os casais optam por um estilo de vida que parece tão aversivo? Por vários motivos. Pois, apesar das desvantagens, esse modelo também oferece vários benefícios aos homens e mulheres que se decidem por esta estrutura familiar, além de configurar cada vez mais a única possibilidade de acesso a conforto ou sobrevivência.

Ray (1988) apresenta alguns desses benefícios, como: alto padrão de vida, aumento da participação e expressão de valores igualitários. Gilbert (1994) acrescenta que para os

homens há um aumento do envolvimento emocional e da ligação com os filhos, melhoria da saúde geral e diminuição da pressão de ser o único provedor financeiro. Já para as mulheres ela destaca o aumento da auto-estima, melhora da saúde física e mental e o aprimoramento da independência econômica.

As mulheres com este estilo de vida apresentam um aumento na auto-estima, pois o trabalho é um local onde pode haver reconhecimento por suas capacidades. O salário proporciona uma maior independência e autonomia e altera a dinâmica familiar, pois interfere na relação de poder do casal. Além disso, a dupla carreira aumenta o respeito e o bem estar dessas mulheres. Ray (1988) e Gilbert et al (1991) reforçam esta idéia, argumentando que trabalho e carreira são considerados importantes componentes para a identidade da mulher.

Alguns autores, mais recentemente começaram a empregar o termo “famílias de tripla-jornada” para falar de famílias onde ambos os cônjuges trabalham fora. De acordo com Levner (2002) essa nova terminologia envolve uma revolução nos valores dados ao trabalho profissional, ao trabalho doméstico e ao investimento na família. Levner atenta para o fato de que, quando nos reportamos às famílias de duplo-trabalho, enfatizamos o valor dado à dimensão profissional delegando espaço secundário à vida familiar e doméstica. Estas diferenças na forma de conciliar família e trabalho, vividas por homens e mulheres, podem afetar a satisfação no casamento em diferentes níveis.

Essa última variável é o tema central do presente trabalho. Existe consenso sobre a idéia de que a percepção do relacionamento como satisfatório constitui elemento fundamental num casamento. Na atualidade, torna-se um dos critérios decisivos para a continuidade ou ruptura do vínculo conjugal.

Quando a manutenção do casamento e da família passa a depender muito mais da satisfação emocional do que de determinantes econômicos, da sujeição individual ou da imposição moral, sua estabilidade torna-se mais frágil (Vaitsman, 1994, p. 136)

Como as pessoas realizam essas avaliações sobre seus casamentos? O que é um casamento satisfatório? Quais são as principais dimensões levadas em consideração na auto-avaliação conjugal? A percepção subjetiva de satisfação no casamento torna-se, na contemporaneidade, uma questão fundamental. Entretanto, a complexidade do tema faz da distinção entre um casamento feliz e outro infeliz um dos problemas mais antigos e polêmicos na área de pesquisa sobre os relacionamentos (Gottman e Krokoff, 1989).

8. Satisfação no Casamento de Duplo-Trabalho

Vários autores enfatizam a importância do estudo da interação entre o mundo do trabalho e o mundo do casamento e da família e em especial enfatizam a importância de investigar a satisfação no casamento de casais que trabalham fora em tempo integral (Rocha-Coutinho, 1996; Diniz, 1993; Gilbert e Rachlin, 1987; O'Neil e colaboradores, 1987). Benin e Nienstedt (1985) num estudo dos efeitos da felicidade matrimonial, da satisfação no trabalho e do estágio no ciclo de vida sobre a felicidade global de casais onde um ou ambos os cônjuges trabalhavam fora, encontraram que a felicidade matrimonial era o mais importante determinante da felicidade geral dessas famílias.

O' Neil et al. (1987) vêem a qualidade da relação matrimonial em casais de dupla carreira como tendo um papel muito importante em suas vidas, visto que ela pode contribuir tanto para apoiar ou limitar o desenvolvimento profissional. Estes pesquisadores apontam para a importância de identificar os fatores associados à satisfação matrimonial e familiar nessa população, uma vez que dificuldades associadas a dilemas profissionais, papéis de gênero e conflitos familiares podem afetar a intimidade, harmonia e satisfação do casal.

Em sua pesquisa sobre as relações entre família, trabalho e gênero, Araújo e Scalon (2005), encontraram que as pessoas precisariam e gostariam de ter mais tempo

para envolver-se em atividades familiares. Várias outras pesquisas denunciam essa problemática, que aparece ora de forma mais nítida, ora de forma subjacente, como por exemplo, na percepção dos cônjuges sobre um empobrecimento da vida conjugal, entre outros fatores quando enfrentam o desafio de combinar vida conjugal e familiar com ambições profissionais.

Os casais acabam sentindo no cotidiano o peso da multiplicidade e da sobrecarga dos papéis impostos por um estilo de vida que tenta conciliar vida pessoal, conjugal, familiar e as demandas do mundo do trabalho (Walsh, 2002; Jablonski, 2001; Perlin, 2001). Rocha-Coutinho (2000) adverte que “homens e mulheres acabam exigindo de si próprios que sejam múltiplos, verdadeiros super-heróis” (Rocha-Coutinho, 2000, p.81).

O estilo de vida imposto pela situação de duplo trabalho demanda adaptações e torna-se um desafio para os casais e para a sociedade. Na literatura encontramos referências a respeito do ônus desigual pago pelas mulheres nos casais que optam por este estilo conjugal e familiar. Tal ônus está relacionado principalmente ao acúmulo de jornadas de trabalho, ao desempenho de múltiplos papéis e funções, e ao alto nível de exigência pessoal, do cônjuge e da sociedade (Ray, 1988; Diniz, 1993; Oliveira, 1995; Dios, 1996; Ammann, 1997; Jablonsky, 2001).

A falta de igualdade na divisão de tarefas domésticas; na administração da casa; na educação e cuidado dos filhos são fatores geradores de estresse na esfera familiar. Características que marcam o trabalho feminino tais como a desigualdade de salários com os homens, diferenças de acesso à promoção, realização e investimento profissionais são fatores geradores de estresse na esfera profissional (Diniz, 1999).

Esses diversos fatores, somados a percepções diferentes entre os parceiros acerca de seus papéis no casamento e na família transformam-se em dilemas e desafios

que precisam ser enfrentados pelos casais. Para Rocha-Coutinho “parece que homens e mulheres hoje multiplicaram funções, mas ainda não dividiram responsabilidades” (Rocha-Coutinho, 2000, p.81). Na maioria das vezes é a mulher quem tem que abdicar de seus interesses pessoais em favor dos planos do cônjuge ou das necessidades do grupo familiar. Estas diferenças na forma de conciliar família e trabalho vivida por homens e mulheres podem afetar tanto o desempenho ou a satisfação no trabalho quanto a satisfação no casamento. Um desafio fundamental fica então colocado: entender os fatores, as dimensões no casamento de duplo-trabalho no contexto brasileiro.

Se Bucher-Maluschke (2003) denuncia a escassez de pesquisas brasileiras na área do casamento, quando o assunto é especificamente as interações entre casamento e trabalho, uma lacuna ainda maior se apresenta (Diniz, 1993; 1996; 1999). Bruschini e Ridenti (1994), Dios (1997), Monteiro (2000), Rocha-Coutinho (2000), Perlin (2001), Araújo e Scalón (2005) e mais alguns/mas poucos/as pesquisadores/as, têm se dedicado a compreender os desafios enfrentados por casais nos quais ambos os esposos trabalham em tempo integral e tentam, muitas vezes sozinhos, dar conta dessa difícil interação.

Cooper e Lewis (2003) avaliaram, durante mais de uma década, casais de duplo-trabalho e as interações família-trabalho no contexto norte americano. Apontaram o estresse e o comprometimento da satisfação tanto no trabalho quanto na família, como apenas os mais gerais dos problemas relacionados a este estilo de vida. Para essas autoras o ambiente de trabalho deve mudar para criar condições de ultrapassar os problemas evidenciados por seus estudos. Complementam, observando que as pessoas avaliam que a conciliação trabalho-família é uma empreitada individual, quando deveria ser, segundo as autoras, uma questão organizacional e de políticas públicas.

Mas, no Brasil, estamos ainda lidando com discussões muito anteriores. Enquanto na Europa os países estão discutindo a Constituição comum e as formas de

diminuir carga horária de permanência no trabalho fora de casa (ou salários iguais por jornadas menores), no Brasil e em outros países da América Latina ainda estamos longe de abordar a questão. O nosso problema é lidar com a garantia de trabalho para todos que necessitam e garantir a sobrevivência digna de uma grande camada da população. As empresas aqui discutem redução tributária para funcionarem, muito longe de discutirem a possibilidade de instalação e manutenção de creches para as crianças dos/as funcionários/as.

De acordo com Lamas (Cordera e col., 2005) no Canadá o governo decidiu que a responsabilidade de cuidar das crianças é tripartite: deve ser dividida entre o estado, as empresas e os trabalhadores e/ou trabalhadoras. Essa postura implica em um entendimento de que as crianças são um bem social, um bem além do privado: um bem público. Dessa forma, devem ser cuidadas por todas as partes que irão - de uma maneira ou de outra – usufruir de seus benefícios. O Canadá acredita que a equidade beneficia a todos e para alcançar esse patamar todos os três setores devem estar envolvidos. A forma como os trabalhadores e trabalhadoras são tratados também é muito diferente. As pessoas, por terem garantidos seus direitos básicos, podem pensar no trabalho, profissão ou carreira como uma importante dimensão da vida e também da sociedade, não apenas como uma árdua, discriminatória e exploratória necessidade para sobrevivência própria e/ou da família.

Essa invisibilidade relaciona-se não apenas à parcela de trabalho dentro de casa que não é considerado trabalho – mas que se não fosse feito, sobrecarregaria o Estado – mas também às estruturas laborais externas que não estão se adequando para a maciça participação feminina. As regras gerais do trabalho são regras produzidas por homens para homens, o que não leva em conta, por exemplo, as diferentes necessidades de jornadas laborais, intervalos, entre outros, vinculados à diferença reprodutiva entre

homens e mulheres (Lamas, 2005). Além das diferenças reprodutivas, existem tantas outras as quais deveriam implicar em apoio material, temporal e social que cooperassem para a maior e melhor produtividade feminina, e não que trabalhassem em oposição ou de forma hostil a ela (Cordera e col.,2005).

Enquanto na Europa o trabalho e a carreira são percebidos principalmente como componentes de realização pessoal, para a maior parte dos países latinos é uma questão básica de sobrevivência. No México, trabalhadoras e trabalhadores, em geral, muitas vezes não têm garantidos os mínimos direitos relativos à seguridade social (Cordera e col., 2005). Lá também, como a maior parte dos países latinos, a responsabilidade pelos ajustes entre as dimensões familiar e laboral é uma responsabilidade exclusiva das famílias e, principalmente, das mulheres.

Araújo e Scalon (2005) realizaram uma extensa pesquisa mapeando a problemática da relação trabalho-família no Brasil. Dentre vários achados, atentaram para a fragilidade da conjuntura econômica brasileira que aparece de forma dramática no estudo. Uma questão ilustra essa constatação. Na questão “se o/a sr/a pudesse mudar alguma coisa na sua vida, de modo a melhorar a relação entre trabalho profissional e vida familiar, quais situações escolheria em primeiro, segundo e terceiro lugar?” Em ordem de importância foram citadas as seguintes sugestões: “trabalhar mais para ter mais dinheiro”, “ter mais tempo para a família” e “ficar mais tempo em casa”. De acordo com as autoras, as diferenças entre respostas de homens e mulheres foram mínimas.

Podemos discutir então que a situação precária em nosso país em relação à nossa economia torna a questão financeira um problema importante nos casamentos, cujo impacto não deve ser negligenciado. O acesso a conforto e a uma vida financeira tranqüila, toma um grande espaço na vida da maior parte dos brasileiros – classe média,

trabalhadora e pobre. A precariedade dos serviços públicos na área de saúde, educação e seguridade social implica na manutenção do sentimento constante de fragilidade da família, que fica vulnerável e suscetível às instabilidades da conjuntura nacional. Tudo isso certamente tem um impacto sobre a satisfação conjugal.

(...) o contexto social no qual essa população se encontra (...) (é) marcado pela precariedade das relações de trabalho e de políticas públicas que prestem apoio à família e garantam certas condições para a atividade de ambos os cônjuges (Araújo e Scalon, 2005, p. 32).

No Brasil e em outros países latinos e em desenvolvimento a divisão das responsabilidades familiares é um ponto importante de discussão. De acordo com Lamas (2005), essa divisão gira em torno da responsabilidade de provisão – tradicionalmente vinculada aos homens – e atenção/cuidado – tradicionalmente vinculada às mulheres. Em países como o nosso, onde o Estado cumpre precariamente com suas responsabilidades de educação, saúde e seguridade social, todas as responsabilidades tradicionais se mantêm focalizadas na família, mesmo que as circunstâncias sejam diferentes na contemporaneidade. Isso implica em que, se há algumas dúzias de décadas as mulheres estavam em casa cuidando das crianças, dos idosos e das pessoas doentes ou que necessitassem de cuidados especiais, a realidade agora é que as mulheres não têm mais tempo e nem saúde para fazê-lo, pois estão, igualmente ou mais, envolvidas no sustento financeiro da família.

Entretanto, a responsabilidade pelo cuidado continua sendo das mulheres. Assim, de acordo com Lamas (2005) um dos mais marcantes problemas relacionados ao desequilíbrio entre trabalho e família é a invisibilidade do problema. Enquanto alguns países estão muito envolvidos com pesquisas e estudos na área da associação trabalho-família, já distribuindo a responsabilidade com as organizações e a família, no Brasil lidamos com um duplo desafio: desenvolver estratégias individuais que, além de

colaborar com o casal, configurem resolução paliativa enquanto as mudanças nas políticas públicas e organizacionais aguardam prioridade na agenda política. Por outro lado, ao começarmos a apontar os benefícios que as organizações e a sociedade como um todo podem obter quando estas esferas da vida – trabalho e família - forem compatíveis, abrimos um canal de comunicação e chamamos atenção para a dimensão do problema, além de torná-lo mais visível para todos os responsáveis: Estado, iniciativa privada e trabalhadores e trabalhadoras.

Capítulo II

Principais Dimensões da Vida Conjugal

Discutimos nos tópicos anteriores que o casamento passou e continua passando por profundas transformações. Também mostramos que, como reflexo dessas mudanças, aparece a diversidade de novas estruturas e arranjos. Relacionamentos conjugais são tipos especiais de vínculos, com características próprias, que conferem aos envolvidos a possibilidade de organização e reconhecimento identitário e social. Tais características possibilitam que diferenciemos outros relacionamentos diádicos – como fratrias, pais e filhos, amigos - do relacionamento conjugal. Longe da desintegração do relacionamento conjugal ou de uma aversão crescente a esse tipo especial de vínculo afetivo-sexual, apontamos que as pessoas querem construir relacionamentos conjugais satisfatórios, configurando, este último adjetivo, um ponto central dos casamentos e dessa pesquisa.

1. Casamento: A Promessa da Própria Felicidade?

Casamento e satisfação foram ao longo da história do ocidente ficando estreitamente interdependentes. Carter e McGoldrick (1995) ressaltam que o casamento se tornou, inclusive, um ritual de passagem da vida jovem à vida adulta, de uma vida incerta para uma vida organizada e próspera, da solidão para a construção de uma estabilidade afetiva: ou seja, foi associado a uma oportunidade de melhora de vida, à possibilidade de obtenção de satisfação e/ou felicidade plena.

Outros teóricos e pesquisadores compartilham dessas idéias. Mauricio Knobel (1992) define o casamento, em nosso meio e nossa estrutura político econômica, como uma resultante social que satisfaz necessidades básicas do indivíduo como entidade que

integra a sociedade. Constitui a culminação de uma etapa do ciclo vida e tende à satisfação mútua de duas pessoas. Aponta para o fato de que a maioria dos contos de fadas que passamos para as crianças falam do casamento como um ápice de felicidade e um ponto crucial da vida. Mas a maioria fala do ato do casamento – casaram-se e foram felizes para sempre – sem apontar para direções que norteiem a construção e manutenção dessa suposta satisfação eterna, ou mesmo que nos digam o que seja esta satisfação.

Gikovate (1982) expressa em seu trabalho essa mesma idéia de idealização do vínculo conjugal da seguinte forma:

o casal que vive esta plenitude sentimental – intensidade de sinceridade e de paz que só os amantes costumam conhecer – que não se opõe em nada à liberdade de cada um, que tem no outro um conselheiro confiável e idôneo, se não tiver problemas de saúde e nem de natureza material básica, estará o mais próximo possível do que se chama de felicidade humana (p. 148).

Para Dias (2000) o casamento contemporâneo tem algumas características determinantes: é principalmente baseado na busca da felicidade, satisfação e amor. O desejo intenso de estar com o outro motiva o casamento e determina a escolha do parceiro, pois os indivíduos esperam encontrar nestes relacionamentos uma compatibilidade “afetiva, sexual e intelectual”, fatores que determinarão a continuidade do vínculo. A compatibilidade sexual é vista como o índice que determina a qualidade, permanência e saúde da relação, índice seriamente observado com expectativa e questionamentos, já que as baixas no desejo sexual podem ser encaradas como significando que algo não vai bem com a relação ou com os parceiros nela envolvidos.

Já Jablonski (1995) evidencia que um dos principais elementos responsáveis pela crise do casamento contemporâneo é a idealização do amor-paixão. Para ele, o relacionamento amoroso pode ter início em uma torrente de paixão, mas para durar e

sobreviver, deve desenvolver-se no sentido do companheirismo. O problema é que para muitas pessoas isso não é possível pois, ao perceberem o declínio da sua paixão pelo/a companheiro/a, rapidamente começam a questionar os sentimentos e/ou dissolver os seus casamentos. Para essas pessoas esse declínio não é visto como uma mudança no sentimento ou como mais uma etapa do processo de desenvolvimento relacional, mas sim como uma evidência de que “o amor acabou”. Não conseguem perceber, como afirma Jablonski, que se o amor-paixão é o responsável pelos casamentos atuais, é ao amor-companheiro que cabe a missão de mantê-los. Mas como a cultura do século XXI qualifica o primeiro como o símbolo do verdadeiro amor, então as dificuldades conjugais não demoram a aparecer.

Pesquisa realizada por Jablonski (1996) ilustra bem a existência desse dilema. Frente ao questionamento sobre o que, na opinião dos entrevistados, faz o casamento durar, os jovens solteiros colocaram o amor em primeiro lugar. Já os que já haviam passado por algum tipo de experiência conjugal deixaram o amor em segundo lugar. Para estes, não é o amor, mas o respeito mútuo – bem próximo do amor – que faz inicialmente uma união durar. Companheirismo, confiança, sexo, comunhão de idéias, certos traços de personalidade e sorte foram outros fatores citados como relevantes por ambos os grupos.

O curioso é que o grupo dos solteiros foi o único a colocar o amor em primeiro lugar. Para eles a crença popular de que “só o amor constrói” é um bordão pertinente a todos os relacionamentos. Para Jablonski (1995) os solteiros esqueceram que qualquer construção - seja ela de pontes, prédios ou relacionamentos – sem a manutenção adequada, tende a ruir em pouco espaço de tempo. Assim, conclui ele, que se “só o amor constrói”, apenas elementos essenciais como o companheirismo, o respeito mútuo, entre outros, podem manter o que foi edificado em boas condições de funcionamento. O

difícil é convencer os jovens da importância da manutenção, pois para eles só a parte da construção importa. Por isso, ao serem questionados sobre a falência do casamento dos pais – quando foi o caso – eles alegaram que “com eles será diferente”, pois haverá muito amor em suas uniões. Influenciados pela cultura que exagera na valorização do amor-paixão como algo extremamente indispensável para a conservação do relacionamento, esses jovens ainda se deixam levar facilmente pelo mito do amor romântico.

Jablonski (1995) acredita que, nesse sentido, o amor pode ser a causa tanto da união quanto da desagregação do casamento contemporâneo. Sustentar um casamento sobre um sentimento idealizado e efêmero é ignorar que a união conjugal, com todas as suas implicações, dificuldades, renúncias e obrigações, requer uma edificação sobre bases sólidas e firmes, como as de uma rocha. Não apenas em termos de sustentação das dimensões pessoais, diádicas e sociais envolvidas no casamento, mas sobretudo pela característica extremamente arenosa e desafiadora da contemporaneidade.

Paradoxalmente, o casamento – ou a união conjugal estável – representa uma construção em um momento social de desconstruções e reconstruções. Afinal, depois do “felizes para sempre” de toda história de amor, vem o dia-a-dia rotineiro e prático que demanda muito mais que juras de amor, poesias e noites ao luar. Urge o “príncipe e a princesa encantados” saírem dos contos de fadas e tornarem-se, sobretudo, homens e mulheres - ou talvez guerreiros/as - sem fantasias e idealizações impossíveis, mas companheiros de jornada e de batalha pela sobrevivência e manutenção do vínculo e/ou da vida.

A vinculação da felicidade humana ao casamento, como já discutimos em capítulos anteriores, é relativamente recente para a humanidade. A adoção de modelos ideais de casamento pode ser um obstáculo para a qualidade relacional dos casais, como

já vimos, pois na medida em que não conseguem atingi-lo ou que surjam problemas que estão fora do repertório conhecido, o casal se vê perdido, anormal e patológico – muito distante da felicidade prometida pelo ideário cultural. Para Andolfi (1992), a distância entre o casamento vivido – real – e o modelo hegemônico de casamento feliz, representa um problema: o casal moderno sofre porque não se sente à altura da própria tarefa. Quer viver de acordo com a imagem ideal: harmonia, união e firmeza, em uma época em que se vê obrigado a acrescentar os ideais da sociedade pós-industrial: eterna juventude, sucesso pessoal e profissional, e riqueza. Uma imagem luminosa e, freqüentemente, não filtrada, mas trespassada por uma aguda consciência do difícil processo de desenvolvimento dos sexos, da busca da integração de valores, tais como a responsabilidade para com os outros e o respeito para consigo mesmo, em um contexto de crescimento e intercâmbio entre iguais. Segundo o autor, pesquisas têm mostrado que em toda união conjugal existem dois casamentos: o dele e o dela, que nem sempre coincidem, o que pode tornar difícil a tarefa de um relacionamento satisfatório.

A reflexão de Andolfi (1992) nos aponta que o casamento possui significados diferentes para homens e mulheres. Carter e McGoldrick (1995) colocam que para as mulheres a expectativa em relação ao casamento é maravilhosa, enquanto que para os homens parece algo temeroso. Podemos observar isso em vários momentos na sociedade. Seja no ritual de “pegar o buquê da noiva para ser a próxima a casar”, seja na preparação do enxoval, na despedida de solteiro – tradicional festa masculina onde há alusão ao sexo com outras mulheres e a diversão com prazeres “proibidos” após o casamento – seja na idéia de que as mulheres se relacionam para casar e os homens se relacionam para ter sexo. Apesar da expectativa das mulheres tradicionalmente girar em torno da maravilhosa vida de casada e, por outro lado, a expectativa do homem de que sua liberdade irá acabar e as responsabilidades irão aumentar, a realidade mostra-se

contrária a essas expectativas. Pesquisas têm mostrado que o casamento tem um efeito deletério sobre a saúde das mulheres, enquanto promove uma incrementação tanto da saúde física quanto mental para os homens (Mc Goldrick, 2001; Carrére, 2002, Diniz, 1999, Ribeiro, 1988, entre outros).

O casamento, segundo McGoldrick (2001)

provoca maior debilidade às mulheres que aos homens, enquanto que mulheres solteiras gozam de melhores níveis de saúde que os homens, acredita-se que dado as constantes exposições sofridas pelas mulheres diante do enfrentamento conjugal, como pelo crescente nível de stress vivenciado pelos múltiplos papéis (p. 101).

Algumas mudanças e flexibilizações são vistas atualmente, como a realização das atuais despedidas de *solteira*. Mas não há dúvida de que o casamento ainda soa como uma arquitetura feminina para prender os homens, o que denuncia a diferença de poder a qual, já aí, se vê instalada. O homem, à sua vontade, quando quiser, fará a boa ação de casar com a mulher – já que ela tanto deseja essa dádiva.

Tal situação merece uma crítica ao exercício desigual e permanente de poder. A corrente feminista de terapia familiar aposta na idéia de que os relacionamentos saudáveis são baseados na igualdade e companheirismo. Esta igualdade, no entanto, não pretende excluir toda forma de hierarquia, como é o caso da hierarquia geracional, por exemplo. Sugere que a elaboração desta igualdade relacional depende da presença de um grau elevado de respeito por si e pelo outro; da reciprocidade do compromisso com o bem-estar que cada um propicia ao outro; e com a vontade de abdicar das tentativas de exercer poder coercitivo no relacionamento (Rampage e Avis, 1998).

Cabe mencionar que a mulher, além de exercer, os papéis tradicionais na união conjugal, passou a compartilhar ou assumir capacidades e habilidades que antes eram tipicamente ou exclusivamente masculinas. Dentre os fatores que sobrecarregavam o

homem, merecem destaque: ser o principal responsável pelo sustento da família; tomar a iniciativa nas situações de conquista sexual e ser o responsável pelo prazer sexual feminino; tomar todas as iniciativas quanto ao crescimento profissional. Parece que a mulher de hoje divide com o homem muitas dessas responsabilidades, mas a recíproca está longe de ser verdadeira, como mostram os resultados de algumas pesquisas (Perlin, 2001; Jablonski, 1996).

Agora que estão questionando as diferenças e adentrando em áreas das quais foram excluídas ou foram compulsoriamente colocadas, as mulheres têm se mostrado exigentes em seus critérios de satisfação conjugal e em relação à satisfação com o comportamento masculino de forma geral, seja na área sexual, afetiva, profissional, entre outras. Enfim as mulheres estão questionando mais os homens. Elas tendem a não aceitar comportamentos de desleixo; ressentem-se com demonstrações de negligência na administração da vida doméstica – incluindo cuidado com os filhos, compras, etc; estão atentas ao seu desempenho sexual, exigindo fidelidade, companheirismo, amizade, ou seja, investimento na relação.

Outro dado importante que pode denunciar a maior insatisfação feminina com o casamento é o fato de que a maior parte dos pedidos de dissolução de casamento é feita por mulheres (Jablonski, 2001). De acordo com as Estatísticas do Registro Civil 2004 (IBGE, 2005) a proporção de mulheres que requer a separação (71,5%) é substancialmente superior à dos homens (26,5%). Fatores como maior independência, maior grau de auto-estima, e o senso de competência obtidos no exercício profissional permitem às mulheres optarem por deixarem a relação com mais facilidade no mundo contemporâneo, principalmente quando a mesma não é percebida como satisfatória. Tudo isso leva a crer que os critérios envolvidos na avaliação do casamento e o nível de exigência em torno do relacionamento conjugal sejam diferentes entre homens e

mulheres.

Fato é que encontramos na literatura, diversas referências a respeito de casamento e satisfação no casamento. Algumas relacionam satisfação a um modelo tradicional e idealizado de casamento, onde há uma espécie de fórmula pré-estabelecida a qual deve ser buscada pelos casais que assumem tal relação. Aquela velha frase dita na igreja, ilustra bem o assunto quando coloca o casamento como uma obrigação cujos termos contratuais são imutáveis independente da situação vivida pelo casal: “amor, na saúde e na doença, na riqueza e na pobreza, até que a morte os separe”. A promessa é feita, mas nenhuma fórmula ou estratégia é passada para que os casais consigam cumprir esta façanha. O ciclo de vida familiar, o momento político e econômico, a saúde, a situação financeira, entre outros vários fatores, influenciam diretamente no amor e na experiência relacional conjugal, conferindo à promessa feita no ato do casamento uma rigidez e uma dimensão irreal.

O modelo ocidental de felicidade também contribui para a construção de um ideal de casamento inatingível. Esse modelo é estático, voltado ao consumismo, limitado, definido em categorias, estando muito relacionado à juventude, à situação financeira e status social. Felicidade, assim, relaciona-se ao que é difundido na mídia: ter dinheiro, ser bonito, ter saúde e ser amado, sendo que cada um destes componentes também atende a ideais culturais preestabelecidos. Sendo este o referencial reproduzido na sociedade para construir o *casamento feliz*, é praticamente impossível vivenciar o casamento sem dilemas, conflitos e frustrações. Talvez um dos maiores equívocos acerca do casamento tenha sido a frase: “casaram-se e foram felizes para sempre”. Isto porque a satisfação no casamento depende de fatores complexos e plurideterminados, que levam em conta aspectos pessoais, culturais, sócio-econômicos, ecológicos, entre outros. Além disso, o casamento implica em processo de desenvolvimento, em fases, em

processos co-contruídos pelos parceiros ao longo do ciclo de vida da pessoa e da família.

A satisfação é um elemento fundamental em um relacionamento interpessoal. Revisão da literatura sobre o tema revelou que existe verdadeira diversidade de definições do que seja a satisfação no casamento (Diniz, 1993; Falcke, Diehl e Wagner, 2003). Diniz (1993), em seu trabalho de doutoramento, chama a atenção para a complexidade de se pesquisar a satisfação no casamento.

Muitos termos são usados na literatura para qualificar um casamento. Os mais freqüentes são: **satisfação conjugal**, **satisfação matrimonial** (Burke e Weir, 1976; Schram, 1979; L' Abate e Goodrich, 1980; Yogev, 1982; Burnett, 1987; Ray, 1988), **estabilidade matrimonial** (Hicks e Platt, 1970; L' Abate e Goodrich, 1980; Thomas et al., 1984), **qualidade matrimonial** (Thomas et al., 1984), **ajuste matrimonial** (Hicks e Platt, 1970; Burke e Weir, 1976; Spanier, 1976; Schram, 1979; L' Abate e Goodrich, 1980; Burnett, 1987; Finchan e Bradbury, 1987), **felicidade matrimonial** (Hicks e Platt, 1970; Bailyn, 1970; Burke e Weir, 1976; Schram, 1979; L' Abate e Goodrich, 1980; Finchan e Bradbury, 1987) **sucesso matrimonial** (Hicks e Platt, 1970; Schram, 1979; L' Abate e Goodrich, 1980; Finchan e Bradbury, 1987), **consenso matrimonial** (Finchan e Bradbury, 1987), **integração matrimonial** (Finchan e Bradbury, 1987) (Diniz, 1993, p. 51).⁶

Essa grande variação na terminologia gera dificuldades para comparar resultados de distintos estudos e produz um grande desafio para pesquisadores: saber até que ponto esses termos são sinônimos ou representam modelos distintos de compreensão da relação conjugal. Essa polêmica está longe de ser resolvida. Entretanto, a maior parte da literatura estudada aponta a satisfação no casamento como um fator fundamental na vida de um casal. A relevância da questão associada à sua complexidade faz da distinção entre um casamento satisfatório e um insatisfatório um dos problemas de pesquisa mais

⁶ Grifo nosso

antigos na literatura sobre o casamento (Gottman e Krokoff, 1989; Diniz, 1993), nos levando a encontrar diferentes enfoques, achados e definições em relação a casamentos satisfatórios.

O trabalho de Dela Coleta (1989) é um exemplo. Utilizando uma perspectiva da psicologia social a autora entende a satisfação como uma reação subjetivamente experienciada no casamento; como uma atitude a respeito do próprio relacionamento conjugal; e como o resultado da diferença entre a percepção da realidade do casamento e as aspirações que os cônjuges têm para a relação.

Falcke e cols. (2002), utilizando uma perspectiva clínica, colocam que a satisfação conjugal é afetada por fatores conscientes e inconscientes - aspectos internos da psique - e também por fatores do meio ambiente. Dentre os fatores que afetam a satisfação os autores apontam o sexo; o grau de escolaridade; o número de filhos e a presença ou não deles dentro de casa; o nível sócio-econômico e o tempo de casamento.

Grey-Little e Burks (1983) atentam para a diferença de percepção de cada membro da díade acerca de seu casamento. Para estes autores a satisfação conjugal ou felicidade conjugal refere-se tanto à “satisfação subjetiva dos esposos com o casamento como um todo, assim como à sua satisfação com aspectos específicos do relacionamento conjugal” (p. 516). Os autores abrem a possibilidade de análise do casamento como um processo composto de várias facetas, e ampliam a definição de satisfação para além de perfeição, já que admitem que a satisfação ou a insatisfação estejam relacionadas a apenas alguns aspectos da experiência da díade.

Matos (2000), em seus estudos sobre casamentos heterossexuais e homossexuais, apresenta a conjugalidade satisfatória como uma forma possível de gestão compartilhada da sexualidade e dos afetos, onde ideologias e práticas diversas de amor conjugal e gênero se expressam e realizam positivamente. Um lócus ou uma cena

onde situam as trocas afetivas, sexuais e cognitivas entre os sexos.

De acordo com Wachelke e cols. (2004) a satisfação conjugal está inserida no contexto dos estudos sobre a qualidade dos relacionamentos amorosos. Há diferentes maneiras de conceituar aspectos qualitativos dos relacionamentos, o que suscita o surgimento de diversas abordagens no que diz respeito às formas de mensurar e relacionar os construtos referidos (Fletcher, Simpson & Thomas, 2000).

Para Arriaga (2001), que faz referência à teoria da interdependência de Kelley e Thibaut, a satisfação que um indivíduo possui acerca de um relacionamento está ligada a uma avaliação individual da positividade que existe no relacionamento. Nesses casos, uma pessoa pode ser considerada satisfeita com seu relacionamento quando os produtos de uma relação superam o que é esperado dessa relação. A satisfação com o relacionamento aumenta quando há maior envolvimento emocional das pessoas que se relacionam, bem como maior confiança, abertura para comunicação e interdependência (Sanderson & Cantor, 1997; Rubin, Hill, Peplau & Dunkel-Schetter, 1980; Hendrick, 1981).

Rusbult (1983) trata a satisfação conjugal de forma semelhante a Arriaga (2001), ao propor um modelo teórico para o envolvimento romântico que se assemelha a um esquema econômico de perdas e ganhos. Para a autora, a satisfação corresponde às recompensas percebidas no relacionamento menos os custos despendidos no mesmo, num contexto de comparação. Dessa forma, uma pessoa com baixa exigência, que derive mais ganhos que perdas pessoais de seu relacionamento, pode ser considerada satisfeita com sua relação amorosa.

Por outro lado, qualidade de relacionamento é um construto mais amplo que a satisfação. Trata-se de uma avaliação global subjetiva, feita pela pessoa, sobre seu relacionamento de casal (Fincham & Bradbury, 1987), ou seja, uma avaliação da relação

como boa, ruim, razoável, e assim por diante. De acordo com o modelo teórico proposto por Fletcher, Simpson e Thomas (2000), a qualidade de relacionamento pode ser predita com base em outros construtos de ordem hierárquica inferior, como, por exemplo, o compromisso com o relacionamento, a intimidade e a própria satisfação. Nesse sentido, a qualidade de relacionamento é percebida não corresponde à satisfação, embora esta exerça influência sobre aquela. A satisfação com o relacionamento é entendida como um componente do construto mais abrangente qualidade de relacionamento, que permite aos indivíduos julgarem com certa independência aspectos que refletem uma avaliação global da relação. Portanto, um relacionamento pode ser percebido por um indivíduo como bom (qualidade de relacionamento) mesmo que ele esteja pouco satisfeito com ele; afinal, outras dimensões da qualidade também têm peso na determinação da avaliação da relação.

Spanier e Lewis (1980) adotaram um conceito de qualidade conjugal amplo, incluindo variáveis ou fatores utilizados tradicionalmente na pesquisa sobre o casamento, tais como: comunicação, integração, ajuste, felicidade, e satisfação. Para eles, a qualidade conjugal é definida como “a avaliação subjetiva de várias dimensões do relacionamento de um casal” (p.826). Spanier utiliza o conceito de ajuste matrimonial como multidimensional, caracterizando-se como um “processo, cujo resultado é determinado pelo grau de incômodas diferenças conjugais, tensões no casal e ansiedade pessoal, satisfação conjugal, coesão diádica e consenso nas questões importantes para o funcionamento do casamento” (Spanier, 1976, p.127-128).

No presente trabalho satisfação conjugal será entendida como uma avaliação subjetiva do casamento, obtida após comparação do que é percebido no casamento com os modelos e expectativas construídos sobre os casamentos a partir da sociedade e cultura.

O fato de haver dificuldades em encontrar um único termo para lidar com a questão não limita pesquisadores e estudiosos em suas construções teóricas e problematizações. Pelo contrário, configura um alerta para a natureza complexa do fenômeno, não podendo impedir seu estudo, mas sim abrindo um caminho pelo qual se possa ampliar as formas de compreendê-lo.

2. Fatores e Características Associados a Casamentos Satisfatórios

A idéia de que o casamento é uma co-construção implica em que ele é móvel e processual. Se é construído, poderíamos ajudar os casais a construírem e desenvolverem casamentos satisfatórios. Assim, diversos pesquisadores se preocuparam e preocupam em analisar os casamentos satisfatórios.

Dentre os principais fatores para a promoção de um bom relacionamento entre homens e mulheres, Osherson (1992) elege a empatia como ingrediente fundamental. Para ele, empatia significa alguma manifestação que nos faça sentir ouvidos e compreendidos. Nos sentimos ouvidos quando nossas dificuldades e sentimentos são reconhecidos. Segundo esse autor o sentimento de que o marido apóia e compreende é um dos fatores mais importantes para a satisfação da mulher no casamento e para a ausência de conflitos sobre seu papel no relacionamento. Esse apoio conjugal compõe-se de uma série de atitudes, sentimentos e comportamentos que traduzem compreensão e amor.

Terezinha Féres-Carneiro (1988) em um estudo realizado sobre o casamento, sua dissolução, reconstrução e procura da terapia de casal, encontrou dados sobre diferenças significantes entre pares casados e recasados. Para a díade que está vivendo o primeiro casamento a dimensão da aliança assume um papel importante na escolha conjugal, assim como o relacionamento com as famílias de origem. Os pares recasados

dão valor especial à sexualidade para a escolha dos cônjuges, são mais flexíveis quanto à liberdade de possuir amigos individuais e de sair separadamente. Neste último grupo, a sexualidade apresenta maiores expectativas e demandas, além de aparecer de uma forma mais criativa. Os estudos de Terezinha Féres-Carneiro sobre o casamento têm focalizado, sobretudo, a aliança e a sexualidade como constituindo duas das mais importantes dimensões da vida conjugal. Por outro lado, como citado anteriormente, Bernardo Jablonski (2003) observou em uma de suas pesquisas que o sexo ocupava um lugar secundário no casamento dos participantes, estando o companheirismo e o amor como dimensões cruciais.

A percepção pessoal acerca do casamento e dos traços de personalidade, comportamentos e características pessoais dos parceiros, têm sido alvos de estudos para a abordagem da satisfação no casamento. Para alguns autores – Bowen (1976), Marília Della Coleta (1989), entre outros – fatores inerentes ao indivíduo estariam fortemente correlacionados com um casamento feliz ou infeliz.

Knobel (1992) aponta para a necessidade de se colocar a plenitude da convivência como um objetivo de vida e que para conquistá-la é preciso, pelo menos, respeito pelo outro – que pode ou não compartilhar nossas idéias. É preciso ainda carinho pelas pessoas que estão ao nosso lado e amor na coexistência pessoal, familiar e social. Constituído o casal, o respeito mútuo – especialmente referente às debilidades e defeitos da outra pessoa – a compreensão, a tolerância e o esforço constante para lograr superações contribuem para ultrapassar inconvenientes, atenuar dificuldades e realizar-se no amor.

Ao explorar o Modelo Processual de Virgínia Satir, Winter (1998) dá ênfase ao conjunto de “liberdades” apresentado pela terapeuta de família, chamado *Cinco Liberdades*, como elemento essencial para vivência de relacionamentos saudáveis e

plenos. São essas as cinco liberdades: a liberdade de ver e ouvir o que se apresenta agora, ao invés de algo que deveria estar sendo apresentado, ou que já foi ou virá a ser; a liberdade para dizer o que pensa e sente em detrimento do que deve sentir e pensar; a liberdade para dar vazão ao que sente o invés do que seria mais apropriado sentir; a liberdade para pedir o que se quer sem esperar por permissão para tal; e por último, a liberdade para assumir riscos por conta própria ao invés de escolher apenas a segurança.

Um fenômeno relativamente novo vem ocorrendo e foi observado nos estudos de Jablonski (2001): o conto do “casaram-se e foram felizes para sempre” está sendo substituído pelo “que seja eterno enquanto dure”. Assim, pessoas têm se engajado no que é chamado de monogamia serial (Jablonski, 2001, p.92), ou seja, durante a vida adulta, a pessoa se compromete em relacionamentos estáveis sucessivos. Casa-se por amor, por compatibilidade, entre outros motivos, mas quando se percebe que o amor acaba, parte-se para outro relacionamento logo após ou algum tempo após o relacionamento anterior.

O casamento visto sob uma perspectiva não idealizada, ou seja, com seus aspectos positivos e negativos, foi explorado por um casal de pesquisadores e psicólogos. Robert Lauer e Janet Lauer (1989) reconhecem que o casamento é uma metáfora para o amor, mas lembram que pode ser também uma dura prova que pode envolver sofrimento. Argumentam que o casamento nos capacita a descobrir todos os benefícios de um relacionamento íntimo, mas não constitui uma relação destituída de problemas. Para os casais que participaram de seus estudos – casais que consideram o casamento como algo positivo em suas vidas – o casamento não é um longo e maravilhoso vôo rumo à realização, mas uma das mais significativas experiências de sua vida – aquela que, pesados os prós e contras, provou ser um fator crucial para seu crescimento e para a qualidade de sua existência. Estes mesmos autores colocam que

não se deve ter a intenção de mudar o outro no casamento, e nem esperar que o casamento traga automaticamente um pacote de mudanças providenciais no cônjuge. Afirmam a existência de um processo de educação mútua no casamento, no qual cada um dos cônjuges interage ora como professor, ora como estudante. Nos bons casamentos, este processo ocorre através de uma adequação de comportamento. Portanto, para que o casamento dure e seja pleno, deve haver, por assim dizer, uma certa “reformulação” de ambos os cônjuges, que é não só possível como essencial. O importante da educação mútua é ajudar o outro a mudar de forma que os cônjuges sejam mais – e não menos – compatíveis.

Para Walsh (2002) para que um casal seja considerado saudável são necessários clareza de regras, de papéis e de comunicação. A autora adota a perspectiva batesoniana⁷ de comunicação na qual a comunicação possui duas funções diferentes: uma referente ao conteúdo de uma mensagem e outra referente ao nível de relação através do qual é definida a natureza da relação entre os dois participantes e o que é permitido nessa relação. Nas díades, cada membro desenvolve a sua própria definição da relação, que pode ser divergente ou similar à do outro.

Os vários fatores apresentados pela literatura como relacionados à satisfação no casamento são de inquestionável importância para o estudo das estruturas e dinâmicas conjugais. Ribeiro (1988) enfatiza a importância da incrementação de estudos sobre a satisfação no casamento, argumentando que as implicações dos casamentos insatisfeitos para a saúde física e emocional de homens e mulheres têm sido negligenciadas. Esta autora cita várias pesquisas onde as conseqüências de casamentos insatisfeitos mostram-

⁷ Gregory Bateson foi um antropólogo interessado no estudo da comunicação humana. Desenvolveu a idéia de que maneira como as pessoas se comportam é determinada pelas reações dos que os cercam. Descreveu a patologia como forma de comunicação e a terapia como forma de mudar deliberadamente essa comunicação.

se alarmantes. Suicídio, alcoolismo, depressão, ansiedade, apatia, aumento do risco de acidentes de trânsito, entre outros, são citados entre possíveis implicações relacionadas à insatisfação conjugal.

3. Avaliando a Satisfação no Casamento

O estudo do casamento tem-se realizado, geralmente, sob três perspectivas: ou do ponto de vista individual, ou do casal ou do ponto de vista sócio-histórico. Certamente essas perspectivas implicam em contextos diferentes de observação, apesar de estarem imbricados. Bowen (1976), Marília Della Coleta (1989) privilegiam os fatores inerentes ao indivíduo. Castells (1999), Giddens (1993), Reich (1988/1932)), entre outros, analisam a estrutura relacional casamento com uma perspectiva predominantemente sociológica e histórica. Pensam no casamento inserido em uma estrutura social mais ampla, criticam suas funções e papéis sociais, suas repercussões na organização da sociedade, pensam em seus contextos históricos e os desafios que as transformações ocorridas ou em processo implicam para a sociedade. Outros estudiosos, como Féres-Carneiro (2001), Jablonski (1996) e Diniz (1993, 1996, 2004), além de passearem pela dimensão social, enfatizam a representação e o significado do casamento na vida das pessoas. Os impactos identitários, as estratégias utilizadas nas relações conjugais, os desdobramentos em termos de qualidade de vida e saúde, mostram-se mais visíveis nesses estudos (Diniz, (1993, 1996, 2004).

Bucher-Maluschke (2003), em um trabalho onde analisa as relações conjugais, diferencia o que denominou eixos de análise do casamento. Um eixo refere-se aos cenários socioculturais, outro às relações conjugais e um terceiro refere-se às questões de gênero.

O fato é que vários estudiosos têm mostrado, através de diferentes abordagens e

diferentes ênfases teóricas e metodológicas dimensões do relacionamento conjugal que são comuns na maior parte dos casamentos. Não se trata aqui de um engessamento em modelos padronizados, mas sim, da observação de aspectos que têm-se mostrado importantes nos casamentos da sociedade ocidental e que, devido às origens históricas similares, e aos pontos de interseção promovidos pela crescente globalização produzem similaridades, respeitando as especificidades relativas a contextos culturais diferentes. Garcia e Tassara (2001) observam que, para que os problemas existam, é necessário um mapeamento socialmente subscrito do mundo vivenciado que os constitui como problemas que pedem soluções. Assim, com algumas especificidades e diferenças, autores têm apontado as dimensões mais importantes envolvidas no casamento.

Apesar das diferentes ênfases e abordagens podemos ver na literatura consenso sobre de algumas das mais importantes dimensões utilizadas para o entendimento da dinâmica conjugal. Como base para nossas discussões, utilizaremos o entendimento de Spanier (1976) acerca das principais dimensões da vida conjugal. Spanier utiliza o conceito de ajuste matrimonial como multidimensional, caracterizando-se como um “processo, cujo resultado é determinado pelo grau de incômodas diferenças conjugais, tensões no casal e ansiedade pessoal, satisfação conjugal, coesão diádica e consenso nas questões importantes para o funcionamento do casamento” (Spanier, 1976, p.127-128). Essas dimensões são utilizadas nesse trabalho como referências clássicas a partir das quais analisamos os casamentos atuais.

Spanier (1976), ao elaborar seu instrumento, coletou 300 itens presentes em instrumentos de avaliação de casamentos da época construindo o que, até a atualidade, é considerado um dos melhores e mais completos instrumentos de avaliação de casamentos, sendo citado por autores como Dela Coleta (1989), Diniz (1993), Wachelke (2004), Villas (2002), Rotheram e Weiner (1983), entre outros, e sendo validado de

utilizado em outros estudos e países (Norgren, 2004; .

Passadas aproximadamente 3 décadas da construção do instrumento questionamos se as dimensões continuam a apresentar a mesma importância que possuíam. Também nos interessa saber o quanto as características da vida contemporânea e a relação família-trabalho impactam nas dimensões ou mesmo apresentam novas dimensões a serem incorporadas na avaliação dos casamentos.

A proposta é levantar pontos que norteiem o entendimento da dinâmica conjugal de casamentos de duplo-trabalho, analisando as dimensões importantes na atualidade e as dimensões emergentes, desde as construções mais clássicas às atuais.

Encontramos na literatura, desde a década de 1950, varias posturas metodológicas utilizadas para a avaliação de satisfação no casamento, ora privilegiando um viés quantitativo, ora qualitativo. Além da dificuldade já mencionada acerca de uma uniformidade terminológica, pesquisadores adotam estratégias metodológicas diferentes para estudar diferentes temas dentro da área, muitas vezes com objetivos variados.

A adoção de instrumentos quantitativos é muito utilizada para explorar a frequência de ocorrência de fenômenos e comportamentos, para avaliar mudanças de percepções ou atitudes e para levantar idéias sobre a variedade de elementos presentes na dinâmica conjugal. Tais tipos de pesquisas também configuram e alimentam estudos geradores de hipóteses (Jablonski, 2003). Dentre o método predominantemente quantitativo, encontramos na literatura uma variedade de questionários, escalas e inventários (Dela Coleta, 1989; Perlin, 2001; Diniz, 1993).

Rusbult (1983) sugeriu uma escala de satisfação composta por três itens gerais no formato Likert de 9 pontos. A escala mede a satisfação geral de um relacionamento com itens que prezam por uma avaliação global, não ligada a comportamentos ou avaliações de aspectos específicos, mas, sim, ao relacionamento como um todo.

Semelhante à medida de Rusbult, no que se refere à quantidade, formato e natureza dos itens, é a *Kansas Marital Satisfaction Scale* (Schumm et al., 1986), também composta por três itens no formato escala de 9 pontos. Essa escala requer que o sujeito analise o quão verdadeiras são algumas avaliações gerais do relacionamento. A subescala *Global Satisfaction* da *Relationship Rating Form* (RRF) de Davis (1996) é maior, composta por quatro subescalas com três itens cada: sucesso, apreciação, estima e reciprocidade. Os itens têm formato do tipo Likert de 7 a 9 pontos.

Simpson (1987) mediu a satisfação com um parceiro de relacionamento através de 11 itens no formato de escalas Likert de 7 pontos, incluindo atração física, recursos financeiros, habilidade de prover apoio emocional, confiança, similaridade de atitudes e valores, compreensão, similaridades de interesses e atividades, atração sexual, proximidade e outros. Esses itens formaram uma escala de 11 componentes, com α de Cronbach 0,85. Além desses, existem muitos outros instrumentos, dentre testes e escalas, destinados a medir satisfação e qualidade de relacionamento, e mesmo medidas com um único item (Blum & Mahrbian, 1999; Hendrick, 1988; Nakano et al., 2002; Sanderson & Cantor, 1997). Lotte Bailyn (1970), uma das pioneiras na pesquisa dos relacionamentos de duplo-trabalho, utilizava a questão “considerando-se o conjunto de fatores que afetam um relacionamento, como você realmente se sente a respeito do seu casamento?” (p.103). As opções de resposta eram muito semelhantes às da questão 31 da DAS (Spanier, 1976).

Falcke e col. (2002), com o objetivo de avaliar a satisfação no casamento, utilizaram um inventario traduzido e adaptado para o português. O Inventario do Estado Conjugal de Golombok e Rust – o GRIMS⁸ possui 28 questões que examinam diversos aspectos da vida conjugal. O estudo contou com uma amostra de 45 casais. Jablonski

⁸ *The Golombok Rust Inventory of Marital State*

(1998, 2001, 2003) utiliza um questionário com diversas questões sobre o relacionamento conjugal, dentre elas, algumas que investigam a satisfação no casamento. Hernandez e Oliveira (2003) utilizaram em 146 casais uma escala proposta por Jemmott III et al. Villa (2002), adequando o Inventário de Habilidades Sociais – IHS de Del Prete e Del Prete, construiu o Inventário de Habilidades Sociais Conjugais, associando um bom repertório de habilidades sociais conjugais a casamentos satisfatórios.

Recentemente no Brasil Araújo e Scalón (2005) através de um *survey* nacional de atitude e opinião, estudaram vários aspectos das relações de gênero no âmbito da família, inclusive alguns aspectos sobre o casamento e seus vetores de felicidade. O *survey* consistiu em um questionário padrão que foi aplicado em duas mil pessoas. Norgren e colaboradores (Norgren e col., 2004) utilizaram a DAS para avaliar a qualidade de relacionamentos em casamentos de longa duração.

Ainda, existe a divisão entre os trabalhos que adotam a avaliação do casamento a partir da perspectiva individual - cada cônjuge - e há os que adotam a díade como unidade de análise, como foi o caso de Ziviani (2005). O pesquisador publicou uma proposta metodológica quantitativa para avaliação do casal como unidade de análise, através de geração de produtos interconjuges. O produto é resultado de procedimento estatístico que gera, a partir dos resultados individuais, um resultado para o casal.

Alguns pesquisadores têm utilizado instrumentos qualitativos para a avaliação da satisfação conjugal (Féres-Carneiro, 1995, 1998, 2001; Rocha-Coutinho, 2000; Garcia e Tassara, 2001; Matos, 2000, entre outros). De acordo com Rocha-Coutinho, as falas dos participantes permitem inferir sobre comportamentos esperados ou desejados e, além disso, permitem levantar informações importantes sobre os sistemas ideológicos subjacentes. Boa parte dos estudos utiliza entrevistas como instrumento e trata os dados

através de análise de discurso ou da narrativa.

A DAS - Escala de Ajuste Diádico

Em resultados anteriores obtidos através da utilização da DAS (Perlin, 2001), a maior parte dos homens e mulheres da amostra estava satisfeita em seus casamentos e disposta a investir para sua manutenção. Algumas perguntas, no entanto, ficaram em aberto a partir dos resultados obtidos. Dentre elas destacamos: como as pessoas avaliam seus casamentos? As dimensões incluídas nesse instrumento construído no final da década de 70 continuam relevantes nos casamentos atuais?

Essas entre outras problematizações levaram à utilização do mesmo instrumento, apontado pela literatura da área como clássico: a Escala de Ajuste Diádico – DAS (Diadic Adjustment Scale). Dela Coleta (1989) cita a Dyadic Adjustment Scale como um dos instrumentos mais utilizados na pesquisa a respeito de satisfação conjugal, além de apontá-lo como detentor de melhores características psicométricas.

A aplicação da DAS foi feita com os seguintes propósitos:

1. Configurar a base comparativa entre as principais dimensões tradicionalmente relacionadas aos casamentos - identificadas por Spanier (1976) através de exaustivo e conceituado estudo, o qual gerou a escala - e as dimensões que emergem na contemporaneidade;
2. Configurar parâmetro de inclusão de participantes na pesquisa;
3. Possibilitar a comparação entre um instrumento clássico e outra forma de avaliação, no caso, as entrevistas episódicas.

Cabe ressaltar que Spanier (1976) entende o conceito de ajuste matrimonial como multidimensional, caracterizando-se por um “processo, cujo resultado é determinado pelo grau de incômodas diferenças conjugais, tensões no casal e ansiedade

pessoal, satisfação conjugal, coesão diádica e consenso nas questões importantes para o funcionamento do casamento” (Spanier, 1976, p.127-128).

A escala foi desenvolvida para acessar a qualidade de casamentos e outros relacionamentos diádicos similares. A amostra original utilizada para o desenvolvimento da escala consistia de 218 pessoas casadas – sendo que a média de anos casados era de 13.2 – e 94 homens e mulheres divorciados. A DAS foi originada da fusão de itens que haviam sido utilizados em escalas de ajuste matrimonial ou conceitos relacionados, computando um número inicial de aproximadamente 300 itens. Estes itens passaram por um processo de seleção onde itens similares foram retirados e os restantes submetidos a três testes rigorosos de julgamento de validade. A escala, em sua forma final, é constituída por 32 itens divididos em quatro subescalas.

A subescala Consenso da Díade comporta treze itens (1, 2, 3, 5, 7, 8, 9, 10, 11, 12, 13, 14, 15). Após uma instrução para indicar através de uma escala o grau aproximado de concordância ou discordância entre a pessoa respondente e o respectivo cônjuge, são apresentados vários itens, como por exemplo “tarefas domésticas”, “quando tomamos decisões cruciais”, “quando lidamos com as finanças da família” (itens 13, 12 e 1).

Constituída por 10 itens (16, 17, 18, 19, 20, 21, 22, 23, 31, 32), a subescala Satisfação da Díade investiga questões como “você faz confidências a seu/sua parceiro/a?”, “com que frequência você e seu/sua companheiro/a brigam?” (itens 19 e 21).

A subescala Coesão da Díade abarca cinco itens (24, 25, 26, 27, 28). Um exemplo de item nessa subescala é: “você e seu/sua companheiro/a envolvem-se em atividades extra-familiares juntos?” (item 24).

A última subescala é a de Expressão de Afeto, composta por quatro itens (4, 6,

29, 30). São exemplos: concordância ou discordância quanto a “estar cansado demais para sexo”, “não demonstrar amor” (itens 29 e 30).

O escore total no teste é a soma de todos os itens da DAS, que permite uma variação de 0 a 154 pontos. A média é 114.8 e o desvio padrão é 17.8 na amostra original. Segundo Spanier (1976) as subescalas podem ser utilizadas separadamente. Testes realizados pelo autor apontaram que elas mantêm suas propriedades psicométricas, fidedignidade e sua validade. Em amostra brasiliense (Perlin, 2001) foi utilizado como ponto de corte a média geral obtida para homens e mulheres, 108.3. Para os homens a média foi 111.6, com desvio padrão de 18.49. Para as mulheres a média encontrada foi 106.5 com desvio padrão de 20.21. Para os casamentos considerados com bom grau de ajuste ou qualidade o escore geral deve ficar acima da média absoluta.

A seguir apresentamos cada dimensão – subescala - da DAS além de apontar, de acordo com a revisão da literatura, algumas outras dimensões importantes para o entendimento e estudo dos casamentos contemporâneos.

Consenso da Díade

Compartilhar idéias e perspectivas de vida é apontado na literatura como uma dimensão importante do casamento. No Novo Dicionário Aurélio da Língua Portuguesa encontramos a seguinte definição para a palavra consenso:

[Do latim consensu] S.m. Conformidade, acordo ou concordância de idéias, de opiniões. (Ferreira, s/d, p. 368)

Para Spanier (1976) a dimensão consenso da díade refere-se à concordância do casal a respeito da conduta frente a valores e normas sociais, organização das carreiras e tarefas domésticas, entre outros aspectos da vida conjugal que remetam à diversidade de condições de adaptação que a pessoa pode ser exposta em um casamento. Pessoas muito diferentes em relação às convenções sociais, à cultura de forma geral e com uma visão

de mundo e filosofia de vida muito diferentes podem viver dilemas em seus relacionamentos logo que a fase de idealização romântica acabe. Trata-se de uma dimensão muito importante, pois faz parte do compartilhamento ou não da constituição identitária e cultural das pessoas, além de estarem constantemente expostas à prova no cotidiano, exigindo constantemente ajustes e negociações.

Essa dimensão abrange questões como: finanças da família; diversão; assuntos religiosos; amigos; convenções sociais; filosofia de vida; formas de lidar com a família de origem; objetivos, metas e coisas consideradas importantes; quantidade de tempo passado juntos; tomada de decisões cruciais; tarefas domésticas; interesses e atividades nas horas vagas; decisões relativas às carreiras; representam exemplos de conteúdos cotidianos que exigem ajustes e flexibilizações, implicando em certo nível de concordância para que não gerem grau elevado de tensão e insatisfação no casamento (Spanier, 1976). Esses conteúdos são expressos na DAS através de itens em relação aos quais a pessoa deve avaliar o quanto o casal concorda ou discorda.

Em estudo anterior sobre satisfação no casamento, entre os fatores mais relacionados à satisfação geral no casamento, estava o compartilhamento de filosofias de vida (Perlin, 2001). Casais mais consensuais tendem a promover uma vida conjugal mais harmoniosa e com menos conflitos, o que não significa necessariamente mais feliz. Por outro lado, mesmo os casais cujos pontos de discordâncias sejam abundantes podem desenvolver flexibilidade e grau de comunicação suficientes para que os pontos de discordância sejam entendidos como diferenças e não se transformem em pontos de conflito – o que geralmente é muito difícil, mas possível.

Cabe questionar a colocação do senso comum que diz que “os opostos se atraem”. Isso pode até ocorrer, mas a durabilidade e a qualidade do relacionamento entre pessoas muito diferentes pode representar um desafio muito grande, implicando em

constante necessidade de ajustes, alto grau de flexibilidade e negociação. Isso porque, quando essas diferenças implicam em sacrifício ou produzem sentimento de que se está abrindo mão de si mesmo em detrimento do outro, a tendência é haver um aumento do sentimento de inequidade. O sentimento de desigualdade e injustiça, ou de ameaça à individualidade, tem sido considerado um dos grandes marcos da época atual.

Uma discussão que podemos levantar é que o a discordância não necessariamente implica em problema estando vinculada à capacidade das pessoas em conviver com as diferenças e exercitar a flexibilidade. Vaitsman (1994) observa que muitas pessoas já avaliam que o relacionamento não possui naturalmente características de eternidade e de complementaridade, e sim, envolve o exercício constante de equilíbrio, acordos e flexibilizações para lidar com várias questões. Pessoas com alguma experiência em relacionamentos conjugais duradouros - conseguem avaliar que frustrações são inevitáveis (Jablonski, 2003).

A própria antecipação de que os problemas provavelmente existirão e de que as pessoas são diferentes, pode ajudar na construção de relacionamentos saudáveis e duradouros, já que as expectativas podem ser mais realistas e menos ambiciosas. As relações adquirem assim a possibilidade de se construírem sem modelos rígidos, sendo as estratégias de manutenção do vínculo mais contextualizadas e adaptadas às diferentes demandas e circunstâncias.

Manter uma relação de equilíbrio entre uma estrutura estável e, concomitantemente, flexível em resposta às variações presentes na vida, permite ao casal um ajuste e/ou acordo em relação às diferenças individuais em vários aspectos da vida social e profissional. Walsh (2002) considera que entre os requisitos fundamentais para um bom funcionamento do casal estão a adaptabilidade e o equilíbrio de poder entre os cônjuges. A autora (Walsh, 2002, p.19), observa que casais bem sucedidos

“conseguem manter uma complementaridade diante das obrigações e, ao mesmo tempo, um sentido de igualdade e liderança compartilhada”.

Virgínia Satir fala sobre o casal e delinea componentes da conjugalidade que podem ser vistas como produtos de consenso:

Eles precisam aprender como expressar seus pensamentos, desejos, sentimentos e conhecimentos, sem destruir, invadir ou obliterar o outro, procurando ao mesmo tempo alcançar um resultado satisfatório, de interesse comum (Satir, 1977, 37).

A corrente feminista de terapia familiar aposta na idéia de que os relacionamentos saudáveis são baseados na igualdade e companheirismo. Esta igualdade, no entanto, não pretende excluir toda forma de hierarquia, como é o caso da hierarquia geracional, por exemplo. Sugere que a elaboração desta igualdade relacional depende da presença de um grau elevado de respeito por si e pelo outro; da reciprocidade do compromisso com o bem-estar que cada um propicia ao outro; e com a vontade de abdicar das tentativas de exercer poder coercitivo no relacionamento (Rampage e Avis, 1998).

A colaboração e a igualdade podem implicar, inclusive, em flexibilidade na adoção de posições diferentes de poder em diferentes situações, de forma que o poder seja traduzido mais como um *expertise* ou especialização do que como uma vantagem em relação ao outro ou uma posição autoritária. Assim, o casal pode distribuir ao seu modo a forma de colaboração de cada um na vida conjugal sem desqualificar ou sobrecarregar um ou outro. No contra ponto, o casal pode se beneficiar das habilidades, competências e conhecimento que cada um possui mais desenvolvido do que o outro, de forma a desenvolver um ambiente construtivo e colaborativo, onde são valorizadas as diferenças de forma positiva e não de forma desqualificadora ou competitiva. O casal não compete: forma um time.

A dimensão Consenso avaliada pelo instrumento clássico DAS engloba aspectos muito importantes da vida conjugal. Mas podemos pensar que além da questão acerca das discordâncias e concordâncias no casal, devemos levar em conta a forma como o casal as administra. Isso porque o instrumento faz um levantamento sobre a existência de pontos de consenso ou discordâncias, mas não avalia se as discordâncias representam conflitos ou diferenças que são administradas de forma positiva pelo casal. Como o casal lida com pontos não consensuais, a possibilidade desses pontos serem vistos como diferenças e não como conflitos, torna-se uma questão importante na análise dos casais na contemporaneidade. Principalmente pelo grande número de mudanças em papéis e em perspectivas de vida aos quais atualmente estamos espostos: principalmente os casais de duplo-trabalho

Coesão da Díade

No dicionário encontramos a seguinte referência à palavra coesão:

S.f. 1. União íntima das partes de um todo. 2. Fig. Harmonia, concordância, união. 3. Conexão, nexa, coerência (Holanda, s/d., p. 342)

Spanier (1976) entende a dimensão coesão da díade como o sentimento ou vivência de união e integração entre os cônjuges. Nessa dimensão estão presentes questões como: envolvimento em atividades extra-familiares juntos; frequência de troca de idéias estimulante; frequência de conversas calmas sobre alguma coisa; frequência com a qual trabalham juntos em um projeto; frequência com que riem juntos. Na DAS podemos observar que a coesão é medida através da frequência de determinadas atividades e comportamentos.

O enfraquecimento da coesão pode fazer parte de um processo complexo, onde fatores externos – compromissos com o trabalho e/ou carreira – e fatores relacionais ou individuais estão imbricados. Em seus estudos sobre relacionamentos extraconjugais,

Nabarro e Ivanir (2002) observaram que evitar a intimidade com o cônjuge pode provocar um distanciamento emocional e uma cegueira relacional, onde não mais nos interessamos pelo outro, deixamos de ser curiosos e não apresentamos mais entusiasmo no casamento. Segundo as autoras, esta brecha pode configurar terreno fértil para crises extraconjugais. A fragilidade da coesão do casal pode levar à dissolução de vários sentimentos que constroem e participam da manutenção da conjugalidade, entre eles, o pertencimento, aconchego, segurança, cumplicidade, entre outros.

Para Matos (2000, p.168) o sentimento de cumplicidade é fundamental na experiência de qualquer parceria e é ingrediente indispensável para que ela se solidifique e se mantenha. Pode incluir códigos comuns à vida a dois como: assovios do casal, músicas que remetam a algum acontecimento, certo tipo de olhar ou forma de pegar na mão, roupas, etc. Tais códigos começam a sustentar as bases mais concretas do sentimento de cumplicidade. Sua pesquisa sobre casamentos contemporâneos aponta que todos os códigos são como teias para amarrar e fisgar afetiva e cognitivamente o outro.

Matos (2000) coloca que o desenvolvimento da conjugalidade há um processo de construção ou reconstrução de códigos e de compartilhamento dos esquemas de interpretação da linguagem do casal. Sinais como suspirar de forma que o outro saiba que o ambiente está incomodando, bater a porta do carro como sinal de discussão ao entrar em casa, roer as unhas como sinal de ansiedade, sentar-se sozinho no escuro significando necessidade de carinho, entre outras, se devem à tentativa de tornar estável e previsível a reação do outro. São como tentativas de estabelecer respostas rápidas e seguras às próprias demandas, com funções como:

- Procedimento de acolhimento, proteção e atitude de receptividade, amparo;

- Sinalização de que se foi bem sucedido na intenção de ferir, magoar ou “acertar no alvo” das emoções do outro;
- Os sinais podem ainda serem negados como forma de sinalizar desconforto, desconfiança, medo, ressentimento, etc.

Matos observou também uma espécie de linguagem íntima: apelidos, modo de falar, comunicações cifradas, lembranças e marcos na história amorosa. Para a autora isso reflete a necessidade de manter na memória compartilhada pela parceria, experiências em comum que resgatem o vínculo amoroso e pertençam apenas a elas. São confirmações de um espaço que é apenas do casal, construído por ele e que reforça o sentimento de pertencimento, o sentimento de união.

Para Walsh (2002) a dimensão coesão refere-se à proximidade e ao sentimento de conexão e intimidade percebidas pelo casal. A autora coloca que há um compromisso partilhado com a relação e sua continuidade e, assim, é preservada uma espécie de fronteira envolvendo a díade com vistas a prevenir a intrusão por parte de outros e/ou a ruptura do vínculo. Em casamentos mais tradicionais a esposa tende a ser a principal responsável pela manutenção da coesão, geralmente abrindo mão de sua individualidade para adaptar-se às prioridades do esposo. Nos casamentos de duplo-trabalho, devido principalmente aos compromissos profissionais e familiares, sobra pouco espaço para a manutenção ou cultivo da conjugalidade. Assim a sensação de proximidade e intimidade pode sofrer danos qualitativos quando um membro da díade avalia que o outro está mais envolvido com os compromissos ou projetos profissionais e/ou individuais do que com os compromissos com o cônjuge.

Isso nos leva a problematizar a forma como a DAS avalia a dimensão coesão, principalmente em relação aos casais de duplo-trabalho. Esses casais vivenciam dilemas temporais: desafios e demandas relativas ao tempo disponível para os diversos setores

da vida (Fraenkel e Wilson, 2002). Como a DAS utiliza a frequência de eventos relacionados à coesão para avaliar essa dimensão pode estar, na verdade, avaliando outro construto ou mesmo outra dimensão: o tempo ou a falta dele.

Expressão de Afeto

A dimensão expressão de afeto (Spanier, 1976) refere-se à percepção subjetiva acerca da concordância ou discordância do casal em questões relativas à forma e frequência de demonstrações de carinho, afeto e desejo sexual. Na DAS essa dimensão se expressa através de quatro itens: grau de concordância ou discordância em relação às demonstrações de afeto e relações sexuais e, em relação às duas últimas semanas, se o casal apresentou problemas em relação a estar cansado demais para sexo e a não demonstrar amor.

O Dicionário Aurélio da Língua Portuguesa apresenta as seguintes referências às palavras expressão e afeto, respectivamente

S.f. 1. ato de espremer, suco de fruta (...). 2. ato de exprimir(-se). 3. Enunciação do pensamento por meio de gestos ou palavras escritas ou faladas (...). 8. representação, manifestação.

S.m. 1. Afeição, simpatia, amizade, amor. 2. Sentimento, paixão. 3. objeto de afeição.

Apesar de afeto não relacionar-se diretamente a sexo, Spanier colocou-os na mesma subescala com uma representação pequena de escores na DAS. Como estão imbricados esses aspectos na atualidade? Talvez possam ser separados.

Walsh (2002) refere-se à expressão das emoções como uma dimensão vital no relacionamento dos casais. Para a autora cada casal deve chegar a um acordo sobre como exprimir reciprocamente sentimentos de amor, afeto e cuidado. Discordâncias e mal-entendidos nessa área geralmente são fontes de tensão e insatisfação.

A autora chama atenção para o fato de que homens e mulheres possuem uma visão diferenciada quanto à expressão de afeto. Com origem no modelo tradicional de casamento e na construção milenar de identidades e papéis de gênero, é comum que as mulheres reclamem da falta de carinho e afeto por parte dos companheiros, e que os homens reclamem da falta de interesse sexual das esposas. Geralmente para as mulheres carinho e sexo estão muito ligados: quando se sentem ignoradas, maltratadas, desvalorizadas ou não-amadas, tendem a recusar sexo e podem até mesmo terem seu desejo sexual diminuído. Já os homens tendem a achar que fazer sexo é uma forma de “cuidar” da relação, superar mágoas e mal entendidos. Algumas vezes desvinculam afeto e sexo, utilizando o prazer sexual como uma forma de aliviar a ansiedade.

Os homens geralmente pensam que a melhor forma de demonstrar afeto é provendo economicamente a família. Secularmente o casamento, o afeto e o sexo, principalmente para o homem, não estiveram ligados. A bola de neve se instaura comumente, quando o homem dedica-se muito ao trabalho para ser valorizado pela mulher, que sente que está cada vez mais sendo abandonada. Negando carinho, cuidado e sexo para o homem, este pode sentir-se insatisfeito: ambos não entendem muito bem o ciclo que se instaura e se mantêm. Tal falta de entendimento e acordo quanto às diferentes necessidades afetivas e sexuais pode gerar um quadro crônico de insatisfação ou mesmo o rompimento da relação.

A integração afeto-sexo como uma tendência das mulheres foi observada por Féres-Carneiro (2003) em seus estudos sobre casamentos. Nas suas investigações os homens geralmente valorizam mais o sexo do que as mulheres, que demonstraram maior necessidade de integrar sexo e afeto, além de valorizarem mais a qualidade da relação como um todo.

Geralmente o sexo é uma dimensão na vida do casal que sofre inúmeras

pressões e que é afetado por muitas variáveis, como rotina, dificuldade de expressão sexual satisfatória relacionada a diferenças individuais e culturais, dificuldade em organizar tempo para a intimidade sexual no casal, cansaço e fadiga física e psicológica, entre outras. Silvestri e Taubman (1997) apontam que um declínio crescente da atração sexual pelo/a parceiro/a pode significar a expressão de que algo não vai bem no relacionamento. Apesar de reconhecerem que a frequência e qualidade da experiência sexual podem variar nos relacionamentos conjugais estáveis, quando a ausência de sexo se torna crescente e estende-se por um longo período de tempo, pode representar problemas graves no relacionamento.

Em caminho similar, Wagner, Diehl e Falcke (2002) colocam a sexualidade como uma dimensão muito importante nos casamentos contemporâneos. Justificam tal posicionamento a partir da reflexão sobre o papel diferenciado que a sexualidade possui na atualidade além de considerarem que o relacionamento sexual é o que diferencia a relação conjugal de outros tipos de relações. Para as autoras os casais estão muito “propensos a exigir relacionamentos sexuais de qualidade em seus casamentos, além de não abrirem mão de todo prazer que o ato sexual pode oferecer” (p. 177). Sugerem que a avaliação da satisfação conjugal envolve diretamente a avaliação da satisfação sexual, mesmo que admitam que para alguns casais esta interação possa não ter tanta importância.

A relação sexual – atualmente desvinculada da função essencialmente reprodutiva de outrora – pode envolver uma troca de amor, afeto, sensualidade e prazer. Sendo as relações ocidentais basicamente monogâmicas e estando hoje o sexo - tanto para homens como para mulheres – entre as principais dimensões da vida individual e cultural, espera-se que o espaço conjugal seja o local ideal para sua vivência e expressão. Se o sexo com qualidade não puder ser experienciado no casamento,

podemos encontrar lacunas individuais e relacionais a serem preenchidas. Nabarro e Ivanir (2002), discutindo sobre relacionamentos extraconjugais, apontam a dificuldade ou negligência na expressão física de amor, afeto e/ou desejo sexual, como local profícuo para surgimento de crises extraconjugais. A vivência da sexualidade saudável expressa qualidade de vida individual. Assim sendo a relação sexual está estreitamente relacionada com satisfação no casamento, tratando-se atualmente de um forte indicador da qualidade de vida conjugal também.

Há contra pontos a essa perspectiva. Em seus estudos sobre casamentos contemporâneos, contrariamente ao que nos aponta grande parte da literatura, Jablonski (2003) encontrou indicadores de que para os casais adultos, o sexo não é percebido como uma das mais importantes dimensões de seus relacionamentos. O *sexo* foi considerado apenas em 5º lugar como fator responsável pela manutenção de um casamento. Na pesquisa desse autor com 152 respondentes de um questionário aplicado em indivíduos da classe média carioca, sendo 60 homens (37 casados e 23 separados) e 92 mulheres (sendo 60 casadas e 32 separadas), o *respeito mútuo*, ficou em 1º lugar, seguido respectivamente de *amor*, *companheirismo* e *confiança*. O autor discute que, apesar da posição que o sexo ocupa hoje em termos de visibilidade social, ele não foi muito valorizado no cotidiano conjugal dos participantes de sua pesquisa.

Assim como Jablonski, Diehl (2002) observa que papéis, funções e significados atribuídos ao sexo hoje em dia ultrapassam a intimidade e a vivência dos relacionamentos estáveis para estar na ordem do dia. Aponta que a forma como a sociedade lida com o sexo o coloca em uma dimensão quase que irreal, gerando expectativas inalcançáveis e, conseqüentemente, frustrações. O sexo é tratado como uma maratona, como uma experiência relacionada ao alto desempenho, estreitamente vinculado às exigências culturais veiculadas e multiplicadas pela mídia. Assim,

proliferam os grandes segredos sobre o novo ponto do prazer, sobre posições sexuais que garantam o prazer, sobre fórmulas e remédios para orgasmos intensos, entre outras ofertas (Diehl, 2002). O sexo tornou-se, portanto, um grande objeto de consumo no mundo capitalista

Muitas vezes os casais, frente às frustrações de uma vida conjugal insatisfatória, procuram em instrumentos de potencialização da sexualidade a resolução de seus problemas. Outras vezes a saída é a troca de parceiros ou relações extra-conjugais. Na maior parte dos casos essas alternativas não configuram soluções e/ou as mesmas são soluções não duradouras.

Cabe considerar que o papel do sexo na relação varia em função do ciclo-vital, do ciclo de vida familiar, de diferenças individuais, culturais, entre outras. Féres-Carneiro (2003) em estudo sobre a dissolução do laço conjugal, observou que entre os casais que permaneceram casados o tema sexualidade foi menos abordado. Nesses casais houve um empobrecimento da vida sexual, substituída por uma valorização de outras dimensões.

Em alguns casais que se mantiveram casados, a atividade sexual parecia meio empobrecida, todavia os cônjuges manifestavam gratificações mútuas em outras dimensões do relacionamento. Nesse grupo havia casais, entretanto, que vivenciavam a sexualidade de forma prazerosa, demonstrando viver um amor sexual maduro (...).(Féres-Carneiro, 2003, p. 207)

O sexo representa uma das possíveis formas de expressão de afeto apesar de não necessariamente possuir essa conotação. Outras formas diretas ou indiretas de expressão de afeto podem ser observadas, como carinhos, beijos, cuidado com o outro, entre outras. A forma com que as pessoas expressam afeto pode variar muito, variando inclusive como percebem isso e como manifestam. Em estudo sobre satisfação no casamento (Perlin, 2001) constatamos uma correlação positiva significativa entre

frequência de troca de beijos no casal e satisfação geral no casamento. Tal dado indica a importância da expressão do afeto – como através de beijos – para a manutenção de satisfação no casamento. Mais do que o sexo. Como sugere Jablonski (2003), talvez devamos rever o papel, função e significado do sexo dentro de casamentos e relacionamentos conjugais de longa duração.

A discussão sobre qual é o papel do sexo individualmente e relacionalmente, sua relação com a afetividade, sua avaliação em termos de qualidade e sua influência no casamento está longe de ser encerrada. Na verdade num contexto de transformações sociais a questão tem sido problematizada com cuidado por autores como Giddens (1993), por exemplo. Mas os estudos tem indicado uma necessidade de investigar a mudança quantitativa e qualitativa relativa a atividade sexual, além de suas relações com o afeto na vivência de casamentos, principalmente de casamentos duradouros.

Satisfação da Díade

Constantemente as pessoas auto-avaliam e qualificam seus relacionamentos conjugais. Como já discutido, principalmente na atualidade, essa avaliação parte da percepção subjetiva de satisfação em relação ao casamento baseada em modelos sociais de relacionamento.

Satisfação, de acordo com o Novo Dicionário Aurélio da Língua Portuguesa, significa

S.f. 1. Ato ou efeito de satisfazer (-se), contentamento. 2. contentamento, alegria, deleite, aprazimento. 3. pagamento, recompensa, retribuição.
(Aurélio, s/d., p. 1276).

Comportamentos como frequência de conversas ou pensamentos sobre divórcio, separação ou término do relacionamento; frequência com que se deixa a casa para espairer depois de uma briga; frequência com que se pensa que as coisas no casal

estão indo bem ou mal; frequência de troca de confidências; frequência do pensamento de arrependimento por ter casado; frequência de brigas; frequência em irritar um ao outro; estão incluídas na dimensão satisfação da díade (Spanier, 1976).

Há algumas décadas atrás – e de forma diferente nos vários períodos da história da humanidade – a percepção de satisfação no casamento baseava-se no quanto o relacionamento vivido estava de acordo com o modelo vigente. Apesar da inclusão do amor no casamento e na escolha do cônjuge já ser uma possibilidade, sua importância e percepção eram diluídas ante outros componentes e referenciais no casamento tradicional.

Se a esposa era uma boa e dedicada mãe de família e dona de casa, o marido podia avaliar que possuía um casamento satisfatório. Para a esposa, o casamento satisfatório relacionava-se ao bom desempenho e ao comprometimento com o sustento financeiro da família. Assim, quanto mais dedicado o esposo, mais satisfeita a esposa. Como coloca Vaitsman (1994) esse era o modelo dominante na família burguesa.

A família centrada nos filhos, na concepção de amor moderno e materno, na mulher rainha do lar e no pai provedor financeiro, dominaria, então, senão as práticas, pelo menos a concepção burguesa de família a partir do século XVIII na Europa, nos Estados Unidos e no Brasil a partir do final do século XIX (Vaitsman, 1994, p. 31)

Mary Hicks e Marilyn Platt (1970) em um trabalho de revisão sobre as pesquisas acerca de felicidade matrimonial nos anos 60, apontaram algumas variáveis da época que estavam correlacionadas com a felicidade conjugal. Alto status ocupacional, profissional e educacional para os maridos; similaridades entre os esposos quanto ao status sócio-econômico, idade e religião; companheirismo e idade com que se casa foram fatores presentes nos resultados das pesquisas da época. Estas autoras se referem à existência, nos anos 60, de dois estilos de casamento: o institucional e o companheiro.

A felicidade no casamento institucional estava atrelada ao cumprimento das leis, normas e valores sociais. O casamento que funcionasse conforme o protocolo social, com o papel de cada cônjuge bem delimitado e executado, encaixava-se dentro do que era visto como um casamento feliz. O casamento companheiro, ao qual as autoras se referem como estilo emergente no início dos anos 70, dava ênfase aos aspectos afetivos do relacionamento. Neste estilo, variáveis como estima pelo cônjuge, entrosamento sexual, companheirismo, comunicação entre os parceiros, estavam mais correlacionadas à casamentos felizes. É importante mencionar essa pesquisa, pois ela aponta a dinâmica de transição entre modelos.

A dimensão satisfação da díade refere-se à percepção direta da satisfação conjugal, ou seja, como cada cônjuge percebe seu casamento e, também, à presença de alguns fatores ou comportamentos na vida conjugal satisfatória e não satisfatória. Essa avaliação e percepção se dá hoje de forma conflituosa, principalmente devido à fase transicional e ao privilégio do individual sobre o relacional e o coletivo. Ainda, é amplificada devido ao contínuo e crescente processo de equidade entre homens e mulheres – ao menos nos discursos.

Considerado uma das mais significativas dimensões da vida das pessoas, é normal e saudável que, de tempos em tempos, as pessoas façam análises sobre seus sentimentos e projetos em relação ao casamento. Em seu trabalho sobre casamentos insatisfatórios Silvestri e Taubman (1997) avaliaram que, quando um dos cônjuges ou ambos pensam constantemente sobre a possibilidade de separação, isso pode ser sinal de que os problemas no relacionamento estão ganhando uma dimensão importante, demandando atenção. Quanto maior a constância e a característica invasiva desses pensamentos, mais importante o problema e mais provável a separação. Outro comportamento relacional utilizado para analisar a satisfação e o ajuste do casamento

são as brigas. Tanto a frequência como a maneira como os casais brigam, fornecem informações importantes sobre a satisfação com esse casamento. Para Silvestri e Taubman (1997) as brigas podem ter vários significados, a depender de sua frequência, suas motivações e suas resoluções. Brigas frequentes sobre os mesmos problemas, brigas frequentes sobre temas insignificantes e que ganham proporção inesperada ou mesmo a ausência de brigas, podem significar que o relacionamento está seriamente ameaçado. Além disso, apontam os recursos que são utilizados na briga como outra denúncia acerca da satisfação no casamento, como a intenção direta de ferir ou magoar a pessoa através do conhecimento de seus pontos fracos.

Além das brigas, muitos casais desenvolvem uma grande habilidade em irritar o/a parceiro/a, provocá-lo/a ou desagradá-lo/a. Na mesma linha está a capacidade de desqualificar o outro, seja em público ou privativamente (Silvestri e Taubman, 1997).

Por outro lado, uma avaliação positiva da relação é sinal de que o relacionamento está sendo satisfatório. Em nosso trabalho sobre satisfação em casais de duplo-trabalho (Perlin, 2001) encontramos uma forte correlação positiva entre percepção de felicidade e frequência com que se pensa que as coisas estão bem, com ajuste conjugal.

Alguns pesquisadores argumentam que o grau de satisfação global no casamento pode ser avaliado com uma única questão. Lotte Bailyn (1970), uma das pioneiras na pesquisa dos relacionamentos de duplo-trabalho, utilizava a questão “considerando-se o conjunto de fatores que afetam um relacionamento, como você realmente se sente a respeito do seu casamento?” (p.103) na avaliação de casamentos. Assim, o relato direto da percepção acerca da satisfação ou felicidade no casamento, além do investimento pessoal que se pretende direcionar para a relação, constituem também importante indicador da satisfação pessoal no casamento. Devemos atentar para o fato de que nem

sempre o casal concorda em relação à avaliação do casamento. Para Lotte Bailyn (1970) o casamento só deve ser considerado positivo quando ambos os cônjuges concordam nessa avaliação.

Outras Dimensões

Quando Spanier (1976) construiu a DAS e organizou as dimensões de acordo com as subescalas, estava em meados da década de 1970. Como já vimos em capítulos anteriores, de lá para cá muitas mudanças sociais ocorreram e impactaram, de diferentes formas e intensidades, na organização familiar e laboral. A literatura nos mostra que outras dimensões têm se mostrado importantes na contemporaneidade por implicarem em novos desafios para os casais, em especial os casais de dupla-carreira. São elas: Transgeracionalidade, Tempo, Finanças e Gênero. Discutiremos brevemente cada uma delas.

Transgeracionalidade

Dentre os fatores relacionados à satisfação conjugal encontra-se a influência da família de origem. A transgeracionalidade se relaciona a vários fatores no casamento, seja por características que atravessam a história da sociedade – transgeracionalidade social -, seja pela definição e entendimento do que seja o casamento, seja por aspectos específicos que são passados dentro das famílias. Zordan, Falcke e Wagner (2003) colocam que a escolha do cônjuge e do tipo de relação conjugal parece espontânea, mas são transmitidas às pessoas através de mensagens explícitas e implícitas. Para essas autoras a concepção individual sobre o casamento é construída socialmente. As pessoas antes de se casarem possuem suas idéias sobre o que é o casamento e desenvolvem expectativas sobre ele.

Uma nova estrutura familiar é produzida a partir do encontro dos sistemas culturais das famílias de origem dos dois cônjuges. Assim forma-se um novo sistema que possui como base fundadora os sistemas das famílias de origem (Wagner, 2002; Haley, 1991). Wagner (2002) observa que “o ideal é que o casal consiga negociar a formação deste novo sistema para que ele seja coerente com os anteriores” (p.15). A autora considera ainda que a família de origem constitui a base formadora das motivações – conscientes e/ou inconscientes – para a escolha do cônjuge e que pode ser verificada a existência de uma forte tendência à repetição de padrões de relacionamentos afetivos estabelecidos e/ou aprendidos na infância com a família de origem.

Strong (*apud* Maturana 2001), e os estudiosos Kelly e Conley (1987) observam, a partir de seus estudos sobre a influencia da família de origem no casamento, que a estabilidade psicológica e a proximidade afetiva experimentada pelos cônjuges em suas famílias de origem influenciavam fortemente o grau de satisfação da relação conjugal.

Andolfi (2002), observa que:

Nenhum casal inicia uma relação a partir do zero, cada individuo tem um sistema de crenças e de expectativas em relação ao casamento estruturado a partir da experiência na família de origem e de outras experiências matrimoniais e de casal, imerso na cultura de uma comunidade e sociedade específica (p. 15).

Geralmente as famílias de origem se envolvem em todos os segmentos da relação conjugal. Mesmo que a interferência não seja grande ela pode influenciar profundamente. Whitaker (1989) vai mais adiante e observa que o casamento vai além de um processo que se desenvolve entre dois indivíduos, constituindo um contrato entre duas famílias. Quando o envolvimento da família de origem é excessivo, pode ser motivo de grande insatisfação para o casal. A partir daí, cada cônjuge pode travar uma

batalha com a família de origem do parceiro e esta se prolongar por tempo indeterminado.

Strong (apud Maturana, 2001), cita os estudos de Wamboldt e Reiss (1989), os quais incluem uma análise generificada sobre a influência geracional. Segundo eles, o casal sofre mais influências da família de origem da mulher do que da família do homem, já que não conseguiram identificar problemas parecidos quando originados pela família de origem do marido. O mesmo autor observa que graves conflitos na família de origem da mulher aumentam o grau de insatisfação do seu parceiro e afetam a capacidade de construir acordos na relação conjugal.

O tipo de relação familiar vivenciada pelo indivíduo pode influenciar não apenas no seu relacionamento, mas inclusive em um passo anterior: na escolha do cônjuge. Nesse sentido, Angelo (1995), afirma que qualquer dificuldade experimentada na relação com os pais fará com que o sujeito tente encontrar, nas sucessivas relações com seus parceiros, uma solução para tal problema. Quando a união dos pais foi considerada positiva, aprovada pelos indivíduos, ela tende a ser imitada e, quando não, passa-se a agir de forma diferente.

É comum também ocorrer repetição de padrão de conduta do indivíduo para com o seu cônjuge, quando se vivenciou uma relação inadequada com os pais, principalmente se a relação foi conturbada, envolvendo o progenitor do sexo oposto. Sendo assim, o padrão de conduta considerado insatisfatório poderá se repetir com o cônjuge.

Na repetição de padrão de conduta, os indivíduos procuram uniões semelhantes às daquelas dos seus pais. Conforme Wagner (2002) os cônjuges trazem para o casamento tanto um modelo interacional aprendido, como também expectativas baseadas no que observaram na relação conjugal dos pais.

Anton (2002, p.240) acrescenta que a escolha de parceiros e a repetição de padrão de conduta são em grande parte inconscientemente motivadas. Suas raízes estão no que foi interiorizado e se mantém a serviço de um meio presente, passado e futuro. Conforme essa autora, o estudo do genograma familiar pode ilustrar muito bem o fato de que as gerações mais novas tendem a ser influenciadas por pontos de fixação e questões mal-resolvidas conduzindo a repetições compulsivas. A mesma autora cita um caso de uma família em que o penúltimo filho casou-se com uma mulher que não era bem aceita pelos seus irmãos – seus pais já haviam falecido -, os quais alegavam que ela possuía poucos bens, que poderia ser uma oportunista, que não era virgem e talvez fosse uma prostituta. Mesmo com todas as restrições eles casaram-se e tiveram filhos. Posteriormente o filho caçula desse casal conheceu uma mulher que também não foi aceita pelos irmãos mais velhos, mas mesmo assim casou-se com ela e teve filhos. Após muitos anos, um dos filhos do irmão caçula também se casou com uma mulher que causava preocupações em sua família de origem: tinha uma filha de relação anterior, era alcoolista e usava drogas. Para o autor, esse descendente materializou uma fantasia familiar construída e mantida por gerações. Realizou um desejo da família.

Falcke, Diehl e Wagner (2003) observam que é necessário salientar a importância, para a saúde de um relacionamento conjugal, de os cônjuges experienciarem na infância relacionamentos satisfatórios com seus pais, como também, que tenham vivido uma separação não conflituosa com a sua família de origem.

Os parceiros precisam desenvolver estratégias de enfrentamento para tolerar as frustrações provenientes da relação conjugal, para que se construa uma relação saudável. Por outro lado, há autores que localizam na cultura a construção e manutenção de um modelo idealizado romântico de relacionamento.

Em relação à escolha do parceiro, quando ela é feita pelos próprios cônjuges, constitui-se a máxima de autonomia dos indivíduos. Mas existem casos em que é a família de origem quem escolhe e o indivíduo tem que aceitar ou suportar o parceiro escolhido, não exercendo seu próprio direito na escolha. Hoje, em nossa cultura, isso é mais difícil de acontecer – ou ocorre de forma velada –, mas era comum no período colonial, em algumas culturas do passado e em alguns locais do oriente. Andolfi (2002) cita o caso de uma família italiana que, pelo fato do filho não ter boa aparência estética e provavelmente, não teria facilidade em se casar, os pais negociaram o casamento com uma moça albanesa que estava interessada em se tornar cidadã italiana, sendo que o filho só tomou conhecimento do casamento dois dias antes sem oposição.

A expectativa dos indivíduos em relação ao casamento também é importante, principalmente porque alguns costumam idealizar romanticamente o seu futuro parceiro, o que pode ocasionar insatisfação e decepção no futuro. Isso é comum quando as relações na infância não foram boas e o indivíduo procura compensar isso com o cônjuge (Maturana, 2001). Quando os indivíduos não vivenciam um ciclo vital satisfatório em relação à sua família de origem, algumas conseqüências podem ser observadas. Após o casamento e o nascimento dos filhos, deveria acontecer uma desvinculação natural e efetiva dos indivíduos em relação à sua família de origem, porém, alguns continuam agindo como adolescentes deixando evidente que fizeram uma desvinculação familiar somente aparente e não de fato. Quando os filhos atingem a idade correspondente à fase não resolvida dos pais, os conflitos familiares podem reaparecer e se agravar (Haley, 1991).

A perspectiva da transgeracionalidade como dimensão importante na satisfação conjugal deve levar em conta a preocupação com a não linearidade e determinismo nas análises, já que impacta de formas diferentes em cada pessoa e em cada casal.

Tempo

Super-mulheres e super-homens vivendo em dias de 48 horas: a vida contemporânea apresenta demandas muitas vezes impossíveis de serem atendidas. Estudiosos dos casamentos contemporâneos têm apontado como um dos problemas primários no estilo de duplo-trabalho a organização e/ou gerenciamento do tempo. A multiplicidade de papéis faz com que os casais tenham dificuldade para reservar tempo para momentos de intimidade, para sexo, para lazer, para a família e para si próprios (Hughes, Hughes e Wells, 1986).

O tempo constitui um das principais questões contemporâneas dos casamentos para Fraenkel e Wilson (2002). Os autores afirmam que o tempo representa um dos fatores mais poderosos na qualidade da vida dos casais, apesar de ser ignorado ou subestimado por quem cuida desses casais e por pesquisadores. Para esses autores a dimensão tempo não se refere apenas ao ritmo acelerado demandado pela vida contemporânea ou pelo estilo conjugal de duplo-trabalho, mas aparece de formas diferentes nos relacionamentos. Pode referir-se a diferenças e irritabilidade quanto à lentidão ou rapidez do outro em determinadas tarefas; pode referir-se a diferenças em relação à quantidade de tempo que queiram passar juntos e/ou separados; e/ou então à diferenças de ritmos de produção ou de necessidade de descanso. Assim, várias questões relativas à organização do tempo ou ao estilo individual de vida afetam a conjugalidade. A grande questão é que, por trás de várias queixas relativas a dificuldades de intimidade, comprometimento da comunicação, falta de confiança, entre outras, pode estar subjacente uma demanda em relação ao tempo.

Em pesquisa sobre as relações entre trabalho, família e gênero no Brasil, Araújo e Scalon (2005) verificaram que a questão do tempo pode ser especialmente

problemática para as mulheres. Estas aparecem como as principais trabalhadoras de finais de semana, além de terem o seu tempo de lazer relacionado ao comprometimento com o “outro”, ou seja, com o cuidado dos filhos, arrumar a casa, fazer compras para a casa e realizar consertos domésticos. Também são as que mais investem tempo em situações de apoio ao outro, com as visitas as famílias de origem e levar as crianças para o lazer. No que diz respeito ao lazer voltado para atividades sociais são os homens os que mais frequentemente dedicam tempo, como por exemplo, encontrar com os amigos.

Podemos observar que, tanto em relação ao tempo gasto como em relação ao que é feito com o tempo, homens e mulheres vão apresentar diferenças que podem impactar negativamente ou positivamente na satisfação nos relacionamentos.

Questões financeiras

Em trabalho que buscou estabelecer possíveis relações entre situação financeira e satisfação no casamento, Paraguassú (2005) chegou à conclusão que tanto a falta como a existência do dinheiro não são, sozinhos, suficientes para a manutenção ou dissolução do casamento. Gottman (1998) um renomado pesquisador das relações conjugais considera que a falta de dinheiro e as dificuldades financeiras dela decorrente não constituem em si mesmas fatores de influência negativa no casamento. Para o autor a idéia da influência negativa do dinheiro é mais um mito do que realidade.

Mito ou não, homens e mulheres, em sua maioria, possuem uma perspectiva generificada sobre o dinheiro. Constantemente ouvimos alusões pejorativas às características perdulárias das mulheres, vistas como “gastadoras” (Hans, 1991, p.11) ou como aquelas que não sabem lidar muito bem com o dinheiro. Cabe ressaltar que a relação da mulher com o dinheiro não é algo mítico, mas sim produto de um processo histórico.

Hans (1991) realizou uma análise histórica da relação das mulheres com o dinheiro. As mulheres foram afastadas da vida pública, do poder e conseqüentemente impedidas de ter acesso aos ganhos materiais. Quando efetivamente surge o dinheiro ele marca na vida da mulher uma relação de dependência e submissão, primeiro do pai e depois do marido. É relativamente recente o envolvimento direto das mulheres com o dinheiro. Vale lembrar que no Brasil, até meados da década de 60 (1963), as mulheres não podiam possuir contas bancárias e se comparavam, em termos de responsabilidade, aos silvícolas. Mas as mulheres foram gradativamente se aproximando do dinheiro e dividindo o orçamento doméstico, mesmo que sua relação com ele seja marcada por contradições.

A analogia entre a mulher e um bem a ser adquirido, os ensinamentos de que elas deveriam ostentar beleza para serem amadas e para agradarem, a idéia de que a forma de mudar de classe social é conseguir um “bom casamento”, entre outros fatores, reverberaram durante séculos e comprometeram a visão da mulher como alguém que poderia ser dotada de competência financeira.

Hans (1991), depois de uma extensa análise da relação da mulher com o dinheiro, conclui que houve uma transformação progressiva possibilitada pela formalização do trabalho feminino. A experiência em lidar com o dinheiro que essa condição ofereceu às mulheres reflete no fato de que elas estão cada vez mais sabendo o que fazer com o dinheiro. Entretanto, o autor ressalta que as mulheres tendem ainda a manter uma atitude precavida e muitas vezes agem como se não soubessem se estão realmente protegidas sem o auxílio de um homem para lidar com as finanças, mesmo que sejam as principais provedoras.

Gênero

Uma perspectiva de gênero ou análise generificada é dimensão fundamental desse trabalho. Gênero atravessa, transpassa, constrói e dá sentidos às relações interpessoais e sociais, podendo ser considerada neste estudo uma meta categoria. A idéia que de gênero constitui um marco de construção de narrativas em nossa sociedade é, portanto, essencial. Gênero é dimensão fundante das construções identitárias de nossa sociedade, e como aponta Diniz (2003, 2000, 1999), não pode ser negligenciado na pesquisa em Psicologia.

Ao consultarmos a palavra gênero em um dicionário da língua portuguesa, provavelmente encontraremos referências voltadas à biologia, à gramática portuguesa e à literatura, dentre outras áreas:

gê.ne.ros. m. 1. Grupo de seres que têm iguais caracteres essenciais. 2. Lóg. A classe que tem mais extensão e portanto menor compreensão que a espécie. 3. Biol. Grupo morfológico intermediário entre a família e a espécie. 4. Gram. Flexão pela qual se exprime o sexo real ou imaginário dos seres. 5. Espécie, casta, raça, variedade, sorte, categoria, estilo etc. 6. Lit. e Bel.-art. Assunto ou natureza comum a diversas produções artísticas ou literárias. S. m. pl. Com. Quaisquer mercadorias (Michaelis, DTS Software)

O gênero que pretendemos abordar não se encontra portanto definido na maior parte dos dicionários da língua portuguesa. De origem e desenvolvimento cercados por muita polêmica esta categoria juntamente com raça, classe e etnia passou a ser vista como fundamental para a compreensão das construções identitárias, relacionais e sociais.

A utilização de gênero como categoria de análise teve início a partir da segunda metade do século XX. Do século XVIII, onde se observa o surgimento de algumas abordagens da teoria social, até meados do século XX, esta perspectiva esteve na penumbra. Até então, grande parte das discussões e teorias formuladas pelos/as

estudiosos/as eram construídas alicerçadas em uma lógica das analogias da binaridade masculino/feminino. Outras ainda enfatizavam a importância do estudo da construção da identidade sexual subjetiva - além sexo biológico. Gênero, como ferramenta teórica para o estudo dos sistemas de relações sociais ou sexuais, não havia se consolidado no cenário acadêmico-científico (Scott, 1995).

Foi por intermédio de estudiosas feministas norte americanas que *gender* - gênero - passou a ser utilizado como distinto de *sex* - sexo (Louro, 1997; Scott, 1995). Tal distinção possibilitou que as discussões extrapolassem a ênfase nas características propriamente sexuais e passassem a compreender a forma como essas características são representadas ou valorizadas dentro de diferentes sociedades. Descartando ou não a pretensão de negação de componentes biológicos, o conceito de gênero adentra o repertório de discussões teóricas enfatizando a construção social e histórica dos sexos, problematizando o modo como as características sexuais são trazidas para a prática social e de que forma são incorporadas ao processo de desenvolvimento cultural (Fausto-Sterling, 2001; Louro, 1995; 1997). A configuração das relações de gênero como relações sociais acentua seu caráter histórico e enfatiza que as distinções entre homens e mulheres, embora se manifestem no plano pessoal, ultrapassam as singularidades individuais. Estudar gênero passa a ser um estudo das relações de homens e de mulheres partindo do pressuposto, enfatizado por Joan Scott, de que "(...) qualquer informação sobre as mulheres é necessariamente informação sobre os homens" (Scott,1995:75), construídos histórico e culturalmente.

Como recurso para ampliar a análise e incorporar a constituição complexa da categoria gênero, alguns conceitos têm se mostrado fundamentais para a inteligibilidade e problematização das configurações de gênero contemporâneas. Os conceitos referentes à identidade de gênero, identidade sexual e papel de gênero reportam-se a fatores e

componentes quantitativos e qualitativos - em constituições inter-relacionadas - das combinações identitárias, sexuais e de conduta social encontradas em diferentes estruturas grupais e/ou individuais. Apesar de alguns autores criticarem a utilização dessas categorias, elas ainda se fazem importantes para que se possa enfatizar a complexidade da questão (Fausto-Sterling, 2001).

Identidade de gênero refere-se à parcela de constituição identitária – e, portanto, inter-relacionada e co-construída com etnia/raça e status social/classe – organizada segundo um processo de pertencimento e separação das estruturas sociais fundantes das diferenças sexuais. Segundo Matos (2000) a posição identificatória de gênero “(...) é constitutiva e necessária ao prosseguimento do processo de organização subjetiva (...)” (p.68). A identidade de gênero não é definida pelo sexo biológico. Podemos observar isto ao lidarmos com pessoas do sexo masculino – anátomofisiologicamente masculinas – que desenvolvem identidade de gênero feminina.

Utilizando a mesma perspectiva de discussão, a identidade sexual não implica necessariamente em uma consonância - socialmente construída - com a identidade de gênero ou com o sexo biológico. Identidade sexual ou orientação erótica diz respeito à escolha de objeto erótico e busca de satisfação sexual, não estando necessariamente vinculada à identidade de gênero ou à anatomofisiologia sexual. Tal recorte, se por um lado fragmenta componentes que estão imbricados e inter-relacionados, por outro, nos permite desmitificar a idéia de que a pessoa com orientação homoerótica configura uma caricatura ou imitação do sexo oposto. Como exemplo, podemos citar mulheres que são homossexuais mas não se travestem de homens ou adotam comportamentos estereotipados vistos como tipicamente masculinos. Da mesma forma implica em aceitar que nem toda pessoa do sexo masculino com orientação homoerótica deva ser “afeminada” ou deva travestir-se.

O último conceito a ser apresentado é o de papel de gênero, referindo-se ao conjunto de condutas esperadas associadas à sexualidade e socialmente exigidas do indivíduo de acordo com o seu sexo, seu contexto histórico e cultural (Fagundes, 2001). Os papéis são normas arbitrárias ou padrões estabelecidos socialmente que definem o comportamento dos membros de uma sociedade, sua forma de vestir, maneira de estabelecer relações, de ocupar posições, etc (Louro, 1997). Em outras palavras é a tradução social - constituída de valores, normas, moral, crenças, comportamentos, expectativas – do que é ser homem ou mulher em determinado contexto social. Da mesma forma que os conceitos anteriormente descritos, não está necessariamente concordante com o sexo biológico, com a identidade de gênero e/ou com a identidade sexual.

É importante enfatizar que estes conceitos estão imbricados um no outro, são co-construtores da subjetividade, estão inter-relacionados mas são distintos. Não se anulam e não se excluem. Não são fixos e nem permanentes, podendo ser, inclusive, contraditórios.

A distinção entre os termos sexo e gênero é fundamental. Diniz (1999) aponta que sexo refere-se a configuração anatomofisiológica das pessoas e gênero à uma construção sócio-histórica. De acordo com Fausto-Sterling (2001) poderíamos propor três possibilidades de sexo: sexo feminino, masculino e intersexo. Mas essa autora, bióloga, problematiza a forma arbitrária como o sexo é definido em uma pessoa, sugerindo que as variações biológicas são tantas, que a própria noção de sexo poderia ser diferente, respeitando tais variações. Problematiza ainda a tendência a associar comportamentos, preferências e condutas sexuais em categorias estanques. Para a autora, a variação entre homossexualidade, bissexualidade e heterossexualidade é grande demais, plástica e dinâmica, o que comportaria a extinção de tais terminologias.

É importante ressaltar que numa discussão sobre o casamento as questões de gênero não podem ficar de fora. Sem dúvida a binaridade feminino-masculino pode ser ultrapassada, e já foi, em alguns aspectos. Mas essa é uma questão para outro trabalho.

No decorrer do processo de discussão científica sobre as diferenças entre homens e mulheres podemos observar três momentos sócio-históricos com perspectivas analíticas fundamentalmente distintas (Laqueur, 1991). Em um primeiro momento, que dura aproximadamente até o século XVIII, podemos observar a primazia do pensamento anatômico – um neoplatonismo (Matos, 2000) - na produção e discurso científicos. Denominado *one sex-model* este paradigma retrata um período sócio-histórico marcado pela hegemonia masculina na comunidade científica, ainda em processo de formação. A mulher era o sexo invertido, apoiado no modelo masculino: o útero era correspondente ao escroto, os ovários aos testículos, a vulva ao prepúcio, e a vagina a um pênis interior - onde o clitóris pode ser tomado como um pênis mal desenvolvido ou atrofiado. A religião utilizava viés aproximado, com a imagem de um Deus homem – o homem enquanto imagem e semelhança de Deus e o primeiro a ser criado – e uma mulher desviante ou secundária – advinda da costela do homem e subproduto do mesmo.

Em estudo que reconstitui a visibilidade da mulher no desenvolvimento da humanidade, Melo, Freitas e Ferreira (2001) relembram como Platão e Aristóteles validavam o conceito de inferioridade da mulher ao *comprovarem cientificamente* que o líquido seminal era o único responsável pela concepção, sendo o útero um mero receptáculo e depósito. Tal crença permaneceu vigente até meados do século XIX quando foi investigado e disseminado o processo de ovulação da mulher. O conhecimento era construído por homens e as pequenas tentativas de investida das mulheres no âmbito da ciência – principalmente na medicina, teologia, filosofia – foram vistas como ameaças da ordem, desviantes e como pecado. A caça às bruxas durante a

inquisição constitui um exemplo.

Um segundo momento discursivo vai entrar em vigor a partir do século XVIII. O Iluminismo irá introduzir a discussão do corpo de dois sexos. Designado de *two sex-model* – modelo de dois sexos – começa a discutir a questão das diferenças de forma dicotômica, binária, em uma época onde a sexualidade passa por questionamentos e problematizações. Transformações importantes em termos sócio-econômicos são iniciadas e a posição das mulheres na sociedade é reavaliada. São marcantes as contribuições da teoria psicanalítica clássica, os trabalhos de Marx, Engels e Reich questionando a estrutura patriarcal de família e criticando as relações entre capital e trabalho, o fim da realeza e o início da era democrática, os movimentos feministas, entre outros.

A ciência ainda era produzida principalmente por homens, o que implicava em um discurso baseado na experiência masculina do mundo (Jaggar, 1997) que direcionava a maior parte da tecnologia construída na época para manipulação masculina. O carro configura um exemplo típico de tecnologia desenvolvida e aperfeiçoada para ser operada por homens. Trocar o pneu de um carro exige um critério que vai além de habilidade motora e competência cognitiva: exige força física. Na época de sua invenção não era considerado como normal e real a possibilidade de que as mulheres viessem a operar tal máquina, pensamento que acompanhou o desenvolvimento tecnológico do carro por muito tempo. Mas, como observa Fausto-Sterling (2001), até em termos de força física e explosão muscular, vamos encontrar variações anatômicas e fisiológicas tão grandes em homens e mulheres, que é muito fácil encontrar homens mais fracos fisicamente do que mulheres.

Matos (2000), utilizando como subsídio lógico a análise iniciada por Laqueur (1991), propõe a denominação da suposta terceira e atual perspectiva científica para a

discussão acerca dos sexos: o *plural sex-model* – modelo da pluralidade sexual. Para esta autora a análise encontra subsídio em um paradigma corpóreo complexo imbricado na contemporaneidade.

(...) o corpo de uma revolução cibernética e informacional é agora marcado, não por um único sexo masculino e dominante, também, não apenas por uma oposição dual mulher/homem, mas sobretudo pela pluralidade, multiplicidade e heterogeneidade sexual nas organizações identitárias de gênero (Matos, 2000, p. 62).

A grande variedade de estruturas generificadas e relacionais da atualidade levaram estudiosos da área a questionarem as duas possibilidades – masculino e feminino - como base de composição das complexas combinações generificadas. Ou seja, pessoas do sexo masculino e do feminino – independente da orientação sexual – desenvolvem e exercem comportamentos e atitudes que extrapolam a divisão identitária e de papéis até então compreendidos como masculinos e femininos. Os homens, por exemplo, adentram no mundo das atividades domésticas – campo visto primordialmente feminino até a década de 1960 – e do cuidado dos filhos. As mulheres adentram em diversas posições na força de trabalho e em diferentes níveis na contribuição para o orçamento doméstico. Os espaços conquistados demandam várias flexibilizações e transformações, o que dificilmente ocorre livre de conflitos e desafios. Ao analisar essas transformações dentro do casamento, esse trabalho foi construído incluindo a análise generificada. Homens e mulheres possuem experiências e formas de experienciar o mundo diferentes, as quais refletem nos casamentos.

4. Percepção da Satisfação no Casamento: Indivíduo e Casal

Não há dúvida de que tradicionalmente um casal é composto por uma dupla: duas pessoas relacionando-se em diversos âmbitos da vida. Em uma primeira visada,

poderia parecer simples, caso outros componentes não entrassem em jogo em uma análise mais aprofundada.

Alguns autores lidam com o casal como uma entidade, algo que vai além de duas pessoas, reportando-se a um terceiro elemento. Caillé (1994) adota esta ótica sob uma perspectiva sistêmica, incluindo a própria relação como protagonista ativo. O título de seu livro “Um e Um São Três: o Casal se Auto Revela”, reflete essa idéia de que o casal é uma entidade que deve ser trabalhada e vista como um elemento a mais, inclusive no espaço da terapia. O referido autor adota uma técnica onde um objeto ou uma terceira cadeira representa a entidade casal para o par em questão.

Paul Watzlawick (2000) denomina esse terceiro componente da relação como “a qualidade emergente”, para se reportar às características que emergem de uma relação, em um sistema, mas não podem ser identificadas em nenhum dos elementos que compuseram a relação. Um exemplo seria a molécula de água, cujas características principais não podem ser encontradas nos átomos que a compõe.

Para o terapeuta e professor André Monteiro (2000), o estudo sistemático da dinâmica de casais apresenta um desafio maior do que o estudo de indivíduos. Esta complexidade adicional se deve principalmente ao fato de lidar com dois selfs que se inter-relacionam, o que torna obscuro o objeto de pesquisa: “onde termina o indivíduo e começa o casal é um mistério por ser desvendado” (Monteiro, 2000, p. 43). Monteiro ressalta que, além das duas pessoas e de suas histórias pregressas, há um outro elemento adicionado. Este terceiro componente constitui-se a partir da própria vida em comum e as respectivas construções semióticas e narrativas inerentes a ela.

Ao mesmo tempo em que podemos distinguir pontos discursivos que são como intersecções na vida do casal, podemos encontrar narrativas individuais bem diferentes. Além do mais, em alguns casais ou em momentos da vida dos casais, as narrativas se

distanciam – algumas vezes apresentando-se de forma contraditória – o que nos leva a problematizar os limites da proposta do terceiro elemento da tríade.

Ao lidarmos com a perspectiva das narrativas, ou seja, com as leituras e interpretações das experiências descritas e produzidas através da linguagem, precisamos estar atentos ao fato de que elas revelam ora elementos que as tornam fundamentalmente individuais, ora elementos que as tornam relacionais.

Perlin (2001), em pesquisa sobre a percepção de satisfação no casamento em casais de duplo-trabalho, encontrou resultados que alimentam a discussão do problema. As pesquisadoras aplicaram a Escala de Ajuste Diádico (DAS) – um instrumento de avaliação da condição geral de satisfação no casamento desenvolvido por Spanier – em 62 casais. Observaram a existência de quatro tipos de casamentos separados em dois grupos de acordo com a congruência entre os cônjuges quanto à percepção de felicidade ou infelicidade no casamento. O grupo de casamentos com congruência é aquele onde ambos os cônjuges são classificados como satisfeitos ou ambos são classificados como insatisfeitos. O grupo de casamento com incongruência é composto por casamentos onde a mulher é classificada como insatisfeita e o homem como satisfeito e vice-versa. A satisfação no casamento avaliada pela escala permitiu às pesquisadoras detectarem a existência de congruência entre os cônjuges para a maioria dos casais. Por outro lado, permitiu a observação de que alguns casais discordavam quanto a estarem satisfeitos e insatisfeitos em seus casamentos. Por exemplo, enquanto um componente da tríade, quando questionado, respondia estar feliz em seu casamento, o outro respondia estar infeliz. Em alguns casos extremos, um membro do casal responde estar completamente feliz e o outro alega estar profundamente infeliz.

As autoras Perlin e Diniz (2001) observam que, apesar do número de casais onde existe incongruência na percepção da situação conjugal ter sido pequeno, este

configura um tipo de relacionamento que demanda estudo. “Entender a dinâmica relacional de casais que destoam quanto à percepção de felicidade no casamento fica então como questão importante a ser explorada” (p.74).

Hughes, Hughes e Wells (1996) observam que o atendimento a casais de duplo-trabalho deve levar em conta as questões relativas ao desenvolvimento pessoal de cada um da dupla também. Isso porque a utilização funcional de estratégias que envolvam determinadas habilidades ou capacidades está diretamente vinculada às possibilidades de cada um da dupla. Também Andolfi (1993) cita pesquisas que têm mostrado que em toda união conjugal existem dois casamentos: o dele e o dela, que nem sempre coincidem.

Nas pesquisas a utilização da díade como unidade de análise ainda se mostra problemática. Como podemos observar no método sugerido por Ziviani (2005), só se pode chegar a um dado intecônjuge – dado indireto - a partir dos dados fornecidos por cada cônjuge - dados diretos.

5. Linguagem, Texto e Narrativa

A discussão da narrativa no meio acadêmico-científico não é nova, e nem se restringe à área de literatura ou à semiótica.

Bucher-Maluschke (2003) aponta para o caráter predominantemente histórico em detrimento do biológico que é utilizado hoje na definição da pessoa. A autora observa que o enfoque na narrativa extrapolou o campo social e adentrou em áreas como Educação e Psicologia. Estas “consideram a narrativa como uma arquitetura que constrói o ser humano e por meio da qual são construídas as relações com o mundo” (Bucher-Maluschke, 2003, p. 298).

Humberto Maturana, neurobiólogo, estuda a perspectiva de que os seres

humanos existem na linguagem e que a realidade é uma proposição explicativa (Maturana, 2001). White (1998) preocupa-se com os processos envolvidos na atribuição de significados ao mundo questionando, de forma aproximada à de Maturana, a realidade que a ciência até hoje denomina objetiva.

Bruner e Weisser (1991/1997) compartilham das desconfianças quanto ao entendimento da vida através da descrição objetiva de fatos e da noção de fatos reais. Os autores desenvolvem a tese de que mais significativo do que o fato ocorrido em si é a maneira ou forma como se conta este fato ou, como utilizam em seu texto, como se narra. A partir desta idéia, sugerem que a vida é ela própria um texto:

(...) os pontos decisivos de uma vida não são provocados por fatos, mas por revisões na história que se usa para falar da própria vida e de si mesmo: as mais drásticas dessas revisões são as mudanças de gênero provindas de dentro do ser. Assim, isso me leva a propor que, num sentido importante, as 'vidas são textos: textos sujeitos à revisão, exegese, reinterpretação e assim por diante (Bruner e Weisser, 1991/1997,p. 142).

Mais adiante em suas análises, Bruner e Weisser (1991/1997) esclarecem que apenas pela textualização se pode conhecer a vida de uma pessoa. Utilizando conceitos como o de autobiografia, autodescrição e autoconsciência, afirmam que qualquer interpretação implica em adentrar reflexivamente nos próprios pensamentos.

Entendemos que Bruner e Weisser (1991/1997) sustentam uma teoria que fala da possibilidade interpretativa e reinterpretação como processo individual, mesmo que conte com elementos geradores e modificadores advindos das relações. Nelson (1982/2000) em seus estudos sobre as origens da memória autobiográfica, também sugere que a construção da autobiografia é um processo individual, mesmo ocorrendo em contexto de relação.

A partir da década de oitenta, terapeutas influentes e pesquisadores como

Harlene Anderson, Harry Goolishian, Lynn Hoffman, Tom Andersen, entre outros, ficaram entusiasmados com a metáfora narrativa, com o poder da linguagem e das histórias que as pessoas guardam para si e/ou revelam (Nichols e Schwartz, 1998).

6. Duas Visões Sobre o Mesmo Relacionamento

Um número considerável de terapeutas de casais trabalha apoiando-se na perspectiva do terceiro elemento na díade, ou seja, com a idéia de que existe um discurso comum que é produzido pelo casal. Como já discutimos anteriormente, essa proposição considera que o casamento é mais que a soma de cada um dos indivíduos.

Outra perspectiva adotada trabalha com a idéia do casal como constituído por duas pessoas que constroem elos, interconexões e/ou interseções no decorrer de sua relação. Mark Karpel (1994) utiliza uma metáfora para definir o relacionamento de casais. Para este autor a experiência do casamento é similar à experiência de se colocarem duas pessoas, cada uma em cima de uma jangada, descendo um rio em conjunto. Assim, um pé fica na sua própria jangada e o outro pé fica na jangada do outro, criando uma conexão. Tentam dessa forma equilibrarem-se para seguir no curso do rio. As jangadas não são exatamente iguais, tão pouco a altura das pessoas, sua força e seu peso. Além disso, alguns obstáculos podem apresentar-se na frente da passagem de apenas uma das jangadas, mas como as jangadas estão interconectadas, há exigência de esforço de ambos. Há momentos de calma e há momentos onde o rio mostra-se caudaloso. Nesse tipo de perspectiva a díade é constituída por seus dois membros que se relacionam; nessa relação podemos verificar conexões e interseções. São como dois textos que em determinados momentos de cruzam, mas não se fundem.

Hugues, Hugues e Wells (1996) enfatizam o desenvolvimento individual como extremamente importante para a vida conjugal. Colocam que, muitas vezes, os

terapeutas de família e casal tratam a díade como uma unidade, o que pode dificultar o atendimento. Isso porque a maior parte das pessoas necessita de um certo grau de amadurecimento e/ou desenvolvimento pessoal para construir um casamento bem-sucedido. Algumas vezes, a utilização de determinadas estratégias ou mesmo o entendimento de determinada situação esbarra nos limites individuais de cada membro do casal.

Entender o casamento sob esta última perspectiva implica em atribuir mais responsabilidade a cada um dos parceiros, assim como possibilita uma análise mais aproximada da percepção que as pessoas têm sobre seu relacionamento, validando a construção de suas narrativas e incorporando todo o repertório individual presente na atividade de descrição/narração de um relacionamento. Ao adotar essa perspectiva validamos as várias identidades que nos constituem – identidade de gênero, sexual, profissional, familiar, etc. –, a vastidão das experiências pelas quais passamos/narramos e, finalmente, atentamos para uma informação fundamental: quem narra.

O narrador é único na descrição de sua experiência. Não existem versões iguais para a experiência. O que pode ocorrer é uma aproximação das narrativas ou pontos de concordância e/ou interseção.

Whitaker (1990, p.59) considera a experiência subjetiva de viver como uma condição humana que está ligada ao que chamamos solidão, fazendo uma analogia com a percepção e a significação de determinada experiência.

(...) o sentido e o impacto da realidade externa são determinados por nossa realidade interna. A mesma sinfonia pode ser experimentada como gloriosamente estimulante ou dolorosamente aborrecida. Depende do ouvido do expectador. (...) Nós organizamos nossas vidas em torno de nossos próprios e limitados sistemas internos de representação.

A importância desta questão na prática clínica com casais é indiscutível. Ao

adotarmos a concepção da narrativa como produção individual passamos a resignificar o que nos diz cada componente da díade e entender que por trás de uma narração ou história existe todo o “viés” pessoal, uma autobiografia, uma experiência generificada, localizada espacialmente e temporalmente. Se uma das mais difundidas metas da psicoterapia com casais é chegar a entendimentos, talvez o primeiro passo seja admitir que a tarefa é mais difícil do que imaginávamos, pois a impossibilidade de um “entendimento puro” é a mais certa das concepções e talvez a mais dura das constatações: a solidão da tentativa de narrar a experiência.

Capítulo III

Método

As mudanças aceleradas nos contextos sócio-econômico e cultural têm gerado transformações importantes nas estruturas relacionais e familiares. Castells (1999) aponta que a família patriarcal, base do patriarcalismo subjacente a todas as culturas contemporâneas, está sendo questionada. Segundo o autor, tal questionamento é produto direto da conscientização feminina e da inserção da mulher no mercado de trabalho. Em decorrência desses processos, o casamento contemporâneo configura um estilo relacional muito diferente daquele existente no início do século passado.

A literatura nos mostra (Aries, 1978; Giddens, 1993; Munhoz, 1996; Bucher-Maluschke, 2003, entre outros) que, em sua origem, as principais funções do casamento estavam relacionadas a interesses políticos e econômicos. Hoje as pessoas se casam principalmente por razões afetivas e sexuais. As transformações sociais levaram ao questionamento do contrato matrimonial clássico e geraram profundas mudanças na experiência conjugal, colocando as relações em um âmbito muito diferente do já visto anteriormente na história social do casamento.

O estilo de vida contemporâneo apresenta um conjunto de características contraditórias quando confrontadas com os ideais dos relacionamentos estáveis e do contrato matrimonial clássico (Walsh, 2002). De um lado os casais sofrem pressão para manterem valores e padrões morais tradicionais, como a efetivação do contrato matrimonial e o exercício da parentalidade. O meio familiar é valorizado como o locus de realização de todas as expectativas emocionais e pessoais. Homens e mulheres são estimulados a adotarem modelos tradicionais de sexualidade e uma divisão rígida de

papéis e funções na família de acordo com o sexo. Por outro lado, são forçados a adequarem-se às transformações sociais, tais como as exigências do mercado de trabalho, a valorização do crescimento individual, da independência financeira e da flexibilidade no exercício dos papéis de gênero. Tantas transformações causam impactos na dinâmica conjugal. Nosso interesse é entender como tais impactos afetam a satisfação no casamento, principalmente em casais onde ambos os cônjuges trabalham fora em tempo integral.

1. Objetivos Gerais

Identificar e discutir dimensões que afetam a satisfação no casamento de duplo-trabalho.

2. Objetivos Específicos

1. Ampliar a compreensão da satisfação conjugal a partir da análise de dados fornecidos por um instrumento tradicionalmente utilizado na avaliação de casamentos e dados obtidos em entrevista episódica com casais;
2. Identificar as principais dimensões relacionadas à satisfação e à insatisfação no casamento presentes nas narrativas dos cônjuges;
3. Realizar uma análise generificada da percepção dos cônjuges sobre seus casamentos em geral, e em especial sobre a satisfação no casamento;
4. Identificar os impactos da interação família-trabalho em casamentos de duplo trabalho.

É importante enfatizar que essa pesquisa investigou dimensões que afetam a satisfação no casamento de um tipo específico de casal – os casais de duplo trabalho.

Diferentes propostas metodológicas são utilizadas para estudar os casamentos e a satisfação no casamento. Dependendo da perspectiva, dos objetivos e do problema a ser pesquisado variações e ajustes metodológicos são necessários. Uma das polêmicas mais interessantes presente no campo da pesquisa critica a visão onde adequamos o fenômeno a ser estudado ao método do qual dispomos, quando deveríamos fazer o contrário: desenvolver um método adequado ao entendimento do problema (Rey, 2002). Problemas complexos exigem posturas metodológicas complexas, lembrando que complexidade e simplicidade não são excludentes, pelo contrário (Morin, 2000).

Entendendo a dinâmica conjugal e a satisfação no casamento como fenômenos complexos foi feita a opção metodológica por estudá-los a partir de uma combinação de métodos. Foram utilizados um questionário demográfico, um instrumento clássico de avaliação do ajuste da díade, e uma entrevista episódica.

O presente trabalho apresentou duas necessidades metodológicas básicas: 1) abordar uma problemática extremamente complexa de forma simples possibilitando sua replicação em períodos posteriores ; 2) adotar uma postura metodológica que não esteja impregnada pela visão tradicional de que são os dados, por si só, que constroem o conhecimento teórico. O conhecimento teórico é uma produção humana, social, derivada do encontro dos dados com o(a) pesquisador(a) generificado(a) que organiza suas idéias e que “fala” a partir de uma raça, classe, cultura (Diniz, 2004; Rey, 2002).

3. O Processo de Coleta de Dados

A realização do presente estudo envolveu seis fases:

1. divulgação da pesquisa e seleção de participantes;
2. aplicação do instrumento DAS como critério de inclusão no grupo da pesquisa e posteriormente como instrumento para avaliação dos casamentos;

3. realização das entrevistas;
 4. transcrição e organização dos dados em eixos-temáticos com base na DAS;
 5. análise dos dados
 6. criação de novos eixos-tema além DAS
- Cada uma dessas etapas será delineada a seguir.

Divulgação da pesquisa e seleção de participantes

Na primeira etapa, divulgou-se convite para participação em pesquisa sobre casamentos, enviado por e-mail, a distintos grupos: alunos de diferentes faculdades, grupos de discussão de professores universitários, entre outros. Esse convite continha a descrição geral da pesquisa e os critérios para participação:

1. ser casado/a ou viver em relação conjugal estável por ao menos um ano;
2. fazer parte de um relacionamento onde ambos os cônjuges trabalhem em regime integral remunerado – 30 horas ou mais de trabalho;
3. possuir ao menos o segundo grau de escolaridade;
4. ter disponibilidade para participar de entrevistas individuais.

Montou-se um grupo de 19 participantes voluntários a partir dos casais inicialmente interessados que entraram em contato com a pesquisadora e com a aluna assistente responsável pela coleta de dados para comunicarem a motivação para participarem no estudo. A partir disso, os 19 casais foram cuidadosamente informados sobre a pesquisa e convidados a assinarem o termo de consentimento livre e esclarecido. Em seguida responderam ao questionário Escala de Ajuste a Díade (Diadic Adjustment Scale) – DAS, desenvolvida por Spanier (1976).

Os instrumentos preenchidos foram tabulados usando o software estatístico SPSS. O escore final da DAS é calculado através da somatória de seus itens. Esse

procedimento de análise tomou como parâmetro os resultados de trabalho anterior de validação da escala onde se obteve uma média brasileira para a DAS, tanto em relação ao escore total da escala como em relação aos escores das subescalas (Tavares, Diniz, Perlin, 2005). Os participantes foram então classificados em função do escore total de satisfação no casamento e dos escores específicos obtidos através da análise de cada dimensão ou subescala.

Questionário Demográfico

Com base em extensa revisão da literatura na área de duplo-trabalho e dupla-carreira, um questionário sócio-demográfico foi desenvolvido por Diniz (1993). Parte desse questionário foi utilizada para obter dados sócio-demográficos sobre os participantes desse estudo. As informações fornecidas resultaram em uma caracterização geral dos participantes.

O grupo dessa fase foi composto por 19 casais de duplo-trabalho, heterossexuais, de classe média, com ao menos o segundo grau completo (mais da metade do grupo com nível superior ou cursando níTabela 1

Escolaridade

Nível de escolaridade	masculino	feminino	total
até o segundo grau	7	3	10
cursando graduação	2	4	6
graduado	10	8	18
mestrado	0	1	1
total	19	16*	35

* 3 mulheres não responderam a essa questão

A média de idades aponta para um grupo de adultos maduros, com homens em

torno dos 37 anos e mulheres com 35, conforme mostra a tabela abaixo:

Tabela 2

Média de Idades

sexo	Media	N	D.P.	total
masculino	37.74	19	7.915	10
Feminino	35.28	*18	6.728	6
Total	36.54	37	7.366	18

* 1 mulher não respondeu a essa questão

A média de tempo de relacionamento aponta para um grupo com relacionamentos duradouros, com média de aproximadamente 10 anos de casamento, existindo 4 homens e 4 mulheres vivendo um recasamento.

Tabela 3

Média de tempo de relacionamento

Sexo	Media	N	D.P.
masculino	10.7778	18	7.24005
feminino	10.1111	18	7.05348
Total	10.4444	36	7.05264

* 2 pessoas não responderam a essa questão

A maior parte do grupo possui empregada doméstica, o que é típico de casais de classe média.

Tabela 4

Possui empregada doméstica

	Frequência	%
sim	25	65.8
Não	11	28.9
Não respondeu	2	5.3
Total	38	100.0

Uma vez que a literatura aponta a questão da sobrecarga de trabalho para as mulheres, foi perguntado aos participantes quem era responsável por administrar a empregada doméstica. Nesse estudo a administração da empregada doméstica fica na mão das mulheres.

Tabela 5

Quem administra a empregada doméstica

	Frequência	%
Mulher	22	57.9
Ambos	4	10.5
Não respondeu	12	31.6
Total	38	100.0

A presença de filhos é apontada na literatura como um fator que pode aumentar o estresse dos casais de duplo-trabalho. No grupo, a maior parte dos casais tem filhos que moram com eles.

Tabela 6

Filhos que morem em casa

	Frequência	%
Sim	28	73.7
Não	8	21.1
Não respondeu	2	5.3
total	38	100.0

Em relação à distribuição das tarefas domésticas entre cada um dos membros do casal, vemos uma distribuição uniforme.

Tabela 7

*Sexo * participação nas tarefas domésticas*

		em mais		em	em		
		na	da	aproximadamente	menos da	na	Total
		maioria	metade	a metade	metade	minoria	
Sexo	Masculino	7	1	2	4	4	18
	Feminino	9	1	2	3	3	18
	Total	16	2	4	7	7	36

* 2 pessoas não responderam a essa questão

Estamos então falando de um grupo composto por casais adultos, em relacionamentos de aproximadamente 10 anos de duração, de classe média, com nível de instrução médio-superior, que trabalham em tempo integral. Tendem a uma postura igualitária no tocante à participação nas tarefas domésticas e contam com a ajuda de uma empregada doméstica, geralmente administrada pela esposa.

DAS e o ponto de corte

No presente estudo como recurso para calcular o ponto de corte para análise da DAS seguimos a metodologia adotada por Norgren (2004) e Sharling e cols. (2000). Ao invés de adotarmos a média absoluta de Spanier, adotamos a média do escore geral da DAS no grupo de participantes pré-seleção. Para o escore de bom grau de ajuste a pontuação deve ser igual ou superior a meio desvio padrão do grupo, ou seja, igual ou maior que 121. Para ser considerado com baixo grau de ajuste o escore deve ser igual ou menor que 103.

Tabela 8

Parâmetros: Valores da DAS no grupo pré-seleção

	%	Media	D. P.
Ajuste – DAS	73%	112.47	18.244
Consenso	73.3%	47.69	8.825
Coesão	71.4%	17.14	4.935
Afeto	71.8%	10.78	2.205
Satisfação	73.2%	36.86	5.330

A Seleção dos Participantes Para as Entrevistas

A partir da análise dos escores da DAS dos 19 casais, foram selecionados 5 casais para participarem do estudo aprofundado da conjugalidade via entrevista. Conforme apontado anteriormente a pesquisa do mestrado mostrou que casais podem ser agrupados em concordantes e discordantes em relação à satisfação conjugal. Casais

concordantes são aqueles em que ambos os cônjuges estão satisfeitos ou insatisfeitos com a relação. Casais discordantes são aqueles em que um dos cônjuges está satisfeito e o outro está insatisfeito com a relação.

A partir dessa categorização selecionamos os cinco (5) casais que compuseram o grupo final: um casal cujos escores foram os mais altos (casal 7), ou seja, que de acordo com a DAS possuíam naquele momento um alto grau de ajuste no casamento; outro casal concordante em relação ao ajuste (casal 3); dois casais com os menores escores (casais 8 e 18) – indicando baixo grau de ajuste; e um casal onde havia discordância em relação ao grau de ajuste (casal 16). Abaixo são apresentados os escores de cada casal, com o percentual ao lado para facilitar a comparação.

Tabela 9

Escore do casal 07

07	Consenso	coesão	Expressão de afeto	satisfação	Escore total da DAS
Ele	60 – 92.6%	24 – 100%	14 – 93.3%	46 – 92%	144 – 93.5%
Ela	57 – 87.6%	24 – 100%	14 – 93.3%	46 – 92%	141 – 91.5%

Tabela 10

Escore do casal 03

03	Consenso	coesão	Expressão de afeto	satisfação	Escore geral DAS
Ele	51 – 78.4%	17 – 70.8%	12 – 80%	41 – 82%	121 - 78.5%

Ela 57 – 87.6% 19 -79.1% 12 -80% 41 – 82% 129 -83.7%

Tabela 11

Escores do casal 16

16	Consenso	coesão	Expressão de afeto	satisfação	Escore total da DAS
Ele	54	14	14	39	121
Ela	20	7	10	31	68

Tabela 12

Escores do casal 08

08	Consenso	coesão	Expressão de afeto	satisfação	Escore total da DAS
Ele	44	13	8	32	97
Ela	48	15	8	32	103

Tabela 13

Escores do casal 18

18	Consenso	coesão	Expressão de afeto	satisfação	Escore geral DAS
Ele	40	10	8	36	94
Ela	42	10	13	35	100

Procedimento para as entrevistas

Após a seleção através dos escores da DAS, os casais foram contatados por telefone para agendar a entrevista. Alguns casais desistiram de participar dessa etapa, outros um dos cônjuges desistiu e outros encontraram dificuldade para disponibilizar tempo. As entrevistas foram registradas em áudio com o consentimento dos

participantes e foram realizadas em consultório localizado no Serviço e Psicologia da Faculdade Ruy Barbosa ou na residência do participante de acordo com sua disponibilidade e preferência. A escolha do contexto da entrevista foi vinculada à existência de condições locais e circunstanciais ideais para a realização da mesma, ou seja, ambiente silencioso, sem interrupções ou possibilidade de chegada de alguma pessoa, etc. As entrevistas, realizadas pela assistente de pesquisa, foram transcritas e encaminhadas à pesquisadora para análise dos dados.

As Entrevistas

Kvale (1996) aponta que um dos principais recursos qualitativos utilizados na investigação em psicologia é a entrevista. Para este autor, a psicologia, durante muito tempo, utilizou esse instrumento como técnica terapêutica e instrumento de investigação clínica, negligenciando seu potencial dentro da pesquisa. Em outras áreas do conhecimento como a antropologia e a sociologia, a entrevista como instrumento de pesquisa já é bem conhecida e utilizada.

Após a seleção dos casais participantes com base nos resultados da DAS, os mesmos participaram de uma entrevista episódica (Flick, 2003) semi-estruturada, individual realizada por uma assistente de pesquisa, psicóloga clínica, especialista em Psicologia Conjugal e Familiar. A entrevista foi construída a partir das dimensões apontadas por Spanier (1976) na DAS como relevantes para a satisfação e o ajuste conjugal.

De acordo com Flick (2003) a entrevista episódica se baseia nas idéias de Jerome Bruner, um entre outros teóricos que falam sobre a estrutura narrativa das experiências e do conhecimento, questão já discutida em capítulo anterior. A entrevista episódica, diferente da entrevista narrativa, enfatiza as experiências concretas e permite

certo direcionamento da entrevista em torno de temas e eixos preestabelecidos. Trata-se de uma adequação da entrevista narrativa para aplicação em contextos ou situações onde precisamos entender a experiência do cotidiano e acessar definições subjetivas sobre fenômenos sociais, os processos subjacentes, de forma a detectar a relevância da referida experiência.

A escolha por esse tipo de entrevista se justifica em função do enfoque dado ao tema de pesquisa e aos objetivos do trabalho. A entrevista episódica se fundamenta nos seguintes pressupostos:

1. a pessoa narra ou conta aqueles aspectos do mundo ou da situação que ela elege como importantes e relevantes, o que implica em que a explicação dos acontecimentos ou fenômenos é necessariamente seletiva (Flick, 2003). A partir desse entendimento, podemos analisar quais dimensões as pessoas utilizam para avaliar seus casamentos;
2. há uma lógica dentro da perspectiva da narrativa que implica em um início, meio e fim. O início corresponde a uma introdução; o meio, a uma espécie de desenvolvimento; o fim, a uma conclusão (Flick, 2003). Tal referência de análise pode ajudar numa compreensão global das características envolvidas na avaliação do casamento;
3. de acordo com Jovchelovitch e Bauer (2003), as narrações fornecem informações muito ricas por se referirem à experiência pessoal, por serem detalhadas e por terem um enfoque nas ações e acontecimentos. Ainda, possuem um contexto e uma história subjacentes, o que permite que tenhamos considerações sobre a cultura das pessoas, o que é extremamente importante em um estudo que valoriza a perspectiva generificada.
4. a dimensão cultural, histórica e cronológica implicada na narrativa também

facilita a construção de indicadores. Esse processo nos permite identificar dimensões e valores associados a modelos novos e velhos de casamentos, o que para esse trabalho é fundamental.

Em suma, a utilização dessa estratégia metodológica nos permitiu ainda detectar nas narrativas a existência de temas e de percepções compartilhadas ou diferenciadas sobre o mesmo casamento.

A construção do roteiro da entrevista foi feita tomando as dimensões da DAS como parâmetro para o desenvolvimento de cada questão. Para cada dimensão foram elaboradas perguntas abertas que permitissem um direcionamento das narrativas para questões de interesse do estudo. Cada dimensão e as perguntas a ela referentes estão apresentadas no quadro abaixo:

Quadro 1: DAS e entrevista

Dimensão da DAS	Perguntas da entrevistas
Consenso da díade	- Em que coisas vocês mais concordam e em que vocês mais discordam?
Coesão da díade	- Como você percebe a questão do espaço individual e o espaço conjugal - as coisas que você fazem juntos? - Têm momentos só para vocês? - Trabalham juntos em algo? - As atividades que não fazem parte das questões familiares, vocês preferem fazer juntos ou separados?
Satisfação da díade	- Em relação à felicidade, como você percebe seu casamento? - Quais são seus planos em relação ao seu casamento?
Expressão de Afeto	- Como você avalia a maneira como vocês expressam amor e/ou carinho um pelo outro? - Como é a questão do sexo entre vocês?

Além das perguntas relacionadas às dimensões existentes na DAS procuramos elaborar perguntas gerais sobre o casamento. A primeira dessas perguntas favorecia um contexto narrativo onde o(a) participante pudesse apresentar livremente sua avaliação sobre seu casamento.

1. Como você avalia seu casamento hoje?

As perguntas subseqüentes visavam identificar fatores ou elementos que davam prazer ou desprazer a cada um no contexto da relação.

2. *Quais são as coisas que dão mais prazer a você no casamento?*

3. *Quais são as coisas que dão mais desprazer a você no casamento?*

A entrevista episódica semi-estruturada permitiu ainda à assistente de pesquisa incluir algumas perguntas quando fosse necessário algum esclarecimento ou para estimular o participante a falar. De acordo com Flick (2003) a entrevista episódica permite certo direcionamento da entrevista para temas e eixos preestabelecidos de acordo com os objetivos da pesquisa.

4. O Processo de Análise dos Dados

De acordo com Jovchelovitch e Bauer (2003), a entrevista de base narrativa é aberta em relação aos procedimentos analíticos. Assim, desenvolvemos as análises a partir, inicialmente, das dimensões apontadas por Spanier (1976) na avaliação do casamento. Em primeiro lugar, delimitamos quatro eixos temáticos: dimensão consenso da díade, dimensão coesão da díade, dimensão expressão de afeto e dimensão satisfação da díade. As entrevistas foram lidas individualmente e fragmentos foram identificados como relacionados a cada dimensão, e então analisados e discutidos.

Num segundo momento buscamos identificar, com base na revisão da literatura a presença de outras dimensões ou fatores que vêm sendo apontados como relevantes para a compreensão das dinâmicas conjugais da contemporaneidade. Buscamos identificar nas narrativas de homens e mulheres referências à dimensão financeira, às

influências das famílias de origem e ao tempo, entre outras. Essas dimensões também foram organizadas em eixos-temáticos e o mesmo método de análise foi empregado.

O primeiro foco de análise foi individual, ou seja, centralizou-se na narrativa de cada um dos cônjuges. Num segundo momento, buscamos utilizar a díade como unidade de análise. Assim, o casal teve suas respostas comparadas e confrontadas no intuito de identificar concordâncias e discrepâncias além de detectar a utilização de temas comuns ou diferenciados para falar sobre dimensões do casamento.

Vale ressaltar que todas as narrativas foram analisadas levando em consideração o fato de que homens e mulheres falam a partir de lugares generificados. As perspectivas e as visões da conjugalidade são marcadas pela construção histórica e social.

As análises não possuem a pretensão de esgotar os temas ou de apresentar verdades sobre a conjugalidade – existem conjugalidades. O objetivo foi explorar as narrativas de forma a apresentar discussões e exemplos que permitissem a abertura de novas perspectivas para o entendimento da satisfação conjugal nos relacionamentos de duplo-trabalho.

5. Importância do Estudo

Estudiosos/as de diversas áreas da psicologia, entre eles/as os/as pesquisadores/as da área conjugal e familiar, deparam-se com o desafio de entender e avaliar dinâmicas relacionais conjugais. Muitas pessoas e casais recorrem à clínica psicológica em extremo sofrimento psíquico o qual tem repercussões em outras dimensões da vida. Vários problemas de saúde mental e física, além de problemas relacionais e laborais (Carrère, 2002), suicídio, entre outros, estão no rol de possíveis conseqüências de vivência crônica de insatisfação no casamento e em estilos relacionais

similares.

Estudar dimensões presentes em casamentos percebidos como satisfatórios e em casamentos percebidos como insatisfatórios pode colaborar para o desenvolvimento de estratégias psicoterápicas para avaliação e atuação na clínica psicológica assim como no desenvolvimento de ferramentas de educação, prevenção e promoção da qualidade dos casamentos e, em uma perspectiva ampliada, contribuir para a promoção de qualidade de vida de forma geral, de saúde psicológica, promoção de satisfação no trabalho e nas relações sociais.

Como já foi discutido na revisão da literatura, estamos passando por um período de transformações importantes que extrapolam a esfera pública e a privada, criando demandas até então nunca vistas. Estas demandas estão estreitamente ligadas às dimensões laboral e familiar. Muitas questões e problemas vividos pelos casais estão relacionados não apenas a questões subjetivas e/ou relacionais (no conceito sistêmico), mas a questões que extrapolam essas instâncias, pois dizem respeito a movimentos sociais amplos, até certo ponto heterogêneos, estruturais e complexos (Cordera e col., 2005).

Cabe ressaltar que nem sempre os casais, em especial os casais de duplo-trabalho, apresentam uma visão ampliada dos problemas e dificuldades que vivenciam. É comum assumirem a culpa, culpar o outro ou adoecer, patologizando a relação. Isso implica em que, quando um casal de duplo-trabalho procura ajuda para seu casamento, o olhar deve necessariamente ser ampliado e atravessar as esferas individuais e subjetivas, levando em conta contextos atuais e incorporando-os nas análises e intervenções junto ao casal. Não é mais uma questão apenas do casal, mas uma questão, como sugere Lama (2005), tripártite: do casal, do Estado e da Iniciativa Privada.

O estudo de dimensões da vida conjugal em casamentos satisfatórios e

insatisfatórios de duplo-trabalho pode gerar subsídios teóricos para compreender esse tipo de casal, o qual constitui hoje a parcela mais significativa dos arranjos familiares e conjugais. O entendimento da percepção subjetiva de pessoas satisfeitas e insatisfeitas em seus casamentos constitui peça fundamental tanto para a construção de conhecimento sobre o casamento contemporâneo quanto para o atendimento a casais e famílias – ou mesmo indivíduos solteiros com demandas relacionais. O produto do presente trabalho tem o potencial de:

- 1.ampliar concepções sobre o casamento contemporâneo;
- 2.construir subsídios teóricos para o entendimento de dilemas relacionais em casamentos de duplo-trabalho;
- 3.contribuir para a compreensão das questões e dilemas de gênero suscitados pelas transformações que estão ocorrendo nas relações interpessoais, em especial nos casamentos de duplo-trabalho;
- 4.construir subsídios para o desenvolvimento de métodos quantitativos e qualitativos de avaliação das dimensões envolvidas na satisfação e insatisfação nos casamentos, em especial nos casamentos de duplo-trabalho;
- 5.construir subsídios para desenvolvimento de estratégias de enfrentamento de dificuldades conjugais relacionadas a dimensões específicas da interação família e trabalho;
- 6.construir subsídios para a discussão acerca do desenvolvimento de políticas públicas e organizacionais voltadas para os casais de duplo-trabalho.

Enquanto em alguns países as pesquisas e estudos sobre casamento, satisfação conjugal e a interação família-trabalho já estão bastante desenvolvidos, chegando a possibilitar o compartilhamento de responsabilidades sobre a qualidade de vida entre famílias (Cooper e Lewis, 2003; Cordera e col, 2005, Araújo e Scalón, 2005), no Brasil

precisamos ainda chamar a atenção para a necessidade de conhecermos esses fenômenos a fim de podermos analisar a dimensão do problema e então começar efetivamente a elaborar estratégias fundamentadas para lidar com ele.

Capítulo IV

Resultados e Discussão

1. Satisfação no Casamento de Duplo-Trabalho: Além da Escala, Por Trás das Entrevistas

O que dizem os instrumentos sobre as pessoas que os respondem? Podem ou não nos dizer muita coisa, responderiam os estudiosos das medidas. O potencial de um instrumento depende de nossa competência para avaliar a qualidade retratada pela quantidade. Esse estudo utilizou a DAS – Escala de Ajuste da Díade – como ponto de partida para a compreensão da satisfação conjugal. Num segundo momento utilizamos entrevistas episódicas semi-estruturadas com os membros de cada casal participante. Entendemos que, depois da pergunta que estimula o desenrolar da fala, ela própria toma vida, quase que de forma independente da pergunta. Muitas vezes, os participantes começam a responder com referências completamente desvinculadas da pergunta original. Adentram em caminhos e em atalhos, vão e voltam no tempo, escolhem exemplos, experiências, dão voltas e chegam até a não responder diretamente à pergunta, mas o fazem de diferentes formas, falando sobre temas que constituem e dão sentido à sua história.

Podemos com a DAS saber o grau de ajuste do casamento para a pessoa que a respondeu através de suas opções nos itens, mas sabemos pouco sobre o processo de auto-avaliação pelo qual ela passou ao realizar essa tarefa. A DAS contempla as dimensões mais importantes do casamento de duplo-trabalho? Há algo de novo nos casais que possa demandar alterações na DAS? Essas e outras questões serão discutidas nesse tópico.

Cabe ressaltar que através da análise das narrativas de cada cônjuge buscamos alcançar os objetivos dessa pesquisa. A discussão final busca contribuir para a ampliação da compreensão dos modelos conjugais contemporâneos, em especial, do casamento de duplo-trabalho.

1.1. As Dimensões da DAS que Emergem nos Discursos: Relações e Desencontros

Constatamos que todas as dimensões da DAS aparecem, de formas variadas, nas falas dos participantes. Há ainda uma interposição ou imbricação de diferentes dimensões nas narrativas, o que é esperado, já que a organização do instrumento de Spanier não segue a lógica da organização da narração. Assim, temos alguns casos em cujas narrativas são eleitos temas que atravessam a entrevista e dizem respeito a diversas dimensões.

De forma geral a avaliação da conjugalidade expressa pelas entrevistas é coerente com os resultados da DAS, mas algumas observações se fazem pertinentes. Algumas dimensões estão estreitamente relacionadas e outras são mesmo dependentes umas das outras. Outras ainda, não abrangem a complexidade que alguns itens ganharam atualmente, como é o caso das “*questões relativas às carreiras*”⁹ e “*objetivos, metas e coisas consideradas importantes*”¹⁰. Isso porque, nos casais de duplo-trabalho – maioria dos casais na atualidade – esses itens vão ganhar um peso muito maior do que o que representam na DAS. Assim, discutiremos as relações e distâncias entre o panorama conjugal traçado pela DAS e pelas entrevistas para cada casal do grupo, já que cada participante de cada casal, à sua forma, elege temas ou eixos que conduzem suas narrativas sobre o casamento.

⁹ Item 15 da DAS (ANEXO III)

¹⁰ Item 10 da DAS (ANEXO III)

Lugar de mulher é na cozinha...onde é mesmo o lugar da mulher?

O casal 16 é composto por um comerciante com nacionalidade oriental de 34 anos e uma professora brasileira de 30 anos casados há 6 anos. Ela é formada em medicina veterinária, enquanto ele possui o segundo grau de escolaridade. Possuem um filho consangüíneo e contratam empregada doméstica administrada pela esposa. Ele avalia que participa da minoria das tarefas domésticas, enquanto ela avalia que participa da maioria. Ele já foi casado anteriormente.

Os escores desse casal na DAS foram os mais discordantes dentre os casais do grupo utilizado para a seleção, o que nos fez optar por incluí-los no grupo final da pesquisa. Ele apresentou o escore total da escala de 121, enquanto ela apresentou escore de 68. A escala avalia este casal como com tendo um ajuste conjugal discordante, já que para ele o casamento apresenta escore alto enquanto que para ela apresenta escore baixo.

Para a esposa a DAS aponta um casamento com baixo escore de ajuste e com comprometimento importante em duas dimensões da escala: consenso e coesão. A dimensão satisfação no casamento é a mais aproximada entre os dois, o que pode indicar que, apesar das discordâncias em outras dimensões do casamento, o mesmo ainda é visto como satisfatório, o que é ratificado pelas entrevistas. Abaixo apresentamos os resultados do grupo pré-seleção e do casal a fim de facilitar a comparação com o grupo.

Tabela 14

Grupo pré-seleção

	Consenso	Coesão	Expressão de Afeto	Satisfação	Escore total
média	47.75	17.17	10.81	36.81	112.53
DP	8.833	4.931	2.214	5.371	18.353
Percentil 25	42.00	13.25	10.00	32.00	99.25
Percentil 50	49.00	17.00	11.50	36.00	114.00
Percentil 75	53.75	21.00	12.00	41.00	126.00

Tabela 15

Escores do casal 16

16	Consenso	Coesão	Expressão de afeto	Satisfação	Escore total da DAS
Ele	54	14	14	39	121
Ela	20	7	10	31	68

Esse casal desenvolve nas entrevistas individuais o mesmo tema, vivido como principal problema atualmente: a problemática família, casamento e trabalho, com ênfase em questões de tempo e investimento na família e no trabalho.

Nesse casal a mulher investe de forma intensa na carreira de professora universitária. O impacto desse investimento afeta diversas dimensões do casamento. Por um lado, ela avalia que o marido não entende sua posição e não colabora e a apóia nesse projeto. Ele, por outro lado, avalia o investimento da esposa na carreira como sinal de distanciamento afetivo e de priorização da carreira em detrimento da família. Como para esse marido a expressão de afeto é percebida através do investimento e cuidado direto com a família – incluindo o cuidado afetivo e físico - o sentimento de que a esposa o

está abandonando e abandonando a família por causa do trabalho, faz com que sua visão sobre o trabalho da mulher seja comprometida.

Mas, ela de tanto... ela sacrifica esse lado familiar assim como se fosse muito importante (o trabalho)...isso que me deixa assim... revoltado com isso, certo? ela, ela quer tudo...as vezes ela não consegue alcançar nenhum...só tem o lado profissional...(o lado) familiar ta tudo... abandonado.(esposo, casal 16)

O papel da mulher foi tradicionalmente vinculado ao cuidado do lar. O cuidado do lar, durante séculos foi expresso através da construção de conforto para o marido e os filhos no ambiente doméstico, com as habilidades femininas generificadas e reproduzidas na sociedade como habilidades de mulheres “prendadas”, que são aquelas hábeis na tarefa de cuidar do ambiente doméstico. Assim, muitas vezes, o cuidado afetivo-relacional é confundido com o cuidado físico e do ambiente doméstico. Araújo e Scalon (2005) também observaram em pesquisa com brasileiros/as, que os homens ainda valorizam muito as atividades e papéis tradicionalmente femininos. Por outro lado, as mulheres também tendem a entender a expressão de afeto por parte dos homens como seu investimento direto na família. Assim, o homem que não sai muito de casa e que ajuda a sustentar a casa e a criar o filho, é um homem que *ama* a família. Muitas vezes o amor à família é uma justificativa suficiente para a mulher, mesmo que o amor não seja expresso diretamente para ela, e sim para o conjunto de significados, sentimentos e relações que são a família.

mas ele tá sempre comigo...assim... quando a gente ta em casa...a gente... antes brigava muito, agora briga bem menos...porque causa de F.(filho), talvez ou então porque a gente tá numa fase mais light, porque como eu já disse, ele ta mais caseiro, ta mais se preocupando com trabalho...ele pretende vender o apartamento pra gente ir para um lugar melhor, então essa, esse lance de

família ele valoriza realmente, mas... assim, dá pra levar legal nesse sentido.(esposa, casal 16)

Poderíamos pensar que cumprir os papéis generificados marcantes no modelo de família tradicional significa expressar afeto? Tal questionamento, se por um lado parece problemático, por outro encontra respaldo na situação de ambigüidade vivida contemporaneamente pelos casais, principalmente pela vigência concomitante do modelo tradicional e de modelos emergentes alternativos. Se vivemos hoje a concomitância de modelos (Bucher-Malusche, 2003), os casais se reportam a eles quando organizam seus discursos e percepções acerca do que sentem. O fato é que os modelos aparentam ser mais importantes do que imaginamos, a ponto de determinarem o que é entendido como afeto, carinho e amor em um casal. Nesse casal (16) o contraste do modelo tradicional – homem provedor e mulher dona-de-casa – e do modelo vigente – duplo-trabalho - provoca uma crise no arranjo conjugal e na estrutura familiar.

É muito provável que essa mulher, ao mesmo tempo em que lida com dupla e/ou múltipla jornada de trabalho dentro e fora do lar, viva sentimentos contraditórios e culpabilizantes em relação à parcela de investimento na família, no casamento e na carreira, como já observou Vaitsman (1994). Ela quebra a tradição ao entrar no mercado de trabalho e procurar investir em sua carreira, mas paga um preço por isso refletido na dificuldade de investimento na família. Tal insatisfação e os sentimentos ambíguos que ela gera são expressos em vários fragmentos de sua entrevista.

ele tem uma atitude machista assim...a mulher tem que fazer tudo em casa, entendeu? Ele acha que é minha obrigação lavar as cuecas dele, deixar as meias dele limpas, a roupa passada, fazer comida, (...) ele é mais radical nesse lance de casa, de arrumação, de ter comida pronta e de por exemplo, eu acordar cedo pra fazer o café dele, quando ele chegar a comida ta pronta e isso é da cultura dele mesmo, é a submissão.(esposa, casal 16)

Paradoxalmente as mesmas tarefas avaliadas como reflexo do pertencimento a uma cultura sexista, que espera a submissão da mulher como comportamento natural, em outro momento é apreciada e vista como expressão de afeto e cuidado. Se a satisfação é auto-avaliada em um processo de comparação entre o que a pessoa percebe do casamento e entre o que a sociedade constrói como modelos ideais de casamento, como as pessoas que estão expostas a modelos contraditórios realizam essa tarefa?

(...) eu gosto muito dele como eu já disse e eu gosto muito de família, eu gosto realmente de arrumar as coisas, de deixar a comida dele pronta, de ter aquele cuidado, eu acho que é assim, deve ter esse cuidado.(esposa, casal 16)

A experiência dessa mulher e do casal mostra a confusão identitária provocada pela transição entre modelos. Ao mesmo tempo em que rechaçam as cobranças feitas a partir de papéis e valores tradicionais, em outros momentos o comportamento tradicional serve como referência para a demonstração de cuidado e afeto.

O marido desse casal tem um escore alto na dimensão consenso da DAS. Vale lembrar que essa dimensão é comporta pelos seguintes itens: finanças da família; diversão; assuntos religiosos; amigos; convenções sociais; filosofia de vida; formas de lidar com a família de origem; objetivos, metas e coisas consideradas importantes; quantidade de tempo passado juntos; tomada de decisões cruciais; tarefas domésticas; interesses e atividades nas horas vagas; e decisões relativas às carreiras (Spanier, 1976). Esses itens abarcam questões complexas da vida conjugal. O marido parece achar que o comportamento da díade está adequado em relação a eles.

O principal tema que emerge na entrevista desse esposo diz respeito a questões relacionadas ao trabalho e investimento da esposa na carreira. Curiosamente, existe um

paradoxo entre falas da entrevista e a DAS, pois o esposo opta pela concordância em relação ao item “*decisões relativas às carreiras*”¹¹

em geral aqui (...) eu apoio ela sempre de ela estudar, o trabalho também, o espaço aí de mulher livre e tal eu sempre concordei, né? se ela quiser sair... é... até com os amigos..... eu não tenho nada contra, tá? (esposo, casal 16)

(...) ela é exagerada, faz tudo sempre a mais, sempre (...) eu sempre discordo com ela, ela ensina mais, ela trabalha mais e deixa a parte da família. (esposo, casal 16)

Esses exemplos refletem o paradoxo. A primeira fala explica provavelmente porque ele entendeu o item 15 como consensual. O problema é que, na percepção, dele ela exagera, ou seja, faz um investimento “maior” em ações voltadas para o trabalho e “menor” para a família.

Esses dilemas da interação trabalho e família e suas repercussões nas demais dimensões e áreas da vida mostram que essa é uma problemática importante nesse relacionamento. Uma hipótese é que esse homem vive uma contradição na conciliação família-trabalho agravada pela sua origem étnica, já que ao mesmo tempo em que desqualifica o trabalho da esposa e avalia que ela se dedica mais ao trabalho do que à família, fala sobre o apoio que dá a ela.

Ao falar sobre seu casamento, paulatinamente vai descrevendo e organizando na narrativa sua visão sobre a divisão do investimento pessoal na carreira e na família. Deixa claro que os papéis e funções voltados à família devem ser priorizados. Como sua esposa dedica muito tempo à carreira e ao trabalho, ele sente falta de sua presença dentro de casa. Essa falta parece relacionar-se tanto às questões afetivas quanto às tarefas envolvidas no ambiente doméstico.

¹¹ Item 15 da DAS (ANEXO III)

*falta de cuidado, assim, falta de atenção, de ser compreensiva, de você ser egoísta também com suas coisas, vamos dizer assim, se você tem uma função, como a gente tava falando aí, de ocupar o momento, assim profissional, pegar uma profissão e ocupar 95%, 99% pra seus alunos, é... pra você estudar, pra você ensinar de uma escola pra outra, aí você não tem tempo nem para você, pra sentar com seu marido e conversar direitinho e você opinar na hora que ele pergunta, que ele quer, não sentir carência, não sentir sozinho, entendeu? não sentir falta assim de você... enquanto você não esta trabalhando, entendeu? tudo isso é desprazeroso... e outra... é... **acaba começando esquecer as coisas dentro da casa** assim, fica muito pouco tempo pra se equilibrar... manobrar, entende? (esposo, casal 16)*

Entrevistadora - E: Vc disse que se sente abandonado por ela?

Marido: Claro! uma pessoa ocupada 99%, 95%, trabalhando até, até altas horas... como o marido vai sentir... a família, né?(esposo, casal 16)

O participante indica ter uma visão tradicional da família, onde deixa claro a divisão rígida dos papéis sexuais, já apontados pelas últimas pesquisas como em processo de flexibilização na cultura brasileira (Jablonski, 2003, Matos, 2000, Araújo e Scalon, 2005, entre outros). O fato de sua origem ser oriental pode contribuir para essa perspectiva. Para ele, o papel da mulher na família é insubstituível e delimitado, implicando em que ele – o marido - só pode colaborar até certo ponto, pois o restante é papel da mulher, conforme mostrado pelo trecho abaixo:

*Porque (a mulher) é **insubstituível**, sabe? **O cuidado de uma mulher pra família... o homem não cobre, cada um de nós deve fazer a parte dele** não é verdade? Se ela começa esquecer a parte dentro da casa, porque eu não consigo... justamente eu to pedindo que ela não faltasse, né? nesse ambiente... no momento que ela não está fazendo essa parte... eu to pedindo, eu to sentindo falta... como eu vou cobrir? se eu conseguisse fazer 50% do que ela ta deixando de fazer, eu não estaria atrás, eu não estaria sentindo essa falta, estaria satisfeito mesmo, ia ficar na minha... tranquilo... (riso) não ia correr, não ia sentir a falta dela. Mas quando falo é justamente a parte dela ta deixando, ta largando de*

fazer, enquanto eu to esperando que sempre ela participe mais... é fazer... ela voltar a fazer essa parte.(esposo, casal 16)

Claramente há uma discordância em relação ao investimento na carreira, no trabalho e na família. A fala do participante mostra as contradições que ainda existem em relação ao trabalho feminino que ao mesmo é incentivado e visto como prejudicial à família e ao casamento. Fica retratado a transição entre novas e velhas expectativas em relação aos papéis de gênero.

De acordo com a avaliação do marido do casal 16, a sua participação corresponde ao que um homem deve dar em um casamento. Esse homem não avalia que o que ele chama de “fazer o que um homem pode” está relacionado ao provimento financeiro da casa e ao cuidado com o filho, enquanto que sua esposa, “faz o que a mulher pode além de fazer o que o homem pode”.

Em outro momento ele demarca a diferença de investimento na família e no trabalho existente entre eles, deixando claro sua habilidade em administrar a interação família trabalho.

*como eu trabalho também, né? (...) eu não ia trabalhar 99% e deixar só 1% pra família. (...) eu poderia trabalhar até 99% e só deixar 1%, mas eu prefiro assim, deixar... Trabalhar 55% e deixar o resto assim, 40% pelo menos, mesmo assim, sendo apertado (...) **eu cumpro minhas obrigações, eu faço tudo que um homem pode fazer, eu faço...** 85% eu to mesmo dentro da família, mesmo..*(esposo, casal 16)

Em outras áreas da vida conjugal, ele avalia que não há discordâncias importantes e que, quando elas existem, são circunstanciais.

que agente concorda assim (...) tem várias coisas, né? de coisas mínimas até coisas grandes, né? dependendo do assunto, do momento, né? (esposo, casal 16)

... agora o casal também tá bom, tá reservado, até o momento tá tudo certo, né?... o individual também a gente, como tá dizendo ela pode passear, pode sair... embora que ela não é muito chegada de sair, ela é mais caseira, né? Eu também não tenho isso de sair muito, assim de beber, vou sair hoje, vou sair amanhã, encontrar com amigos, não...é muito por esse aspecto assim, não tem essas brigas, né? tá bem.(esposo, casal 16)

Mas parece que para sua esposa, as coisas não estão tão bem. Pelo menos é o que mostra o escore total dessa mulher na DAS. Ela teve o menor escore dentre todos os participantes – 68 - representando 44% do total da escala. Na entrevista ela esclarece os fatores relacionados à sua insatisfação.

Lembrando que a entrevista é iniciada com a pergunta aberta: “como você avalia seu casamento hoje?” vimos que em sua resposta a participante denuncia elementos relacionados ao desafio de combinar família e trabalho apontando a falta de convívio social como um ponto negativo para o casamento.

*(o casamento está) “**Mais ou menos...** Porque... na realidade eu convivo ...assim, por exemplo, a gente como eu deixei claro (no questionário) a gente tem pouca vida social... **sempre trabalho, casa, final de semana to sempre com minha irmã... então tá mais ou menos...**” (esposa, casal 16)*

A falta de consenso em relação às questões do trabalho, carreira e dinheiro também são apontados como problemas por ela, o que indica que existe uma congruência no casal quanto aos pontos de discordância no relacionamento.

(...) de vez em quando o que me dá desprazer é ele não aceitar certas coisas, por exemplo, eu vou voltar a trabalhar de noite, ele não aceita, não entende isso, no entanto, eu não queria trabalhar (à noite), mas eu preciso trabalhar e isso é o que está sendo barra para mim... (esposa, casal 16)

Pesa sobre essa mulher a responsabilidade de decidir aonde vai investir mais e a forma de realizar esse investimento: se na família ou no trabalho. Essa decisão, aos olhos do marido é uma opção, mas fica evidente que, aos olhos dessa esposa, é um dilema, pois envolve um conflito entre desejo e necessidade. Ela gostaria de não trabalhar à noite, mas é impelida pela necessidade. O marido não entende sua necessidade de trabalhar, e a vê como algo exagerado.

*Eu sacrifico, eu sacrifico muitas coisas, eu to sacrificando muitas coisas assim, pra ela alcançar os objetivos dela... o que não pode...“mandar” muito tempo essa história de... que ela não precisa trabalhar de noite, né? então não precisa... se eu falo assim, vá trabalhar! Vamos dizer assim, tal, tal...**ela faz porque ela gosta de fazer**, ela sabe fazer, ela tem a profissão e tal, tal, tal...**ela não precisa mais de...de trabalhar...um trabalho só!... porque ela vai trabalhar dois trabalhos? Por que ela vai voltar 11hs?**(esposo, casal 16)*

Ele avalia que o quanto a pessoa investe na família e no trabalho é uma questão de opção. Hans (1991) já discutiu a idéia de que na cultura ocidental é esperado que a base sólida de provimento da família seja o marido, enquanto que o trabalho feminino nas classes mais abastadas é visto como uma *distração feminina* que gera um complemento no orçamento doméstico. Ele tem dificuldade em enxergar que a necessidade à qual ela se refere fala de um sentimento interno, provavelmente ligado a um desejo de sucesso e realização profissional. Pode ser difícil para um homem, com uma visão tradicional de casamento e de vida familiar, entender que o eixo central da identidade de uma mulher esteja localizado na profissão e não no exercício da maternidade, no cuidado com o marido e com as coisas do lar conforme foi mitificado culturalmente.

Enquanto o seu esposo avalia que o casal concorda sobre quase tudo, quando questionada em relação a pontos de concordância no casal, ela não consegue lembrar de pontos consensuais.

E a gente concorda...sinceramente eu não lembro... (esposa, casal 16)

Podemos claramente constatar pelas entrevistas que nesse casal o foco da insatisfação e da discordância relaciona-se aos conflitos da interação família e trabalho e à dificuldade de aceitação de novos papéis e identidades de gênero.

Dinheiro não traz a felicidade - mas pode mandar comprá-la? Ou... Homem que é homem...

O casal 3 é composto por um comerciante de 31 anos e uma recepcionista de uma clínica médica de 31 anos casados há 10 anos. Ela cursa atualmente a Faculdade de Educação, enquanto ele possui nível superior em Administração de Empresas. Possuem duas filhas, sendo uma das filhas do primeiro casamento da esposa e a outra filha desse casamento atual. Possuem empregada doméstica cujas funções são administradas pela esposa. Ele diz participar da maioria das tarefas domésticas, enquanto ela diz participar da minoria.

Os escores da DAS foram concordantes em relação à satisfação. O escore total da escala é 121 para o marido e 129 para a mulher. A escala avalia este casal como possuindo um bom ajuste conjugal.

Para a esposa, a DAS reflete um casamento com alto escore de ajuste, mas com fragilidades na dimensão coesão e maior escore na dimensão consenso. Para o esposo a área de fragilidade é a coesão, sendo satisfação a dimensão com maior escore. Na dimensão satisfação no casamento o escore é igual para os dois, assim como expressão de afeto possui o mesmo escore. A diferença do escore entre os cônjuges fica refletida nas demais dimensões.

Tabela 16

Grupo pré-seleção

	Consenso	Coesão	Expressão de Afeto	Satisfação	Escore total
média	47.75	17.17	10.81	36.81	112.53
DP	8.833	4.931	2.214	5.371	18.353
Percentil 25	42.00	13.25	10.00	32.00	99.25
Percentil 50	49.00	17.00	11.50	36.00	114.00
Percentil 75	53.75	21.00	12.00	41.00	126.00

Tabela 17

Escore do casal 03

03	Consenso	coesão	Expressão de afeto	satisfação	Escore geral DAS
Ele	51	17	12	41	121
Ela	57	19	12	41	129

O que estaria ameaçando ou comprometendo o ajuste da díade e a satisfação Na DAS, as questões financeiras aparecem refletidas num item da dimensão consenso

“quando lidamos com as finanças da família”¹². Na entrevista com os cônjuges do casal 3 conseguimos detectar que as demandas financeiras podem estar presentes tanto na postura dos parceiros em relação ao dinheiro (desorganização ou controle financeiro) quanto subjacente a problemas com a demonstração de afeto.

eu sou um pouco mais grosso, não que eu seja um ignorante, um cara ignorante, grosso, que gosta de brigar, não! mas as coisas me aborrecem... e eu volto a tocar de novo no assunto de... finanças... quando essa parte não vai bem, me deixa bastante aborrecido por não poder dar melhor situação... isso me deixa aborrecido, isso me deixa um pouquinho impaciente, irritado, aí eu me torno um pouco grosso, na hora de expressar o carinho que eu sinto por ela, eu fico mais inibido, inibido mesmo, eu fico muito travado porque eu fico muito grosso, agressivo (...)(esposo, casal 3)

Essa fala do marido evidencia a complexidade do impacto da questão financeira. Primeiro ele fala de uma cobrança interna em relação ao papel tradicional de gênero, ou seja, do homem como principal responsável pelo conforto material e pela sustentação financeira da família – “*me deixa bastante aborrecido por não poder dar melhor situação*”. Outra questão é que as experiências com o aspecto financeiro afetam o estado de humor dele – “*isso me deixa aborrecido, isso me deixa um pouquinho impaciente, irritado*”. Por fim elas são apontadas como conflitos no casal afetando a expressão de afeto.

o motivo financeiro as vezes nos deixa irritados e aí a gente briga por pouca coisa e isso me aborrece porque eu não posso fazer coisa para melhorar isso, eu não tenho condições de melhorar esse tipo de situação.(esposo, casal 3)

como eliciadora de comportamentos agressivos ou de aversão. Além disso, pode impactar psicologicamente à pessoa resultando em tristeza, sentimento de fracasso, de impotência, de menor disposição para manifestações de afeto e inclusive para o sexo.

¹² Item 1 da DAS (ANEXO III)

Tanto as questões relacionadas às discordâncias quanto às concordâncias no casal são atravessadas pelo lugar e função que o problema financeiro ocupa na dinâmica do relacionamento.

*bem... o que nós mais concordamos... é... geralmente ta relacionado a melhora, tudo que pode melhorar a nossa vida financeira. **Tudo que é.. voltado para nossa melhora financeira, a gente geralmente, concorda**, não é? agora, na questão da discordância ta mais ligado a assuntos, a assuntos gerais... discussão da vida, do cotidiano, de situações que acontecem no dia-a-dia, o que passa na televisão... coisas simples que se discute no dia-a-dia e a gente costuma discordar, e acho isso bom... essa **discordância traz uma discussão que faz com que a gente vá trocando idéias e aprendendo**. É mais nesse sentido. (esposo, casal 3)*

Um aspecto interessante diz respeito à forma como esse marido entende os pontos de discordâncias. Tal fala relaciona-se a um item encontrado na dimensão coesão da díade da DAS: “*Têm uma troca de idéias estimulante*”¹³. Ambos respondem que realizam essa atividade em torno de uma a duas vezes por semana. Essa postura do casal mostra que a existência de discordâncias não implica necessariamente em conflitos. Elas podem gerar oportunidades de trocas de conhecimento e contribuir para o crescimento do casal.

Quando o tema é a expressão de amor e carinho, o marido reconhece limitações, algumas delas auto-referentes. Avalia que a esposa é carinhosa e que ele é razoavelmente carinhoso, mas aponta que a expressão de afeto é diretamente influenciada por outras dimensões e variáveis. Coloca as dificuldades financeiras como influência negativa na sua expressão de afeto e avalia que a esposa também passa por variações de acordo com as circunstâncias.

¹³ Item 25 da DAS (ANEXO III)

na hora de expressar o carinho que eu sinto por ela, eu fico mais inibido, inibido mesmo, eu fico muito travado porque eu fico muito grosso, agressivo, mas... já ela não, ela é bastante carinhosa sempre, né? a não ser quando ela também ta um pouco aborrecida, ela também dá as patadas dela, mas eu acho que a nossa maneira, nosso jeito de viver é tranqüilo, é bem tranqüilo, vez ou outra a gente sai da linha por um aborrecimento qualquer assim, mas geralmente a maneira de expressar o amor é razoável, da minha parte, principalmente. (esposo, casal 3)

O esposo se reporta à forma como a esposa trata as filhas como uma referência para avaliação da expressão de afeto na relação e se mostra satisfeito com essa dimensão.

(quanto à maneira como o casal expressa afeto um pelo outro) (...) é bem satisfatória, a não ser quando ela está com alguns problemas, né? que aí vem... agressividade, aquelas brigas, discussões, mas no geral, ela expressa o carinho dela de forma satisfatória, não só comigo, mas com as filhas também, no geral eu gosto, certo? eu... pra mim ta, assim, ótimo, não tem nada que tirar nem por, não. (esposo, casal 3)

Se em relação à forma de expressar amor a avaliação é positiva, quando o assunto é sexo, a análise é mais rigorosa. A vida sexual para esse esposo está comprometida. Ele avalia que a vida sexual está aquém do que já foi. Sua avaliação quanto às variáveis envolvidas nesse comprometimento da vida sexual aponta problemas relacionados à rotina, ao nascimento da filha e à vida financeira. Quando moravam em casas separadas, a vida sexual era mais intensa. Conclui sua análise de forma crítica, indicando a necessidade clara de melhoria nessa dimensão do casamento.

*bem.. eu acho que a gente tem uma vida sexual, vamos dizer assim, razoável hoje, porque quando nós não tínhamos filhos, certo? não tínhamos filhos, quer dizer ela já tinha F1(filha 1), mas quando não tinha F2 (filha 2), nós não éramos casados realmente, nós vivíamos em casas separadas, era muito mais intenso, né? era muito mais intenso, a gente não vivia aquela rotina, aquela coisa do dia-a-dia, cada um vivia na sua casa e era muito mais intenso... **quando começamos***

a morar juntos, que tivemos a outra filha e começou o problema financeiro e isso realmente veio... afetou na nossa vida sexual, isso diminuiu, diminuiu e isso é um problema não só meu, é um problema conjunto, às vezes, eu não to muito afim, às vezes, ela não ta muito afim...(...) Então a nossa vida sexual não é, vamos dizer assim, tão boa quanto deveria ser. Precisa melhorar. (esposo, casal 3)

Podemos analisar que para esse esposo, a questão financeira é referência para boa parte da sua construção sobre o casamento. O modelo tradicional de casamento é muito forte. A idéia subjacente de que a principal responsabilidade pelo conforto material e provimento financeiro da família é papel do homem fica clara em algumas passagens. É muito provável que, por isso, o fato de não prover financeiramente de forma satisfatória sua família o incomode tanto. A obrigação foi incorporada como dele. Ele sente o peso da responsabilidade e se culpabiliza por não atender à sua própria expectativa em relação ao sustento financeiro da família.

Mas e para a sua mulher? A esposa apresenta um alto escore na subescala consenso da diade, o que é ratificado na entrevista. Nela, a participante avalia que o casal possui poucos pontos de discordância e grande aproximação dos gostos e das coisas que compartilham. Coloca que um dos pontos onde há divergências é em relação às finanças e a criação das filhas.

...eu gosto das mesmas coisas que ele, que mais... no casamento o básico é isto (conversas), pra gente é isso. (esposa, casal 3)

ah! Na hora de pagar as contas, fechar os débitos, porque Y(esposo) é muito certinho e pra ele tem que ser tudo na ponta do lápis, os centavos, não sei o quê, e eu sou meio descontrolada. Eu vou comprando, comprando, comprando, depois eu vejo como é que paga. Y(esposo) é muito controlado, eu acho que a única coisa, fator que leva a gente ter problemas é isso. Y(esposo) é muito controlado. (esposa, casal 3)

As finanças são uma área onde, tradicionalmente, o homem possui maior permissão para atuar (Hans, 1991). Essa esposa se percebe vivendo o papel secularmente atribuído às mulheres – o de “atrapalhadas” com o dinheiro (Hans, 1991, p.343). Vale dizer que o fato da vida da mulher ter ficado restrita ao mundo privado certamente contribuiu para possíveis dificuldades que as mulheres tenham com a administração da vida financeira. A dependência financeira foi um mecanismo de *poder poderoso* usado pelo modelo patriarcal para garantir a submissão das mulheres.

Em relação às projeções futuras para seu casamento, a esposa avalia inicialmente que o mesmo não precisa de maiores mudanças. Aguarda a troca de casa de modo a organizar melhor os espaços do casal e das filhas, já que atualmente uma das filhas dorme com eles no quarto. Quando mergulha na narrativa relaciona os problemas atuais à forma como ela lida com o dinheiro e com a criação das crianças, culpabilizando-se e assumindo toda a responsabilidade por mudar o quadro. Na questão 32 da DAS respondeu “quero muito que meu relacionamento seja bem sucedido, e farei tudo o que puder para que isso aconteça”.

*olhe, meus planos pro meu casamento, eu acho que se continuar assim ta ótimo, meus planos simplesmente são pra quando eu me mudar, F2 sair do meu quarto, me deixar em paz(risos) entendeu? que eu possa realmente... fazer aquilo que eu tenho vontade com meu marido, ta? E... porque eu acho que um casamento tem vários fatores mas o principal é que a gente não deixe de se falar, a gente tenta resolver nossos problemas, a gente ...eu acho que... nesse tempo todo que eu tenho com Y, dez anos, eu nunca deixei de falar com ele, nunca deixei aquelas briguinhas de passar uma semana sem se falar, nunca deixei briguinha de passar 24 horas um virando a cara pro outro, deitar na mesma cama, um virar pro lado, outro pro outro, não! entendeu? até quando eu discuto com ele por outros fatores, fatores que realmente, como eu já te falei, fatores que colaboram pro nosso desentendimento maior é a questão que **eu não sou controlada financeiramente** e Y é. Mesmo quando eu tenho que brigar com ele, pra mostrar*

*para ele que eu estou certa... na hora de dormir... mesmo eu fico chateada, eu sou meio rancorosa, eu fico chateada... fecho a cara, mas não... na hora de deitar ele vem, passa a perna em cima de mim, me abraça, sempre tá disposto sempre a fazer as pazes, entendeu? nunca ta... nunca deixa... ele sempre disse pra mim que nunca ia deixar nosso casamento cair na rotina de ficar uma semana sem falar com o outro, ou então de ir dormir fora da cama, ele não admite... até porque nunca houve necessidade também de eu sair da cama, certo? de eu dormir no chão, nunca (...) com a gente, então eu acho que **eu preciso realmente me controlar**, meu casamento... os planos do meu casamento realmente, eu me controlar e eu ser mais enérgica com F.1 Eu acho que aí os problemas vão a zero porque aí já fica mais influenciando pra gente sempre ta discordando com as coisas... é só isso mesmo. (esposa, casal 3)*

Podemos observar que para essa esposa a dificuldade financeira em si não representa a maior ameaça ao casamento, ou não representa o maior motivo de conflitos. Os conflitos estão relacionados ao comportamento dela em relação ao dinheiro, ou seja, à sua incapacidade de organizar-se financeiramente. Curioso o fato de que o tema *questão financeira* aparece como referência nas duas falas, mas com perspectivas diferentes. Podemos levantar a hipótese de que para esse casal a preocupação com as finanças é uma atribuição do marido. Tradicionalmente tem sido assim, como nos mostra vasta literatura. Ele é que possui o principal papel de provedor, enquanto ela deve controlar seus comportamentos tipicamente "femininos" de "gastar dinheiro com bobagens" ou supérfluos. A idéia de supérfluo é relativa. Podemos levantar a hipótese que para uma mãe, cujo principal papel é cuidar da família afetivamente, comprar uma blusa ou um brinquedo para uma filha tenha outro significado: agradar, cuidar, acarinhar. Fica o desafio de, em uma pesquisa posterior, entender melhor a interação entre questões de gênero e dinheiro.

Curiosamente, apesar de essa mulher adotar as questões financeiras como uma referência para sua narrativa, um outro tema vai ganhar força durante a entrevista: as

questões de gênero ligadas à forma como ela percebe o comportamento e atitudes do marido.

Para essa mulher, a vida conjugal e familiar prevalece sobre a vida individual. As coisas são todas feitas em família, quase não sobrando espaço para o lado individual. Apesar de se envolver em atividades que a afastam da família pelo tempo que elas demandam -trabalhar e fazer faculdade - ela percebe sua vida como prioritariamente conjugal e familiar. No amadurecer da narrativa, podemos perceber um certo descontentamento e uma estranheza em relação a comportamentos do marido.

(vida) individual a gente quase não tem, assim... porque... Y (esposo) é um marido que ele não... não tem a parte individual, ele não sai com os amigos, ele não joga uma bola, ele não faz uma academia, entendeu? Então ele sempre tá em casa comigo... a gente tem mais... a gente só tem o lado conjugal... porque eu não tenho nenhuma atividade, quer dizer eu tenho, eu tenho mais, eu vou pra faculdade de noite, saio do trabalho, vou pra faculdade de noite, mas Y (esposo) não tem, então ele saiu do trabalho, ele tá em casa, entendeu? com as filhas, tá em casa comigo, entendeu? Então ele não joga bola, ele não vai no barzinho tomar uma cervejinha esperta... aqui em baixo ele não desce pra tomar cerveja, eu tenho que tá do lado dele, então nossa parte não existe a individual, existe (...) é a conjugal... (esposa, casal 3)

A narração ganha força e ritmo em uma seqüência crescente de descrições de comportamentos tradicionalmente atribuídos aos homens – generificados – até desembocar em uma conclusão, que aparece na forma de uma problematização: meu marido é anormal em relação aos outros homens? Essas referências a papéis generificados apresentam subjacente uma argumentação para um pedido final, que me parece um pedido de um processo de individuação, ou de afrouxamento da dependência dele por ela até para coisas mínimas como o lazer das crianças. Em suas pesquisas, Araújo e Scalon (2005) analisaram dados que apontam que são as mulheres as que mais

gastam tempo pessoal com o lazer de filhos e maridos. A esposa parece pedir um tempo para esse homem: “vá fazer suas *coisas de homem* e me deixe em paz!”

*... eu queria que ele sáisse, assim... eu até incentivo ele: vá fazer um esporte, vá jogar uma bola com seus amigos, porque eu acho que ele precisa... porque até conversa de homem, entendeu? Porque eu vejo todos os **maridos normais** saem pra jogar bola, saem pra tomar cerveja, minhas amigas sempre estão comentando: briguei com meu marido esse final de semana porque ia tomar todas...é impressionante mas o meu não sai pra tomar todas...as meninas as vezes dizem Xseu marido tem algum problema... eu também acho, já comentei com ele sobre isso: vá sair pra ... nem na praia ele vai com as meninas sozinho, se eu não deixar ele na praia, ele deixa as meninas sem ir pra praia, **se eu não for ele não vai, não tem jeito.** (esposa, casal 3)*

Apesar da aparente indiferenciação vivida por esse casal, por essa família, a participante se reporta a uma vida conjugal enfraquecida, onde há pouco espaço para a intimidade e conjugalidade, já que as crianças estão sempre envolvidas em tudo que o casal faz.

*... porque como eu já falei antes a gente sempre ta junto, né aí... juntos assim, **não é só eu e ele, é eu, ele e as meninas. Então a gente não tem muita preferência,** o que a gente tem que fazer ta junto, né? Independente da atividade...se tem uma peça de teatro e tem que levar F1... vai todo mundo, entendeu? Se tem... dia dos pais na escola de F1... tem que ser todo mundo. Vai a mãe, o pai e a irmã... não tem nada a ver ir a irmã e a mãe pra uma festa do dia dos pais, mas tem que ir, entendeu? Se for dia das mães, tem que ir o pai e a irmã... sempre a gente ta junto, **porque não tem outra opção.** (momentos sozinhos) Não. Só pra gente não. Impossível só pra gente com as meninas. O único momento que a gente tem as meninas tem que ta do lado... só pra gente, não. (esposa, casal 3)*

O que leva esse casal a ter tanta dificuldade em criar momentos para a vida a dois? Temos dúvida de que a falta de espaço físico na casa e as dificuldades financeiras sejam suficientes para justificar e/ou explicar as dificuldades com a conjugalidade. Por

outro lado é inegável que para um casal ainda em fase de construção da vida essas condições possam impactar de forma negativa no casamento. Devemos, no entanto, atentar para o fato de que atualmente os padrões de consumo e de conforto estão muito altos. Isso pode levar as pessoas a construir expectativas irreais sobre o que é conforto ou situação financeira ideal, dificultando as pessoas criarem situações prazerosas ou de lazer que envolvam simplicidade ou baixo custo.

A proximidade do casal é vista como positiva em outros aspectos do casamento. A esposa avalia que eles compartilham dos mesmos gostos, dando muito valor para a comunicação no casal. Em um momento, a participante considera que, mais importante do que a ação ou mudança, é a atitude de conversar sobre as questões.

*conversas...eu gosto das mesmas coisas que ele, que mais... no casamento o básico é isto, pra gente é isso.(...) sobre qualquer assunto, **a gente conversa muito**, mesmo que a ação não seja de imediato, daqui a dois, três dias a gente esqueça o que tem que fazer, **mas a conversa é essencial**, a gente sempre tenta resolver as coisas na conversa, ne? (esposa, casal 3)*

Esse casal nos mostra, através de suas narrativas, que vive claramente dois dilemas contemporâneos: falta de estabilidade financeira e dilemas em entender os papéis e identidades generificados e suas relações com a conjugalidade. Se por um lado eles prezam a proximidade e a vida a dois, por outro o afastamento dos comportamentos tradicionais de gênero por parte do marido causam estranhamento e até desconforto. É nesse contexto que se manifesta um desafio fundamental da conjugalidade: adequar o grau de proximidade e distanciamento ou, em outras palavras, equilibrar o grau de individualidade e de conjugalidade.

Cabe ressaltar ainda que a dinâmica desse casal desnuda um outro ângulo dos dilemas na interação família-trabalho. O fato das pessoas investirem muito tempo em

atividades profissionais e as vezes educacionais – como é o caso desse casal – permanecendo muito tempo longe de casa, do cônjuge e dos filhos, acaba por gerar uma necessidade de compensação e investimento na vida familiar. A questão é que estar em casa ou fazendo atividades familiares não é suficiente para dar conta das necessidades individuais e conjugais.

Encontramos na literatura alguns estudos que procuraram avaliar os impactos do dinheiro no casamento. Os resultados desses trabalhos são no mínimo controversos. Paraguassú (2005) aponta que o dinheiro configura fator importante nos casamentos, mas não determinante. Gottman (1998) coloca a questão de forma mais definitiva: a falta de dinheiro e as dificuldades financeiras não são vistas como fatores de influência negativa no casamento.

Não há dúvidas de que a falta de dinheiro exerce influências na satisfação conjugal, mesmo que essa influência não seja percebida de forma clara. Fazendo um contraponto à perspectiva apresentada pelos autores citados, a análise das entrevistas do casal 3 mostra que a questão financeira não representa um mito, mas sim uma realidade que afeta o casamento estendendo-se a outros setores da vida.

Os opostos se (a) traem...mas, podem continuar caminhando?

O casal 8 é composto por um professor universitário de 32 anos e uma auxiliar de escritório de 33 anos casados há 11 anos. Ele é formado em Administração de Empresas, enquanto ela possui o segundo grau completo. Possuem 1 filho. Têm empregada doméstica. O marido diz que a empregada é gerenciada pelos dois, enquanto a esposa diz que é gerenciada apenas por ela. Ele diz que participa da maioria das tarefas domésticas, enquanto ela diz que participa de menos da metade delas.

Os escores da DAS foram baixos na seleção inicial pré-pesquisa, o que nos fez optar por incluí-los no grupo final. Ele apresentou o escore total da escala de 97, enquanto ela apresentou escore de 103. De acordo com a avaliação da escala este casal como possuindo um baixo ajuste conjugal. A subescala que apresentou menor escore para o casal foi afeto – com o mesmo escore – e a subescala com maior escore também para ambos foi consenso.

Tabela 16

Grupo pré-seleção

	Consenso	Coessão	Expressão de Afeto	Satisfação	Escore total
média	47.75	17.17	10.81	36.81	112.53
DP	8.833	4.931	2.214	5.371	18.353
Percentil 25	42.00	13.25	10.00	32.00	99.25
Percentil 50	49.00	17.00	11.50	36.00	114.00
Percentil 75	53.75	21.00	12.00	41.00	126.00

Tabela 19

Escore do casal 08

08	Consenso	coesão	Expressão de afeto	satisfação	Escore total da DAS
Ele	44	13	8	32	97
Ela	48	15	8	32	103

Esse casal passou por um período de questionamento e ajustes na relação muito importantes. Ambos elegem dois temas base para suas narrativas: após uma relação extra-conjugal por parte do marido resolvem avaliar o casamento e dar outro rumo a ele. O outro tema refere-se à diferença em relação à filosofia de vida e visão de mundo. Apesar dessa tentativa de reconstrução do casamento, ambos avaliam que suas visões

sobre a vida são fundamentalmente diferentes e que isso impacta de forma negativa em alguns setores como o sexual, o profissional, o lazer, entre outros. Diferenças acentuadas sobre filosofia de vida e visão de mundo têm sido consideradas por outros estudos como relacionadas a problemas importantes nos casamentos. Estudo anterior (Perlin, 2001) detectou que um dos principais itens relacionados a casamentos satisfatórios era alto escore de concordância em relação a “*filosofia de vida*”¹⁴

O casal utiliza uma referência cronológica para avaliar o casamento, indicando um período atual de reflexão posterior ao evento extra-conjugal. O evento parece ter atuado como divisor de águas, onde emergiu a necessidade de avaliar o casamento e as necessidades individuais. O marido utiliza a idéia de amadurecimento para demarcar uma nova etapa onde o confronto entre a individualidade e a conjugalidade pode servir para um crescimento. Mas ele não chega a ser conclusivo, apesar de ter avaliado seu casamento como feliz na DAS.

E. Como você avalia seu casamento hoje?

Hoje... após os 11 anos de casamento, eu avalio em uma... em uma fase de re-estruturação, de re-significado, eh... de algumas coisas como o que é o gostar, o que cada um acha que é o gostar, e... o quanto é válido permanecer junto ou não... pros dois, né? pros dois lados, o que significa valer a pena estar junto. Esse, esse é um momento, até porque passamos por um momento em que, recentemente e que houve... houve uma necessidade dessa avaliação. Então esse é o momento em que a gente tá amadurecendo isso, essas expectativas de cada um. (esposo, casal 8)

A esposa compartilha da percepção de que há um amadurecimento do casamento, sendo que ambos dão indícios de que estão no meio de um processo com muitos movimentos, um processo instável, de reavaliações.

¹⁴ Item 8 da DAS (ANEXO III)

E. Como você avalia seu casamento hoje?

Bem mais maduro, porque cada dia... assim, tá sendo um aprendizado, né? hoje, com certeza, bem mais amadurecido e a cada dia, bem mais... construtivo.
(esposa, casal 8)

O marido, ao avaliar seu casamento, se refere ao prazer que sente com o convívio familiar. Após a repetição da pergunta o marido refere-se à confiança e estabilidade afetiva que sente em sua situação de estar casado com uma esposa presente e dedicada.

E. Quais são as coisas que dão mais prazer a você no casamento?

*eh... hoje o que dá mais prazer... é a convivência em casa, no lar, até porque eu tenho um perfil mais de desfrutar dos momentos de lazer em casa mesmo, então... essa coisa de estar em casa e desfrutar desses momentos é uma coisa que dá prazer, é... o... contando o relacionamento com o filho, com o filho que nós temos, um filho que tem 10 anos há... há uma soma de..., **posso incluir isso também? Há uma soma disso, disso, dessa coisa do prazer, da família, do casal, da família como um todo**, porque a gente já, a gente tem uma convivência interessante... que compartilha muita coisa. **Especificamente, com relação a... minha esposa**, é... o prazer... ele está nessa convivência, eh... mas poderia estar acontecendo em outros aspectos também, não só no conviver por conviver, estar ali compartilhando momentos de lazer... poderia ser uma coisa um pouco mais abrangente ou mais específica em alguns aspectos. Você perguntou sobre o que dava, o que dá prazer... eu to preso a uma questão apenas porque... não to visualizando muitas outras facetas, muitos outros momentos em que eu possa dizer aqui que tem esse... esse prazer. Você repete a pergunta pra que eu possa...
(esposo, casal 8)*

E: Quais são as coisas que dão mais prazer a você no casamento.

Um outro aspecto que eu posso considerar eh... que dá prazer não é o momento, exatamente, mas a sensação de ter ao lado uma pessoa que é confiável, que é amável, dedicada... isso me dá prazer também. (esposo, casal 8)

Ao referir-se a coisas conflitantes ou problemáticas, cita como base um distanciamento ideológico e intelectual que se reflete em vários setores do relacionamento conjugal, além de criticar a maneira controladora da mulher em relação à organização doméstica.

*Bem.. eh... na relação... **sexual** eu tenho algum descontentamento... na troca... na **troca sobre idéias e ideais**, isso no **campo profissional**, mas de um modo geral eu tenho uma carência em relação a isso... **tem uma carência em relação a essa troca que não existe do modo que eu gostaria**, eh... eh... há um comportamento... ah... um tanto interventor, vamos dizer assim, em excesso por parte, por parte... de minha esposa em relação as atividades, enfim, de um modo geral, em casa, principalmente em casa, em que ela... **essa tentativa de manter um controle o tempo todo, ah... me deixa desconfortável** e eu já, e eu já externei isso já, comentei sobre isso. Basicamente essas coisas. (esposo, casal 8)*

Faz alusão à preocupação excessiva da esposa com as coisas da casa e a uma insatisfação permanente de sua mulher com o cuidado doméstico. Ray (1988) aponta que a alta insatisfação feminina com relação ao padrão de cuidado com a casa está vinculada ao fato de que, independente de trabalharem o mesmo número ou mais de horas que seu cônjuge, as mulheres são responsáveis pela maior parte das atividades domésticas.

*Sobre as atividades, é estar no trabalho e **fazer duas, três ligações pra casa, pra controlar questões que se desenrolariam naturalmente**, de um modo ou de outro, é... elas poderiam ter um fim como o esperado ou não! Enfim, e isso também já deixei, já mencionei dessa forma que estou falando. Atualmente, isso tem melhorado, nesse aspecto, esses eventos tem sido menos freqüentes, mais ainda há uma preocupação nesse sentido que me incomoda. (esposo, casal 8)*

A dinâmica desse casal evidencia o fato de que homens e mulheres têm expectativas diferentes em relação ao cuidado doméstico. Muito frequentemente são as mulheres que têm um alto grau de exigência. Rampage e Avis (1998) apontam que a mulher é criticada por exacerbar um comportamento que foi sua obrigação compulsória durante séculos. Cuidar da casa é uma das atividades que está mais arraigada em sua formação identitária. O limite entre cuidar demais e cuidar de menos, muitas vezes é tênue e essa mulher tenta realizar “sua” tarefa como pode. Nesse casal aparece ainda a desqualificação da mulher pelo valor que ela dá ao cuidado do lar.

*Isso me incomoda, eh...(...) incomoda porque... porque a outra pessoa, minha esposa, no caso, eh... ela não se desliga dessas coisas, eh... então eu acho que de algum modo **não desfruta das coisas que ela poderia estar desfrutando, desfrutando naquele momento, seja no trabalho, seja pra ela especificamente, individualmente, eu acho que isso (...) essa individualidade deveria ser aproveitada por ela, ao invés de... eh... de tentar controlar o que o filho vai almoçar ou não porque eu me atrasei, sendo que se um dia apenas ele almoçar um hambúrguer, um cachorro quente, um dia apenas porque isso não vai virar rotina, ele não vai morrer, não vai sofrer nenhum problema a mais, essa a proporção da preocupação que eu me refiro.** (esposo, casal 8)*

Vemos claramente que o padrão de exigência em relação ao cuidado do lar e do filho é diferente, é o resultado de valores diferenciados e generificados. Para esse homem o cuidado do lar é secundário, mas parece ser prioritário para a esposa. A diferença valorativa onde o trabalho doméstico é menos importante que o trabalho formal e/ou remunerado é tradicional. O esposo entende esse alto padrão de cobrança da esposa como um desperdício de tempo individual, além de entender como uma desqualificação de sua própria capacidade de organizar a casa à sua forma quando a esposa não está. Isso, que é percebido pelo marido como um problema ideológico e de discordâncias sobre filosofia de vida, tem seu foco na estrutura patriarcal da família e na

divisão tradicional dos papéis de gênero, ainda presentes como um modelo interno para ambos. O comportamento da mulher mostra como é difícil para ela a tarefa de integrar família e trabalho. Essa situação parece que se torna mais vívida pela existência de uma flexibilização da forma de trabalho remunerado nesse casal: ele exerce uma atividade remunerada que lhe permite ficar muito tempo em casa e ela trabalha fora.

*(...) eu trabalho em casa, então, meu trabalho se desenvolve paralelo com as atividades domésticas e... **essas atividades**, eventualmente (...) **sofrem uma tentativa de controle e de supervisão que fatalmente vai tá passando a ser uma supervisão do que eu faço também, né?** (esposo, casal 8)*

Enquanto ele a percebe como controladora, ela se sente sozinha na tarefa de organizar o ambiente doméstico, como as compras, as instruções para a empregada, o cuidado com o filho. Ela demonstra um descontentamento e um sentimento de obrigatoriedade, além de falar sobre sua desconfiança na capacidade do marido de dar conta da casa como ela acha que deve ser.

*(...) eu não gosto muito, assim, de ir pra supermercado que é terrível, odeio! Odeio assim, porque eu fico pegando as coisas e ele sempre fica acomodadinho, aliás, ele nunca tem prazer de ir, né? Em relação a compras, até no supermercado, ele fica todo paradinho e eu pegando as coisas, detesto! **Eu detesto dizer: tem que comprar as coisas... aí ele nunca tá disposto a ir, ir por si só fazer, tá vendo que falta mas... não tem aquela coisas, tá faltando as coisas, vamos ao supermercado? Isso daí é terrível, fica mais pra cima de mim e eu já estou cansada disso, né? de alguma coisa eu ter que assumir... eu já disse eu quero ser irresponsável... pra algumas coisas, porque fica tudo em cima de mim, aí nunca tem aquela disposição... isso daí eu detesto fazer junto, quando chega, assim, eu vou pegando as coisas... quer isso? ah pegue, tanto fãz... tá certo... não tem aquele entusiasmo de ir junto, ah! vou pegar isso... essas coisas que eu não gosto, e... deixe-me ver... é coordenar algumas coisas em casa, o que vai fazer, o que não vai fazer, fica um pouco comigo, ele fica todo retado, eu***

*digo: olhe, tem que fazer isso e isso. Ele passa o recado, não é? Mas não tem aquela... em relação a casa não tem aquela... apesar de estar em casa... que eu digo que quem é o dono de casa é ele e eu não (risos), não tem aquela coisa... só quando ele quer, que ele chega assim... isso assim, assado, que faz alguma coisa, dá algumas ordens, quando quer! Mas não que por tá por perto, coordenando, porque sempre tá ali no mundinho dele, ocupado, fazendo as coisas dele, né? aí quando eu digo: **isso aqui também faz parte, porque você come, você bebe, a casa é sua também, não é só minha. Então eu não quero ter essa obrigação de só eu tá coordenando, mandando, mandando comprar isso e aquilo... é obrigação dos dois, entendeu?** então o que eu cobro muito é nesse sentido... **me ajude a coordenar... me ajude...** não que não faça, mas é que ele fica muito mais acomodado, né? (esposa, casal 8)*

O fato do marido permanecer no espaço doméstico não implica necessariamente em um compromisso com a administração desse espaço. As diferenças entre homens e mulheres nessas questões se manifestam de diversas formas nesse casal. A fala da mulher deixa claro o conflito ou paradoxo entre ajuda e comprometimento. Por um lado as mulheres querem que os homens assumam a casa como uma dimensão importante da vida deles – como “donos da casa”. Por outro, pelo fato do cuidado doméstico ter sido internalizado por ambos como obrigação prioritária da mulher, ele se omite ou não investe com a intensidade que ela gostaria, recoloca a questão como ajuda. Seja pedindo ajuda ou cobrando um posicionamento de dono, tem um lado dessa mulher que deseja se desvencilhar desses papéis generificados que parecem incutidos nela. E estão! Existe uma implicação identitária, pois ela se reconhece realizando esse papel que é esperado e até mesmo imposto socialmente. Essa expectativa internalizada gera um paradoxo: de um lado ela não consegue abrir mão da cobrança e de outro não consegue abrir mão do papel. A afirmação “*eu quero ser irresponsável... pra algumas coisas, porque fica tudo em cima de mim*” reflete bem o peso desse paradoxo.

Uma outra dimensão desse dilema é que o trabalho doméstico é desqualificado e pouco reconhecido. Conseqüentemente, o papel da mulher fica desqualificado. Por um momento a solução seria ser “irresponsável”. Seria diminuir ou anular tudo aquilo que ela faz que lhe gera sentimentos ambíguos: de um lado a mulher experiencia um sentimento de cuidado, pertencimento e responsabilidade; de outro lado, quando ela é criticada pelo excesso de investimento nessa área sente-se inadequada.

*e eu digo: oh, chega! Agora eu vou fazer isso mesmo porque é... eu já percebi que... você por mais organizado que... **quero ser menos dona de casa, menos cuidadora, menos mãe, né?***

*Ser mãe de marido... é aquela coisa de você cuidar muito da casa, do marido... é como ele diz: ‘X você se preocupa, você liga, você vive assim, cobrando: ‘você fez isso, fez aquilo?’ Às vezes eu até incomodo, ele: ‘... pôxa, você sempre tá na frente disso tudo e não me deixar ir’. Sabe por que eu não te deixo ir? **Porque eu não confio.** E eu sou assim, gosto de ligar sempre, saber, não sei o que. (esposa, casal 8, chorando)*

O choro dessa mulher não pode passar despercebido. Ele pode ser uma revelação da angústia experienciada com a multiplicidade de papéis, com os dilemas pela divisão de trabalho entre homens e mulheres e com a vivência dessa transição entre modelos, entre o velho e o novo.

Ela não acredita – confia – na capacidade do marido atender ao seu padrão de exigência com o cuidado do lar. As diferenças relativas ao padrão de cuidado com a organização doméstica não são as únicas nesse casamento. Tradicionalmente desvalorizado na sociedade, o trabalho doméstico ou a preocupação com a organização doméstica presente nessa esposa são desqualificados pelo marido. Esse casal apresenta uma espécie de relação de poder desigual, onde ele avalia que possui mais qualidades ou melhores valores do que ela. A distância em termos de educação formal e os interesses

diferentes relacionados a atividades intelectuais também colaboraram para a construção de medidas valorativas diferenciadas. Uma idéia é incorporadas pelos dois: a de que ele é melhor do que ela. Essa dinâmica fica refletida num fragmento onde ela agradece por ele não ter vergonha dela.

*principalmente porque **ele é mais estudado** do que eu, então ele tem esse cuidado, esse... antes eu dizia: ah! **Você tem vergonha de mim**, não é isso, ele não tem, eu sei que não tem, né? é interessante o cuidado que ele tem e assim, você não conhece... porque, ele diz: 'eu fiz uma faculdade, mas também, não é que eu conheça muitas coisas, esse negócio de etiqueta, de muitos lugares, de muitos eventos e outras coisas e também fico meio assim e não gosto muito, né? de lugares enfeitado, de coisas assim que ele vai tá deslocado, não é o meu meio', então graças a Deus, nesse lado a gente se bate muito... e... esse cuidado... e hoje em dia eu não tenho mais aquela coisa, ele diz: **eu não tenho vergonha de você e eu sei que não**. Não é? qualquer coisa ele me chama, você vai? Você quer ir? Aquela coisa, e eu... também não gosto muito, mas vou, acompanho e... eh... tem que sempre melhorar, não é?(esposa, casal 8)*

O trabalho intelectual e/ou criativo aparece como mais valorizado do que o trabalho doméstico e de cuidado. Isso faz com que a esposa se sinta pressionada a mudar em alguns aspectos mas, ao mesmo tempo, quer ver reconhecido o seu limite e também seus interesses diferentes. Esse processo denuncia uma outra ambivalência. De uma lado ela quer ser valorizada pelo que ela é e pelas competências que ela tem; de outro, ela teme e deseja que essas diferenças não se transformem em “**vergonha**”.

***Eu sou mais cuidadosa, eu não tenho muita criatividade**, assim, ah! vamos fazer um jantarzinho, preparar aquela mesa bonitinha... **até pra enfeitar a mesa ele é melhor do que eu** (risos), sabe? tem aquela coisa, eu sou assim muito cuidadosa no dia-a-dia, assim protetora, super mãe, né? que ser mãe de marido é interessante. Sou muito cuidadosa em tudo, mas enfim, não sei... sou muito fechadinha...*

*não tenho dom pra muitas coisas, não tenho... ah... não sou mulher de muitas coisas, sou muito acomodada em algumas coisas, mas é o meu jeito, é assim que eu me encontro, é assim que eu gosto de mim, e esse é um.. um.. é uma divergência um pouco em nosso relacionamento, **porque ele exige de mim algumas coisas e que eu não sei, não sou e não faço questão, sabe...** (esposa, casal 8)*

Ela avalia então que há limites para mudanças e adequações às expectativas e valores do outro em nome da manutenção do casamento. Um exemplo desses limites é “ser” outra pessoa, anular sua identidade.

é aquela coisa: você faria alguma coisa pra mudar seu casamento? Algumas coisas sim, mas outras, não! Não do que... eu não vou arrancar de mim o que eu não sou, não sei ser falsa, não vou fingir uma coisa pra agradar ao outro, pra poder ficar, eu acho que o outro tem que compreender meu limite é até aqui, o outro também tem que compreender isso, e assim... se tiver que acabar, acaba porque eu não vou fingir o que eu não sou, de jeito nenhum, sabe? de jeito nenhum! Nenhum! Eu posso sofrer muito, mas não vou fingir o que eu não sou, eu prefiro ficar só do que fingir, eu não vou fingir uma vida, um casamento, de jeito nenhum. (esposa, casal 8)

Essa determinação em não fingir ser o que não é também tem seus limites. A esposa admite que tenta acompanhar o marido em algumas atividades, mesmo que ela sinta que não é bem o que ela gostaria de fazer. Para o marido, o “estar junto” ou o “acompanhar” não é suficiente. Pra ele, a diferença em relação às idéias e aos gostos configura uma fragilidade.

*Eu gostaria de fazer mais coisas juntos e... mas não somente por estar no mesmo lugar compartilhado, por exemplo, ir a uma sorveteria no final de semana, não somente por isso, mas **eu me refiro ao compartilhar de idéias, de opiniões, de divisão de expectativas...** eu acho que poderia acontecer de um modo mais*

amplo. Essa é uma, essa é uma das principais fragilidades do relacionamento.(esposo, casal 8)

As discordâncias em relação às visões de mundo são um ponto de conflito nesse relacionamento. Estão tão polarizadas e enraizadas que chega a ponto de serem consideradas “**alguma coisa genética**” pelo marido.

conversávamos já sobre isso, não havia muita predisposição a mudança, em relação a esse compartilhar, é até... por já termos conversado... ele... esse problema parece... eh... não dá, não dá sinais de modificação, como se a gente pudesse considerá-lo alguma coisa genética, vamos imaginar assim, por esse ângulo, do tipo alguma coisa que, que é próprio dela e próprio meu, e... da minha forma de agir, de pensar, de ser, que dificilmente vai ser mudado. Quais seriam essas coisas? eh... a minha inquietação em querer fazer coisas novas, descobrir coisas novas e a falta de interesse por essas questões, um perfil diferente, um perfil, por parte dela que é mais... ligado a manutenção do que já está, a consolidação do que já está, do que já se conhece, do que se já sabe, enfim, sem muita expectativa. Não quero avaliar como uma coisa boa ou ruim..., né? só menciono que... que eu me comporto e vejo dessa forma e ela não. Então, isso cria uma dificuldade. (esposo, casal 8)

A esposa refere-se a essas diferenças, mas o faz de modo distinto. Atravessa sua fala um pedido para ser aceita e valorizada em seu “apego” ao papel tradicional, apesar de saber que ele valorizaria mais uma mudança em direção ao compartilhamento dos ideais de vida dele.

eu sou apegada a muitas coisinhas, que eu gosto, que eu valorizo, né? e vai ver que pra o outro não é tanto, é o trabalho, é você se dedicar a um livro, se dedicar nem que seja a uma planta, se dedique (...) sabe? é enxergar essas coisinhas e muitas outras coisa que eu sei que ele queria que eu fosse diferente, né?... e que eu não sou, eu sou muito família, muito mãe, muito casa, pra mim é tudo isso e minha forma de carinho é essas coisas: cuidar bem de mim, gostar de minha casa...(esposa, casal 8, chorando)

As diferenças desembocam em uma falta de admiração, ou em uma relação desigual, não mútua, de admiração. Ele deixa claro que possui uma expectativa maior em relação ao casamento, e que está vinculada a possíveis mudanças por parte da esposa.

*Ele (o casamento) tem ainda um espaço bastante razoável, pra se ampliar em termo de felicidade. Eu tô vendo a questão por um lado positivo. Eh... hoje eu estaria um tanto quieto, um tanto acomodado com a situação porque ele melhorou de algum modo, mas a minha expectativa é um pouco além do que eu tenho hoje... até pelo meu perfil racional e matemático... vamos ao percentual! (risos), eu acho que ele tem uns, ele tem algo em torno de 40 e 30% de margem ainda pra alcançar um patamar que eu acho que deve se adequar, ou seja, ela não está mais num patamar negativo como estava, de modo que a gente tava quase decidindo cancelar o compromisso, mas também, ele já melhorou, mas... ainda tem espaço pra melhoria e pra essas melhorias e essa sensação de felicidade... que eu acho que tá muito, **tá bastante ligado a... uma admiração... mútua que hoje pode acontecer mais por parte dela do que de minha parte em relação a ela**, eu acho que eu estarei feliz quando eu tiver eh... admirando mais esse... essa minha permanência na relação, admirando mais, quer dizer, percebendo que eu estou porque eu admiro estar não porque é conveniente ou outra coisas qualquer... que me prenda exatamente.(esposo, casal 8)*

Ela, por sua vez, sabe que ele espera dela coisas que ela não pode dar. Sofre com essa expectativa e com a possibilidade de frustrá-lo por não estar a altura da tarefa.

Quem está?

me emociona achar que... ele esperava muito mais de mim... e que eu só sei dá isso... eu sou isso aqui... não me sinto... é... eu sei que isso tem seu valor, como ele já passou pra mim... claro que tem seu valor, mas eu sei que ele queria muito mais. Ele disse que o amor que sente por mim é diferente... não é assim uma admiração... em algumas coisas, sim. Mas... deveria ser muito mais. Eu digo: tudo bem! O importante é que eu ame... até aqui, até onde eu vou conseguir conviver e idem, né?... o que você tava me perguntando... é gostar dessa coisa, de está junto dele, de meu filho, sabe? principalmente isso... eu sou bobona, por

qualquer coisa eu choro, o estar aqui conversando, falando, sabe? assim, falar de família, do que gostar no outro (esposa, casal 8, chorando)

Conforme apontado na literatura existem dois casamentos em um só: o dele e o dela. São duas expectativas que podem se aproximar muito, como vemos em outros casais desse estudo, ou podem ser fundamentalmente diferentes. A falta de concordância em relação às visões de mundo implica em projetos frágeis para o futuro, principalmente na perspectiva do marido.

*Bem... interfere (as discordâncias quanto às visões de mundo) porque no momento em que minhas expectativas futuras não podem ser compartilhadas da forma como eu gostaria, profissionalmente e de um modo as visões de mundo, de um modo geral, é... só enxergando as coisas num prazo muito curto, na semana, no mês, no semestre, enfim, seguinte e não de um modo mais amplo, não podendo compartilhar isso dessa forma, diariamente porque tá ligado... se eu mencionei o aspecto sexual como uma deficiência, isso constantemente interfere e a outra coisa, de um modo geral, tanto isso é... passa por todos os aspectos do admirar que eu mencionava, de um modo geral, a imobilidade me deixa mais infeliz, a pouca mobilidade me deixa mais infeliz, porque significa **a expectativa de que não vai, não vão acontecer muitas mudanças. Não se tem uma predisposição de estar fazendo essas mudanças.**(esposo, casal 8)*

Esse casamento parece estar em fase de revisão. Mas as diferenças em relação aos valores, às posturas de vida e as expectativas desencontradas, apontam para um relacionamento que passa por uma avaliação crítica e negativa – denunciada tanto pela entrevista como pela DAS. Ambos os esposos não alimentam muitas expectativas de que um venha a corresponder aos ideais do outro.

minha expectativa é, que mantendo essa, esse estado de avaliação, de re-avaliação eu consiga... eh... promover melhorias tanto pra ela quanto pra mim, com em relação a mim, eh... por não tá definido que aquilo vai durar pra sempre

como está, que aquilo tem que ser mutante, que aquilo tem que ser dinâmico, tem que ser um organismo vivo, que vai se adaptando e mudando, até porque a gente muda assim também, pelo menos eu mudo dessa forma e preciso tá com essas expectativas renovadas. Eu acho que hoje há uma expectativa de que ele se mantenha, eh... mas também não é uma expectativa muito alta, eu reconheço que em termos de médio e longo prazo, ainda tenho dúvidas sobre essa manutenção, voltando... por causa daquelas mudanças que parecem serem as mais difíceis, estarem mais no perfil dela, no meu também, porque se eu pudesse mudar o meu, talvez eu conseguisse ser um cara com menos inquietação, menos expectativa eu conseguisse me adequar ao perfil dela, mas enfim, me parece mais possível, não mais fácil, mas, mais provável que você desenvolva uma, uma dinâmica maior, uma inquietação maior, do que você restrinja, venha a restringir uma inquietação. (esposo, casal 8)

Essa relação conjugal se mostra fragilizada. Existem diferenças de visão e de expectativas em relação ao crescimento individual e ao casamento que talvez não venham a ser conciliadas, podendo acarretar em uma separação. Andolfi (1992) aponta que as pessoas sofrem por não se acharem suficientemente à altura das expectativas sobre o casamento. Cabe ressaltar que existem expectativas tanto sociais e culturais como expectativas pessoais. Nesse casamento existem diferenças que refletem conflitos pela adoção, assumida ou não, de modelos de conjugalidade distintos. Enquanto ela parece aspirar uma conjugalidade nos moldes tradicionais, ele busca um relacionamento nos moldes contemporâneos e que envolva mais companheirismo intelectual e um maior interesse pelo novo, pela não acomodação.

Lua de mel... na maturidade

O casal 7 é composto por um empresário de 42 anos e uma secretária de 41 anos casados há 3 anos. Ela é formada em história, enquanto ele possui o segundo grau de

escolaridade. Não possuem filhos em comum, mas o marido possui uma filha de 20 anos que não mora com eles. Não possuem empregada doméstica e dividem as tarefas domésticas de forma aproximadamente igual. Ele já foi casado anteriormente.

Os escores da DAS foram os mais altos da seleção inicial pré-pesquisa o que nos fez optar por incluí-los no grupo final. Ele apresentou o escore total da escala de 144, enquanto ela apresentou escore de 141. A escala avalia este casal como possuindo um ótimo ajuste conjugal. A subescala que apresentou diferença entre os escores e implicou em diferença nos escores totais foi consenso, com uma discordância acentuada em relação aos assuntos religiosos. Merece destaque a subescala coesão, onde ambos apresentaram um escore com 100% de ajuste.

Tabela 20

Grupo pré-seleção

	Consenso	Coesão	Expressão de Afeto	Satisfação	Escore total
média	47.75	17.17	10.81	36.81	112.53
DP	8.833	4.931	2.214	5.371	18.353
Percentil 25	42.00	13.25	10.00	32.00	99.25
Percentil 50	49.00	17.00	11.50	36.00	114.00
Percentil 75	53.75	21.00	12.00	41.00	126.00

Tabela 21

Escores do casal 07

07	Consenso	coesão	Expressão de afeto	satisfação	Escore total da DAS
Ele	60	24	14	46	144
Ela	57	24	14	46	141

Esse casal apresenta uma visão muito positiva do seu relacionamento. Ambos se descrevem como muito felizes, relatando que estão em um dos melhores momentos da vida. Ambos possuem uma expectativa de continuarem “juntos até que a morte os separe”, fazendo referência a envelhecerem juntos. Estão dispostos a fazerem investimentos para que essa expectativa se cumpra, mas não descartam a visão realista sobre a possibilidade de dissolução do vínculo.

O marido auto-avalia seu casamento como muito positivo, uma vez que corresponde à sua expectativa em relação ao modelo de casamento. Vincula conceitualmente casamento à família, considerando-a um local de tranquilidade. Tal resposta está coerente à opção pelo item (avalio meu casamento como) “perfeito” na questão 31 da DAS. A esposa também avalia que seu casamento é como ela sonhou. No item 31, ela também avaliou seu casamento como perfeito.

*Olha, veja... eu vejo o casamento... eu to no auge da felicidade, não é? eu poderia denomina-lo assim, **porque é o que eu sempre almejei no que se refere a casamento**, ... uma vida assim com paz, digna..... sempre quis ter uma família pra me dar paz e não pra me tirar o sossego. E foi isso eu encontrei em L. né? **vivemos, claro temos problemas de casa, mesmo...** (...)Hoje eu não sei se o mais gostoso é você amar ou se sentir amado, eu acho que todos dois tão no mesmo nível, na mesma balança é igual, é você saber que você realmente ama aquela pessoa e sabe que aquela pessoa... você... pelo menos demonstra, passa tudo que*

te ama realmente, que se preocupa com você, porque pra mim amar não é abrir a boca e dizer eu te amo, é o cuidado, quem ama cuida, quem ama protege, certo?
(esposo, casal 7)

*Eu, eu acho que eu sou uma pessoa feliz, eu não tenho, não tenho queixas, se você me perguntar sobre... eu acho que foi uma vida que **eu sempre quis, eu estou com um companheiro que eu sempre quis, que eu sempre procurei, entendeu?** não tenho queixa, não (risos) eu acho que, eu posso me considerar uma pessoa feliz (esposa, casal 7)*

Nas falas desse casal, vemos que tanto o homem quanto a mulher estão muito satisfeitos e felizes avaliando que possuem poucos pontos de discordância e muito companheirismo. O marido aprecia a divisão igualitária dos papéis e das demais vivências do casamento. O compartilhamento é experienciado com prazer por ambos.

*X tá sempre compartilhando comigo, os momentos bons, os difíceis e o companheirismo, sabe? é **fundamental o casamento, entre dois casais é o companheirismo.** Isso eu acho de suma importância e ... na relação... **o dividir as coisas** pau-a-pau, né? quando você tá bem, quando você não tá, isso não tem... isso me conforta muito. (esposo, casal 7)*

*(companheirismo) é você tá sempre do lado, não diria nem atrás, nem na frente, mas do lado da pessoa, tipo, eu não diria assim, tempo integral porque nem sempre estamos juntos, mas sempre que estamos juntos, estamos sempre preocupados um com o outro, certo? então eu acho que o **companheirismo é isso: a gente dividir as coisas por igual.** (esposo, casal 7)*

***a gente é muito companheiro...** eu acho que até agora, eu não posso dizer a você daqui em diante, porque a gente nunca sabe da vida, né? até agora, tudo que a gente faz, a gente faz com prazer, (...) eu tenho prazer em fazer as coisas pra ele, ele tem pra mim (...) pra mim tá com ele é uma coisa que já me dar prazer, estar com ele, entendeu? na companhia dele. Eu acho que é isso é muito bom a gente tá com alguém que a gente sinta prazer em todos os momentos, né?... (esposa, casal 7)*

É porque a gente sempre concorda muito com as coisas, entendeu .? então a gente sempre procura conversar muito... o gosto da gente é muito parecido,

entendeu? então a gente procura... a gente sempre concorda, entendeu? a gente procura sempre equilibrar o casamento da gente (...) (risos) porque a gente geralmente concorda muito com as coisas... aquele fato da gente conversar muito, então a gente sempre concorda ter uma opinião contrária ao do outro a gente sempre quando vai fazer determinada coisa..... o que você acha disso, o que você acha daquilo, então é muito difícil (risos) (esposa, casal 7)

Ingredientes como: companheirismo, conversar muito, interesse pela opinião do outro, gostos parecidos, equilíbrio, habilidade de compartilhar momentos bons e difíceis, preocupação com o outro, divisão igualitária de tarefas, são mencionados tanto pelo homem como pela mulher como elementos que tornam um relacionamento bem ajustado e satisfatório. Um outro elemento é uma disposição para enxergar e lidar com as dificuldades de forma positiva.

A fala da esposa sobre a divisão de tarefas chama atenção porque não reflete uma divisão estereotipada. É comum em casais uma divisão generificada aonde, por exemplo, ele conserta a luz e cuida do carro enquanto ela cuida da limpeza e da cozinha. Outro elemento interessante da dinâmica do casal é a coerência entre o discurso e a prática, explicitada pela congruência entre as narrativas de ambos.

tudo que a gente vai fazer, a gente sempre faz juntos, até uma comida que eu to na cozinha fazendo, ele vai lá e me ajuda, sabe? vou temperar uma carne, aí ele vai faz o feijão... então a gente sempre faz as coisas juntos, se eu to arrumando a casa, ele chega aí vai me ajuda a arrumar também a casa, ele vai e lava o banheiro, então a gente faz tudo... a gente é muito cúmplice (esposa, casal 7)

Para esse marido, a rotina tem algo de deletério e o casal procura, de diversas formas, gerar mudanças no dia-a-dia. Ele faz menção a coisas que fazem juntos e/ou a idéias que compartilham. O fato de não terem filhos é visto também como um benefício. Outro elemento importante é a possibilidade de discutir a relação não apenas para

resolver conflitos já existentes, mas de forma preventiva. Nesse sentido é preciso ter interesse para saber o que incomoda e afeta o outro na relação e disponibilidade para rever posições.

... nós procuramos muito quebrar essa coisa do dia-a-dia, de sempre a mesmice... chegar do trabalho, chegar em casa, tomar banho, jantar e dormir, assistir televisão. Um dia você tem que variar, você tem que... você, por exemplo, um dia não assiste a televisão, vai ouvir música, vai conversar, vai discutir a relação, não é? ter sempre essa preocupação de você saber de sua parceira ou de seu parceiro e... se tem alguma coisa incomodando e ela tá calado ou ele tá calado, buscar sempre maneira de não deixar com que... porque a vida a dois com o tempo ela vai puxando pra isso, pra rotina, não tem como, mas você tem que tá atento, eu sempre procuro tá atento, a L. também pra gente (...) é isso aí, por exemplo, nós não temos filhos, então mais uma maneira de não deixar, mas uma forma, mas uma questão que não deixa cair na rotina... aquela coisa de não vou poder sair porque tem criança em casa, então vamos sair, vamos comer um acarajé, eu não bebo, ela também não bebe, mas não é por isso que vamos ter que ficar dentro de casa... “umbora” sair (esposo, casal 7)

Apesar da referência do marido às vantagens em não ter filhos a esposa coloca um filho como projeto para a relação. Ele não inclui na entrevista um filho como projeto futuro do casamento, talvez porque ele já tenha suprido essa necessidade no primeiro casamento. Ficam nas entrelinhas algumas questões: será que esse casal conseguiria manter esse estado de “lua de mel” permanente após o nascimento de um filho? Por outro lado, se não vier esse filho, será que isso irá se tornar motivo de frustração para a esposa? E como essa frustração afetaria o grau de coesão e satisfação nesse casamento?

(em relação ao futuro) ***Eu quero ter um filho, né?***(esposa, casal 7)

Nos planos para o futuro desse casal está o projeto de amor eterno, de compartilhar a velhice. Ambos, ao falarem da perspectiva de eternidade do casamento,

fazem referência a um processo que envolve trabalho, amadurecimento e melhorias constantes.

*meus planos... eu acho que é viver com ele, eu espero **viver a vida toda, a gente ficar velhinho (risos) juntos, claro construir, sabe?** hoje a gente tá com o apartamento da gente, pagando, eu espero sair, comprar outra coisa melhor, a gente crescer profissionalmente e juntos, né? da mesma forma, em harmonia, em paz(esposa, casal 7)*

*é importante essa busca infinita e insensata de **sempre você se melhorar**, é o que faz com que você a cada dia vá amadurecendo mais, vá melhorando mais a convivência com as pessoas e com sua mulher... ficar como aquele velho sonho, né? **velhinho os dois e tal.** (esposo, casal 7).*

Em relação às concordâncias e discordâncias na relação, o marido fala sobre algumas diferenças de temperamento e a esposa sobre diferenças religiosas. No entendimento do marido diferenças relacionadas à forma de se comportar diante de adversidades ou diferenças de personalidade, são vantagens da complementaridade. Assim as diferenças nessa relação não são vistas como ameaçadoras, mas sim como elemento que ajuda a compor uma conjugalidade e a enfatizar aspectos construtivos do relacionamento. O outro é visto como potencializador de melhorias na subjetividade do parceiro.

eu acho que uma das coisas que mais dá certo na nossa relação é a diferença de temperamento, porque é como se diz que os opostos se atraem, eu... eu sou um pouco pavo curto no sentido de... de fora de casa, fora de casa, tem uma coisa que eu não suporto. L. já é mais calma, já é mais tranqüila, então tem determinada coisa, por exemplo, de eu me exceder as vezes, me chatear, vamos dizer assim, no trânsito, vamos dá um exemplo, no trânsito, já aí ela me acalma, não faça isso, não pode ser assim, tem que ser mais calmo e tal. E aí nos vamos dosando, não é? vamos dosando. Então o que é que ocorre: nós buscamos

sempre, viu? um complementar o outro, porque se os dois fossem calmos, também talvez não daria muito certo, não então também tem que ter um pouco de... de.. do dividir até os momentos de tensão e isso, aquilo outro, dividir sempre. (esposo, casal 7)

Eu não vejo assim, não lembro assim agora para citar nenhum momento assim, uma façanha que a gente tenha discutido, tenha discordado de alguma coisa e tal, é... não tem assim discórdia, discórdia, pelo que eu me lembre...(esposo, casal 7)

Então quando a gente não gosta de alguma coisa, a gente comenta um com o outro, que não gostou disso ou não gostou daquilo, entendeu? então a gente procura até mudar, por exemplo, ele... tem coisas que ele não ... mas ele procura mudar porque ele sabe meu jeito e tal, então por um gostar um do outro, a gente procura se moldar ou tentar passar a gostar, tentar ver com outra visão aquilo que a gente não acha do... eu acho que... até agora eu tenho prazer no meu casamento, com meu marido, com as coisas que a gente faz junto.(esposa, casal 7)

No entendimento da esposa um conflito em relação às diferenças religiosas é evitado pela adoção de um comportamento de respeito e compreensão. Uma outra ferramenta é evitar o assunto.

a gente não concorda muito em termos de religião. (...) ele não concorda muito, por exemplo, eu sou espírita Kardecista e ele não, ele vem de uma linha católica... mas não é aquele católico praticante, né?. Então ele, por exemplo, ele não acredita no espiritismo, ele não acredita e eu acredito e às vezes eu digo... eu respeito quando ele não concorda, eu procuro respeitar a posição dele e ele a minha, entendeu? a gente não concorda mesmo, porque ele, ele realmente não... depois que a irmã dele morreu (...) morreu de câncer e tal, ele ficou muito arredio com religião, ele acredita em Deus, mas sempre fica em relação (...) então ele respeita... ele só, quando eu tenho algum problema mais assim...(...) até ele me leva (risos) mas a gente sempre, as vezes, a gente discorda em termos de religião (...) mas tanto que eu prefiro não tocar muito em assunto de religião com ele, porque ele não acredita, então a gente vai fazer o que, né? cada um tem sua cabeça, é uma questão de fê, é a minha fê, eu nasci e cresci dentro da linha do espiritismo,(esposa, casal 7)

O marido dá muito valor a preservação do espaço individual, mas o que quer dizer espaço individual para esse homem? Aqui esta idéia está muito vinculada à confiança no outro e a uma derivação dessa confiança que implica em não invasão do espaço individual. Ele cita como exemplo de invasão uma suposta procura de indícios de que a confiança tenha sido quebrada. A questão da individualidade e conjugalidade faz emergir na narrativa desse homem problemáticas sobre confiança e relacionamentos extra-conjugais. Traz ainda uma postura generificada ao atribuir valor diferente à desconfiança masculina e feminina. Para esse marido, a desconfiança é mais desqualificadora para o homem do que para a mulher (negrito).

*Isso aí é uma das coisas que eu sempre tive na época de namoro, que eu sempre deixei bem claro que eu não admito ser policiado e nem policiar, sabe? eu acho que. uma relação a dois ou você confia ou não confia, tanto o homem quanto a mulher, não existe esse negócio de, por exemplo, quer ver uma coisa que eu detesto, e ela não faz, até talvez pelo próprio temperamento dela e saber que eu não gosto: ficar me ligando pra ver onde eu tô, com quem estou e tal... e isso ela não faz, eu também não... eu acho uma, deixe eu usar um termo aqui que não venha a ofender outras pessoas que talvez agem assim, eu acho muito mesquinho, muito baixo, certo? Tanto da parte do homem como da mulher, essa coisa de viver policiando, com medo, com desconfiança, certo, por que eu sempre digo a L. se um dia o casamento da gente chegar a esse ponto, tenha certeza, eu não fico. Então tem que ter, é.. como se diz, o espaço dela, ela tem que ter o espaço dela e eu tenho que ter meu espaço, certo? Ela tem que ter a privacidade dela e eu tenho que ter a minha, entendeu? e temos que, tem o momento de sermos os dois, entendeu? Então, eu acho que tem o seu momento da, da vida a dois mesmo, o momento também que se respeitar a privacidade, por exemplo, ficar, pegar a carteira, olhar celular mesmo, porra... **isso eu acho tanto pra o homem como pra mulher, mesmo, pro homem eu acho ainda mais, pro homem, eu acho, eu poderia até dizer que pra mim é ser baixo.** Porque no dia que eu tiver que pegar o celular da minha mulher pra olhar quem ligou pra ela, olhar na bolsa dela se tem algum bilhetinho, algumas coisas e tal, pra mim o casamento deixou de existir já há muito tempo, e a relação... eu não tenho*

temperamento pra viver... porque eu sempre tive um medo de viver uma solidão a dois (esposo, casal 7)

A confiança e respeito mútuos são valorizadas como elementos fundamentais para a manutenção de um casamento saudável. Comportamentos de desconfiança são vistos como indícios de que a relação estaria acabada.

Para o marido, os momentos onde o casal está junto – momentos só para os dois – são uma expressão fundamental de intimidade e conjugalidade. Distingue sexo de intimidade conjugal, ressaltando o prazer associado a esses momentos.

é indispensável, os momentos só da gente, os momentos que, por exemplo, eu sempre disse a ela, é o seguinte: a nossa casa é um lugar que nós temos para recarregar nossa bateria. Claro que você não pode, não tem como você viver o tempo todo sem levar até um problema pra dentro de sua casa, mas tudo bem, se o problema chegar até a nossa casa e entrar pela porta adentro e tal... o que vai acontecer... ele não vai passar da porta do quarto, por que? Porque o nosso quarto ele é o nosso ninho, certo? porque é aquela coisa, aquela coisas gostosa, por exemplo, eu não gosto que ninguém durma em minha cama. Na minha cama mais de L. eu não gosto, certo? é como se tivessem invadindo, entendeu? Eu, não me importa, você pode chegar lá em casa e bagunçar a casa toda que eu não to nem aí, agora meu quarto... é meu e dela, certo? É meu e dela e não gosto que esteja ninguém, ali nós temos nossos momentos, moramos... chegamos em casa, ficamos a vontade, vamos ouvir musica, uma televisão, eu adoro ir pra cozinha com ela preparar alguma coisa gostosa, comer aquelas receitas malucas que você, né? ... então eu acho que você... que são momentos muito nossos, entendeu? (esposo, casal 7)

*... eu não gosto nem de atender telefone nesses momentos, entendeu? **porque o pessoal vê, eu acho que confunde muito, no meu ver, momento a dois só com sexo, porra... tem tanta coisa que me dá prazer, tanto quanto o sexo, né?** nas horas oportunas, e você... é, eu, por exemplo, como eu sempre digo a ela sexo num casamento é complemento, é complemento, certo? (esposo, casal 7)*

Em relação à vida sexual, o marido se reporta a uma vivência positiva e compartilhada da sexualidade. Para esse homem o sexo deve ser uma experiência livre, amorosa e prazerosa para ambos. Para ele a intimidade está relacionada à abertura para a vivência plena de experiências sexuais propiciadas pelo envolvimento afetivo e pela comunicação no casal. Para a esposa, a vida sexual é muito satisfatória, enfatizando a importância da vivência plena e sem pudores do sexo no casamento.

ah! É muito gostoso... é aquela coisa de, de (...) é uma coisa muito gostosa de uma dar prazer ao outro, não tem aquela coisa de, de... do... como é que se diz, do egoísmo, que também é uma coisa que acaba com a vida sexual, aquela coisa de ta em busca do amor, de liberdade... porque tem sempre aquela coisa... eu tenho amigas que sempre se queixaram de... do marido ser muito certinho e maridos que saiam comigo, na minha época de solteiro, eles eram casados, çá fora era o cão, mas com a mulher, tinha aquilo, era a esposa e tal, eu acho que, no meu caso, eu já penso diferente, certo? eu acho que tudo, tudo é permitido quando... tudo é normal desde quando seja permitido, certo? eu não acho valido você forçar a barra, se os dois querem, se os dois gostam, eu acho que a vida sexual deles é deles dois, certo? só quem pode frear é um deles dois. Então, eu acho muito gostoso, muito (...) é aquela coisa... o pessoal acha que intimidade é sexo(...) pra criar intimidade, não! As vezes você faz sexo e não tem intimidade, né? então eu acho que o bom no casal é ter intimidade, ter abertura, é conversar, se gostou, não gostou de alguma coisa conversar, não gostei, não me sinto bem, não se enquadra comigo e tal ou procurar quebrar o tabu ou respeitar e deixar pra lá, né? mas é aquela coisa... é sempre super gostoso porque é um sexo sem egoísmo. (esposo, casal 7)

(o sexo) É ótimo, entendeu? (risos) é aquela questão: até na cama a gente... na cama principalmente, a gente é carinhoso, a gente interage, a gente se dá bem, entende? É aquela coisa de... como é que se diz (riso) a gente se dá bem! Eu acho, sabe, a gente não tem... eu acho que eu não tenho queixas assim, em termos de cama com ele, eu digo a ele que pra mim foi a melhor pessoa (risos) na cama... eu acho que... acho que sexo a gente não tem queixa, a gente é muito... quer dizer o que a gente sente... a gente não tem vergonha, não tem pudor um do outro, é aquela coisa também que eu acho que é isso, que eu vejo

muitos casais que ficam cheio de dedos com a mulher, ou a mulher cheia de pudor com o homem, cheia de vergonha, ele pode me achar isso, ele pode me achar aquilo, eu acho que na cama entre dois... entre o casal eu acho que não tem que ter vergonha do marido, não tem que ter pudor da mulher, entendeu? a gente... a gente é um casal, né? então eu vejo muito as pessoas aí... como eu conheço uma pessoa mesmo que trai, tá lá porque o marido tratava ela... que ela não sentia prazer, então a gente, a gente procura dá prazer um ao outro, entendeu? a gente não tem aquele amor egoísta, se ele sente, ele sentiu e acabou, ele dorme, entendeu? a gente é muito nessa coisa, a gente pensa em harmonia, a gente procura um dá prazer ao outro, a gente não é egoísta, nem na cama, não somos egoístas, entendeu? eu vejo determinados casais que são muito egoístas em tudo, a gente procura participar um do outro,(esposa, casal 7)

O casal reflete uma sintonia sexual que parece ser produto de uma habilidade em tornar a sexualidade objeto de conversa. Ambos se mostram disponíveis para levar em consideração os desejos e necessidades do outro de forma madura. Ambos, marido e mulher têm um comportamento de zelo pela intimidade.

A proximidade do casal gera dilemas na interação entre família nuclear e família de origem. Ele demonstra em sua narrativa o quanto aprecia a vida a dois, a companhia da esposa e avalia que a maior parte das coisas o casal faz junto. Fala também sobre a experiência de fragmentação quando tenta conciliar a necessidade de dar atenção à família de origem e também estar próximo de sua esposa.

Geralmente nós fazemos tudo junto, entendeu? Saímos, fazemos junto, nós... quando tem alguma coisa é... sempre junto. Porque, eu não sou daqui de Salvador, sou de (...), moro aqui há algum tempo já, até por exemplo, quando, um exemplo, eu viajo pra ver meus pais, quando ela não vai comigo, eu vou num dia, volto no outro, porque... porque eu sinto falta, fico dividido, sabe? Quando eu to aqui eu fico querendo ver meus pais, aí chego lá, aí me dá saudade, me dá

vontade estar com ela, aí eu volto... Então tem aquela coisa que nos acostumamos a sairmos juntos, entendeu? Que de que eu passo aqui no escritório, pego ela, vou passar ali no shopping, passa ali, passa aqui, e sempre nos dois, quando um não tá, o eu ou ela pode contar que a gente chega cedo, pra ver se um já chegou e tal, pra se encontrar e não aquela coisa de você tá onde? Já chegou, não! Mas esperando chegar em casa e encontrar, tanto ela a mim, quanto eu a ela. (esposo, casal 7)

O grau de ajuste e satisfação desse casal pode ser atribuído a vários fatores. O primeiro deles é que é um casal no início do casamento, fase em que existe um investimento em consolidar a relação, implicando em maior disponibilidade para o diálogo e maior aceitação das diferenças. Outro elemento importante é a idade do casal. Eles contraíram matrimônio numa fase onde as pessoas, geralmente, estão mais maduras, mas estáveis na vida profissional e mais experientes em termos relacionais. Chama a atenção também a estrutura igualitária da relação e a flexibilidade em relação aos papéis de gênero. Outro elemento que não pode ser ignorado é a ausência de filhos e o nível de maturidade emocional revelados nas narrativas.

Amor DVD: deita, vira e dorme...

O casal 18 é composto por um profissional de informática de 46 anos e uma professora de 42 anos casados há mais de 20 anos. Possuem 3 filhos e contam com a ajuda de empregada doméstica. Ambos dizem que a empregada é administrada pela

esposa. Ele avalia que participa da minoria das tarefas domésticas, enquanto ela avalia que participa da maioria delas.

Os escores da DAS foram baixos na seleção inicial pré-pesquisa o que nos fez optar por incluí-los no grupo final. O esposo apresentou o escore total da escala de 94, enquanto a esposa apresentou escore de 100. De acordo com a escala este casal apresenta um baixo ajuste conjugal. A subescala que apresentou menor escore para o casal foi **coesão** – com o mesmo escore – e a subescala com maior escore para ele foi **satisfação** e para ela foi **afeto**.

Tabela 22

Grupo pré-seleção

	Consenso	Coesão	Expressão de Afeto	Satisfação	Escore total
média	47.75	17.17	10.81	36.81	112.53
DP	8.833	4.931	2.214	5.371	18.353
Percentil 25	42.00	13.25	10.00	32.00	99.25
Percentil 50	49.00	17.00	11.50	36.00	114.00
Percentil 75	53.75	21.00	12.00	41.00	126.00

Tabela 23

Escore do casal 18

18	Consenso	coesão	Expressão de afeto	satisfação	Escore geral DAS
Ele	40	10	8	36	94
Ela	42	10	13	35	100

A entrevista começa com um pedido a cada um dos cônjuges para que avaliem o seu casamento no momento atual. No caso do casal 18 ambos têm uma percepção clara das dificuldades que enfrentam e das questões subjacentes a essas dificuldades. É interessante como o marido mostra a complexidade de fatores envolvidos na avaliação do casamento. Ele trás desde a mudança corporal, os desafios da educação de filhos adolescentes, as questões financeiras e profissionais, até o processo de envelhecimento dos membros das famílias de origem que passam a demandar mais cuidado. O termo *turbilhão* usado para descrever a situação transmite a intensidade do momento vivido.

Olha! É um grande desafio, na verdade, meu casamento já tem 20 anos, nós estamos passando por diversos desafios, desafios de transformação financeira... desafios... da própria nossa estrutura corporal, algumas coisas já estão, é... dando sinais de, vamos dizer, alguns sinais de envelhecimento, não é? a nossa capacidade corporal como um todo não é a mesma... a nossa disposição também não é a mesma... as nossas jornadas tem sido um pouco maiores, precisa de... uma atenção maior aos nossos idosos... pais, tios... minha sogra que mora conosco, os filhos adolescentes em fase de plena contestação (risos), e outras variações que acabam surgindo durante o período... a própria questão profissional que é forte... pra minha esposa e pra mim. Então, nós estamos no meio desse turbilhão, então é um desafio de bom tamanho. (esposo, casal 18)

A fala da esposa aponta muitos dos elementos trazidos pelo esposo. A ênfase, porém recai sobre a insatisfação com a falta de atenção do marido. Ela reconhece que existem pressões de muitas naturezas mas admite que ela também tem pressionado em função do desejo de que ele fosse menos absorvido pelas pressões externas e tivesse mais disponibilidade de tempo para se dedicar à ela e à família nuclear.

Hoje. Hoje... tá um pouco conturbado, né? mas pela questão, justamente, do momento que Y tá vivendo no trabalho, da relação com N., nosso filho menor, enfim, a questão dos adolescentes, o convívio, a maneira de lidar com eles e o

quanto que o trabalho absorve e a própria família dele também absorve. Y. é muito assim: trabalho e família... de origem. Então, assim, nós ficamos um pouco... reservado em relação à atenção que eu acho que ele deveria dar enquanto família, mas ele já tá tendo consciência disso e tá tentando modificar um pouco essas questões que vem incomodando... ele tem tido o retorno um tanto quanto negativo em relação a gente, né? M., nossa filha tem questionado... nosso filho também e ele tá assim... meio que se sentindo não dando, não tendo condição de dar atenção direito ao trabalho, atenção direito a família, aos amigos, que também nesse contexto... totalmente de fora, não tá... e a nossa religião também que tem ficando um pouco a desejar em termos de dedicação, que ele sabe que não tá correspondendo... mas, a gente tem tentado puxá-lo, mas ele tá se sentindo um pouco pressionado por todos os lados... eu tenho tentado deixar um pouco... tenho cobrado muito, mas assim, a minha intenção é que... é que... ele comece a se... mudar, né? comece a ter a consciência do quanto isso é... prejudicial pra ele, principalmente, e reflete no todo. (esposa, casal 18)

É interessante notar que a cobrança feita pela esposa tem uma dimensão de reconhecimento do excesso de esforço dele e de cuidado. Ela usa o termo *prejudicial* se referindo ao fato de que o seu investimento para dar conta das demandas e pressões é alto e está refletindo negativamente em grande parte das relações interpessoais significativas.

Esse casal apresenta divergências relacionadas ao tempo investido na família e no trabalho. Parte dessa divergência está associada ao fato de que o marido tem durante os 20 anos de relacionamento priorizado o investimento no trabalho, ou seja assumindo prioritariamente a função de provedor financeiro, delegando à esposa que também trabalha em tempo integral a maior parte da responsabilidade pela educação dos filhos. A adoção de papéis de gênero tradicionais num contexto de duplo-trabalho gera

conflitos e cobranças mútuas. Essa dinâmica se reflete nas cobranças que o marido faz em relação à educação dos filhos e no ressentimento que ela sente em função dessas cobranças. Quando perguntada sobre as coisas que dão desprazer e que geram discordância no casamento ela denuncia a insatisfação com essa divisão tradicional de papéis e suas conseqüências na conjugalidade e na vida familiar.

Desprazer, né?... essa questão do afastamento, né? da preocupação dele, dele chegar em casa cobrando, eu... gostaria que ele tivesse mais intimidade, mais amizade enquanto marido, enquanto pai, é uma coisa que eu sinto falta (...) A cobrança em relação a mim também porque eu, assim, fico... você não deu limite, você não... eu acho que é uma coisa que é nós, né? se eu errei não foi só, eu acho que tem uma parte que ele pode está junto também comigo.; essa questão do conduzir, na criação, no limite...(o que) mais discordo... nessa forma, as vezes dele gritar logo com a família, da cobrança, de não chegar inteiro, acho que ele precisa chegar mais, viver mais a gente, pra que a gente viva mais ele também, valorize mais ele, ele precisa valorizar mais a gente também... senti essa coisa boa que a gente tem pra dar a ele, sentir o papel de pai não só como provedor, mas como pessoa, como uma pessoa boa que tá junto da gente, que a gente pode dá muita coisa boa a ele também. (esposa, casal 18)

A esposa se ressent de ser cobrada por algo que entende ser de responsabilidade da díade. Ela avalia que o marido não organiza seu tempo de forma a atender às necessidades afetivas dela e dos filhos, fator que na verdade está relacionado também ao fato de que ele não tem dado atenção às suas próprias necessidades afetivas. Ela reconhece que ele é uma pessoa boa e que tanto ele como a família lucrariam se tivessem mais oportunidade de convivência e de reconhecimento mútuo. Uma conseqüência perversa desses dilemas da interação família trabalho é que eles não são nomeados como tal. Lamentavelmente culpas e responsabilidades ficam localizadas no

individual e no relacional. Dessa forma pesa sobre as pessoas a obrigação de mudar enquanto elas se sentem exaustas e impotentes diante dessa tarefa.

*É... por exemplo, eu tenho um ritmo de trabalho muito forte... e tenho vivido durante muitos anos, né? num esquema de... vamos dizer assim, tensão na empresa, né? onde um dos exemplos é que... que eu tenho sido um dos sobreviventes, por assim dizendo... a empresa tem seguidamente feito reestruturação, enxugamento... reestruturação e enxugamento... tem um lado positivo que demonstra que eu tenho mantido o emprego, mas tem outro que você quando passa por 5, 6, 8, 10 reestruturação... você sai um bagaço!... Que bom que saí do outro lado (risos), mas você sai um pouco... a depender de como você seja, né? você sai um pouco... fragilizado, né? das questões. Por conta da minha própria postura em relação ao trabalho... grau de responsabilidade, entrega, etc., **muitas vezes, eu chego em casa, na maioria das vezes, meio que pelanca, um bagaço mesmo (risos) e estão do outro lado esperando o pai, o marido, o amigo, tudo... que não tá com aquele gás! Né? então, essa é uma divergência de expectativa... Divergência de expectativa sexual, mesmo, divergência... enquanto um tá com um desejo pra 3, 4 vezes por semana o outro não consegue... De repente, então isso... essa divergência de expectativa e possibilidades, às vezes também atrapalha a gente administrar.**(esposo, casal 18)*

Um paradoxo interessante é que diante da multiplicidade de papéis o homem parece tentar reduzir a vida dele a um papel, ou seja, ela centraliza suas ações em torno do exercício de um papel, geralmente o papel tradicionalmente atribuído ao seu sexo. Fica evidente, entretanto, que o alto investimento profissional gera sofrimento para o próprio homem, na medida em que ele se sente sobrecarregado pelas cobranças relacionais que são demandas contemporâneas. Essas demandas não são apenas externas, mas também internas. Antigamente, um homem ser correto, bem sucedido e bom provedor era suficiente. Hoje os homens estão se tornando cientes da importância do investimento afetivo na família e no casamento, além de ansiarem por isso.

Não podemos deixar de mencionar outro paradoxo: a mulher se sente dividida entre uma condição de angústia e outra de irritação e cobrança. A angústia aparece por ela saber que ele está fazendo esse investimento profissional para a família – o papel tradicional masculino. A irritação advém do fato dela ser uma mulher que trabalha em tempo integral e que vivencia a múltipla sobrecarga de ter que fazer o papel tradicional de mãe cuidadora e, muitas vezes, ainda ter que suprir a falta gerada pela ausência dele. Essa situação acaba por gerar cobranças e insatisfações mútuas que se tornam difíceis de ser solucionadas.

Essa atenção, ele quando chega, já chega cansado, né? já chega... com bateria descarregada que passou o dia no trabalho, aí, às vezes, vem problemas da família dele, aí ele vai tentar... de forma que ele vem pra gente, como ele diz: eu chego já na pelanca, né? no final, no lixo. Então, assim, eu tenho ficado um pouco irritada com isso, porque não é um ano, dois anos, são vários anos com isso, segurei a onda até os meninos estarem numa idade que não percebia muito... mas chegou num ponto que começaram a cobrar junto comigo... ele se sente bombardeado, ele agora realmente sente.(esposa, casal 18)

Existe uma coerência entre as falas do marido e da esposa no tocante ao investimento que ele faz no trabalho: vivem esse tema de forma paradoxal, ao reconhecerem sua relevância e seu ônus. Um elemento inegável, portanto, é que esse trabalho garante sobrevivência, bem estar, acesso a bens, etc. Um outro é que a priorização do trabalho se levada ao extremo gera carências e conflitos. Ele assume o papel de um homem tradicional, preocupado com a manutenção do emprego e a sobrevivência da família mesmo tendo uma esposa que trabalha fora. Caberia perguntar como que o trabalho da esposa e o ganho obtido com esse trabalho entra na equação familiar. O fato é que além do exercício do papel tradicional, esposa e filhos têm expectativas de que ele se comporte como um homem contemporâneo, ou seja,

participativo e engajado afetivamente com a esposa e os filhos. Fica evidente o dilema entre velhos e novos padrões de comportamento.

Não podemos esquecer que está cada vez mais difícil manter a estabilidade no emprego numa sociedade competitiva e excludente. Esse é um fator gerador de estresse para um homem que vive num contexto social que cobra sucesso profissional e que é pai de três filhos. Os problemas relativos a conciliação família trabalho afetam diretamente a vida sexual, que é nomeada por ele como DVD: Deita, Vira e Dorme.

É... existe, existe uma divergência entre o apetite atual de X e do meu, né? embora, vamos dizer assim, do ponto de vista funcional, em mim esteja funcionando tudo bem, do ponto de vista, vamos dizer assim... se eu tiver muito cansado, se tiver muito... o ambiente muito carregado... se for as vias de fato, eu funciono normalmente, mas eu não sinto desejo, eu não sinto apetite de iniciar, de provocar, pra mim tô mais pra deitar e dormir, mas DVD como o pessoal chama e tal (risos) é... cada dia chega uma nova... como é...? Deita, Vira e Dorme (risos). (esposo, casal 18)

E.: Não conhecia essa...

Então, muitas das vezes por conta dessa rotina meio pesada que eu me submeto no trabalho, ao chegar em cada tem uma serie de ... desafios, atribuições, preocupações etc... E tem algum prazer também, mas assim, seja por existir... seja por não administrar previamente seja por eu valorizar muito essas coisas, mas eu tava uma boa parte do tempo, estando nessa, eu diria assim, inapetência, no nosso caso acontece muito isso (risos)... ela sente desejo de noite... eu tô acabado! (risos), agora de manhã que eu tô ok, ela na não tá. então, existe essa, como é que eu chamo, esse descompasso, vamos dizer assim, embora quando acontece, acontece com uma qualidade muito legal, é muito bom, nós somos muito bem entrosado sexualmente e tal, mas é... a quantidade e as vezes a qualidade da relação, principalmente cansado, por melhor que seja, mas assim, acabou, deitou, virou, dormiu ainda sai assim um pouco... você desliga, não é? do meu ponto de vista emocional, não é a melhor forma, não é a mais adequada. Então, esse contexto se reflete também. (esposo, casal 18)

O velho dilema quantidade *versus* qualidade aparece nesse fragmento. O fato do desejo estar diminuído não implica que a qualidade da relação esteja afetada. É interessante ressaltar que a impotência não está ligada ao fisiológico ou à performance sexual. Trata-se de uma impotência para dar conta da multiplicidade de demandas da vida contemporânea.

A esposa reconhece a qualidade da vida sexual mas também fala das mudanças que vêm ocorrendo e expressa seu desejo de promover melhorias nessa área. Os dilemas em relação ao trabalho, o cansaço, a falta de tempo, são vistos como fatores que afetam a disponibilidade para o sexo.

Olha, eu classificaria como... bom... precisa ainda investir mais na intimidade, mais nas fantasias... de repente... uma pesquisa até que eu não me senti a vontade de responder... quando me fizeram a pergunta: como é sua fantasia sexual? eu senti... eu sinto falta, né? aquela coisa do chegar cansado, do dia-a-dia... peca um pouco nessa questão do momento bom... ter mais tempo... mais que assim, não é que não tenha prazer sexual, mas eu acho que pode ser mais... mais bonito, com as preliminares, com momentos inteiros, com conversas só, fantasias... eu acho que precisa, mas eu acho que a gente tá arrumando, arrumando o principal que eu acho que é chegar mais perto, é um quebra-cabeça. (esposa, casal 18)

no momento, não consigo... talvez seja assim quando eu ligo pedindo... poxa, já tá num horário mais avançado de trabalho, venha... eu to precisando de você, coisa e tal... porque assim o que eu sinto é que uma coisa tem acontecido muito pouco comigo é que antes eu tinha o desejo sexual, mas, as vezes... claro ele não tá em casa... não tem como. Então, passa a ser o momento mais dele, deixa de ser um momento meu, assim, acontece, mais quando ele chega... mas eu já to cansada, o horário que ele chega já tá muito tarde, isso também me dá um pouco, assim, de desprazer no momento do... do tempo que ele chegar,... as vezes, eu fico chateada, diz que é só uma hora e é mais... isso me incomoda. (esposa, casal 18)

A esposa, assim como o marido, denuncia discrepâncias entre o desejo e a disponibilidade para o sexo. É interessante notar na fala da mulher que ela busca uma solução para essas dificuldades fazendo concessões para as necessidades dele.

O casal aponta outras áreas de dificuldade além da área sexual. O marido relata diferenças em relação à condução do orçamento doméstico, reconhece o impacto da “exacerbação do papel de provedor”.

olhe, hoje a gente tem... um certo ponto de insatisfação mais sério em relação a condução do orçamento doméstico... estão, a gente tem, embora a gente concorde no global, na implementação, nós dois... a coisa acabe não indo muito legal... tem sido um ponto de discordância de muitos anos... embora a gente concorde no que, na hora que chega no como... no implementar das coisas... E tende a pender para a justificativa e eu tendo a pender para o quanto... Talvez esse seja um ponto... bastante... Outro ponto que... que tem sido um ponto forte de discordância... tem sido, vamos dizer assim, a minha exacerbação do papel de provedor, em detrimento da diminuição do meu papel enquanto pai, marido, amigo, companheiro... então, assim, existe um desequilíbrio nessa questão... e isso tem... tem uma cobrança... tem um ponto de desconforto... tem...(esposa, casal 18)

A esposa, por sua vez, aponta questões como a falta de lazer, a interferência das famílias de origem e o vazio que ela começa a sentir em função do momento do ciclo de vida familiar, onde a maior independência dos filhos adolescentes abre espaço para ela sentir a falta que a presença do marido faz no contexto da conjugalidade.

Essa questão vem desde o início, só que no início eu fazia faculdade, tinha o tempo mais ocupado, veio os filhos que também, de alguma forma preencheu esse vazio e agora eles estão na fase da adolescência que, de alguma forma, tem uma certa independência, que de alguma forma estão só, saem... e eu sinto falta, né? dessa questão do lazer, de estar perto enquanto casal, do bate papo, da... da questão do diálogo mesmo e o trabalho, de alguma forma, ocupa esse tempo nosso.(esposa, casal 18)

... resolver as questões que precisam ser resolvidas, da cobrança dele em relação a... a atenção a família dele, de estar mais com a gente... claro que estar com a gente não quer dizer interferir na vida do casal, ta? É isso que, assim, eu tenho buscado... a família dele precisa estar com a gente, mas não precisa determinar o que tem que ser feito na nossa relação, assim como a minha também... não precisa estar tanto... assim, a minha família não interfere, né? a minha família estar mais no nosso ciclo, então, precisa resolver todas essas coisas... questões que incomodam, questões que, de alguma forma, nos afastam, nos tiram um pouco do foco...(esposa, casal 18)

Esse casal é avaliado pela DAS como um casal congruente e insatisfeito. As entrevistas nos mostraram que a insatisfação não quer dizer necessariamente que a avaliação da qualidade do casamento seja negativa (Norgen e col., 2004). Essa insatisfação retrata mais os dilemas relacionados à interação trabalho e família do que os problemas psicológicos individuais ou mesmo problemas relacionais mais importantes, já que os dois avaliam seu casamento de forma positiva.

Minha avaliação é positiva, porque a gente efetivamente se gosta... de verdade... e em função disso as coisas, de alguma forma, vão se resolvendo, vão se contornando, vão se ajustando, mas, vamos dizer assim, tem determinados momentos que bate... um pouco do desânimo ou até do desespero, em determinados momentos, porque é como se aquela coisa fosse maior até do que nós...(esposo, casal 18)

Hoje eu diria que por conta daquilo que eu te falei... o relacionamento... filhos, marido e tal...(meu casamento) é feliz pelo... pelo todo, mas ele poderia ser muito feliz, muito mais... tirando essas casquinhas, esses espinhos... a gente conseguir abraçar sem se machucar... eu acho que ele poderia ser muito melhor, ser excelente... eu tenho certeza...(esposa, casal 18)

Esse casal vive dramaticamente os paradoxos gerados pela tentativa de conciliar os mundos do trabalho e da família. Sabem que o trabalho representa, ao mesmo tempo, uma fonte de sobrevivência e de desgaste. Não podem prescindir dele, seja pela

necessidade, pelo conforto, status ou mesmo satisfação individual que gera. A centralidade que o trabalho adquire no mundo contemporâneo se torna um problema, pois ele toma energia e tempo que poderia ser investido em outras áreas. Diante da abrangência do fenômeno, os casais se sentem impotentes e desanimados, sozinhos na tarefa de desenvolver estratégias que permitam conciliar demandas profissionais, pessoais e relacionais.

1.2. Percepções dos casais acerca da satisfação no casamento – felizes pelo olhar de quem?

Finalizada a análise das entrevistas no contexto das díades, torna-se importante problematizar a auto-avaliação do casamento. Para realizar essa análise, comparamos a resposta da questão 31 da DAS com respostas às perguntas 1 e 8 da entrevista. Na DAS a questão 31 solicita que o(a) participante avalie seu casamento em relação à felicidade escolhendo, dentre uma escala de seis pontos onde o zero (0) equivale a – extremamente infeliz – e o seis (6) – perfeito, aquela opção que melhor descreve seu relacionamento de forma geral. As perguntas da entrevista foram: “Como você avalia seu casamento hoje?”. e “Em relação à felicidade, como você percebe o seu casamento?”

Houve uma tendência geral de aproximação entre o resultado da questão da DAS e os conteúdos das respostas às perguntas da entrevista, com algumas variações. A esposa do casal 3, por exemplo, respondeu à questão 31 com a opção “3 - feliz”. Na entrevista ela refere-se ao casamento como feliz em um primeiro momento, mas posteriormente ela avalia o casamento como “super feliz”. Ao eleger características do companheiro - “*tranquilo, não traz problemas*” - para avaliar seu casamento, mostra o que já foi apontado na literatura, que a mulher relaciona o casamento ao amor pelo seu companheiro. Também o descreve como positivo utilizando referências tradicionais -

sempre está disposto a resolver os meus problemas.

*Eu me sinto feliz com meu casamento, certo? eu já tenho... quer dizer pouco tempo de casada com Y... acho que de casada mesmo acho que tem uns quatro anos, e de relacionamento a gente tem dez anos juntos, certo? e eu me sinto **super feliz no meu casamento**, nunca pensei em me separar dele, nem na época de namoro, a gente tinha começado um namoro meio conturbado, mas nunca pensei em me separar, depois que eu casei e fui morar debaixo do mesmo teto, nunca pensei em sair de casa, assim, nunca passou pela minha cabeça... nunca me vi também só, eu e as meninas sem ele, eu acho que **ele é um bom companheiro, é tranquilo, não me traz problemas**, muito pelo contrário, **sempre está disposto a resolver os meus problemas**, entendeu? (esposa, casal 3)*

Na DAS, o esposo do casal 3 percebe seu casamento como “4 - muito feliz”, o que é confirmado na entrevista. Mas na entrevista emerge a idéia de casamento como um relacionamento passível de envolver dificuldades, o que pode indicar uma visão menos idealizada de casamento. Novamente, no intuito de avaliar seu casamento, o marido se reporta à idéia da família. Não há uma delimitação do que seja algo do casal, ou inerente ao casamento.

*bem, eu percebo meu casamento, em relação à felicidade, assim, **maravilhoso**, né? porque apesar das brigas é... nós queremos sempre ta juntos, nós temos nossas filhas que nos dão assim prazer, aquela coisa de você tá querendo está ali junto das filhas, está junto da esposa, não é? ta sempre se falando, a gente não consegue ficar um longe do outro, ta... e apesar dos problemas, nós nos divertimos muito, nós gostamos de rir, de sair, de estarmos juntos. Então, se existe essa vontade de ficar juntos, sempre, apesar dos problemas, eu acho que aquilo ali é o melhor pra você, é a sua felicidade. Então, eu não me vejo, por exemplo, separado ou longe das minhas filhas ou longe da minha esposa, então, se acontecesse isso, eu seria infeliz, como eu estou junto e, acredito que seja por isso, então eu enxergo a felicidade dessa forma: está junto da minha família, da minha esposa e das minhas filhas pra mim é felicidade, o resto é consequência,*

essa é a felicidade pra mim... meu ponto de vista é esse, eu enxergo assim minha felicidade. (esposo, casal 3)

O marido do casal 7 auto-avalia seu casamento como o “*auge da felicidade*”, correspondendo à sua maior expectativa em relação ao modelo de casamento. Vincula conceitualmente casamento à família, considerando-a um local de tranquilidade. Tal resposta está coerente à opção pelo item “6- perfeito” na questão 31 da DAS.

Olha, veja... eu vejo o casamento... eu to no auge da felicidade, não é? eu poderia denomina-lo assim, porque é o que eu sempre almejei no que se refere a casamento, ... uma vida assim com paz, digna..... sempre quis ter uma família pra me dar paz e não pra me tirar o sossego. E foi isso eu encontrei em X. né? vivemos, claro temos problemas de casal, mesmo... (esposo, casal 7)

A esposa também avalia seu casamento de forma positiva. Na DAS respondeu à questão 31 optando, assim como o marido, por “6 - perfeito”. Na entrevista, ela o avalia como bom.

eu acho meu casamento bom, sabe? Não vejo... eu acho assim: eu sempre fui uma pessoa que queria ter um ...um relacionamento afetivo que me desse atenção... que fosse companheiro, né? (esposa, casal 7)

O marido do casal 8 utiliza uma referência cronológica para avaliar o casamento, indicando vivenciar atualmente um período de reflexão posterior a uma situação de infidelidade. O problema parece ter atuado como divisor de águas, onde emerge a necessidade de avaliar o casamento e as necessidades individuais. O marido utiliza a idéia de amadurecimento, como uma nova etapa onde o confronto entre a individualidade e a conjugalidade pode servir para um crescimento. Ele não chega a ser conclusivo na entrevista, apesar de ter avaliado seu casamento como “3 – feliz” na DAS.

Hoje... após os 11 anos de casamento, eu avalio em uma... em uma fase de re-estruturação, de re-significado, eh... de algumas coisas como o que é o gostar, o que cada um acha que é o gostar, e... o quanto é válido permanecer junto ou não... pros dois, né? pros dois lados, o que significa valer a pena estar junto. Esse, esse é um momento, até porque passamos por um momento em que, recentemente e que houve... houve uma necessidade dessa avaliação. Então esse é o momento em que a gente tá amadurecendo isso, essas expectativas de cada um. (esposo, casal 8)

De forma parecida, a esposa do casal 8 não avalia diretamente seu casamento, apesar de na DAS ter optado pela opção “2 - um pouco infeliz”.

Bem mais maduro, porque cada dia... assim, tá sendo um aprendizado, né? hoje, com certeza, bem mais amadurecido e a cada dia, bem mais... construtivo. (esposa, casal 18)

O esposo do casal 16, quando perguntado sobre a felicidade no casamento, responde inicialmente que é uma pessoa feliz e que passa com facilidade pelos obstáculos – o que significa que seu casamento apresenta obstáculos que não interferem na sua percepção de felicidade. Essa posição está de acordo com sua resposta ao questionamento direto de felicidade no casamento da DAS, onde opta pelo item que descreve o casamento como “4- muito feliz”.

Eu uma pessoa... eu sou uma pessoa feliz de nascença mesmo, aí... as dificuldades da vida, os obstáculos da vida não me atrapalham mesmo não, não me deixam em crise, sabe? a não ser por um minuto, dez minutos. (esposo, casal 16)

Quando a entrevistadora reforça a pergunta ressaltando que a pergunta se refere a uma avaliação do casamento, e não a avaliação da vida de forma geral, ele reorganiza sua fala, avaliando que o casamento está exigindo nesse momento tolerância. Relata que

está em um momento de sacrifício e que as coisas podem piorar. Mas não consegue ir em frente, em termos de pensar em uma ruptura, muito provavelmente pelo significado que a família tem em sua vida, exposto com clareza em um fragmento de seu discurso.

família... a união da família... é... um colo, uma coisa segura, família é uma coisa assim... coisa concreta, segura, fechada. Eu acho que família é muito mais seguro que uma pessoa assim... só... viver só a vida inteira. (esposo, casal 16)

A esposa do casal 16 avalia seu casamento de forma não muito positiva. “*Mais ou menos.*”. Na DAS ela opta pelo item “2 - um pouco infeliz”. Mas quando a pergunta é direta em relação à felicidade, ela levanta recursos para atribuir uma nota ao seu casamento: sete (7). A percepção da felicidade vem acompanhada de justificativas relativas a estratégias de resolução de conflitos ou problemas.

Então nota sete. Eu sou feliz com ele, sabe? Eu gosto muito dele, como disse já me adaptei, já me acostumei com as coisas dele e como eu sou muito mais de ceder, de me acostumar então eu acho a gente é feliz (esposa, casal 16)

Esses recursos estão muito mais relacionados ao sentimento e empenho individual – gostar do outro, aceitação, adaptação ao outro e às suas necessidades, acostumar-se com o outro, ceder - do que a características ou ganhos relativos ao casamento ou a relação. Refere-se à felicidade do casal como algo personalizado, diferente e com falhas.

quer dizer, então a gente é feliz assim... desse jeito meio capenga, mas é...entendeu? (esposa, casal 16)

O esposo do casal 18 optou pela resposta “2 - um pouco infeliz” para a questão 31 da DAS. Isso se refletiu em uma avaliação do casamento que precisou de mais de uma pergunta para ser verbalizada.

Olha! É um grande desafio, na verdade, meu casamento já tem 20 anos, nós estamos passando por diversos desafios(...)(esposo, casal 18)

E: Você falou de muitas questões... mas no meio desse turbilhão todo, qual é a sua avaliação?

Minha avaliação é positiva, porque a gente efetivamente se gosta... de verdade... e em função disso as coisas, de alguma forma, vão se resolvendo, vão se contornando, vão se ajustando, mas, vamos dizer assim, tem determinados momentos que bate... um pouco do desanimo ou até do desespero(...)(esposo, casal 18)

A esposa desse casal avaliou na DAS que seu casamento era “3 - feliz”, mas manifesta uma certa insatisfação com o casamento na entrevista.

Hoje. Hoje... tá um pouco conturbado, né?

Hoje eu diria que por conta daquilo que eu te falei... o relacionamento... filhos, marido e tal... é feliz pelo... pelo todo, mas ele poderia ser muito feliz, muito mais... tirando essas casquinhas, esses espinhos... a gente conseguir abraçar sem se machucar... eu acho que ele poderia se muito melhor, ser excelente... eu tenho certeza. (esposa, casal 18)

Apenas a esposa do casal 8 e o marido do casal 18 optaram pelo item “2 - um pouco infeliz” na questão 31 da DAS. Mas ambos, na entrevista, relataram uma visão geral do casamento como feliz, positivo e satisfatório. O conteúdo das entrevistas e a percepção direta da satisfação apresentou uma boa correspondência e congruência. Lotte Bailyn (1970) utilizava apenas uma questão direta para avaliar a satisfação do casamento, referindo-se a ela como efetiva para a análise da qualidade dos casamentos. A pesquisadora adverte que para um casamento ser considerado satisfatório ambos os cônjuges devem responder positivamente à pergunta direta.

1.3. A Utilização de Dimensões Como Critério de Avaliação dos Casamentos

Spanier (1976), criador da DAS, assume o conceito de ajuste matrimonial como multidimensional, caracterizando-se como um “processo, cujo resultado é determinado pelo grau de incômodas diferenças conjugais, tensões no casal e ansiedade pessoal, satisfação conjugal, coesão diádica e consenso nas questões importantes para o funcionamento do casamento” (Spanier, 1976, p.127-128). Em nosso estudo adotamos essa postura multidimensional – a relação conjugal é produto de uma articulação complexa entre fatores de natureza pessoal, relacional e sócio-cultural. Partimos também do entendimento que discordâncias ou diferenças fazem parte da vida a dois e não representam necessariamente indicadores de conflitos ou problemas no relacionamento. O surgimento de um conflito ou problema irá depender da forma como o casal administra essas diferenças e/ou discordâncias. Depende também de fatores circunstanciais. Assim, mesmo que o instrumento DAS identifique discordâncias, as mesmas podem não influenciar negativamente no relacionamento. Esse é o caso do casal 7. Na DAS ambos os cônjuges dizem que discordam sobre questões religiosas, mas na entrevista deixam claro que a discordância não repercute de forma negativa no casamento.

Nossa opção metodológica – utilizar um instrumento multidimensional de medida do ajuste da díade e também uma entrevista episódica semi-estruturada – mostrou-se muito rica e adequada à compreensão de fatores e dimensões que impactam a dinâmica conjugal como um todo, e em especial o ajuste e a satisfação conjugal em casais de duplo-trabalho. Essa estratégia metodológica nos permitiu identificar que algumas dimensões ou itens específicos dessas dimensões podem ganhar centralidade

nas narrativas, já que os problemas parecem se concentrar em alguns aspectos tais como finanças, relações sexuais, filosofia de vida.

As respostas aos itens do instrumento servem como pistas que ajudam a localizar possíveis áreas de concordância e bem estar ou de discordâncias e conflito. A entrevista permite identificar e aprofundar a compreensão do impacto de um ou outro fator – item e/ou dimensão – na dinâmica conjugal.

A Dimensão Satisfação no Casamento

Quando as pessoas são convidadas a avaliar seus casamentos, elas utilizam como referência algum aspecto do casamento que esteja mais evidente no momento atual de suas vidas. Esse item ou aspecto é então situado dentro de modelos de casamento tomados como importantes. Utilizam uma lógica similar à apontada por Dela Coleta (1989): a satisfação conjugal é o resultado da diferença entre a percepção da realidade do casamento e as aspirações que os cônjuges têm para a relação. Nesse estudo a auto-avaliação do casamento aparece nas narrativas como um processo comparativo onde a pessoa relaciona a experiência atualmente eleita como importante com o modelo ideal de casamento igualmente eleito.

Podemos identificar na auto-avaliação do esposo abaixo, que existe uma clara comparação entre alguns aspectos escolhidos atualmente como importantes e um modelo de casamento adotado.

Olha, veja... eu vejo o casamento... eu to no auge da felicidade, não é? eu poderia denomina-lo assim, porque é o que eu sempre almejei no que se refere a casamento, ... uma vida assim com paz, digna..... sempre quis ter uma família pra me dar paz e não pra me tirar o sossego. E foi isso eu encontrei em X né? vivemos, claro temos problemas de casal, mesmo...(esposo, casal 7)

O aspecto valorizado diz respeito ao ambiente de paz gerado e transmitido pelo casamento. Adiante o participante aponta que o aspecto valorizado é congruente com o modelo ideal de família, apesar de admitir que um casamento não é livre de problemas. Assim, podemos inferir que a auto-avaliação positiva do casamento relaciona-se não à ausência de diferenças ou de problemas, mas à percepção de que o casamento corresponde a expectativa idealizada pelo sujeito. No ideal de casamento atual, os problemas podem estar incluídos, como podemos observar neste outro fragmento:

bem, eu percebo meu casamento, em relação à felicidade, assim, maravilhoso, né? porque apesar das brigas é... nós queremos sempre tá juntos, nós temos nossas filhas que nos dão assim prazer, aquela coisa de você tá querendo estar ali junto das filhas, estar junto da esposa, não é? tá sempre se falando, a gente não consegue ficar um longe do outro, tá... e apesar dos problemas, nós nos divertimos muito, nós gostamos de rir, de sair, de estarmos juntos. Então, se existe essa vontade de ficar juntos, sempre, apesar dos problemas, eu acho que aquilo ali é o melhor pra você, é a sua felicidade.(esposo, casal 3)

e eu me sinto super feliz no meu casamento, nunca pensei em me separar dele (...) E... porque eu acho que um casamento tem vários fatores mas o principal é que a gente não deixe de se falar, a gente tenta resolver nossos problemas, a gente ...eu acho que... nesse tempo todo que eu tenho com Y, dez anos, eu nunca deixei de falar com ele, nunca deixei aquelas briguinhas de passar uma semana sem se falar(...)(esposa, casal 3).

A referência aos problemas como elementos do casamento, mesmo em casamentos satisfatórios apareceu em todas as entrevistas. Isso nos leva a constatar que o casamento atual não é tão idealizado como o era tradicionalmente.

A dimensão Consenso da Díade

Na década de 70, quando a DAS foi construída, a sociedade norte americana estava passando por uma verdadeira revolução nos papéis e funções familiares, que só chegaram a se tornar evidentes no Brasil na década de 80. Vários estudos influenciados pelos feminismos e feministas chamaram a atenção para questões como a discriminação do trabalho feminino, o acúmulo de trabalho pelas mulheres e o dilema da divisão das tarefas domésticas, entre outros. O fato era que conciliar papéis e atribuições tradicionalmente femininos e masculinos era um dilema recente – ou talvez emergente. Os valores tradicionais eram debatidos por homens e mulheres com claras discordâncias entre eles. Assim, uma dimensão nos casamentos que demandava muita atenção era o grau de consenso ou de conflitos que os casais viviam.

De acordo com Spanier (1976) a dimensão consenso da díade refere-se à concordância do casal a respeito de diferenças quanto à conduta frente a valores e normas sociais, organização das carreiras e tarefas domésticas, entre outros aspectos da vida conjugal que remetam à diversidade de condições de adaptação que a pessoa pode ser exposta em um casamento.

Podemos constatar que ao longo desse período mudanças ocorreram, principalmente nos discursos sociais. Muitos papéis, funções e comportamentos rígidos são hoje vividos de forma mais flexível e menos contraditória. As pesquisas têm mostrado que homens e mulheres podem transitar com mais facilidade por diversos contextos e papéis, como já foi discutido em capítulos anteriores. As mulheres vivem maior liberdade sexual, no contexto social mais amplo as religiões se multiplicam e diminuem sua força normativa, existe uma pluralidade de modelos relacionais, as famílias de duplo-trabalho são maioria e não exceções, mulheres têm maior acesso a dinheiro e homens têm maior acesso à afetividade na família.

Todo esse contexto implicou em que o consenso sobre questões sociais presentes na forma de itens na DAS passou a ser mais a norma do que a exceção entre os casais – ao menos no âmbito da desejabilidade social. Outro ponto importante diz respeito ao modo como uma discordância se manifesta ou impacta a dinâmica do casal: como conflito ou como diferença. Discordâncias sobre questões presentes na dimensão Consenso, não implicam necessariamente em conflitos e muitas vezes as diferenças são tomadas como incentivo ao crescimento.

Vale a pena mencionar que para alguns casais diferenças e pontos discordantes podem possuir aspectos positivos que contribuam para a qualidade da relação. Um exemplo apresenta-se na fala do marido do casal 3.

agora, na questão da discordância ta mais ligado a assuntos, a assuntos gerais... discussão da vida, do cotidiano, de situações que acontecem no dia-a-dia, o que passa na televisão... coisas simples que se discute no dia-a-dia e a gente costuma discordar, e acho isso bom... essa discordância traz uma discussão que faz com que a gente vá trocando idéias e aprendendo. É mais nesse sentido.(esposo, casal 3).

No casal 8, podemos observar que diferenças sobre filosofia de vida afetam outros setores do casamento de diferentes formas. Na vida sexual, o problema se manifesta como desencontro em relação ao que se deve incorporar de novidades à prática sexual. Em relação à profissão, há conflitos de expectativas sobre como se deve investir intelectualmente e profissionalmente. Em relação ao lazer, há desencontros sobre amizades e o que fazer com o tempo livre. Essas discordâncias aparecem de forma muito discreta na DAS.. Mas na entrevistas, são os principais pontos de discordância e conflitos.

Nós... concordamos mais é... sobre os rumos da educação do filho, nosso filho, discordamos pouco, né? sempre há alguma discordância assim, mas de modo geral a gente concorda mais do que discorda, ah... esse é um aspecto... em que assunto nós discordamos...? nós discordamos... ah... explícita e definitivamente, e isso é claro (...) pros dois em relação ah... questão sexual... preferências, forma de encarar o sexo, de encarar o ser humano, enfim, nesse, nesse momento muito particular... é uma discordância e..(esposo, casal 8)

E: Encarar o ser humano que você fala é de uma forma geral ou na relação sexual?

Na relação sexual. É... que mais em que a gente discorda... rumos profissionais, forma de encarar as questões profissionais, nós discordamos. Acho que essas são as principais. (esposo, casal 8)

até hoje é difícil porque essa... a forma de encarar é... diferente, de um pra o outro há uma diferença razoável de modo de encarar... basicamente e também trazendo pra outras questões relativas a troca, sobre profissão, sobre modo de encarar a vida de um modo geral, a... inquietação por descobrir coisas novas... a abertura de tentar coisas novas... pra mim é o meu perfil e o dela não. O dela é... estar satisfeito com o básico que estiver estabelecido eh... a outra questão é... o não conseguir analisar as dificuldades, eu reflito e falo sobre o que eu acho, o que eu quero, o que não quero, o que eu consigo, o que eu não consigo e ela não consegue falar sobre isso, refletir sobre isso(...) (esposo, casal 8)

Se na entrevista detectamos diferenças sobre filosofia de vida e ideais, pela DAS, o principal problema estaria relacionado à expressão de afeto – uma subescala que apresenta apenas 4 itens, sendo 2 itens relativos à vida sexual e 2 itens relativos à expressão de amor. Na entrevista, o casal assume a existência de problemas na sexualidade, mas também relata dificuldades na forma como expressam e entendem a expressão de amor. A entrevista nos mostra que a origem dos problemas sexuais e afetivos está localizada por ambos em um aspecto complexo que aparece como um item na DAS: *Filosofia de vida*.¹⁵. Curiosamente de acordo com os escores da DAS o casal apresenta concordância com relação a esse item.

¹⁵ Item 8 da DAS (ANEXO III)

Cave ressaltar ainda que pontos de discordância podem estar relacionados a questões circunstanciais, específicas e menos abrangentes, como coloca o marido do casal 18

por exemplo, no geral, a gente concorda na educação dos filhos, embora, de repente, a gente discorde nalgum momento do tempo, entendeu? tipo assim, é... a gente concorda que em determinado momento os meninos tem que ir só pra festa, ponto pacífico, se é hoje ou daqui há um ano a gente, às vezes, discorda... tá na hora, não tá na hora, entendeu? Então... tem pontos gerais de concordância e pontos específicos de discordância. ... (esposo, casal 18)

As narrativas dos casais nos levam a inferir que o compartilhamento de filosofias de vida é fundamental para a vivência de um casamento de qualidade e que possa se manter diante de discordâncias em outras áreas ou em questões específicas. Em outras palavras, consenso em torno da filosofia de vida é um fator estruturante da relação.

A dimensão Coesão

Para Spanier (1976) a dimensão coesão refere-se ao sentimento ou vivência de união e integração entre os cônjuges. Sua medida corresponde à somatória dos escores atribuídos com base na frequência com que o casal se envolve nas seguintes atividades:

- 24. Você e seu/sua companheiro/a envolvem-se em atividades extra-familiares juntos?*
- 25. Têm uma troca de idéias estimulante*
- 26. Riem juntos*
- 27. Conversam calmamente sobre alguma coisa*
- 28. Trabalham juntos em um projeto¹⁶*

Cabe esclarecer que quanto maior a frequência, mais alto o escore: 0 = nunca; 1 = menos de uma vez por mês; 2 = uma ou duas vezes por mês; 3 = uma ou duas vezes por semana; 4 = uma vez por dia; 5 = mais frequentemente.

¹⁶ Itens retirados da DAS – anexo III

A medida da coesão precisa ser revista em função de mudanças que ocorreram na sociedade e nos casamentos. Ao medirmos a coesão através da frequência de ocorrência dos eventos estamos concomitantemente medindo o tempo que as pessoas dispõem ou disponibilizam para tais atividades. As narrativas dos casais mostraram que um dos dilemas fundamentais da interação família-trabalho gira em torno da exigüidade de tempo para a individualidade e a conjugalidade. O uso do tempo tem sido considerado na atualidade um elemento que impacta os casamentos, principalmente os de duplo-trabalho. A frequência com que uma atividade é exercida depende da quantidade de tempo disponível do casal para estar junto e compartilhar. A relação direta entre tempo e frequência implicada nos itens usados para avaliar a coesão nos leva a apontar que talvez essa não seja melhor forma de avaliar a dimensão Coesão. Nesse caso, baixos escores não representam necessariamente falta de proximidade – podem representar também falta de tempo.

Quando observamos os dados do estudo de mestrado que contou com a participação de duzentos e vinte e dois (222) homens e duzentos e vinte e dois (222) mulheres (Perlin, 2001) constatamos que a menor média entre as subescalas foi a de coesão.

Tabela 24

Parâmetros: Amostra da DAS (Perlin, 2001):

DAS		Média da amostra	DP	Média da amostra masculina	DP	Média da amostra feminina	DP
Escore de Ajuste		108.3	22	111.6	20,7	106.5	22,2
Consenso da díade		48.3	9	49.6	8.8	47.1	9.1
Satisfação da díade		34.5	7.4	35.3	6.7	33.8	7.9
Coesão da díade		15.9	5.2	16.3	4.9	15.5	5.5
Expressão de afeto		11.1	2.3	11	2.2	11	2.3

No grupo de dezenove (19) casais utilizado para a seleção dos 5 casais que participaram das entrevistas podemos observar que as menores médias entre itens se localizavam em dois itens da dimensão coesão: *Você e seu/sua companheiro/a envolvem-se em atividades extra-familiares juntos?* (2.64) e *Trabalham juntos em um projeto* (2.58)¹⁷. Um baixo escore nesses itens pode estar, como apontado anteriormente, mais relacionado com falta de tempo, dedicação ao trabalho e cansaço, do que necessariamente à baixa coesão no casal.

As falas dos(as) participantes nas entrevistas corrobora essa hipótese da interação direta entre frequência de atividades conjuntas e disponibilidade de tempo.

¹⁷ Itens retirados da DAS – anexo III

E.: Têm momentos só para vocês?

Esposa: Não. Só pra gente não. Impossível só pra gente com as meninas. O único momento que a gente tem as meninas tem que ta do lado... só pra gente não. (esposa, casal 3)

E.: E como é isso, faz falta?

Esposa: faz falta. No quarto sempre tem uma dormindo... assim, se a gente vai jantar fora... dia de aniversário... é final de semana, se agente vai jantar ou almoçar fora tem que levar as meninas, agente () ta conversando, ter uma conversa descontraída porque sempre tem as meninas do lado, normalmente quando agente quer ter uma conversa... mais particular agente espera as meninas dormir, compra uma cervejinha bota dentro de casa, geralmente sexta, sábado a gente faz isso, compra uma cervejinha bota dentro de casa, faz um tira-gosto, fica na sala conversando, mas a gente começa a fazer umas dez horas da noite, porque se fizer pouco antes, nenhuma das duas vão dormir, ficam as duas na sala, se a gente ficar acordado até uma hora da manhã, as duas ficam acordadas até uma hora da manhã. Estão a gente começa, guarda tudo, deixa tudo guardadinho, bem escondido delas, pra na hora que ta vendo, uma ta dormindo, pegou no sono, a outra também... a gente aí vai lá abre a cervejinha, bota um devedezinho pra ouvir...sem a presença delas, mas isso daí também é muito raro, porque aí sábado eu tenho que trabalhar, entendeu? É... de sábado pra domingo agente também já ta cansado da semana toda, isso é muito raro...! agente bota uma cervejinha aqui... de vez em quando... quer dizer... a cervejinha sempre é colocada na geladeira sexta feira, mas quando agente começa a tomar, tem vezes que agente toma uma, cansou, vai dormir, entendeu? Porque agente ta cansado, né, ta cansado já do dia todo, isso agente tenta fazer, agente queria (...) de agente conseguir conversar, mas realmente agente (...) chegar até o final porque o cansaço bate mesmo... (esposa, casal 3)

E.: Vocês Trabalham juntos em algo?

Esposa: Não. Juntos não. (esposa, casal 3)

Outro ponto interessante é que a maior parte dos casais não entendeu logo na primeira vez o que quer dizer atividade extra-familiar. A compreensão do termo careceu explicação. Parte dessa incompreensão parece estar relacionada ao fato de que o foco da vida está tão direcionado para o trabalho e a vida familiar que dispor de tempo para uma

atividade extra-familiar está se tornando uma raridade.

A dimensão expressão de afeto

Spanier (1976) define a dimensão expressão de afeto como a percepção subjetiva acerca da concordância ou discordância do casal em questões relativas à forma e frequência de demonstrações de carinho, afeto e desejo sexual. A narrativa dos entrevistados nesse estudo mostra que sexo e afeto podem ou não estar juntos e possuem significados diferentes no casamento. Além disso, os casais demonstram que a vida sexual passa por mudanças qualitativas e quantitativas importantes. Outras pesquisas também confirmam essa constatação. Jablonski (2003) em pesquisa com 152 respondentes de um questionário aplicado em indivíduos da classe média carioca, sendo 60 homens (37 casados e 23 separados) e 92 mulheres (sendo 60 casadas e 32 separadas), constatou em suas pesquisas que as pessoas ao avaliarem seus casamentos, consideram o sexo menos importante do que companheirismo e amor, ficando esse fator em quinto lugar no rol dos itens.

Os participantes de nosso estudo, ao falarem sobre como expressam e recebem afeto em seus casamentos, não se referiam a sexo. Para que as pessoas falassem sobre a vida sexual do casal, a pergunta precisava ser direta. Nesse caso, muitas vezes a referência ao sexo vinha acompanhada de referências ao afeto. Alguns fragmentos narrativos nos levam a pensar o sexo como uma dimensão que pode vir ser considerada em separado do afeto.

Nos casais entrevistados foi observado que diferenças individuais podem comprometer tanto a vida sexual quanto a vida global do casal. No casal 8, o esposo e a esposa sentem que a forma como cada um “encara” a vida e em consequência o sexo, provoca conflitos e distanciamento. Para esse esposo a mulher tem dificuldades em

experimentar coisas novas no sexo, enquanto para ela, o sexo deve ser algo livre, mas dentro do respeito aos limites de cada um. Além disso, para ela, o sexo deve ser espontâneo, e não baseado no que os outros dizem que fazem.

A vida sexual no casamento pode apresentar variações quantitativas e/ou qualitativas como podemos analisar nos fragmentos abaixo.

(...) é realmente uma coisa bastante prazerosa... nossa vida sexual também tem uma boa qualidade, na minha avaliação... tem havido queixas na quantidade, mas... mas a qualidade, realmente eu tenho como boa...(esposo, casal 18)

(... a gente não tem mais aquela...aquele interesse sexual do começo, certo, empolgação de ...fazer coisas diferentes, de ...aparatos (...)(esposa, casal 3)

As narrativas apontaram que o estilo de vida de duplo-trabalho pode comprometer diretamente a qualidade da vida sexual de casais. Falta de tempo para a intimidade, cansaço, horários incongruentes, preocupações com dinheiro, e visões diferentes sobre a vida sexual, foram alguns dos elementos citados nas entrevistas.

*Ah... eu vou dar nota agora... eu não to muito satisfeito não... depois que arranjou trabalho... **vem cansada e tal se queixando** (...)(esposo, casal 16)*

*(o sexo está) mais ou menos... porque **eu to cansada** quando chego do trabalho, ai vou ainda fazer almoço do outro dia e arrumar as coisas, passar roupa e Y ele é... na hora que ele quer, não quer nem saber se eu to a fim ou não...ele quer, ele quer e pronto....(esposa, casal 16).*

*quando começamos a morar juntos, que tivemos a outra filha e começou o **problema financeiro** e isso realmente veio... afetou na nossa vida sexual, isso diminuiu, diminuiu e isso é um problema não só meu, é um problema conjunto, às vezes, eu não to muito a fim, às vezes, ela não ta muito a fim...(esposo, casal 3)*

*(...) como eu já te falei, nosso **dia-a-dia é muito corrido**, tem vezes que a gente passa três dias, quatro (sem sexo)...(esposa, casal 3).*

*Por conta da minha própria postura em relação ao trabalho... grau de responsabilidade, entrega, etc., muitas vezes, **eu chego em casa, na maioria das vezes, meio que pelanca, um bagaço mesmo** (risos) e estão do outro lado esperando o pai, o marido, o amigo, tudo... que não tá com aquele gás! (...) enquanto um tá com um desejo pra 3, 4 vezes por semana o outro não consegue...(esposo, casal 18).*

*É... existe, existe uma divergência entre o apetite atual de X e do meu, né? embora, vamos dizer assim, do ponto de vista funcional, em mim esteja funcionando tudo bem, do ponto de vista, vamos dizer assim... **se eu tiver muito cansado**, (...) eu não sinto apetite de iniciar, de provocar, pra mim tô mais pra deitar e dormir, mas DVD como o pessoal chama e tal (risos) é... cada dia chega uma nova... como é...? Deita, Vira e Dorme (risos). (esposo, casal 18).*

*antes eu tinha o desejo sexual, mas, as vezes... claro ele não tá em casa... não tem como. Então, passa a ser o momento mais dele, deixa de ser um momento meu, assim, acontece, mais quando ele chega... mas **eu já to cansada**, o horário que ele chega já tá muito tarde, isso também me dá um pouco, assim, de desprazer no momento do... do tempo que ele chegar,... as vezes, eu fico chateada, diz que é só uma hora e é mais... isso me incomoda.(esposa, casal 18)*

Como podemos observar nos fragmentos a vida sexual dos casais de duplo-trabalho é influenciada por fatores advindos da relação casamento e trabalho. As pessoas apontam o cansaço, os problemas financeiros, dificuldade em conciliar momentos para a intimidade sexual, falta de tempo como questões que afetam de forma negativa a vida sexual. A avaliação dessa dimensão pode estar sendo prejudicada devido ao número reduzido de itens na subescala e, dada a importância dela nos casamentos contemporâneos.

1.4. Revendo a DAS e a Pertinência das Dimensões

Todas as dimensões da DAS – consenso, coesão, satisfação e expressão de afeto continuam pertinentes para a avaliação da dinâmica e da satisfação conjugal. A combinação entre o uso da escala e a entrevista possibilitou uma reflexão ampliada sobre os itens e as dimensões. Vimos que existem elementos da vida conjugal que permanecem relevantes e constantes ao longo do tempo. Constatamos também que itens ganham novas conotações ao serem respondidos à luz de novos desafios e dilemas. .

A DAS foi construída num contexto social de mudanças e de questionamento do modelo conjugal tradicional. Decorridos exatos trinta (30) anos de sua criação, cabe uma revisão no sentido de retirar, incluir e/ou redimensionar itens de forma a abarcar os dilemas e desafios enfrentados pelos casais que estão estabelecendo um diálogo entre novos e velhos modelos de casamento e família. Através das entrevistas foi possível identificar itens que merecem atenção aprofundada, em função do impacto que demonstram ter sobre a conjugalidade e em especial por sua relevância para ampliarmos a reflexão sobre os casamentos de duplo-trabalho. Esses itens são a transgeracionalidade, finanças, tempo, maternidade e paternidade e questões de gênero e serão apresentados em detalhes a seguir.

Transgeracionalidade

Considerada base a partir da qual as pessoas constroem os significados e expectativas acerca do casamento (Zordaan, Falcke e Wagner, 2003), a transgeracionalidade aparece como uma dimensão significativa nas entrevistas de dois homens.

Para o marido do casal 3 um casamento bem sucedido começa no exemplo da família de origem. O modelo vivido por seus pais e percebido por ele como um modelo positivo e funcional, o fez utilizá-lo como padrão e referência para o próprio casamento. As idéias de indissolubilidade da relação e de perigo associadas a uma escolha errada denunciam a presença de uma perspectiva tradicional do casamento. O participante apresenta claramente uma visão de conjugalidade associada ao casamento tradicional e esta demarca a passagem de uma fase do ciclo de vida para outro, ou seja, a passagem de uma vida “de prazer e diversão” para uma vida “responsável e pacata”.

é realmente uma escolha, na realidade eu, é... me preparei muito antes de casar, não é? eu curti bastante minha vida quando jovem, curti mesmo, eu acho que esgotei, tudo que eu tinha que fazer eu fiz, né? e me preparei, me preparei para o casamento, pra quando eu fosse casar eu escolhesse a pessoa certa para ficar, isso vem bem... é... bem herança dos meus pais que são casados a tantos anos e passaram isso pra mim e foi bem assim ao pé da letra. Eu curti enquanto achava que tinha que curtir e me preparei para um dia eu me casar, né? quando encontrasse a pessoa certa e acho, acho não, tenho certeza que eu encontrei porque não, não tenho prazer em fazer nada se não estiver com ela. Então foi uma opção, foi uma escolha e eu escolhi certo, isso aí eu não tenho nem dúvida.
...(esposo, casal 3)

O participante cita a importância da preparação para assumir a vida de casado e para encontrar a pessoa certa. Assim, parte do sucesso conjugal está relacionado a contingências anteriores ao casamento em si.

vai se chegar a conclusão que esse é meu pensamento, é a minha conclusão do que eu vejo nos casais: que o casamento hoje, de hoje em dia, dos jovens, ele tá muito... o sucesso dele tá muito ligado ao sucesso do casamento dos pais, certo? é a educação que você teve, o preparo que você teve dos seus pais, o que eles te passaram pra sua vida a dois, o que seus pais te passaram pra sua vida mais na frente a dois, se você foi bem instruído, se você teve exemplo, se você teve exemplo dentro de casa, isso vai fazer com que o teu casamento dê certo, se você

não teve, se você não teve nada de bom, nem um exemplo bom, isso vai... certamente, pode te atrapalhar no teu casamento também. ...(esposo, casal 3)

O marido do casal 7 também menciona sua família de origem como tendo um papel importante no processo de escolha do cônjuge e no entendimento e vivência do casamento. Faz referência à existência de mulheres certas para casar e também à necessidade de separar a família nuclear da família de origem, avaliando que cada uma tem seu lugar, não cabendo disputas.

*eu segui uma linha de meu pai, meu pai ele... foi muito namorador, antes de casar e tal, quando casou com minha mãe também, o pessoal não apostava, né? não apostava no casamento deles, achando que não ia dá certo e já cinquenta e poucos anos de casado, e os dois juntinhos, um tem ciúme do outro, é aquela coisa e tal. **Meu pai sempre me disse: olha meu filho, namore e brinque e tal, mas quando você, realmente, conhecer uma moça que você quiser constituir família, a primeira coisa... se respeite e respeite ela (...)** já namorei demais, o que é que eu tenho mais na vida pra conhecer? Nada, assim em termos de namoro, de, de paquera isso aquilo, eu já **fiz tudo não época de namoro, na época certa, hoje, pô, eu quero conhecer a cada dia mais uma vida boa com alguém, entendeu? é aquela coisa: o gostoso não é você conquistar a cada dia uma mulher, não tem esse ditado? E sim a mesma mulher todos os dias, isso é que é gostoso, você se sentir... ela radiante por estar com você, estar com você, você se sente... eu me sinto importante, é gostoso você se sentir importante na vida de alguém mas essa importância você tem que ver... saber que tem limite... a importância que, que você faz bem a essa pessoa e não a importância que a pessoa respire com seus pulmões, certo? então eu sou importante pra ela até o momento... eu quero ser importante até o momento que eu esteja fazendo bem pra ela, certo? entendeu? e **uma outra coisa que eu vejo falar nas conversas sobre casamento é você saber separar família de casamento, certo? é você não querer disputar sua mulher com seu sogro, sua sogra, você querer disputar ela com seu cunhado, isso não existe! Não existe disputa pra isso, certo? Porque cada um tem seu lugar na vida de cada um, certo? uma nora nunca consegue tomar o lugar da sogra, a sogra nunca consegue tomar o lugar da nora e graças a Deus minha mãe e X. se dão bem, entendeu? ...*****(esposo, casal 7)

A família também aparece como disseminadora de filosofia de vida, de ensinamentos e de maneiras de lidar com o dinheiro e o lazer, por exemplo.

na minha família somos dez.. então assim lá em casa sempre.. tivemos problemas financeiros, dificuldades, mas, assim, a parte do lazer, da alegria, o momento de estar junto, compartilhar aquele momento, até hoje é assim.. é muito bom! coisa que na família de Y. isso não.. é só mais assim, problema.. dificuldade, é uma questão muito mais família dele e os meninos percebem isso, eles preferem estar mais com a minha família porque tudo acaba em festa.. vamos pegando.. comprar uma pizza, fátiar e todo mundo conversa, brinca.. e um traz uma coisa e outra, e junta e faz aquela folia, aquela festa, é conversa, é risada, não é para problema aquele momento, é um momento da gente.. e eu, assim, desde o início cobro isso, nos aniversários dos meninos, nem que seja um bolo, né? é feito, o pessoal vem, faz aquela folia... então isso é uma coisa que eu acho bom. (esposa, casal 18)

A valorização do exemplo vivido na família de origem não é unânime. Trajetórias relacionais distintas podem gerar sentimentos também distintos, seja de gratidão seja de distanciamento. Em todo caso, os terapeutas e estudiosos da família têm chamado atenção para o fato de herdarmos valores, atitudes, e modelos interacionais no contexto da família de origem e que esses modelos e valores realmente afetam nossa escolha de parceiro e a forma como estruturamos as relações (Bowen, 19...; Satir, 1977).

Tempo

A questão do tempo pode ser vista em vários momentos nas entrevistas – principalmente do casal 18 - relacionadas a diferentes itens, o que nos leva a pensar que, assim como gênero, atravessa todas as dimensões, impactando-as de diversas formas. Questões relativas ao tempo, podem estar relacionadas a diferenças em relação a onde empregar o tempo, à falta de tempo, a ritmos temporais diferentes, a projetos com

períodos diferentes para serem realizados, entre outras. Nesse estudo, quase todas as pessoas relataram problemas – em diferentes níveis – relativos a discordâncias em torno do tempo e da falta de tempo na relação. Podemos destacar alguns fragmentos. No primeiro deles, observamos diferenças em relação ao que o marido deseja fazer com o seu tempo e o que a sua mulher espera. Essa divergência abrange várias dimensões da vida do casal como a sexualidade, a parentalidade, a conjugalidade, entre outras.

divergências de expectativas... por um tá esperando uma coisa, outro tá requerendo outra, tá requerendo alguma coisa que de repente é adequada, devida, mas que o outro não pode dar naquele momento, isso gera muita confusão, muita gastura... isso tem sido problemático... quando a gente não consegue alinhar legal as expectativas ou as possibilidades... às vezes, as expectativas até estão alinhadas, mas as possibilidades não, e aí desalinha, de alguma forma, a expectativa (...)(esposo, casal 18)

A escassez de tempo para o espaço individual também aparece, exigindo do marido uma escolha entre as necessidades da família, da casa e o lazer ou descanso individual.

a parte que eu chamaria de espaço individual ele tem realmente tido uma certa carência... mas não credito ao casamento... embora interfira de alguma forma... porque tem que fazer feira... consertar o telhado.. tem que trocar uma lâmpada... essas coisas todas que são comuns, certamente tomam o espaço individual de você lê um livro, um coisa assim, mas eu entendo, que salvo determinada condição, você pode, de repente se estruturar de tal maneira que você consiga fazer as duas coisas, só que você eventualmente, tem que abrir mão de outras. (esposo, casal 18)

O tempo aparece como elemento que faz parte também da discordância em relação ao melhor período para o sexo ou ao momento em que se sente desejo sexual.

essa é uma divergência de expectativa... Divergência de expectativa sexual, mesmo, divergência... enquanto um tá com um desejo pra 3, 4 vezes por semana

o outro não consegue... (...) .Então, no nosso caso acontece muito isso (risos)... ela sente desejo de noite... eu tô acabado! (risos), agora de manhã que eu tô ok , ela não tá. então, existe essa, como é que eu chamo, esse descompasso,(esposo, casal 18)

Na visão da esposa, o tempo para o lazer do casal está comprometido.

(momentos do casal) está a desejar... muito a desejar... nós não temos momentos de cinema juntos... de sair para conversar juntos, nosso tempo tá um pouco...(esposa, casal 18)

Para um marido de outro casal o tempo se manifesta na percepção da idade, do envelhecimento e as perspectivas e expectativas que ele trás.

eu tô com 42 anos, certo? Eu preciso ser feliz, eu não tenho mais tempo pra ser infeliz, entendeu? (esposo, casal 7)

Fraenkel e Wilson (2002) são contundentes ao afirmarem que o tempo exerce uma das influencias mais poderosas na qualidade e organização da vida conjugal; e é também uma das mais ignoradas. Estudos futuros deverão examinar em profundidade essa questão.

Finanças

A questão financeira foi discutida com mais profundidade em *Dinheiro não traz a felicidade: mas pode mandar comprá-la...versus Homem que é homem*. Nesse trecho falamos sobre a importância da estabilidade e conforto financeiro para o casal 3, principalmente para o marido. Observamos ainda que a esposa desse casamento avalia a questão financeira com outra perspectiva, na qual assume o papel tradicionalmente atribuído às mulheres de não saberem lidar com o dinheiro (Hans, 1991). Em outros

momentos e em outros casais, o dinheiro representa pontos de conflitos, principalmente a falta dele que acaba, por exemplo cerceando ou até mesmo impedindo a criatividade para desfrutar de atividades de lazer. Para a esposa do casal 18 o dinheiro não representa a única forma de se divertir e de ser feliz.

porque falta também ao nível da questão financeira, né? mas eu acho que... eu sempre digo a ele: que às vezes, não precisa gastar, a gente pode jogar uma pedra no mar, não vai gastar nada, ficar na areia, bater um bom papo, acho que está na cultura também dele, na criação dele... na minha família somos dez... então assim lá em casa sempre... tivemos problemas financeiros, dificuldades, mas, assim, a parte do lazer, da alegria, o momento de estar junto, compartilhar aquele momento, até hoje é assim... é muito bom! (esposa, casal 18)

A relação com o dinheiro dentro do casamento também pode representar problemas no momento de delimitar a quem o dinheiro pertence e o tipo de divisão financeira que o casal de duplo-trabalho faz. Em uma época de exaltação da individualidade, onde ambos os cônjuges têm renda própria e onde a dissolução do casamento é sempre possível – e em alguns casos provável – a preocupação com os bens individuais e com os gastos não seja rara entre os casais, e podem ser motivo de conflitos importantes. Essa problemática foi analisada através de uma história contada pela esposa do casal 8.

Eu vi uma vez quando eu viajei que eu fui pra Europa, um casal em lua de mel, que eu achei aquilo... a disputa de dinheiro... seu dinheiro, seu dinheiro... meu dinheiro, meu dinheiro, sabe? e na hora de comer: pague com seu dinheiro. Eu acho que pra mim não... casa não existe isso, meu dinheiro é dele e o dele é meu, a gente não tem (...) se eu to sem dinheiro, ele me dá, se ele ta sem dinheiro e ta precisando... então a gente, a gente não fica naquela disputa (...) dinheiro... nada... então a gente... tudo pra gente é... uma dupla, a gente conversa: a gente vê se ele tem, você ta com dinheiro: não. Se eu tiver eu dou, se eu não tiver ele me dá a gente não tem aquela coisa do egoísmo. Outro dia eu vi um casal, sabe? em plena lua de mel brincando por causa de dinheiro (risos) brigando por causa de dinheiro, meu dinheiro! Sabe? se ia pra um show: você paga! O dinheiro é

seu... você não trabalha? Você paga com seu dinheiro (...) como é que pode em lua de mel o homem ta mandando a mulher pagar o show dela e ela o show dele (...) e a gente não tem... nunca teve isso entre a gente, essas questões, né?
(esposa, casal 7)

A questão das finanças aparece de forma complexa na vida dos casais. O dinheiro é considerado hoje uma referência importante em um mundo globalizado, centrado no individualismo e no sucesso. Questões relativas ao dinheiro afetam de diferentes maneiras e em diferentes áreas da vida conjugal. Seja em função da forma de lidar com ele, do valor que lhe é dado ou seja em relação à sua falta, as pessoas experienciam essa relação como um dilema que envolve, inclusive, questões de gênero.

Uma questão que envolve dinheiro e finanças nos casamentos de duplo-trabalho precisará ser explorada em pesquisas futuras – o papel do dinheiro dele e do dinheiro dela na vida cotidiana e na construção do patrimônio familiar. A idéia de que o trabalho feminino é secundário e complementar ainda se faz presente nas entrelinhas das narrativas. Talvez essa postura esteja relacionada com o fato de que as mulheres são discriminadas em termos de acesso a cargos, promoções e continuam ganhando um terço a menos que os homens no exercício de funções similares. Questões de raça e classe têm um impacto profundo sobre essa experiência (Diniz, 1996, 1999). O fato é que entre os casais de duplo-trabalho dessa pesquisa os homens aparecem na posição tradicional de provedores e responsáveis pela vida financeira da família. Nenhum deles faz menção à contribuição financeira da esposa para o orçamento doméstico.

Maternidade, paternidade e gênero

Tema abordado principalmente em *Lugar de mulher é na cozinha...onde é mesmo o lugar da mulher?*, onde analisamos a experiência relacional do casal 16, a discussão sobre os papéis parentais em contraste com a profissão e gênero, apareceu também de forma importante no casal 18. Nesse casal, vemos um modelo tradicional de papéis parentais generificados onde a mulher é a principal provedora afetiva e o marido o principal provedor material, apesar de se tratar de um casamento de duplo-trabalho. Na

fala da esposa fica evidente o pedido de maior participação afetiva, participação essa que, na visão dela implicaria em benefícios de mão-dupla.

*acho que ele precisa chegar mais, viver mais a gente, pra que a gente viva mais ele também, valorize mais ele, ele precisa valorizar mais a gente também... senti essa coisa boa que a gente tem pra dar a ele, **sentir o papel de pai não só como provedor, mas como pessoa, como uma pessoa boa que tá junto da gente, que a gente pode dá muita coisa boa a ele também.** ... (esposa, casal 18)*

No fragmento posterior podemos constatar que o pedido dessa esposa não se refere apenas a uma maior participação do marido para usufruir dos benefícios da aproximação afetiva, mas é também para dividir uma tarefa – a responsabilidade pela criação dos filhos.

A cobrança em relação a mim também porque eu, assim, fico... você não deu limite, você não... eu acho que é uma coisa que é nós, né? se eu errei não foi só, eu acho que tem uma parte que ele pode está junto também comigo.; essa questão do conduzir, na criação, no limite... (esposa, casal 18)

Podemos observar que a esposa é cobrada em relação à educação dos filhos, como se fosse a única responsável por essa tarefa. No momento em que a mulher sente que ultrapassa os limites de sua responsabilidade materna, ou mesmo quando os filhos apresentam algum problema cuja resolução se beneficiaria de uma parceria parental, as dificuldades e a sobrecarga do papel que está desempenhando não são reconhecidas. E nem tampouco o seu esforço para tentar dar conta da tarefa sozinha, cobrindo a ausência do marido. O que vemos acontecer envolve uma postura absolutamente tradicional – ela é cobrada e responsabilizada pela situação. Vemos que a situação em si não é analisada pelo marido, como se seu comportamento não estivesse afetando a situação. O que

acaba sendo questionado e cobrado é a competência e o funcionamento dessa mulher como mãe (Rampage e Avis, 1998).

2. A Força das Construções Generificadas nas Relações Conjugais

Na década de 70 Hiks e Platts (1970) observaram que a auto-avaliação sobre a satisfação no casamento estava vinculada à aproximação e distanciamento de modelos socialmente construídos sobre o casamento. Naquela época conseguiram identificar dois tipos de modelos de casamento vigentes: o institucional e o afetivo. Para as autoras, o período de transição dos modelos de casamento estaria começando, sendo que as mesmas apontaram para uma tendência à desintegração do modelo institucional e para a hegemonia do modelo afetivo – contexto ocidental urbano. O que podemos observar no presente trabalho é que não existe de fato uma transição, um processo com princípio, meio e fim e ao final do qual podemos constatar que um modelo foi substituído por outro e deixou de existir. O que constatamos que existe é uma superposição ou integração dos modelos institucional e afetivo, e até de outros modelos não detectados ou nomeados. Isso implica em que homens e mulheres se baseiam em muitas informações posturas e valores tradicionais para elaborar sua auto-avaliação do casamento.

Como o modelo institucional enfatiza o atrelamento da realização ao cumprimento dos papéis tradicionalmente atribuídos a homens e mulheres na família, para realizar a auto-avaliação os casais se baseiam nessas antigas referências. Se o homem consegue prover financeiramente a família – é trabalhador -, não sai para beber e se divertir com mulheres – é visto como “tranquilo”, “sério” em oposição a “vagabundo”, “malandro” -, e protege a família, ele é avaliado como um bom marido. A avaliação do outro como um bom cônjuge – baseada principalmente no cumprimento de papéis tradicionais, desemboca na avaliação do casamento como positivo. Mesmo que

algumas lacunas fiquem evidentes em outros setores do casamento. Se a mulher consegue ser carinhosa com o marido e os filhos, consegue cuidar da organização do espaço doméstico – seja executando o trabalho, seja gerenciando a empregada – e cuidar dos filhos, é percebida como uma boa esposa, o que implica também em uma avaliação positiva do casamento.

A visão da relação e a escolha dos elementos que são mencionados para avaliar o casamento, para falar do que dá prazer, do que traz felicidade também é fortemente generificada. Vejamos em algumas definições e elaborações sobre o casamento para homens e mulheres nos cinco casais entrevistados o reflexo dessa diferença de olhares.

Homem 16: *o que dá mais prazer, né (no casamento)? partilhar as coisas assim, a família... a união da família... é... um colo, uma coisa segura, família é uma coisa assim... coisa concreta, segura, fechada. Eu acho que família é muito mais seguro que uma pessoa assim... só... viver só a vida inteira.*

Homem 03: *bem, meu casamento, ele... eu diria que ele é ótimo, não é? ele é ótimo porque nós vivemos, apesar das nossas dificuldades, nós vivemos sempre voltados pra dentro de casa, para a família, pros filhos... nós estamos sempre pensando da mesma forma em prol da família. Então eu diria que, apesar das dificuldades, meu casamento é ótimo.*

Homem 03: *bem, eu percebo meu casamento, em relação à felicidade, assim, maravilhoso, né? porque apesar das brigas é... nós queremos sempre ta juntos, nós temos nossas filhas que nos dão assim prazer, aquela coisa de você tá querendo está ali junto das filhas, está junto da esposa, não é?*

Homem 07: *eu vejo o casamento... eu to no auge da felicidade, não é? eu poderia denomina-lo assim, porque é o que eu sempre almejei no que se refere a casamento, ... uma vida assim com paz, digna..... sempre quis ter uma família pra me dar paz e não pra me tirar o sossego. E foi isso eu encontrei em L. né?*

Homem 08: *... hoje o que dá mais prazer... é a convivência em casa, no lar, até porque eu tenho um perfil mais de desfrutar dos momentos de lazer em casa mesmo, então... essa coisa de estar em casa e desfrutar desses momentos é uma coisa que dá prazer, é... o... contando o relacionamento com o filho, com o filho que nós temos, um filho que tem 10 anos há... há uma soma de..., posso incluir isso também? Há uma soma disse, disse, dessa coisa do prazer, da família, do*

casal, da família como um todo, porque a gente já, a gente tem uma convivência interessante... que compartilha muita coisa.

Homem 18:... o **aconchego**... o **acolhimento**... é realmente uma coisa bastante prazerosa...

Mulher 16: *eu gosto muito dele (...) eu gosto realmente de arrumar as coisas, de deixar a comida dele pronta, de ter aquele cuidado, eu acho que é assim, deve ter esse cuidado. (...) fico triste às vezes... choro porque ele nunca quer ficar comigo, por exemplo, agora eu vou viajar nesse feriadão e ele não vai, então isso... assim... me deixa triste, porque ele prefere ficar mergulhando com os amigos dele do que passar o final de semana comigo*

Mulher 03: *...eu gosto das mesmas coisas que ele, que mais... no casamento o básico é isto (conversas), pra gente é isso. Eu me sinto feliz com meu casamento, certo?(...). e eu me sinto super feliz no meu casamento, nunca pensei em me separar dele (...) A gente sempre tá falando de amor, falando de carinho, se tem algum problema...*

Mulher 08: *A companhia... e... o cuidado pra mim é fundamental, companhia, cuidado... e nisso a gente vai construindo, vendo o desejo, o amor que eu tenho, assim independente é... de ficar zangado.(...) Assim, se eu levo muitas coisas assim em frente, luto, graças a Deus, porque eu tenho uma pessoa assim do meu lado que me dá a maior força, isso é importante, com certeza.*

Mulher 07: *(...) eu tenho prazer em fazer as coisas pra ele, ele tem pra mim (...) pra mim tá com ele é uma coisa que já me dá prazer, estar com ele, entendeu? na companhia dele. Eu acho que é isso é muito bom a gente tá com alguém que a gente sinta prazer em todos os momentos, né?*

Mulher 18: *O carinho, a conversa, o momento que estamos juntos... quando nós viajamos que, de alguma forma, a gente discute sobre a nossa relação, a relação sexual, como um todo, o toque, a maneira como ela anda comigo, sempre de mãos dadas... uma coisa que hoje é muito difícil, mas a gente tem esse hábito de dormir de mão dada também, bem aconchegadinho... é muito bom...*

Nas narrativas de todos os cinco maridos, independente dos escores da DAS, encontramos referências aos filhos e à família para descrever seus casamentos. Enquanto isso, encontramos nas falas de todas as esposas referências à díade, ao cuidado, ao companheirismo e à troca de afeto na relação conjugal para avaliar seus

casamentos.

Homens e mulheres mostram nesse estudo uma tendência à utilização dos modelos ou parâmetros tradicionais para avaliarem seus casamentos. Um pedido de resgate de valores tradicionais de casamento e família chega até a ser esboçado. Isso fica muito explícito na fala do esposo do casal 03:

*se todo mundo botar a cabeça no lugar e pensar dessa forma, planejar... eu acho que a gente consegue ainda **resgatar o valor da família, que ta um pouquinho perdido**, e... se todos os jovens começarem a refletir mais, **a gente consegue resgatar essa questão de valor da família e a coisa começa a se reverter e ficar bom pra todo mundo, pra sociedade em geral.** (esposo, casal 3)*

Esse resgate parece um pedido não de retrocesso, mas de problematização de alguns valores contemporâneos que são vividos como ameaças à estabilidade, segurança e conforto oferecidos tradicionalmente pela família. Para os homens o casamento parece representar o fechamento de um ciclo e o início de outro: termina o investimento nas aventuras românticas e começa o investimento na construção da vida familiar. O homem parece ansiar pelo momento no qual irá colher os frutos do investimento romântico através da escolha de pessoa certa e da aquisição de tranquilidade, conforto e segurança no lar.. Já as mulheres anseiam pela continuidade do romance, construída através de atitudes de carinho e cuidado no cotidiano da relação. Ambos anseiam pela mesma coisa – um casamento bem sucedido – mas ele possui significados diferentes para cada um.

O fato é que homens e mulheres possuem expectativas diferentes do relacionamento conjugal. Enquanto as mulheres esperam um romance permitido e institucionalizado, o homem espera uma família, paz, sossego e estabilidade. Walsh (2002) ressalta que geralmente para as mulheres carinho e cuidado são primordiais no casamento, estando ainda relacionados a se sentir valorizadas e amadas. Já os homens,

geralmente pensam que a melhor forma de demonstrar afeto é provendo economicamente a família.

Cabe perguntar – que fatores estariam promovendo essa tendência em adotar valores e posturas mais tradicionais? Podemos levantar a hipótese que a idéia de crise e falência do casamento e da família, muito divulgada nas mídias, promovam uma busca pelo “velho”, pelo que é “conhecido e seguro”. Por outro lado podemos hipotetizar também que as pessoas ainda não conseguem nomear e organizar suas experiências novas, e diante de uma “aparente” falta de estrutura ou de estrutura, recorrem a dimensões conhecidas. Podemos pensar ainda que existe mesmo uma forte adesão a valores e padrões tradicionais de comportamento. Diante dessa complexidade, cabe ressaltar que o tema da transição entre velhos e novos modelos, da compreensão da dinâmica de como esses modelos são assimilados e/ou rejeitados, dentre outros merece futuras investigações. Essa diferença generalizada na experiência de auto-avaliação do casamento merece atenção na análise e na pesquisa dos casamentos contemporâneos

2.1. Inocentemente arraigados nas “melhores intenções”

Exploraremos agora outros contextos relacionais onde questões da interação gênero-casamento também se manifestam. A revisão da literatura anuncia que os homens estão mais participativos nas tarefas domésticas e nos cuidados com os filhos. Também estão preocupados com o prazer sexual feminino e com a emancipação intelectual e financeira da mulher. Em todo o ocidente, a desigualdade e discriminação de gênero são denunciadas e atacadas. No senso comum - e perante a lei no Brasil e em outros países - as mulheres possuem os mesmos direitos e deveres que os homens. Ouvimos com freqüência o brado: “as mulheres conquistaram seus espaços”!

No discurso, como bem observaram Jablonski (1996) e Barnes (1994), entre outros pesquisadores, os homens atualmente aparecem nas pesquisas com discursos e/ou posturas igualitárias, mas essas posturas tendem a não se refletir em atitudes concretas no cotidiano da vida. Isso denuncia a contradição entre velhos e novos modelos e a dificuldade de implementar mudanças no cotidiano.

Tais contradições estão presentes em fragmentos das narrativas dos participantes. Tomamos como exemplo uma situação onde um marido (casal 7) conta histórias da família de origem, contendo ensinamentos passados de pai para filhos, como é o caso da visão na qual o homem deve “aproveitar a vida” antes de se casar.

eu segui uma linha de meu pai, meu pai ele... foi muito namorador, antes de casar e tal, quando casou com minha mãe também, o pessoal não apostava, né? não apostava no casamento deles, achando que não ia dá certo e já cinqüenta e poucos anos de casado, e os dois juntinhos, um tem ciúme do outro, é aquela coisa e tal. Meu pai sempre me disse: olha meu filho, namore e brinque e tal, mas quando você, realmente, conhecer uma moça que você quiser constituir família, a primeira coisa... se respeite e respeite ela (...) já namorei demais, o que é que eu tenho mais na vida pra conhecer? Nada, assim em termos de namoro, de, de paquera isso aquilo, eu já fiz tudo não época de namoro, na época certa, hoje, pô, eu quero conhecer a cada dia mais uma vida boa com alguém, entendeu? é aquela coisa: o gostoso não é você conquistar a cada dia uma mulher, não tem esse ditado? E sim a mesma a mulher todos os dias, isso é que é gostoso, você se sentir... ela radiante por estar com você, estar com você, você se sente... eu me sinto importante, é gostoso você se sentir importante na vida de alguém mas essa importância você tem que ver... saber que tem limite... a importância que, que você faz bem a essa pessoa e não a importância que a pessoa respire com seus pulmões, certo? então eu sou importante pra ela até o momento... eu quero ser importante até o momento que eu esteja fazendo bem pra ela, certo? (esposo, casal 7)

Apesar da boa intenção desse homem ao relatar essa história – provavelmente fazendo uma reverência à sua esposa como “a escolhida especial” - ele ratifica uma

idéia centenária de que existe uma mulher para se casar – mulher-flor - e uma para desfrutar sexualmente – mulher-fruto (Sant’Anna, 1993).

Também faz referência a uma época certa para o homem se casar, que corresponde a ter experimentado essa vida de “prazeres” pré-casamento. Outro esposo (casal 3) apresenta idéias parecidas, inclusive relacionando-as às tradições da família de origem.

é realmente uma escolha, na realidade eu, é... me preparei muito antes de casar, não é? eu curti bastante minha vida quando jovem, curti mesmo, eu acho que esgotei, tudo que eu tinha que fazer eu fiz, né? e me preparei, me preparei para o casamento, pra quando eu fosse casar eu escolhesse a pessoa certa para ficar, isso vem bem... é... bem herança dos meus pais que são casados a tantos anos e passaram isso pra mim e foi bem assim ao pé da letra. Eu curti enquanto achava que tinha que curtir e me preparei para um dia eu me casar, né? quando encontrasse a pessoa certa e acho, acho não, tenho certeza que eu encontrei porque não, não tenho prazer em fazer nada se não estiver com ela. Então foi uma opção, foi uma escolha e eu escolhi certo, isso aí eu não tenho nem dúvida. (esposo, casal 3)

Não podemos generalizar, mas outros fragmentos nos levam a pensar que essa postura não seja algo remoto ou mesmo que se configure em exceção ou seja um reflexo de um viés cultural já que trata-se de uma pesquisa realizada no contexto nordestino, visto como machista e tradicional. Precisamos levantar a hipótese de que posturas semelhantes a essa podem estar na base de muitos comportamentos e dificuldades relacionais de casais. Na fala desse homem (casal 7) aparece uma denúncia de que muitos homens tratam de forma diferente a esposa e a amante.

(...) em relação a prática sexual. De repente o cara... acontece muito de o cara é casado, todo certinho, aquela coisas... papai-mamãe, transar todo cheio de dedo e pô... com a namoradinha que ele tem lá fora, faz meio mundo de coisas, posições, sexo oral e tal... então é aquela coisa que ele pensa que ele tá conservando a esposa, não ta pô, ele ta retraindo, deixando ela retraída, ela na verdade, ela (,,) talvez fazer sexo pra procriar, mas pro prazer, nesse ponto fica

difícil, eu digo isso porque chega um ponto que... eu sempre tive uma cabeça muito aberta pra isso, tive sempre muitas amigas, da gente conversar sobre tudo... aquela coisa de amizade mesmo, sem interesses, e conversar comigo... até ex-namoradas mesmo de depois ta namorando com alguém ou até já ta casada e ta com problemas com o marido, com namorado e o que é que eu faço? Pô se abra... tenta puxar o assunto, tenta conversar, porque só vai na conversa, não adianta você partir pra cima porque...

é aquela coisa que mata casamento... machismo... é ... minha mulher sempre me diz que quem me vê na rua quem me conhece, acho que a primeira impressão que tem é que eu sou um péssimo marido porque eu sou meio pavio curto, né? já eu tenho um irmão que é todo quietinho, mas é... aquela coisa, quem ver um, quem ver o outro pensa que é o bonzinho, mas não tem aquela coisa do respeito que deve ser, ter pela mulher, pelo ser humano, porque antes de qualquer coisas, ela é um ser humano, ela tem que ser respeitada, entendeu? (esposo, casal 7)

Na fala desse participante, além da denúncia de atitudes machistas aparecem também vários elementos que falam do surgimento de um homem novo, portador de uma postura mais igualitária, sensível e respeitosa em relação aos direitos e necessidades das mulheres. A crítica formulada por ele à posturas machistas de outros homens deixam antever um reconhecimento de que tais posturas venham a comprometer a qualidade da interação.

Faz-se necessário mencionar que área da sexualidade pode ser vista como um “palco” onde posturas velhas e novas entram em cena, apontando que vivemos um momento tanto de aberturas e conquistas quanto de dilemas e contradições nessa e em outras áreas.. Enquanto alguns homens pensam em satisfazer a mulher – mesmo que não seja a própria esposa – uma mulher de nosso grupo pede trégua para essa libertação sexual que, pelo que aparece nesse fragmento, não é bem o que ela quer.

*E na nossa intimidade, claro, **tem coisas que eu não gosto, que eu discordo, não quero fazer e que homem como sempre, homem é terrível, né?** (...) interessante essa máscara também, né? que é terrível... bom, eu vou fazer assim e assado, as preferências... que ele vai tá nas minhas mãos e, realmente, **infelizmente,***

*quando a gente quer uma coisinha melhor, a gente faz muito... satisfaz o outro da forma que ele quer, pra poder ele... dizer que tá nas mãos, que fica uns bobos, né? por muito tempo e é como se diz, olhe tô com ele nas mão, nesse sentido. E eu não gosto muito de usar esses meios pra poder tá sempre bem, né? eu sei que isso é importante, mas se for pra depender disso aí, eu ter que não fazer o que eu gosto, só pra satisfazer o outro, pra ter o homens nas mãos, nesse sentido, fazendo coisa errada, muito errada.(risos)... Tem muitos casais que estão juntos e, é como dizem, né? a gente não tem uma boa convivência, mas na cama...! é aquela coisa. Então, eu prefiro não ser muita coisa... eu quero ser equilibrada nas duas coisas, (...) **eu acho que o outro também tem que entender o seu limite, o seu pudor, sabe? e... tudo bem que a gente as vezes tem que sair um pouquinho, ah! Vou fazer, mas pô, fiz uma vez, não gostei... então não vou fazer mais e o outro tem que tentar entender, né?** não é só te obrigar a fazer e... não rola comigo, sabe? eu não sei ser hipócrita pra nada, não consigo. (esposa, casal 8)*

Além de seus próprios limites e questionamentos em relação ao exercício da sexualidade, a fala dessa participante aponta outras dimensões ocupadas pela sexualidade no contexto da conjugalidade. Parece existir uma expectativa de que as mulheres tenham se tornado mais livres, abertas, competentes e permissivas sexualmente. Parece também que a sexualidade é vista como um elemento muito forte e que a competência no desempenho sexual é usado para garantir a manutenção do casamento.

Dilemas da interação família trabalho também se fazem presente nessa discussão. Um marido menciona que o investimento da esposa na profissão pode abrir possibilidades para um relacionamento extra-conjugal por parte dele. Ele avalia que se a esposa não o satisfaz sexualmente e não atende às suas expectativas afetivas está criando um espaço fértil para sua substituição por uma pessoa que atenda.

Fica difícil para qualquer um viver assim, é muito difícil porque... (...)... é...um homem só... o que você espera de um homem só? por muito tempo... sozinho...

pode, pode... cair numa tentação...cair na... cair na tentação! Pode cair em outros caminhos, entendeu? Pode... e até a família acabar assim, de romper, de acabar e tal. Porque é a mesma coisa de ele ta... vivendo só. É a mesma coisa que uma pessoa (que) vive solteira. Qual é o gosto de você viver assim? Debaixo de um teto só com a outra pessoa, o gostoso é isso, é essa união, esse laço, essa harmonia, se você, se você... os dois lados vivem atrasados, trabalhando o tempo todo tal, não sobra mais nada... convivência, dia-a-dia... não sobra nada... fica... o cara vai seguir daqui a pouco... pra conhecer outras pessoas, pra conhecer... o outro lado da vida...é assim mesmo! ... (esposo, casal 16)

Esse fragmento de narrativa fala de uma necessidade de renegociação do tempo para investimento na conjugalidade, em especial na sexualidade, num casamento de duplo-trabalho. Fatores como o alto investimento no trabalho, o cansaço, o acúmulo de tarefas podem gerar um desgaste nessa e em outras áreas. Mas fala também de uma ameaça direcionada à mulher – uma vez que é ela que faz a ruptura mais drástica com os papéis tradicionais de gênero, é atribuída a ela a responsabilidade pela situação. Mesmo ele reconhecendo que a situação é gerada por comportamentos de ambos- *se você... os dois lados vivem atrasados, trabalhando o tempo todo tal, não sobra mais nada... convivência, dia-a-dia... não sobra nada... fica..* – ele cobra da mulher cuidar das carências dele e da relação. Essa cobrança é pautada numa expectativa fortemente enraizada no modelo tradicional e revela a dificuldade que os casais de duplo-trabalho estão vivenciando nesse processo de transição , de expansão e flexibilização de expectativas e papéis e de construção de novos parâmetros relacionais. É preciso deixar registrado mais uma vez que as mulheres carregam esse tipo de ônus – o ônus pela mudança - em várias dimensões da vida conjugal e familiar.

3. Estratégias que emergem nas entrevistas para a manutenção de casamentos satisfatórios

No decorrer das análises das entrevistas, nos demos conta que homens e mulheres enumeravam elementos que consideravam importantes para a construção e a manutenção da qualidade de seus relacionamentos. Ao falarem sobre esses relacionamentos apontavam estratégias que utilizam para lidarem com os desafios e conflitos – e poderem vivenciar um casamento de duplo-trabalho mais gratificante.

Vale ressaltar que identificar e/ou construir estratégias não era um dos objetivos da pesquisa. Entendemos que esse subproduto do trabalho é resultado da riqueza decorrente da utilização de uma combinação de estratégias metodológicas para investigar um tema tão complexo. Ele é resultado também do esforço que os casais fazem para se adaptarem á situação de multiplicidade de papéis e de sobrecargas que caracteriza o contexto de duplo-trabalho

Quadro 2: Estratégias que contribuem para a qualidade do casamento

Homens	Mulheres
chamar a atenção do outro para as questões que estão incomodando, cobrar do outro;	não deixar de falar com o outro devido a conflitos
se preparar para o casamento;	Cuidar
conversar sobre os pontos de conflito;	conversar exaustivamente sobre os problemas;
resolver os conflitos antes que eles se ampliem ou cresçam (não deixar os conflitos se acumularem);	acostumar-se à situação
resgatar os valores da família (a família como local tradicional de conforto, cuidado e afeto).	Assumir maior parcela de responsabilidade pela educação dos filhos, tentando suprir a falta provocada pela ausência do marido
pensar em prol da família mais do que individualmente;	ceder e entender às necessidades do outro
harmonia, compartilhamento e respeito	Ser calma e paciente

se sacrificar, agüentar e suportar algumas coisas em prol da família.	Ser carinhosa
evitar a rotina	Preparar momentos de intimidade e lazer
evitar o sexismo (machismo)	Assimilar novos comportamentos sexuais para garantir o fortalecimento do vínculo conjugal
separar família de origem de casamento	
abrir mão de atividades individuais e conjugais em prol de atividades familiares	abrir mão de atividades individuais e conjugais em prol de atividades familiares

Capítulo V

Conclusões

1. Casamento e Trabalho: o Desafio é Real

No desafio do cotidiano as pessoas são atropeladas pelo turbilhão de responsabilidades, de cobranças, de necessidades físicas e afetivas. São muitos detalhes. Tantos, a ponto de não se dispor de muito tempo para refletir sobre o que acontece com a vida – ainda mais em relação a algumas áreas específicas dela. Isso porque o trabalho de dividir a vida em áreas é muito mais teórico do que prático. É um trabalho de alguns que param para pensar profundamente sobre determinados problemas. Esse é o caso dos pesquisadores e pesquisadoras que se interessam pela área do casamento, da família, da interação família-trabalho e gênero. A partir do interesse pelo tema e a partir da pesquisa, constroem o conhecimento que vai, por sua vez, implicar em reconstruções/construções da sociedade. Criadas e disponibilizadas as novas explicações, as pessoas constroem novas formas de auto-avaliarem suas vidas. As pessoas, ao utilizarem essas construções que são mais teóricas, mais do outro do que suas, as utilizam como podem – caixas-pretas (Latour, 2000) – incorporando-as em suas explicações do cotidiano e utilizando-as para organizar suas experiências.

Os resultados desse estudo levam a refletir sobre o fato de que estamos em uma época onde a nossa capacidade de entender e avaliar o que acontece na vida cotidiana muitas vezes não acompanha a dinâmica e a complexidade dos fenômenos. Isso ocorre de forma importante com a avaliação sobre os casamentos, principalmente os casamentos de duplo-trabalho. Esses casamentos se encontram em um período não apenas transicional, mas de vivência paradoxal de modelos concorrentes.

Para realizarem suas avaliações das vivências relacionais, homens e mulheres

ora recorrem a parâmetros presentes em modelos antigos, ora recorrem a parâmetros relacionados a modelos novos. Acabam também por desenvolver estratégias para lidarem com as contradições ou as lacunas existentes entre modelos. Buscamos nessa pesquisa identificar e discutir dimensões que afetam a satisfação no casamento de duplo trabalho. Os objetivos específicos foram: 1) ampliar a compreensão da satisfação conjugal a partir da análise de dados fornecidos por um instrumento tradicionalmente utilizado na avaliação de casamentos e dados obtidos em entrevista episódica com casais; 2) identificar as principais dimensões relacionadas à satisfação e à insatisfação no casamento presentes nas narrativas dos cônjuges; 3) realizar uma análise generificada da percepção dos cônjuges sobre seus casamentos em geral, e em especial sobre a satisfação no casamento; e 4) identificar os impactos da interação família-trabalho em casamentos de duplo trabalho.

Constatamos na pesquisa que as pessoas ainda não têm consciência plena da relação entre os dilemas envolvidos na interação família-trabalho e as dificuldades que experienciam na vida cotidiana. Esse processo ainda se encontra em um estágio de não nomeação, ou seja, ainda não faz parte da fala das pessoas de forma organizada. Essa interação aparece de maneira gritante como base de muitos dos problemas dos casais. Como explicações ainda não foram oferecidas para a sociedade como algo institucionalizado – com nome – os casais se reportam às explicações e referências que fazem parte da história de sua cultura. Tais explicações estão direcionadas a um modelo de responsabilização da vida privada onde os indivíduos se vêem como únicos responsáveis pelos dilemas e problemas que experienciam. Ele e/ou ela, de uma forma ou de outra, é o(a) fracassado(a), o(a) incompetente, o(a) descontrolado(a), o(a) cansado(a), o(a) preocupado(a) demais, o(a) egoísta. Apesar dos problemas serem vividos de forma dramática no ambiente privado, e suas conseqüências se desdobrarem

para os setores laborais e da saúde, as esferas públicas não se interessam ainda por resolvê-lo. Isso é agravado pelo mito cultural de que as coisas do casal são relativas apenas ao marido e à mulher, são circunscritas à esfera do privado.

Dilemas sexuais, discordância sobre grau de investimento na carreira, sentimento de falta de afeto e atenção, divergências sobre o cuidado dos filhos, diferentes padrões de exigência em relação ao cuidado do lar ou ao trabalho, entre outros, constituem desafios da interação trabalho-família. Cabe mencionar ainda os dilemas relacionados a diferentes filosofias de vida, a tempo, a administração das finanças, ao exercício da sexualidade. O desafio é real: conciliar família e trabalho na contemporaneidade exige um esforço extraordinário e implica em lidar com fatores múltiplos e dinâmicos.

Muitos problemas vividos nos relacionamentos podem ser atribuídos a fatores que, direta e indiretamente, estão mais relacionados a dilemas na conciliação trabalho-família e menos a aspectos intrapsíquicos, individuais ou relacionais. Isso implica que os casais vivenciam a relação e muitas vezes elaboram uma auto-avaliação negativa do casamento em função da percepção de pontos de conflito e dificuldades que não estão necessariamente vinculados a questões subjetivas. Como não conseguem organizar e articular essas experiências com questões relacionadas à interação trabalho-família em suas narrativas a insatisfação se manifesta na interação com o outro, no casamento. O fato é que insatisfações com a interação trabalho-família estão subjacentes aos conflitos no casamento (Cordera e col., 2005). É patente que os casais precisam ser vistos com um olhar ampliado, complexo, de forma a retirar o peso solitário que essas pessoas carregam tentando articular vida familiar e demandas do trabalho.

Os resultados da pesquisa nos permitiram fazer outra constatação importante: a presença de filhos somada com ao tempo investido no trabalho e carreira tem um

impacto muito grande no casamento. Filhos demandam cuidado, tempo e investimento afetivo financeiro. As pessoas parecem ter dificuldade em organizar o cuidado com os filhos, inclusive o investimento afetivo. Os filhos tendem a dificultar a relação casamento e trabalho, não pelos motivos tradicionalmente apontados – representam trabalho para serem criados, adoecem, são desobedientes. O peso decorre do fato que a presença de filhos implica em mais uma necessidade de articulação e de negociação com o outro, com o trabalho e consigo; implica muitas vezes em conflitos relacionados com a filosofia de vida, área apontada como fundamental para o consenso da díade. Ademais filhos implicam em despesas, em um aumento da responsabilidade financeira o que constitui um fator gerador de estresse para os casais. O investimento afetivo implica em tempo para estar junto, compartilhar experiências e a administração do tempo é um elemento gerador de muito estresse nos casamentos de duplo-trabalho. Cabe mencionar ainda que filhos também representam, principalmente para as mulheres, a própria materialização da ambigüidade vivida na contemporaneidade entre ser mãe e ser profissional. Na verdade essa questão é mais complexa – na área da maternidade a questão não é só ser mãe, mas ser *uma boa mãe*; e na área profissional sabemos que a mulher precisa fazer muito mais esforço do que o homem para provar a sua competência. Os dilemas entre uma e outra área, constituem, portanto, uma dualidade para as mulheres. Isso pode provocar uma fragmentação identitária já denunciada por Vaitsman (1994) e Araújo e Scalon (2005), onde o papel profissional anula ou impede o papel maternal e vice-versa, como se as mulheres que trabalham – principalmente as que investem em uma carreira – tivessem diariamente que fazer uma escolha entre a família e a profissão. Curiosamente na contemporaneidade a escolha tem se estendido aos homens, refletida como uma cobrança da esposa, dos filhos e do próprio homem por um envolvimento completo – não apenas superficial – com o lar e os filhos.

Joan Peters (1997) coloca que deve haver um planejamento antecipado da maternidade e paternidade para que homens e mulheres consigam viver satisfatoriamente com uma família e um trabalho/vida profissional. Como exemplo de alterações práticas, sugere que ambos tentem encontrar um trabalho que deixe espaço para a vida familiar e possa dar-se tempo para juntos se adaptarem aos papéis materno e paterno. Fala da importância da criação de redes familiares - parentes, amigos, babás - que supram as crianças com amor e cuidados enquanto os pais estiverem ausentes. Fala também do cultivo de uma flexibilidade psicológica que permita uma reação positiva diante de mudanças constantes de trabalho, família e necessidades individuais. Estas mudanças são baseadas no que a autora chama do maior desafio emocional dos últimos tempos - *modernizar o conceito tradicional de maternidade*.

Solução igualmente importante, já adotada por algumas corporações, é a existência de creches nos locais de trabalho. Algumas delas consideram inclusive a possibilidade de que os pais estejam perto para almoços ou lanches conjuntos. Empresas menores ou com poucos funcionários/as, podem fazer parcerias entre si para a organização de creches que acolham os filhos dos seus trabalhadores. Em Brasília, por exemplo, cada comércio local poderia organizar uma creche para atender às necessidades de cuidado com os filhos das pessoas que trabalham naquela região.

Outros dilemas relacionados a gênero e encontrados nas narrativas dos participantes merecem destaque nesse trabalho. Um deles refere-se à existência e resistência do mito da mulher-flor e da mulher-fruto, ou seja, de que existem mulheres para a diversão masculina e mulheres especiais para o casamento. Essa visão secular sobre a mulher aparece ainda hoje na cultura masculina e é passada de pai para filho. Isso implica em que a dupla-moral sexual ainda é vigente e serve para valorizar de forma diferente as experiências sexuais masculinas e femininas pré-casamento.

Uma tendência à auto-desqualificação e auto-culpabilização foi observada nas mulheres em relação aos pontos conflitivos de seus casamentos. Expressões como “minha culpa”, “sou descontrolada”, “não sou boa nisso”, “ele é mais...”, “ele é melhor...”, foram presença constante nas entrevistas femininas. Isso nos leva a pensar que as mulheres continuam a proteger seus casamentos e suas famílias mesmo que isso implique em uma desvalorização de si próprias. Essa desvalorização está incutida na mulher de tal forma que é, em diferentes níveis, constitutiva de sua identidade. Soma-se a isso, a importância atribuída ao cuidado do lar e dos filhos, fator que constitui motivo de preocupação constante para as mulheres. Talvez a palavra *importância* não seja a mais adequada para expressar essa vivência das mulheres. Mais adequado é falarmos que homens e mulheres possuem expectativas em relação ao casamento e à família – e em relação aos filhos e ao lar – diferentes e em alguns aspectos essas diferenças são fundamentais.

Uma das diferenças que implica em conflitos e em dificuldades de comunicação aparece na avaliação do que seja um casamento satisfatório. Para os homens, casamento e família estão muito ligados, quase sinônimos. Isso se reflete tanto na idéia de encontrar uma pessoa certa para casar e constituir uma família, como nas descrições do que dá mais prazer a eles nos casamentos. Os maridos fazem referências a experiências e sentimentos vivenciados em família para descreverem situações ou características prazerosas e/ou importantes no casamento. Diferentemente deles, as mulheres separam o casamento e a família, tendendo a se sentirem negligenciadas pelos maridos em relação ao amor e à intimidade conjugal. Suas referências de satisfação no casamento dizem respeito às vivências e experiências a dois. Filhos e a família reunida são de outro “departamento”. Essa diferença generificada de concepção do casamento pode implicar

em problemas para boa parte dos casais. As expectativas são diferentes e provavelmente resultem em maior decepção feminina do que masculina.

Discutimos na revisão de literatura que o casamento moderno tem sido apontado como uma criação romântica para atender às necessidades femininas, além de ensinar às mulheres como se comportarem sexualmente (Giddens, 1992; Gay, 1990). A pergunta dirigida pelos homens às mulheres num contexto relacional de duplo-trabalho é: como atender às necessidades românticas depois de 14 horas de trabalho? E a contrapartida das mulheres para os homens é: como ser carinhosa, dedicada, cuidar do marido e da família depois de uma jornada de 14 horas de trabalho? Homens e mulheres, ao falarem de casamento, estão falando de conflitos e dilemas similares, mas diferentes em sua base.

Essas questões ultrapassam a dimensão individual e relacional, pois estão todas associadas à interação entre gênero, trabalho e família (Diniz, 1993, 1996, 1999, 2004). Estão todas imbricadas e interdependentes. Só fazem sentido nessa relação complexa. Não precisaríamos discutir sobre quais são as necessidades contemporâneas caso as mudanças reprodutivas e produtivas não tivessem passado por mudanças tão fundamentais, e se gênero não estivesse na ordem de uma meta categoria.

A responsabilidade tripartite proposta por Lama (2005) deve com urgência ser incluída em um espaço que também possui a tradição como enquadre - a clínica psicológica, e especificamente a clínica de casais. Pode a psicologia incluir discussões “extra-psíquicas” no contexto de ajuda clínica ao casamento? Como desencadear mudanças nas relações com uma visão transcende o indivíduo e o sistema e inclui as dimensões sociais?

Podemos admitir que a questão de falta de tempo não é apenas reflexo de dificuldades no autogerenciamento da vida privada, mas também um problema

contemporâneo? Podemos prescrever aos clientes “tempo para a intimidade” sem levar em conta as características de vida desse casal e sem analisar qual a possibilidade real desse investimento acontecer de forma saudável? Podemos de forma responsável e crítica indicar a uma mulher que ela dedique mais tempo a si própria? Sabemos como ajudá-la a conciliar as necessidades advindas do trabalho formal, do trabalho doméstico, do cuidado prático com os filhos, do cuidado afetivo dos filhos, com a necessidade de tempo para sexo, intimidade e lazer com o marido – ou namorado - de tempo de lazer pessoal e de lazer com a família entre muitas outras demandas?

Talvez a resposta seja: *não*. Pois isso não é realmente possível. E as pessoas não podem e talvez não consigam - ser super-homens e super-mulheres. Não baseados nos modelos tradicional de super-homem e mulher-maravilha. Essa pesquisa mostra que é tempo dos profissionais que atuam com casais e famílias, principalmente os casais e famílias de duplo-trabalho, incluírem outras dimensões que não apenas as individuais, internas e interrelacionais em sua prática. É tempo de incorporar definitivamente as diferenças generificadas em qualquer área da ciência, principalmente no estudo da família e dos casamentos. É tempo de dividirmos as responsabilidades que recaem sobre as pessoas e os casais com as instituições e a sociedade. É tempo de responsabilizar a cada um e a todos, pesquisadores, profissionais e leigos, pelo destino e a saúde mental de casais e famílias.

2. Reflexões Finais

Instrumentos de Pesquisa como Instrumentos Terapêuticos?

Uma consideração merece destaque: apontar o efeito terapêutico gerado pela participação na pesquisa. Alguns participantes fizeram alusões ao quanto os

instrumentos – em especial a DAS e a entrevista episódica semi-estruturada - os fizeram pensar sobre o casamento, organizar suas auto-avaliações.

E. Bem essa era a última pergunta... você gostaria de acrescentar mais alguma coisa, até com relação ao ato da entrevista ou da pesquisa...

Esposa: Eu tenho achado muito bom, tem assim, despertado coisas que, tipo assim, é assim mesmo... vai passar... e que a gente se dá conta... assim, quantas vezes, assim... a pergunta do questionário... vocês... tinha uma pergunta que era assim, vocês tem momentos sós e os amigos... a gente começou a... parar um pouco pra sentir o quanto a gente tem se afastado por conta do trabalho... dos filhos, né? chegar cansado... e voltar a isso, nosso convívio com amigos, com nós mesmos, tempo de ir ao cinema, a... sei lá... ao shopping, um vai correndo, o outro fica fazendo as coisas... a gente tem procurado também mais... um momento em que a gente aproveita pra conversar coisas que quando estávamos juntos não conversávamos porque senão ia dá briga, né? não podia conversar... então, no transito nós não conversávamos nada, calados até... o trajeto... o trajeto era todo calado pra não haver conflitos... então, tinha essa questão, agora não... a gente tem conseguido... não esperar chegar em casa pra conversar, tem conversado, tem assim, colocado um pra o outro os problemas, não aquela desqualificação... colocar pro outro o que tá sentindo, mas que seja uma coisa da amizade, na intimidade enquanto casal, que precisa ter, ser sem agressão. (esposa, casal 18)

Interessante, é interessante você falar sobre isso, procura essa coisa, porque eu acho que pra qualquer coisa nesse mundo (...) seja por amor ou por ódio, qualquer relacionamento, você tem que aprender a tirar vantagem, sobre essas coisas, tem que procurar aprender mesmo a cada coisinha, (...) faz parte da nossa vida, não é? de tudo... são coisas que tem que se fazer,... de ver perguntas formuladas que de repente você nem se questiona, né? você só vai vivendo, vivendo e não para pra pensar, de repente, naquilo que você tá vivendo, no que vive, sente, porque você sente (...) o que você pensa, o que não pensa, é muito interessante até mesmo pra pessoas que está sendo entrevistada, eu mesmo, nunca me avaliar em tantas coisas, tanta pergunta (...) pôxa, você faz isso! Né? você faz sem até você sentir, sem até você sabe que você faz isso, aí você para pra se questionar, é legal, é interessante.(esposa, casal 8).

Isso nos leva a pensar que estimular e ajudar esses casais a pensarem sobre seus casamentos, sobre os comportamentos, sobre algumas dimensões, sobre a auto-avaliação do casamento, pode ser um instrumento terapêutico preventivo – e/ou interventivo. Cole e Cole (1999) sugerem, em um estudo com casais dos EUA, que a utilização de técnicas de enriquecimento e prevenção no casamento funciona realmente e tem o potencial de ampliar a qualidade de vida dos casais. Eles oferecem técnicas de melhoria/desenvolvimento de comunicação e intimidade – entre outras – que têm o potencial de promover e/ou incrementar a satisfação no relacionamento. Os casais do referido estudo passaram por um programa de aproximadamente cinco semanas que ensinava técnicas para melhorar os níveis de empatia. Estes casais mantiveram um aumento na satisfação relacional por pelo menos seis meses após o treinamento. Cole e Cole afirmam que as intervenções devem abandonar um modelo prévio e devem focar “o que o casal realmente é” (pp.273). Sabemos que nem sempre é fácil abandonar os modelos, pois se tratam de construções históricas baseadas em contextos específicos das diversas épocas da sociedade.

Sugestões de reflexões para a clínica psicológica com casais

Boa parte dos estudos sobre os casamentos apresenta, analisa, denuncia os problemas e desafios vivenciados pelos casais de duplo-trabalho mas não apresentam de forma clara uma diretriz para lidar com eles. Apesar de sabermos que cada casal é único e que todas as demandas merecem atenção diferenciada, decidimos concluir esse trabalho sugerindo alguns pontos que podem nortear o atendimento a casais de duplo-trabalho, de forma a ajudar os casais na tarefa de conciliar família-trabalho.

Essa iniciativa constitui uma tentativa de articular o conhecimento gerado por essa pesquisa com a prática clínica. Terapeutas podem utilizar as problematizações que se seguem como forma de realizar uma “intervenção episódica e dirigida” sobre narrativas do casamento. A exemplo do que aconteceu com algumas pessoas do estudo, pensar e falar sobre o próprio casamento pode auxiliar as pessoas a realizarem suas auto-avaliações. Isso pode ser feito individualmente em um primeiro momento e depois o casal pode avaliar se quer ou não compartilhar com o parceiro/a. As respostas podem fornecer informações importantes sobre as influências e impactos que a interação família-trabalho representa nesse casamento. Pode-se avaliar também se as diferenças generificadas estão influenciando negativamente, ou seja, se configurando como empecilhos na comunicação, ou se ainda, representam pontos discordantes, mas vistos como muito importantes para o crescimento individual e relacional. A seguir, apresentamos o roteiro base para a investigação-intervenção episódica semi-estrutura, pensada nos moldes da entrevista utilizada nessa pesquisa.

1. O que é o casamento?

Os casais devem ser estimulados a pensarem sobre o significado do casamento para eles. Devem, principalmente, atentar para o significado diferenciado que dão ao casamento, e terem oportunidade de explicitar isso em um ambiente mediado por pessoa preparada – profissional que atua em aconselhamento ou terapeuta - para que as diferenças sejam ouvidas como necessidades e entendimentos diferentes, e não como desqualificação, indiferença ou falta de amor. Como vimos na discussão desse trabalho no item *A força das construções generificadas nas relações conjugais* homens e mulheres desenvolvem entendimentos diferentes sobre o que é o casamento, se comportando e respondendo de acordo com o que conhecem. Essa diferença pode ser

imperceptível ou pode ser grande. Nesse último caso, pode representar um ponto importante de conflito e frustração.

2. O que se quer do casamento?

Se homens e mulheres apresentam visões generificadas sobre o significado do casamento isso implica em expectativas diferenciadas em diversos níveis. Esclarecer quais são as expectativas, modelos, sonhos, projetos de cada um pode ajudar a construir formas de lidar com as diferenças e de aproximá-las. Mesmo que sejam diferentes, podem adequar-se de forma a possibilitar que ambos sejam atendidos em suas necessidades. É importante que avaliem se o critério de escolha dos projetos e sonhos está levando em conta as necessidades de ambos de forma igualitária e acordada, pois tradicionalmente os projetos femininos, pessoais e principalmente os profissionais, têm sido desvalorizados ou negligenciados em detrimento dos projetos dos maridos.

3. Qual o papel do homem e da mulher na relação?

É importante que o casal exponha quais são os papéis que esperam desempenhar e quais são aqueles que esperam que o outro desempenhe. A partir disso, ajustes poderão ser elaborados, divisões que atentem para as especialidades de cada cônjuge sem preconceitos e estereótipos generificados poderão ser feitas de modo que nenhum se sinta sobrecarregado. É importante que a divisão de trabalho, papéis e tarefas entre os cônjuges leve em conta que desenvolvemos aptidões e gostos que podem ser complementares em um casamento. Isso implica em que não podem ser desvalorizados ou ignorados a partir de uma divisão externa ou a partir de modelos rígidos passados ou futuros. Isso implica em que, se ela gosta de fazer o bolo para a família e ele gosta de

consertar o encanamento, ambas as tarefas devem ser valorizadas e realizadas. Por outro lado, há obrigações que não são prazerosas para ninguém, mas que precisam ser realizadas. Para isso, o casal deve passar por uma espécie de treinamento onde irão refletir sobre a organização, a divisão e a execução dessas tarefas. Podem ser adotados esquemas de rodízio ou de divisão fixa, mas é importante que o casal reflita criticamente sobre uma democracia doméstica, o que implica em refletir, com a ajuda de um mediador, sobre papéis de gênero.

4. O que é suportável e o que é insuportável? Ou o que dá prazer e o que dá desprazer?

Constatamos em nosso trabalho que as diferenças ou discordâncias não são em si, suficientes para impactar negativamente a auto-avaliação do casamento. Mas a forma como são percebidas e a esfera que representam no casamento podem sim ser um ponto nodal de insatisfação. O casal deve avaliar quais são as discordâncias entre eles e avaliar quais delas são passíveis de negociação e quais não são. A partir disso avaliar se a discordância que não é passível de transformação pode ser incorporada ao casamento de forma não conflituosa, mas como uma diferença. Conviver com a diferença implica em um constante processo de reflexão, compreensão, e possibilidade de aprendizagem.

5. Identificar dilemas e conflitos relacionados à interação família-trabalho.

Relacionar dificuldades vividas no casamento com problemas originados ou potencializados pela interação família-trabalho, como já discutimos, é uma tarefa difícil para os casais. As bases ou modelos que utilizam para pensar e auto-avaliar seus casamentos são muitas vezes tradicionais, baseadas em um processo que podemos

nomear como transgeracionalidade social. Cabe incentivar uma reflexão crítica sobre esses modelos e sobre tendências que a sociedade tem divulgado como a efemeridade das relações, o consumismo, etc.

Identificamos que é importante que se dividam as responsabilidades pelos dilemas e dificuldades da interação família-trabalho com outras esferas sociais, como as corporações e o Estado. Explicar e refletir que os filhos deveriam também ser responsáveis da sociedade; conversar sobre a dificuldade contemporânea de lidar com o tempo; avaliar como as pessoas lidam com a família e com o trabalho e como cada uma dessas esferas da vida interfere na outra, é um exercício de libertação de uma condição de super-responsabilização individual à qual os casais que trabalham estão expostos.

Fica lançado o desafio de ajudar a construir espaços sociais e interrelacionais para a vivência de casamentos de duplo-trabalho, levando em conta as diferenças de gênero e suas conseqüências tanto em termos relacionais como identitários, e a responsabilidade tripartite, onde se organizem estruturas sociais que comportem e compatibilizem o mundo do trabalho e os novos mundos do casamento e da família.

Referências Bibliográficas

- Adams, J. e Jones, W. (1999). *Handbook of interpersonal commitment and relationship stability*. New York: Kluwer Academic/Plenum Publishers.
- Almeida, D. M., Maggs, J. L., e Galambos, N. L. (1993). Wive's Employment Hours and Spousal Participation in Family Work. *Journal of Family Psychology*, 2 (7), 233-244.
- Ammann, S.B. (1997). Mulher: Trabalha Mais, Ganha Menos, Tem Fatias Irrisórias de Poder. *Anuário da Educação 95/96: A Educação Formal: Entre o Comunitarismo e o Universalismo*. Rio de Janeiro: Tempo Brasileiro.
- Andolfi, Maurizio (Org.) (2002). *A crise do Casal: uma perspectiva sistêmico-relacional*. Porto Alegre: Artmed Editora.
- Angelo, M. (1995). A escolha do parceiro. Em Andolfi, M., Ângelo, C. e Saccu, C. (orgs), *O casal em crise*. São Paulo: Summus.
- Anísio, C. (2000). *Como segurar seu casamento*. Rio de Janeiro: Taba Cultural.
- Anpepp (1996). *Relação Amorosa, Casamento, Separação e Terapia de Casal*. Rio de Janeiro: Xenon Editora/ANPEPP/CNPq/FINEP/FAPERJ/PUC-Rio, 101-111.
- Anton, Iara Camaratta (2002). *Homem e Mulher: seus vínculos secretos*. Porto Alegre: Artmed Editora.
- Araújo, C. e Scalon, C. (2005). Percepções e atitudes de mulheres e homens sobre a conciliação entre família e trabalho pago no Brasil. Em Araújo, C. e Scalon, C. (orgs.). *Gênero, trabalho e família no Brasil*. Rio de Janeiro: FGV.
- Aries, P (1981). *História Social da Criança e da Família*. Rio de Janeiro: LTC.
- Arriaga, X. B. (2001). The ups and downs of dating: fluctuations in satisfaction in newly formed romantic relationships. *Journal of Personality & Social Psychology*, 80(5), 754-765.

- Bailyn, L. (1970). Career and Family Orientations of Husbands and Wives in Relation to Marital Happiness. *Human Relations*, 23 (2), 97-113.
- Barnes, G. (1997). A Esposa e o Mundo do Trabalho. Em Perelberg, R. J. e Barthes, Roland. *Fragments de um discurso amoroso*. 15ª edição. Rio de Janeiro, Francisco Alves.
- Barros, M.J.S. (2004). Nada do que foi será de novo do jeito que já foi um dia: Amor e casamento em velhas e novas configurações. Monografia de Especialização, Faculdade Ruy Barbosa, Salvador.
- Bauer, M.W. e Gaskell, G. (2002). *Pesquisa qualitativa com texto, imagem e som*. Petrópolis: Editora Vozes.
- Bauman, Zygmunt. (2004). *Amor Líquido: sobre a fragilidade dos laços humanos*. Rio de Janeiro: Jorge Zahar.
- Beauvoir, S. (2001). *O Segundo Sexo*. Rio de Janeiro: Editora Nova Fronteira.
- Bernstein, A.C. (2002). Recasamento: redesenhando o casamento. Em Papp, P. *Casais em Perigo*. Porto Alegre: Editora Artmed.
- Blum, J. S. & Mahrabian, A. (1999). Personality and temperament correlates of marital satisfaction. *Journal of Personality*, 67, 93-125.
- Bonamigo, R, e cols. (1995). O “ficar” entre adolescentes no Brasil. *Psicologia: Reflexão e Crítica*, Porto Alegre, 8 (2), 181-203.
- Bruner, J. e Weisser, S. (1997). A Invenção do Ser: a Autobiografia e Suas Formas. Em Olson, D. e Torrance, N. (orgs.) *Cultura, Escrita e Oralidade*. 2 ed. São Paulo.
- Bruschini, C. e Ridenti, S. (1994). Família, Casa e Trabalho. *Cadernos de Pesquisa*, São Paulo, 88, 30-36.
- Bucher-Maluschke, J.S.N.F. (2003). Relações conjugais em transformação e sofrimento psíquico numa sociedade em transição. Em Costa, I.; Holanda, A.; Martins, F.; Tafuri, M. *Ética, linguagem e sofrimento*. ABRAFIPP. Anais/trabalhos completos. VI Conferência Internacional sobre Filosofia, Psiquiatria e Psicologia.

Brasília, julho.

- Caillé, P. (1994). *Um e Um São Três: o Casal se Auto-revela*. São Paulo: Summus.
- Cardoso, S. et al. (1987). *Os Sentidos Da Paixão*. São Paulo: Companhia das letras.
- Carrère, S. (2002). Disponível em: <http://www.terra.com.br/saude/emdia/2002/10/09/003.htm>. Acesso em 22/08/2003
- Carter, Betty; McGoldrick, Mônica. (1995). *As mudanças no ciclo de vida familiar: uma estrutura para a terapia familiar*. 2. ed. Porto Alegre: Artes Médicas.
- Carvalho, I.M.M. e Almeida, P.H. (2003). Família e proteção social. *São Paulo em Perspectiva*, 17 (2). 109-122.
- Castel, Pierre-Henri. (1994). Amor. Em Dorgeuille e Chemama. *Dicionário de psicanálise: Freud e Lacan, 1*. Salvador: Àgalma.
- Castells, M. (1999). A Era da Informação: economia, sociedade e cultura. Volume 2: *O poder da identidade*. São Paulo: Paz e Terra.
- Censo de 2000. (2004). Disponível em <http://www.ibge.gov.br>. Acesso em: 9 de junho de 2004.
- Código Civil. Brasil. (2002). 5ª ed. São Paulo: Saraiva.
- Código Civil. Brasil. (2005). Disponível em www.planalto.gov.br/civil03/LEIS/L3071. Acesso em 10/05/2005.
- Coelho, V. e Diniz, G. (2003). Vida de mulher: lidando com a meia-idade e a menopausa. Em Féres-Carneiro, T. (org.), *Família e Casal: arranjos e demandas contemporâneas*. São Paulo: Loyola.
- Cole, C. L. e Cole, A L. (1999). Marriage Enrichment and Prevention Really Works: Interpersonal Competence Training to Mantein and Enhance Relationships. *Family Relations*, Vol. 48; n° 3, 273-275.

- Coleta, M.F.D. (1989). A Medida da Satisfação Conjugal: Adaptação de uma Escala. *Psico*, 18 (2), 90-112.
- Cooper, C.L. e Lewis, S. (2003). *Associando Carreira, Família e Vida*. Rio de Janeiro: Alta Books.
- Cordera, R; Gall, O.; Inchaustegui, T.; Lamas, Miranda, G.; M.; Ortiz, R.; Córdova, M.; Suarez, E. (2005). Mesa Redonda sobre conciliación de responsabilidades laborales y familiares. *Debate Feminista*, 31, 3-40.
- Costa, J.F. (1998). *Sem fraude nem fãvor: estudos sobre o amor romântico*. Rio de Janeiro: Rocco.
- Davis, K.E. (1996). The Relationship Rating Form (RRF): A measure of the characteristics of romantic relationships and friendships. Manuscrito não publicado. <www.cla.sc.edu/PSYC/faculty/daviske/LoveFriendsMeasure.pdf>
- Dias, Mônica. (2000). *A Construção do casal: um estudo sobre as relações conjugais contemporâneas*. Tese de Doutorado, PUC, Rio de Janeiro.
- Diehl, J.A. (2002). O Homem e a nova mulher: novos padrões sexuais de conjugalidade. Em WAGER, A. (coord.). *Família em Cena: tramas, dramas e transformações*. Petrópolis: Vozes.
- Diniz, G. (1993). The Interaction Between Work, Gender-Roles and Marriage-Family Dilemmas in Dual Career and Dual Worker Couples. Tese de doutorado, United States International University, San Diego.
- Diniz, G.R.S. (1996). Dilemas de Trabalho, Papel de Gênero e Matrimônio em Casais Que Trabalham Fora em Tempo Integral. *Cadernos da Anpepp*. Relação Amorosa, Casamento, Separação e Terapia de Casal. Rio de Janeiro, (1), 101-111.
- Diniz, G. (1999). Homens e Mulheres Frente à Interação Casamento-Trabalho: Aspectos da Realidade Brasileira. In Féres-Carneiro, T. (Org), *Casal e Família: Entre a Tradição e a Transformação*. Rio de Janeiro: NAU, 31-54.
- Diniz, G. (2004). Mulher, trabalho e saúde mental. Em Wanderley Codo (org.). O trabalho enlouquece? Petrópolis: Vozes.

- Diniz, G. e Coelho, V. (2003). Mulher, família, identidade: a meia-idade e seus dilemas. Em Féres-Carneiro, T. (org.), *Família e Casal: arranjos e demandas contemporâneas*. São Paulo: Loyola.
- Diniz, H.M. (2003). *Código Civil Anotado*. 9ª edição. São Paulo: Saraiva.
- Dios, V. C. (1997). *A Interação entre Trabalho e Família em Mulheres Profissionais na Área de Saúde*. Dissertação de Mestrado, Universidade de Brasília, Brasília.
- Engels, F. (2000). *A origem da família, da propriedade privada e do estado*. Rio de Janeiro: Bertrand.
- Estatísticas do Registro Civil 2004 (2005). Disponível em www.ibge.gov.br/home/presidencia. Acesso em 16/12/2005.
- Fagundes, T. C. (2001). Educação e Construção da Identidade de Gênero. Em Fagundes, T. C. (Org.), *Ensaio Sobre Gênero e Educação*. Salvador: UFBA/Pró-Reitoria de Extensão.
- Falcke, D, Diehl, J.A. e Wagner, A. (2002). Satisfação Conjugal na Atualidade. Em Wagner, A (Org.). *A família em cena: tramas, dramas e transformações*. Petrópolis, RJ:Vozes,172-188.
- Fausto-Sterling, A. (2001). Dualismos em duelo. *Cadernos Pagu*, 2 (17/18), 9-79.
- Féres-Carneiro, T. (1998) Casamento Contemporâneo: o difícil convívio da individualidade com a conjugalidade. *Psicologia: Reflexão e Crítica*, 11 (2), 379-394.
- Féres-Carneiro, T. (2001). Casamento contemporâneo: construção da identidade conjugal. Em Féres-Carneiro, T. (Org.), *Casamento e Família: do social à clínica*. Rio de Janeiro: NAU, 67-80.
- Féres-Carneiro, T. (2003). Construção e dissolução do laço conjugal na terapia de casal. Em Féres-Carneiro, T. (org.), *Família e casal: arranjos e demandas contemporâneas*. São Paulo: Edições Loyola.
- Ferreira, A.B.H. (s/d.) *Novo Dicionário da Língua Portuguesa*. Rio de Janeiro: Editora Nova Fronteira.

- Ferreira, R.F., Calvoso, G.G. e Gonzáles, C.B. (2002). Caminhos da Pesquisa e a Contemporaneidade. *Psicologia: Reflexão e Crítica*, 15 (2), 243-250.
- Fincham, F. D. & Bradbury, T. N. (1987). The assessment of marital quality: A re-evaluation. *Journal of Marriage and the Family*, 49, 797-810.
- Fletcher, G. J. O., Simpson, J. A. & Thomas. G. (2000). The measurement of perceived relationship quality components: A confirmatory factor analytic approach. *Personality and Social Psychology Bulletin*, 26(3), 340-354.
- Flick, U. (2002). Entrevista episódica. Em Bauer, M.W. e Gaskell, G., *Pesquisa qualitativa com texto, imagem e som*. Petrópolis: Editora Vozes.
- Foucault, M (1988). *Microfísica do poder*. (Trabalhos originais publicados sem data).Rio de Janeiro: Graal.
- Fraenkel, P e Wilson, S. (2002). Relógios, Calendários e Casais: o tempo e o ritmo dos relacionamentos. Em Papp, P.(org.), *Casais em Perigo: Novas Diretrizes para Terapeutas*. Porto Alegre: Artmed.
- Garcia, M. L. T. e Tassara, E. T. O. (2001). Estratégias de Enfrentamento do Cotidiano Conjugal. *Psicol. Reflex. Crit.*, 14 (3),635-642.
- Gay, P. (1990). *A experiência burguesa da rainha Vitória a Freud: a paixão terna*. Volume 2. São Paulo: Cia das Letras.
- Giddens, A. (1991). *As conseqüências da modernidade*. São Paulo: Editora Unesp.
- Giddens, A. (1993). *A transformação da Intimidade*. São Paulo: Editora Unesp.
- Gikovate, F. (1982). *O Homem, a Mulher e o Casamento*. São Paulo: M. G. Ed. Associados.
- Gikovate, F. (2004). O Amor no Terceiro Milênio. Disponível em: <http://www.flaviogikovate.com.br/site/artigos-antiores.htm>. Acesso em: 02/12/2004.
- Gil, A. (1999). *Métodos e Técnicas de Pesquisa Social*. 5 ed. São Paulo: Atlas.

- Gilbert, L.A., Dancer, L. S., Rossman, K. M. e Thorn, B. L. (1991) Assessing Perceptions of Occupational-Family Integration .*Sex Roles*, 24 , 107-119.
- Gilbert, L.A.,(1994). Current Perspectives on Dual-Career Families. *American Psychological Society*. 3 (4), 101-105.
- Goldani, A. M. (1994). As Famílias Brasileiras: Mudanças e Perspectivas. *Cadernos de Pesquisa*, 91, 7-22.
- Gomes, I.C. e Paiva, M.L.S.C. (2003). Casamento e família no século XXI: possibilidade de *holding*? *Psicologia em Estudo*, 8, 3-9.
- Gottman, J. M. e Krokoff, L. J. (1989). Marital Interaction and Satisfaction: A Longitudinal View. *Journal of Consulting and Clinical Psychology*, 57 (1), 47-52.
- Gottman, J. (1998). *Casamentos: Por que alguns dão certo e outros não*. São Paulo: Editora Objetiva.
- Gray-Little, B. & Burks, N. (1983) Power and Satisfaction in Marriage. A Review and Critique. *Psychological Bulletin*, 93,(3), 513-538.
- Guillebaud, J. (1999). *A Tirania do Prazer*. Rio de Janeiro: Bertrand Brasil.
- Haley, J. (1991). *Terapia não-convencional*. 2 ed. São Paulo: Summus.
- Haley, J. (1986/1993). *As Táticas e o Jogo de Poder de Jesus Cristo e Outros Ensaios*. Rio de Janeiro: Nórdica.
- Hans, M.F. (1991). *As mulheres e o dinheiro: história de uma conquista*. Rio de Janeiro: Paz e Terra.
- Hare-Mustin, R. (1988). Family Change and Gender Differences: Implications for Theory and Practice. *Family Relations*. 37, 36-41.
- Hendrick, S. S. (1981). Self-disclosure and marital satisfaction. *Journal of Personality and Social Psychology*, 40, 1150-1159.

- Hendrick, S. S. (1988). A generic measure of relationship satisfaction. *Journal of Marriage and the Family*, 50, 93-98.
- Hernandez, J. A. E. (2003). *Os Componentes do Amor e a Satisfação*. *Psicologia Ciência e Profissão*, 23(1), 58-69.
- Hicks, M., & Platts, M. (1970). Marital Happiness and Stability: A Review of the Research in the Sixties. *Journal of Marriage and the Family*, nov., 553-573.
- Hughes, C.G., Hughes, G.B. e Wells, M.C. (1996). A developmental approach to treating dual-career couples. *The American Journal of Family Therapy*. 14 (3).
- IBGE. (2003). Censo de 2000. Disponível em www.ibge.gov.br. Acesso em 15/03/2003.
- Jablonski, B. (1996). *Até que a Vida nos Separe*. Rio de Janeiro: Agir.
- Jablonski, B. (2001) Atitudes frente à crise do casamento. Em Féres-Carneiro, T. (org.), *Casamento e Família: do social à clínica*. Rio de Janeiro: NAU.
- Jablonski, B. (2003). Afinal, o que quer um casal? Algumas considerações sobre o casamento e a separação na classe media carioca. Em Féres-Carneiro, T. (org.), *Família e Casal: Arranjos e demandas contemporâneas*. São Paulo: Loyola.
- Jaggar, A. (1997). Amor e Conhecimento: a Emoção na Epistemologia Feminista. Em Jaggar, A. e Bordo, S. (orgs.), *Gênero, Corpo, Conhecimento*. Rio de Janeiro: Rosa dos Tempos.
- Jovchelovitch, S. e Bauer, M.W. (2002). Entrevista narrativa. Em Bauer, M.W. e Gaskell, G. *Pesquisa qualitativa com texto, imagem e som*. Petrópolis: Editora Vozes.
- Karpel, M.A. (1994). *Evaluating Couples*. New York: W.W. Norton & Company.
- Kehl, M.R. (1998). *Deslocamentos do Feminino: a mulher freudiana na passagem para a modernidade*. Rio de Janeiro: Imago.
- Knobel, M. (1992). *Orientação Familiar*. Campinas: Papirus.

- Laqueur, T. (1991). *The Making of Modern Body-sexuality and Society in the Nineteenth Century*. Berkeley: University of California Press.
- Latour, B. (2000). *Ciência em ação: como seguir cientistas e engenheiros sociedade afôra*. São Paulo: UNESP.
- Lauer, R.H. e Lauer, J.C. (1989) *Vertentes*, São Paulo: Saraiva.
- Levner, L. (2002). A família de tripla jornada. Em Papp, P. *Casais em Perigo*, Porto Alegre: Editora Artmed.
- Loriedo, C. e Strom, P. (2002). Os processos de transmissão transgeracional nos casais e o tratamento das problemáticas ligadas às famílias de origem. Em Andolfi, M.(org.), *A crise do casal: uma perspectiva sistêmico-relacional*. Porto Alegre: Artmed.
- Louro, G. L. (1997). *Gênero, Sexualidade e Educação*. Rio de Janeiro: Vozes.
- Macrae, E. (1986). A Homossexualidade. Em Pamplona, R. e col., *Macho, Masculino, Homem*. Porto Alegre: L&PM Editores Ltda.
- Manzini-Covre, M.L. (1995). A Família, o “Feminino”, a Cidadania e a Subjetividade. Em Carvalho, M.C.B.(Org.), *A Família Contemporânea em Debate*. São Paulo: EDUC.
- Marques, P. (2003). Questões de Intervenção Psicológica Com Casais. *Psicologia e Afins*. Disponível em <http://pcmarques.paginas.sapo.pt/Em%20Destaque...htm> acesso em 11/01/2005.
- Matos, M. (2000). *Reinvenções do Vínculo Amoroso: cultura e identidade de gênero na modernidade tardia*. Belo Horizonte: Editora UFMG/Rio de Janeiro: IUPERJ.
- Maturana, H. (2001). *Cognição, Ciência e Vida Cotidiana*. Belo Horizonte: Editora UFMG.
- Mc Namee, S e Gergen, K. J. (1998). *A Terapia Como Construção Social*. Porto Alegre: Artes Médicas.

- Meler, I. (1997). *La Salud Mental de las Mujeres: Situación Actual y Perspectivas Futuras*. Apresentado em Congresso Latinoamericano de Medicina Social, 8, Buenos Aires, 17-21 março 1997. Buenos Aires: ALAMES.
- Melo, E., Freitas, J. e Ferreira, V. (2001). Representações de Gênero: Abordagens Históricas. Em Fagundes, T. C. (org.), *Ensaio Sobre Gênero e Educação*. Salvador: UFBA/Pró-Reitoria de Extensão.
- Michaelis. DTS Software. Acesso em 10/05/2003.
- Miller, A.C. (1994)(Org.). *O Sexo e o Poder nas Famílias*. Rio de Janeiro: Imago.
- Minayo, M.C.S. (1996). *O desafio do conhecimento: pesquisa qualitativa em saúde*. 4 ed., São Paulo: Hucitec.
- Minayo, M.C.S. (2000). *O desafio do conhecimento: pesquisa qualitativa em saúde*. 7. ed. São Paulo: Hucitec.
- Monteiro, A. M. (2000). Repercussões do Paradigma Pós-moderno na Pesquisa de Relacionamentos Conjugais. *Psicologia, Ciência e Profissão*, 20(2), 38-45.
- Morin, Edgar. (2000). *Ciência com Consciência*. Rio de Janeiro: Bertrand Brasil.
- Munhóz, M.L.P.(1996). *Implicações das Famílias de Origem na Formação do Casal: Modelos e Padrões*. Tese de Doutorado, PUC, São Paulo.
- Muraro, R. M. (2003). *Por que nada satisfaz as mulheres e os homens não as entendem*. São Paulo: A Girafa Editora Ltda.
- Nabarro, N.R. e Ivanir, S. (2002). A terapia dos casais de meia-idade em crise devido a uma relação extraconjugal. Em Andolfi, M. (org.), *A crise do casal: uma perspectiva sistêmico-relacional*. Porto Alegre: Artmed Editora.
- Nakano, Y., Sigiura, M., Aoki, K., Hori, S., Oshima, M., Kitamura T. & Furukawa, T. (2002). A Japanese version of the Quality of Relationship Inventory: Its reliability and validity among women with recurrent spontaneous abortion. *Psychiatry and Clinical Neurosciences*, 56, 527-532.

- Nelson, K. (1982/2000). The Origins of Autobiographical Memory. Em Neisser, U e Hyman, I.E.(orgs.), *Memory Observed*. New York: Worth.
- Nichols, M.P. e Schwartz, R.C. (1998). *Terapia Familiar: Conceitos e Métodos*. Porto Alegre: Artmed.
- Norgren, M.B.P. e cols. (2004). Satisfação Conjugal em casamentos de longa duração: uma construção possível. *Estudos de Psicologia*, 9(3), 575 -584.
- O'Hare, M. (1997). Managing Work-Family Tensions: a counseling perspective. Em Parasuraman, S. e Greenhaus, J.H. (Orgs.), *Integrating Work and Family: challenges and choices for a changing world*. Westport, CT: Praeger, 57-68.
- Oliveira, M.C. (1995). A Família Brasileira no Limiar do Ano 2000. Em Seminário Equidade entre os Sexos: uma agenda para a virada do século. Sessão sobre Relações de Gênero, Trabalho e Família. Fundação Carlos Chagas (org.), São Paulo.
- O'Neil, J.M., Fishman, D.M., & Kinsela-Shaw, M. (1987). Dual Career Couples' Career Transitions and Normative Dilemmas: A Preliminary Assessment Model. *The Counseling Psychologist*, 15(1).
- Osório, L.; Valle, M. (2002). *Terapia de famílias: novas tendências*. Porto Alegre: Artmed Editora.
- Osherson, S. (1992). *Os Homens e o Amor*. São Paulo: Editora Best Seller.
- Papp, P. *Casais em Perigo*. Porto Alegre: Editora Artmed, 2002.
- Paraguassú, L.A. (2005). *Influências econômicas na manutenção do relacionamento conjugal: um estudo exploratório*. Monografia de Pós-Graduação. Faculdade Ruy Barbosa, Salvador.
- Passos, E. (2001). Reflexões Sobre Ética e Gênero. Em Fagundes, T. (org.), *Ensaios Sobre Gênero e Educação*. Salvador: UFBA/Pro-Reitoria de Extensão.
- Platão (2000). *Banquete*. São Paulo: Martin Claret.

- Perlin, G. (2001). *Casais Que Trabalham Fora e São Felizes: Mito ou Realidade?* Dissertação de Mestrado, Universidade de Brasília, Brasília.
- Perlin, G.D.B.; Andrade, D.S.V. (2003). Relacionamentos Sexuais Temporários: Conceitos e Experiências em Adultos. Em III Congresso Norte-Nordeste de Psicologia. *Construindo a Psicologia Brasileira: Desafios da Ciência e Prática Psicológica*. João Pessoa: Associação de Pesquisa em Psicologia, v. II. p. 211-211.
- Peters, Joan K. (1997). *Mães que trabalham fora*. Mandarim: São Paulo.
- Petrini, J.C. (2005). Mudanças sociais e familiares na atualidade: reflexões à luz da história social e da sociologia. *Memorandum*, 8, 20-37 .
- Pinsky, J. (1988). *As primeiras civilizações*. 3 ed. São Paulo: Atual.
- Rampage, C. e Avis, J. (1998). Identidade Sexual, Feminismo e Terapia Familiar. Em Elkaim, M. (org.), *Panorama das Terapias Familiares*, São Paulo: Summus.
- Ray, J. A. (1988) Marital satisfaction in Dual-Career Couples. *Journal of Independent Social Work*, 3(1), 39-55.
- Reich, W. (1988). *A Revolução Sexual*. Rio de Janeiro: Guanabara.
- Rey, F. G. (1997). *Epistemología Cualitativa y Subjetividad*. Cuba: Editorial Pueblo y Educación.
- Rey, F. (2002). *Pesquisa qualitativa em Psicologia: caminhos e desafios*. São Paulo: Pioneira Thomson.
- Ricotta, L.C.A. (2002). *O Vínculo Amoroso: A trajetória da vida afetiva*. 3 ed. São Paulo: ÁGORA.
- Rocha-Coutinho, M. L. (2000). Dos Contos de fadas aos super-heróis: mulheres e homens brasileiros reconfiguram identidades. *Psicologia Clínica*, 2 (12), 65-82.

- Romanelli, G. (1995). Autoridade e Poder na Família. Em Carvalho, M.C.B.(Org.), *A Família Contemporânea em Debate*. São Paulo: EDUC.
- Rosset, S. M. (2004). *O casal nosso de cada dia*. Paraná: Editora Sol.
- Rotheram, M.J. e Weiner, N. (1983). Androgyny, Stress, and Satisfaction: Dual-Career and Traditional Relationships. *Sex Roles*, 9(2), New York.
- Rubin, Z., Hill, C. T., Peplau, L. A. e Dunkel-Schetter, C. (1980). Self-disclosure in dating couples: Sex roles and the ethic of openness. *Journal of Marriage and the Family*, 42, 305-317.
- Rusbult, C. E. (1983). A longitudinal test of the investment model: The development (and deterioration) of satisfaction and commitment in heterosexual involvements. *Journal of Personality and Social Psychology*, 45, 101-117.
- Sanderson, C. A., Cantor, N. (1997). Creating satisfaction in steady dating relationships: The role of personal goals and situational affordances. *Journal of Personality & Social Psychology*, 73(6), 1424-1433.
- Sant'Anna, A. (1993). *O canibalismo amoroso*. 4 ed. Rio de Janeiro: Roxo.
- Satir, V. (1977). *Terapia de Grupo Familiar*. São Paulo: Summus.
- Schnitman, D.F. (1996). Ciência, Cultura e Subjetividade. Em *Novos Paradigmas, Cultura e Subjetividade*. Artes Médicas: Porto Alegre.
- Schumm, W. R., Paff-Bergen, L. A., Hatch, R. C., Obiorah, F. C., Copeland, J. E., Meens, L. D. & Bugaighis, M. A. (1986). Concurrent and discriminant validity of the Kansas Marital Satisfaction Scale. *Journal of Marriage and the Family*, 48, 381-388.
- Scott, J. (1995). Gênero: Uma Categoria Útil de Análise Histórica. *Educação e Realidade*, 20(2), 71-99.
- Sekaran, U. (1989). Understanding the Dynamics of Self-Concept of Members in Dual-Career Families. *Human Relations*. 42 (2), 97-116.
- Sharlin, A.S, Kaslow, F. e Hammerschmidt, H. (2000). *Together through thick and thin: a multinational picture of long-term marriages*. Nova York: The Haworth Clinical

- Practice Press.
- Silvestri, R. e Taubman, B. (1997). *Como cair fora de uma relação insatisfatória*. Rio de Janeiro: Rosa dos Tempos.
- Spanier, G. B. (1976). Measuring Dyadic Adjustment: New Scales for Assessing the Quality of Marriage and Similar Dyads. *Journal of Marriage and The Family*, 38 (1), 15-26.
- Spanier, G.B. e Lewis, R.A. (1980). Marital Quality: A review of seventies. *Journal of Marriage and the family*, 825-839.
- Spink, M.J.(org.) (1999). *Práticas Discursivas e Produção de Sentidos no Cotidiano*. São Paulo: Cortez.
- Strauss, L. (1980). *A Família Origem e Evolução*. Porto Alegre: Editorial Villa Martha Ltda.
- Vaitsman, Jeni. (1994). *Flexíveis e Plurais: identidade, casamento e família em circunstâncias pós-modernas*. Rio de Janeiro: Rocco.
- Vargas, N.S. (1992). O humor nas relações conjugais. *Junguiana*, (10), 54-61.
- Vasconcelos, V.N.P. (2002). Mulheres honestas, mulheres faladas: casamento e papéis sociais. Em Ferreira, S.L. e Nascimento, E.R. *Imagens da mulher na cultura contemporânea* (orgs.). Salvador: NEIM/FFCH/UFBA.
- Vandenheuvel, A. e Wooden, M. (1995). Do explanations of absenteeism differ for men and women? *Human Relations*, 48 (11), 1309-1329.
- Villas, M. B. (2002). Habilidades sociais conjugais em casais de diferentes filiações religiosas. Dissertação de Mestrado, USP, Ribeirão Preto.
- Vitale, M.A.F. (1995). Socialização e Família: uma Análise Intergeracional. Em Carvalho, M.C.B. (Org.), *A Família Contemporânea em Debate*. São Paulo: EDUC.
- Wagner, A. (org.) (2002). *Família em cena: tramas, dramas e transformações*. Petrópolis, RJ: Vozes.

- Wachelke, J.F.R. (2004). Medida da satisfação em relacionamento de casal. *Psico-USF*, 9 (1), 11-18.
- Walsh, F. (2002). Casais saudáveis e casais disfuncionais: qual a diferença? Em Andolfi, M. (org.), *A crise do casal: uma perspectiva sistêmica*. Porto Alegre: Artmed.
- Watzlawick, P. (2000). Escapando à Repetição. Em Elkaim, M. (org.), *Terapia Familiar em Transformação*. São Paulo: Summus.
- Whitaker, C.A. (1990). *Dançando com a família: uma abordagem simbólico-experiencial*. Porto Alegre: Artes médicas.
- Winter, J. (1995/1998). O Modelo Processual de Virginia Satir: Fundamentos Teóricos. Em Elkaim, M. (Org.). *Panorama das Terapias Familiares*. São Paulo: Summus.
- Yogev, S. (1982). Happiness in Dual-Career Couples: Changing Research, Changing Values. *Sex Roles*, 8 (6), 89-106.
- Zordan, E.P., Falcke, D. e Wagner, A. (2003) Copiar o (re)criar? Perspectivas histórico-contextuales del matrimonio. Em Wagner, A. (org.). *La transmisión de modelos familiares*. Madrid: Editorial CCS.

ANEXOS

Anexo A

TERMO DE CONSENTIMENTO LIVRE E ESCLARECIDO

Você está sendo convidado(a) como voluntário(a) a participar da pesquisa:

DIMENSÕES ASSOCIADAS À SATISFAÇÃO E À INSATISFAÇÃO NO CASAMENTO DE DUPLO-TRABALHO: ALÉM DAS ESCALAS POR TRÁS DOS DISCURSOS.

JUSTIFICATIVA, OBJETIVOS E PROCEDIMENTOS: o motivo que nos leva a estudar a questão da satisfação no casamento é que o mesmo tem passado por importantes transformações nas últimas décadas, representando atualmente um desafio tanto para quem o vive como para quem o estuda. A pesquisa se justifica por permitir que entendamos melhor a questão da satisfação e insatisfação onde os dois parceiros trabalham fora, assim como os desafios e dilemas vividos por eles para manter um casamento de qualidade. O objetivo desse projeto é levantar informações sobre essas questões. O procedimento de coleta de dados será realizado através da aplicação de uma entrevista individual, anônima, registrada em áudio – gravador e fita cassete. Posteriormente, a entrevista registrada será transcrita e passada para o pesquisador que analisará os dados.

DESCONFORTOS, RISCOS E BENEFÍCIOS: pode existir risco mínimo de desconforto para você que se submeter à entrevista. Você pode se sentir desconfortável por refletir sobre questões do seu relacionamento. Esse desconforto – o qual pode ou não ocorrer - se justifica pela importância de entendermos melhor os casamentos na atualidade.

FORMA DE ACOMPANHAMENTO E ASSISTÊNCIA: caso apresente algum problema relacionado à participação na pesquisa, você será encaminhado/a a aconselhamento/orientação psicológica pela responsável pela pesquisa ou psicólogo indicado pela mesma.

GARANTIA DE ESCLARECIMENTO, LIBERDADE DE RECUSA E GARANTIA DE SIGILO: você será esclarecido(a) sobre a pesquisa em qualquer

aspecto que desejar. Você é livre para recusar-se a participar, retirar seu consentimento ou interromper a participação em qualquer momento. A sua participação é voluntária e a recusa em participar não irá acarretar qualquer penalidade ou perda de benefícios.

O(s) pesquisador(es) irá(ão) tratar a sua identidade com padrões profissionais de sigilo. Os resultados permanecerão confidenciais. Seu nome será substituído por um número de forma a não vincular sua entrevista a você. Você não será identificado(a) em nenhuma publicação que possa resultar deste estudo. Uma cópia deste consentimento informado será arquivada no Instituto de Psicologia da Universidade de Brasília e outra será fornecida a você.

CUSTOS DA PARTICIPAÇÃO, RESSARCIMENTO E INDENIZAÇÃO POR EVENTUAIS DANOS: A participação no estudo não acarretará custos para você e não será disponibilizada nenhuma compensação financeira adicional.

DECLARAÇÃO DO/A PARTICIPANTE:

Eu, _____ fui informada (o) dos objetivos da pesquisa acima de maneira clara e detalhada e esclareci minhas dúvidas. Sei que em qualquer momento poderei solicitar novas informações e motivar minha decisão se assim o desejar. A professora orientadora Gláucia Ribeiro Starling Diniz e a professora pesquisadora Giovana Dal Bianco Perlin certificaram-me de que todos os dados desta pesquisa serão confidenciais.

Em caso de dúvidas poderei chamar a pesquisadora Daniela Patrícia e/ou a professora pesquisadora Giovana Dal Bianco Perlin no telefone (71) 91865199 ou no e-mail giovanaperlin@hotmail.com. Declaro que concordo em participar desse estudo. Recebi uma cópia deste termo de consentimento livre e esclarecido e me foi dada a oportunidade de ler e esclarecer as minhas dúvidas.

Nome	Assinatura do Participante	Data
------	----------------------------	------

Nome	Assinatura do Pesquisador	Data
------	---------------------------	------

Nome	Assinatura da Testemunha	Data
------	--------------------------	------

Anexo B

ROTEIRO DE ENTREVISTA

1. Como você avalia seu casamento hoje?
2. Quais são as coisas que dão mais prazer a você no casamento?
3. Quais são as coisas que dão mais desprazer a você no casamento?
4. Em que coisas vocês mais concordam e em que vocês mais discordam?
5. Como você percebe a questão do espaço individual e o espaço conjugal - as coisas que você fazem juntos?
 - a. Têm momentos só para você?
 - b. Trabalham juntos em algo?
 - c. As atividades que não fazem parte das questões familiares, vocês preferem fazer juntos ou separados?
6. Como você avalia a maneira como vocês expressam amor e/ou carinho um pelo outro?
7. Como é a questão do sexo entre vocês?
8. Em relação à felicidade, como você percebe seu casamento?
9. Quais são seus planos em relação ao seu casamento?

Anexo C

Caro/a participante,

Estamos realizando uma pesquisa sobre casamentos, pela Universidade de Brasília – Instituto de Psicologia - sob responsabilidade da professora e pesquisadora Giovana Perlin. Este é um questionário de caráter voluntário e anônimo, ou seja, as pessoas não são obrigadas a respondê-lo e, caso o respondam, têm garantido o anonimato. Os dados deste questionário serão utilizados para publicações científicas. Pedimos que responda individualmente, com o máximo de honestidade à opinião própria e ao que está sentindo. Respondendo a este questionário entendemos que você consente em participar dessa etapa da pesquisa. Os dados do instrumento serão analisados por outra pesquisadora. Assim, a identidade dos/as participantes ficará preservada. Qualquer dúvida deve ser encaminhada ao/à aplicador/a, o/a qual está preparado/a para ajudá-lo/a. Em caso de dúvidas ou necessidade de contato com a responsável pela pesquisa favor enviar e-mail para gbianco@frb.br.

Muito obrigada/o por sua contribuição!

UNIVERSIDADE DE BRASÍLIA

Instituto de Psicologia

Programa de Pós-Graduação

Giovana Dal Bianco Perlin – gbianco@frb.br ou giovanaperlin@hotmail.com

Parte I

Fale-nos sobre você marcando um “X” no local apropriado ou completando os espaços indicados.

1. Sexo:

Masculino () Feminino ()

2. Idade: ____

3. Atualmente:

Empregado () desempregado ()

4. Emprego atual: _____

5. Grau de escolaridade mais elevado: _____ Área (se for o caso):

6. Tempo de convivência com o/a atual companheiro/a: _____

7. Já esteve casado/a antes? sim () não ()

8. Tem filhos que morem com vocês? sim () não ()

9. Você participa das tarefas domésticas? (marque uma opção)

() a maioria das tarefas

() mais da metade

() aproximadamente a metade

() menos da metade

() a minoria das tarefas

() nenhuma tarefa

10. Possui empregada/o doméstica/o? sim () não ()

11. Quem administra (orienta e/ou dá ordens) a/o empregada/o doméstica/o? _____

Parte II

A maioria das pessoas tem discordâncias em seus relacionamentos. Por favor, indique a seguir o grau aproximado de concordância ou discordância entre você e seu/sua companheiro/a para cada item da lista a seguir (escolha um número para cada afirmativa).

- 5 = sempre concordamos
- 4 = quase sempre concordamos
- 3 = ocasionalmente discordamos
- 2 = frequentemente discordamos
- 1 = quase sempre discordamos
- 0 = sempre discordamos

- ___ 1. Quando lidamos com as finanças da família
- ___ 2. Assuntos de diversão
- ___ 3. Assuntos religiosos
- ___ 4. Demonstrações de afeto
- ___ 5. Amigos
- ___ 6. Relações sexuais
- ___ 7. Convenções sociais (comportamentos apropriados ou corretos)
- ___ 8. Filosofia de vida
- ___ 9. Maneira de lidar com pais ou sogros
- ___ 10. Objetivos, metas e coisas consideradas importantes
- ___ 11. Quantidade de tempo passado juntos
- ___ 12. Quando tomamos decisões cruciais
- ___ 13. Tarefas domésticas
- ___ 14. Interesses e atividades nas horas vagas
- ___ 15. Decisões relativas às carreiras

Utilize os números para expressar a frequência dos eventos da lista abaixo:

- 5 = o tempo todo
- 4 = a maior parte do tempo
- 3 = freqüentemente
- 2 = ocasionalmente
- 1 = raramente
- 0 = nunca

___ 16. Com que frequência vocês conversam ou consideram divórcio, separação ou término do relacionamento?

___ 17. Com que frequência você ou seu/sua companheiro/a deixam a casa para espairecer depois de uma briga?

___ 18. Em geral, com que frequência você pensa que as coisas entre você e seu/sua companheiro/a estão indo bem?

___ 19. Você faz confidências a seu/sua companheiro/a?

___ 20. Você se arrepende de ter se casado (ou estar morando junto)?

___ 21. Com que frequência você ou seu/sua companheiro/a brigam?

___ 22. Com que frequência você ou seu/sua companheiro/a "dão nos nervos" um do outro?

23. Você beija seu/sua companheiro/a? (circule um numeral)

4	3	2	1	0
todos os dias	quase todos os dias	ocasionalmente	raramente	nunca

24. Você e seu/sua companheiro/a envolvem-se em atividades extra-familiares juntos? (circule um numeral)

4	3	2	1	0
em todas elas	na maioria delas	em algumas delas	em muito poucas delas	em nenhuma delas

Com que frequência você diria que os eventos a seguir ocorrem entre você e seu cônjuge? (utilize um numeral)

0 = nunca

1 = menos de uma vez por mês

2 = uma ou duas vezes por mês

3 = uma ou duas vezes por semana

4 = uma vez por dia

5 = mais frequentemente

- ___ 25. Têm uma troca de idéias estimulante
- ___ 26. Riem juntos
- ___ 27. Conversam calmamente sobre alguma coisa
- ___ 28. Trabalham juntos em um projeto

Há algumas coisas sobre as quais os casais às vezes discordam. Indique se os itens abaixo causaram diferença de opiniões ou problemas em seu relacionamento durante as últimas duas semanas (circule sim ou não).

- sim não 29. Estar cansado demais para sexo
- sim não 30. Não demonstrar amor

31. Os numerais da tabela a seguir representam diferentes graus de felicidade, considerando-se todos os aspectos de seu relacionamento. Circule a opção que melhor descreve seu relacionamento de forma geral.

0	1	2	3	4	5	6
extremamente infeliz	moderadamente infeliz	um pouco infeliz	feliz	muito feliz	extremamente feliz	perfeito

32. Qual das afirmativas abaixo melhor descreve como você se sente a respeito do futuro de seu relacionamento? (escolha e circule apenas um item)

- a. quero desesperadamente que meu relacionamento seja bem sucedido, e farei praticamente qualquer coisa para que isso aconteça
- b. quero muito que meu relacionamento seja bem sucedido, e farei tudo o que puder para que isso aconteça
- c. quero muito que meu relacionamento seja bem sucedido, e farei a minha parte para ver isso acontecer
- d. seria bom se meu relacionamento fosse bem sucedido, mas não posso fazer muito mais do que estou fazendo agora para mantê-lo
- e. seria bom se meu relacionamento fosse bem sucedido, mas recuso-me a fazer qualquer coisa a mais do que estou fazendo agora para mantê-lo
- f. meu relacionamento nunca poderá ser bem sucedido e não há mais nada a fazer para mantê-lo

“No momento abriu-se um abismo emocional entre os sexos e não se pode dizer com certeza quanto tempo ele levará a ser transposto”.

(Anthony Giddens, 1993)